

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA**

**INDICADORES DE GÊNERO NA PRÉ-HISTÓRIA BRASILEIRA :
CONTEXTO FUNERÁRIO, SIMBOLISMO E DIFERENCIAÇÃO SOCIAL
O sítio arqueológico Gruta do Gentio II, Unai, Minas Gerais.**

GLAUCIA APARECIDA MALERBA SENE

SÃO PAULO

2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA**

**INDICADORES DE GÊNERO NA PRÉ-HISTÓRIA BRASILEIRA :
CONTEXTO FUNERÁRIO, SIMBOLISMO E DIFERENCIAÇÃO SOCIAL
O sítio arqueológico Gruta do Gentio II, Unai, Minas Gerais.**

GLAUCIA APARECIDA MALERBA SENE

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutor em Arqueologia

ORIENTADORA: Prof^a Dra. Dorath Pinto Uchôa

LINHA DE PESQUISA: Representações Simbólicas em Arqueologia

SÃO PAULO

2007

FICHA CATALOGRÁFICA

SENE, Glaucia Aparecida Malerba

Indicadores de gênero na pré-história brasileira: contexto funerário, simbolismo e diferenciação social. O sítio arqueológico Gruta do Gentio II, Unaí, Minas Gerais MAE, USP, 2007

xxiv, 389 p.

Tese: Doutor em Arqueologia

1.Arqueologia Pré-histórica. 2.Contexto Funerário 3. Gênero

I - Universidade de São Paulo - USP

II - Título

INDICADORES DE GÊNERO NA PRÉ-HISTÓRIA BRASILEIRA: CONTEXTO FUNERÁRIO, SIMBOLISMO E DIFERENCIAÇÃO SOCIAL. O sítio arqueológico Gruta do Gentio II, Unai, Minas Gerais.

Glaucia Aparecida Malerba Sene

TESE DE DOUTORADO APRESENTADA AO MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE DOUTOR EM ARQUEOLOGIA.

Prof^a Dra.....

(Presidente da Banca)

Prof Dr.....

Prof. Dr.....

Prof. Dr.....

Prof. Dr.....

São Paulo

2007

À Nancy, minha mãe querida, que me ensinou a “ser” e entender o verdadeiro sentido da vida.

À Lilia, minha mestra, que me mostrou a direção e iluminou meu caminho.



*Aos antigos horticultores da Gruta do Gentio II,
que me ajudaram a vislumbrar ao passado...*

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho:

Ao Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, através de seu corpo docente e técnico, pelos ensinamentos e apoio respectivamente;

À Capes, pela bolsa de estudos que foi fundamental para a realização deste trabalho;

À Prof^a Dra. Dorath Pinto Uchôa, sempre alegre, carinhosa e confiante nos resultados do meu estudo;

À Prof^a Dra. Lilia Cheuiche Machado (*In Memoriam*), que infelizmente só pode acompanhar uma pequena parte desta tese; a ela, minha mais profunda gratidão e eterna saudade;

A amiga e companheira de todas as horas, Laura Ribeiro da Silva, pelo apoio pessoal e profissional ao longo de toda a realização desta tese.

A Rosângela Menezes, pela análise de todo o material lítico e pelos constantes estímulos e alertas;

A Lúcia Pangaio, pela amizade incondicional e pela ajuda na análise do material faunístico e botânico;

A Paulo Seda pelo apoio, ensinamentos e apoio na análise da cerâmica do Gentio;

À Denise Chamum Trindade pela análise preliminar do material cerâmico e Juber Decco, pelos maravilhosos desenhos;

À querida Carmem Salvador, pela força e pelo apoio em todos os momentos difíceis dessa caminhada;

À Profa Dra. Sheila Ferraz Mendonça de Souza, da ENSP/FIOCRUZ, pela revisão de alguns problemas ósseos detectados ao longo da reanálise do material osteológico, que entre outros ensinamentos, foram fundamentais na interpretação final deste estudo;

Ao Prof. Dr. Adauto Araújo, da ENSP/FIOCRUZ, por disponibilizar os dados sobre a análise dos coprólitos da Gruta do Gentio II

À querida amiga Ângela Lobo e a Jeff Mcleod que gentilmente fizeram o *Abstract*;

A Emerson, meu marido, pelo carinho, companheirismo e apoio em todos os momentos difíceis dessa história;

A minha mãe, minha eterna guardiã... e a meu pai, com carinho

A todos, que por um lapso da minha parte não foram nominalmente citados, minhas desculpas e sinceros agradecimentos.

RESUMO

Este trabalho teve por objetivo principal estudar as relações sociais e simbólicas de gênero na pré-história brasileira, com base no estudo dos rituais funerários e remanescentes ósseos humanos de populações horticultoras do noroeste de Minas Gerais, que de 1540 anos a.C. a 1540 d.C. ocuparam de forma sazonal e constante a Gruta do Gentio II para a realização de seus rituais funerários.

Nosso estudo foi dividido em duas partes, com base na análise de variáveis relacionadas ao ritual funerário (tratamento dado ao corpo, posição, orientação, direção da face, características da cova, distribuição temporal e espacial, acompanhamentos funerários) e aos remanescentes ósseos e dentários propriamente ditos (sexo, idade, fraturas, doenças, linhas de Harris, facetas suplementárias da tíbia, degeneração das superfícies articulares do esqueleto axial e apendicular, além de cáries, abrasão dentária, hipoplasia, doença periodontal, cálculos, abscessos dentários e perda ante-mortem).

Dentro de uma perspectiva teórico-interpretativa simbólica, com base na arqueologia de gênero, pós-processualismo e arqueologia cognitiva, e nos métodos analíticos bioarqueológicos, acreditamos que foi possível compreender parte dos papéis sociais, desempenhados principalmente por homens e mulheres, além de adolescentes e crianças, no contexto arqueológico da Gruta do Gentio II, Unaí, Minas Gerais.

Palavras-chave: 1. Arqueologia, 2. Pré-histórica brasileira, 3. Bioarqueologia, 4. Gênero
5. Contexto Funerário

ABSTRACT

The aim of this work is to investigate the social and symbolic relations of gender in Brazilian prehistory, based on the study of human funerary rituals and bone remains of horticulturist populations in the northeast of Minas Gerais state who in a seasonal and constant form, in the period 1540 BC to 1540 AC, used the caverns at Gruta do Gentio II to perform their funerary rituals.

Our study is divided in two parts based on the variables related to the funerary ritual (handling, position and orientation of the corpse, direction of the face, grave characteristics, distribution in space and time, grave goods) and to the bone and teeth remains respectively (sex, age, fractures, illnesses, Harris lines, supplementary tibia facets, joint surfaces degeneration of the axial and appendicular skeleton, and also caries, dental abrasion, hypoplasia, periodontal illness, calculus, dental abscesses and *ante-mortem* tooth loss).

In a symbolic theoretical-interpretative perspective based on the gender archaeology, postprocessualism and cognitive archaeology, as well as the bioarchaeological analytic methods, we believe that it is possible to understand part of the social roles performed mainly by men and women but also by children and teenagers in the archaeological context of Gruta do Gentio II, Unaí, Minas Gerais.

Keywords: 1. Archaeology, 2. Brazilian prehistory, 3. Bioarchaeology, 4. Gender, 5. Funerary context

PREFÁCIO

Quando decidi estudar arqueologia, não foram os poucos os olhares assustados e reprovadores direcionados a mim, especialmente dentro do contexto de uma cidade interiorana.

Passado o susto por parte de amigos e mesmo da família, veio, então, a busca ... pela universidade, por um lugar para morar, Seguiu-se a luta ... para passar nas disciplinas do curso, para conseguir um estágio, para aprender... inúmeras pesquisas de campo, mestrado, e agora doutorado.

Muitos momentos difíceis inegavelmente perpassaram esse caminho, mas se posso citar um, nada foi tão marcante e doloroso quanto à perda da querida ... Lilia, pesquisadora do IAB com quem trabalhei por mais de dezoito anos. Embora estivéssemos envolvidas com a temática dos rituais funerários e o estudo dos ossos humanos cotidianamente, não pensava em momento algum na possibilidade de perdas entre nós. Passei “silenciosamente” mais de um ano, já em pleno andamento do curso de Doutorado, sendo levada pelo dia e pela noite, um atrás do outro... Nem sei como consegui fazer a qualificação, atuar em tantos trabalhos de arqueologia, escrever artigos; ... realmente não sei...

Bem, o tempo foi passando e a retomada do estudo da Gruta do Gentio II da mesma forma que me trouxe um sentimento profundo de satisfação, de estar no caminho certo, também trouxe preocupações fortes por estar remexendo demais nos dados e materiais desse sítio. Fiquei indagando-me e culpando-me muitas vezes por estar achando e vendo mais diferenças do que deveria em relação a análise anterior e, talvez propondo mudanças demais na caracterização dos rituais funerários do Gentio.

O compartilhamento com amigos queridos do IAB e meu marido me fizeram ver que o que vivemos e fazemos hoje tem de ser feito da melhor forma possível e que o passado fazia parte do passado...

Segui em frente e ao longo deste trabalho procurei apresentar uma nova leitura para os rituais funerários e remanescentes ósseos da Gruta do Gentio II, com base no estudo de todas as estruturas funerárias documentadas ao longo do trabalho de campo.

O primeiro contato com o sítio arqueológico Gruta do Gentio II (MG-RP-6), ppor sua vez, ocorreu logo nos primeiros anos de trabalho do Setor de Antropologia Biológica do Instituto de Arqueologia Brasileira e foi surpreendente constatar a abundância e o grau de preservação dos vestígios arqueológicos. As perspectivas de pesquisa eram inúmeras, mas era necessário escolher.

Por sugestão da Profa. Dra. Lilia Cheuiche Machado, responsável pelo Laboratório de Antropologia Biológica do IAB, fiz uma compilação dos rituais funerários já devidamente analisados por ela dentro de uma perspectiva de continuidade e mudança ao longo do tempo, desde o horizonte caçador-coletor até o horticultor, com base nos pressupostos teóricos da arqueologia processual.

Para o Doutorado, demos continuidade ao estudo da Gruta do Gentio II, mas com uma mudança de enfoque e base teórica. Assim, escolhemos estudar os rituais funerários e os remanescentes ósseos e dentários humanos em busca dos diferentes papéis sociais de homens e mulheres, complementados por crianças e adolescentes. Dado nosso grande interesse por teoria arqueológica, procuramos inserir o estudo das práticas mortuárias dentro de uma base teoricamente orientada e explicitamente fundamentada, desta vez com base na arqueologia de gênero, pós-processualismo e arqueologia cognitiva.

Para a melhor compreensão do processo reflexivo e analítico realizados, esta tese foi dividida em Prefácio, Introdução, Primeira Parte – As sociedades horticultoras: um olhar antropológico e arqueológico; Segunda Parte – O homem, o tempo e o espaço: das Minas Gerais à Gruta do Gentio II, Terceira Parte – O sítio arqueológico Gruta do Gentio II: seus rituais funerários e remanescentes ósseos humanos e Conclusão.

Neste Prefácio, procuramos apresentar uma introdução inicial, explicitando as razões que nos conduziram à arqueologia, à escolha do tema, bem como toda a estrutura do trabalho.

Na Introdução, tecemos considerações a respeito da relação entre arqueologia e bioarqueologia, apresentamos detalhadamente nossos objetivos, as orientações teórico-metodológicas, o caso estudado e a natureza das fontes.

Na Primeira Parte, consideramos necessário um aprofundamento teórico sobre a organização sócio-cultural de grupos horticultores com base em estudos antropológicos, etnográficos e arqueológicos (Capítulo I), além de conceitos teóricos relacionados à morte e ao ritual funerário (Capítulo II), ambos vinculados à perspectiva teórica previamente definida.

A Segunda Parte relaciona-se especificamente à relação entre homem, espaço e tempo em Minas Gerais e nas circunvizinhanças da Gruta do Gentio II, para a qual compomos três capítulos, enfocando a história e as características geoambientais da área (Capítulo I), o histórico sintetizado das pesquisas arqueológicas em Minas Gerais e no Gentio (Capítulo II) e uma síntese sobre populações caçadoras-coletoras dentro de uma perspectiva antropológica, apresentando algumas considerações sobre este horizonte antigo da Gruta do Gentio, em fase de análise laboratorial (Capítulo III).

A Terceira Parte está vinculada à descrição detalhada dos rituais funerários (Capítulo I) e dos remanescentes ósseos e dentários (Capítulo II) das populações horticultoras do sítio arqueológico em questão.

Por fim, na Conclusão, apresentamos os resultados obtidos, comparando-os aos objetivos previamente estabelecidos e às hipóteses propostas com base na perspectiva teórica previamente proposta. Acrescentamos ainda o potencial desse estudo dentro da pesquisa arqueológica e os inúmeros desdobramentos possíveis e necessários para a Gruta do Gentio II.

Com respeito às datações apresentadas, enfatizamos que tivemos como referência o sistema da arqueologia, no qual elas são apresentadas em relação aos anos decorridos ou antes do presente (AP), que tem como convenção o ano de 1950. Algumas vezes, empregamos os referenciais A.C. (antes de Cristo) e D.C. (depois de Cristo), objetivando apenas uma maior aproximação contextual com outros acontecimentos da História da Humanidade.

A estrutura básica do trabalho seguiu as normas pré-estabelecidas pelo Museu de Arqueologia e Etnologia para suas dissertações e teses.

As normas de citação de autores ao longo do texto e a bibliografia apresentada no final desta tese basearam-se nas regras definidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Algumas observações complementares e esclarecimentos sobre o texto foram feitos através de notas, na margem inferior das páginas.

A documentação fotográfica dos acompanhamentos funerários e materiais ósseos e humanos foi feita por mim, à exceção daquela relacionada às atividades de campo que pertencem ao acervo do Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB).

Todas as figuras e tabelas foram inseridas nos Anexos ao final desta tese, de acordo com sua ordem de citação ao longo do texto, com a respectiva identificação de página, ordenadas através de duas listas incorporadas à parte inicial deste trabalho.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Modelo de Ficha de Escavação do Instituto de Arqueologia Brasileira.....	286
Figura 2 – Modelo de Ficha de Enterramento do Instituto de Arqueologia Brasileira.....	287
Figura 3 – Modelo de Ficha de Análise Osteológica (adultos e adolescentes).....	289
Figura 4 – Modelo de Ficha de Análise Osteológica (crianças).....	290
Figura 5 - Categorias de análise para o esqueleto axial.....	291
Figura 6 - Categorias de análise para o esqueleto apendicular (membros superiores).....	292
Figura 7 - Categorias de análise para o esqueleto apendicular (membros inferiores).....	293
Figura 8 – Modelo de ficha de análise de dentição (adultos e adolescentes).....	294
Figura 9 – Modelo de ficha de análise de dentição (crianças).....	295
Figura 10 – Mapa do estado de Minas Gerais.....	296
Figura 11 – Mapa do município de Unaí, MG.....	297
Figura 12 – Mapa de Minas Gerais com o sítio arqueológico Gruta do Gentio II	298
Figura 13 – Perfil estratigráfico da Gruta do Gentio II.....	299
Figura 14 – Foto aérea da América do Sul com a delimitação do Cerrado Brasileiro.....	300
Figura 15 – Área nuclear do sistema biogeográfico dos Cerrados.....	301
Figura 16 - Vista geral do ambiente de Cerrado.....	302
Figura 17 - Vista geral do paredão calcário da Gruta do Gentio II.....	302
Figura 18 - Setorização da Gruta do Gentio II com os setores escavados.....	303
Figura 19 – Planta baixa da Gruta do Gentio II.....	304
Figura 20 – Planta topográfica da Gruta do Gentio II.....	305
Figura 21 – Vista da entrada da Gruta do Gentio II.....	306
Figura 22 - Área interna da Gruta durante a escavação de 1976.....	306
Figura 23 - Escavação dos setores próximos à entrada da Gruta em 1976.....	307
Figura 24 - Vista geral da escavação em 1976.....	307
Figura 25 - Escavação da área intermediária da Gruta em 1984.....	308
Figura 26 - Evidenciação da base do sítio em 1984.....	308
Figura 27 – Cabelo humano do enterramento 4.....	309
Figura 28 – Tórax parcialmente mumificado do enterramento 3.....	309
Figura 29 – Pupas de insetos junto ao acompanhamento funerário do enterramento 1.....	310
Figura 30 – Fragmento de crânio do enterramento 7 com marcas de roedores.....	310

Figura 31 – Ossos humanos do enterramento 16 com evidências de queima antes da decomposição dos tecidos moles (craquelê).....	311
Figura 32 – Calcâneo esquerdo do enterramento 14A com perfuração de inseto.....	311
Figura 33 – Distribuição espacial das estruturas funerárias do horizonte horticultor da Gruta do Gentio II.....	312
Figura 34 – Pingente em garra de porco do mato do Enterramento 1.....	313
Figura 35 – Penas de aves de pequeno porte do Enterramento 1.....	313
Figura 36 – Invólucro de couro de cervídeo do Enterramento 1.....	314
Figura 37 – Borda do invólucro de couro de cervídeo e adorno de semente do Enterramento 1.....	314
Figura 38 – Raspadeira com ilustração de uma das formas de utilização da peça do Enterramento 2.....	315
Figura 39 – Raspadeira para encabamento do Enterramento 2.....	316
Figura 40 – Espátula em diáfise de osso longo de animal do Enterramento 2.....	316
Figura 41 – Fragmento de esteira de palha trançada do Enterramento 2.....	317
Figura 42 – Adornos em contas de sementes e malacológicos do Enterramento 2.....	317
Figura 43 – Bordas de vazilhames cerâmicos do Enterramento 2.....	318
Figura 44 – Milho, raiz tuberosa e amendoim do Enterramento 2.....	318
Figura 45 – Invólucro de couro de cervídeo do Enterramento 3.....	319
Figura 46 – Invólucro de couro de cervídeo do Enterramento 3.....	319
Figura 47 – Artefato tipo raspadeira transversal do Enterramento 3.....	320
Figura 48 – Adorno labial tipo tembetá do Enterramento 3.....	320
Figura 49 – Mecha de cabelo castanho do Enterramento 4.....	321
Figura 50 – Penas de aves de pequeno e médio porte do Enterramento 4.....	321
Figura 51 – Adornos de material malacológico do Enterramento 4.....	322
Figura 52 – Fragmentos de cabaças do Enterramento 4.....	322
Figura 53 – Bolsa de folha de palmácea do Enterramento 6.....	323
Figura 54 – Adorno de cabaça com resina e penas na face externa do Enterramento 6.....	324
Figura 55 – Detalhe do adorno de cabaça com resina e penas na face externa do Enterramento 6.....	324
Figura 56 – Artefatos em conchas de água doce do Enterramento 6.....	325
Figura 57 – Fragmento de vasilhame cerâmico do Enterramento 6.....	325
Figura 58 – Vegetais diversos da cova funerária do Enterramento 6.....	326

Figura 59 – Fragmento de fibra de algodão do Enterramento 6.....	326
Figura 60 – Adorno labial tipo tembetá em T do Enterramento 7.....	327
Figura 61 – Zunidor em gastrópode terrestre do Enterramento 7.....	327
Figura 62 – Adornos de sementes do Enterramento 8.....	328
Figura 63 – Bigorna e batedor unipolar/bipolar do Enterramento 8.....	328
Figura 64 – Fragmento de esteira de palha trançada do Enterramento 9.....	329
Figura 65 – Fragmentos de tecidos feitos de algodão do Enterramento 9.....	329
Figura 66 – Pingentes em conchas de água doce do Enterramento 9.....	330
Figura 67 – Contas líticas polidas do Enterramento 9.....	330
Figura 68 – Contas líticas polidas do Enterramento 9.....	331
Figura 69 – Face externa da lucerna ou lamparina de cerâmica do Enterramento 9.....	331
Figura 70 – Face interna da lucerna ou lamparina de cerâmica do Enterramento 9.....	332
Figura 71 – Detalhe da face interna da lucerna ou lamparina de cerâmica do Enterramento 9.....	332
Figura 72 – Desenho do sepultamento de criança com vasto acompanhamento funerário do Enterramento 10.....	333
Figura 73 – Sepultamento primário parcialmente mumificado com vasto acompanhamento funerário do Enterramento 10.....	334
Figura 74 - Detalhe do acompanhamento funerário do Enterramento 10.....	334
Figura 75 – Fragmento de esteira de palha trançada do Enterramento 10.....	335
Figura 76 - Detalhe da trança com cabelo e tecelagem do Enterramento 10.....	335
Figura 77 – Amarrado de cordéis de algodão e fibras naturais do Enterramento 10.....	336
Figura 78 – Fragmento de vasilhame de cabaça do Enterramento 11.....	336
Figura 79 – Detalhe da esteira de palha trançada do Enterramento 11.....	337
Figura 80 – Contas de material malacológico com algumas calcinadas do Enterramento 11.....	337
Figura 81 – Contas de sementes de gramíneas, parte do adorno com 5825 peças do Enterramento 11.....	338
Figura 82 – Pingente bicônico em sílex castanho do Enterramento 11.....	338
Figura 83 – Vista lateral do pingente bicônico em sílex castanho do Enterramento 11.....	339
Figuras 84 – Agulhas e fusos de tecelagem (Fonte: Ribeiro, 1988).....	340
Figura 85 – Vista do Enterramento 12 durante a escavação.....	341
Figura 86 – Detalhe do Enterramento 12 durante a escavação.....	341

Figura 87 – Desenho esquemático do sepultamento e seus acompanhamentos funerário do Enterramento 12.....	342
Figura 88 – Prováveis fuso e agulha de madeira para tecelagem do Enterramento 12.....	343
Figura 89 – Detalhe dos prováveis fuso e agulha de madeira para tecelagem do Enterramento 12.....	343
Figura 90 – Mão de pilão fragmentada do Enterramento 12.....	344
Figura 91 – Mão de pilão remontada do Enterramento 12.....	344
Figura 92 – Contas de sementes perfuradas do Enterramento 12.....	345
Figura 93 – Penas de aves de pequeno e médio porte do Enterramento 12.....	345
Figura 94 – Papagaio possivelmente domesticado do Enterramento 12.....	346
Figura 95 – Detalhe do papagaio possivelmente domesticado do Enterramento 12.....	346
Figura 96 – Fragmento de vasilhame de cabaça do Enterramento 13.....	347
Figura 97 – Fragmentos de vasilhames cerâmicos queimados do Enterramento 13.....	347
Figura 98 – Fragmento de cesto ou bolsa de palha trançada do Enterramento 13.....	348
Figura 99 – Fragmento da borda de vasilhame cerâmico do Enterramento 14A.....	348
Figura 100 – Fragmentos de tecelagem do Enterramento 14A.....	349
Figura 101 – Fragmentos de cordéis de algodão do Enterramento 14A.....	349
Figura 102 – Fragmentos de couro com pêlos do Enterramento 14.....	350
Figura 103 – Fragmento de cordel de fibra vegetal com um nó do Enterramento 14.....	350
Figura 104 – Pingente em cristal de quartzo do Enterramento 14A.....	351
Figura 105 – Vista do Enterramento 15 durante a escavação.....	352
Figura 106 – Vista do Enterramento 15A durante a escavação.....	352
Figura 107 – Espátula em diáfise de osso longo de animal do Enterramento 15.....	353
Figura 108 – Placa de calcáreo com pigmento vermelho do Enterramento 15.....	353
Figura 109 – Colar de dentes de macaco do Enterramento 15A.....	354
Figura 110 – Adorno labial tipo tembetá do Enterramento 15A.....	354
Figura 111 – Esteira de palha trançada do Enterramento 16.....	355
Figura 112 – Detalhe de esteira de palha trançada do Enterramento 16.....	355
Figura 113 – Fragmentos de couro e pêlo animal do Enterramento 16.....	356
Figura 114 – Adorno labial tipo tembetá do Enterramento 16.....	356
Figura 115 – Desenho esquemático do enterramento 17A.....	357
Figura 116 – Vista do Enterramento 18 durante a escavação.....	358
Figura 117 – Vista do Enterramento 18A durante a escavação.....	358

Figura 118 – Desenho esquemático do enterramento 18A.....	359
Figura 119 – Moedor/alisador/batedor bipolar do Enterramento 18.....	360
Figura 120 – Fragmentos de vasilhame cerâmico do Enterramento 18.....	360
Figura 121 – Pingente de concha de água doce do Enterramento 18.....	361
Figura 122 – Raspadeira dupla possivelmente de calcedônia do Enterramento 19.....	361
Figura 123 – Desenho esquemático dos enterramentos 19A e 20.....	362
Figura 124 – Desenho esquemático dos enterramentos 19A e 20.....	363
Figura 125 – Lâmina de machado picoteada e polida do Enterramento 20.....	364
Figura 126 – Lâmina de machado picoteada e polida do Enterramento 20.....	364
Figura 127 – Batedor e moedor em seixo de quartzito do Enterramento 20.....	365
Figura 128 – Zunidores em gastrópodes terrestres do Enterramento 20.....	365
Figura 139 – Fragmentos de couro com perfuração do Enterramento 22.....	366
Figura 130 – Pena de ave de médio porte do Enterramento 22.....	366
Figura 131 – Peça com bico possivelmente em calcedônia do Enterramento 23.....	367
Figura 132 – Raspadeira dupla e batedor bipolar/unipolar/moedor/alisador do Enterramento 23.....	367
Figura 133 – Artefato plano convexo do Enterramento 23.....	368
Figura 134 – Vista superior do artefato plano convexo do Enterramento 23.....	368
Figura 135 – Vértèbras lombares do Enterramento 1.....	371
Figura 136 – Mesoesterno com perfuração do Enterramento 1.....	371
Figura 137 – Tórax mumificado do Enterramento 3.....	372
Figura 138 – Crânio com resquícios de couro cabeludo do Enterramento 4.....	372
Figura 139 – Mandíbula do Enterramento 4.....	373
Figura 140 – Vértèbra cervical do Enterramento 4.....	373
Figura 141 – Vértèbra dorsal com degeneração do Enterramento 4.....	374
Figura 142 – Falange proximal de mão com degeneração do Enterramento 4.....	374
Figura 143 – Falange proximal de pé com degeneração do Enterramento 4.....	375
Figura 144 – Tíbia com faceta suplementar do Enterramento 4.....	375
Figura 145 – Detalhe da costela com fratura do Enterramento 7.....	376
Figura 146 – Costela com fratura do Enterramento 7.....	376
Figura 147 – Vértèbra lombar com degeneração acentuada no lado direito do Enterramento 8.....	377
Figura 148 – Costela com problemas na extremidade medial do Enterramento 8.....	377

Figura 149 – Sacro com problema de fechamento nos arcos neurais e assimetria lateral do Enterramento 8.....	378
Figura 150 – Tibia direita com acentuada degeneração na área do joelho do Enterramento 8.....	378
Figura 151 – Falanges de pé com extremidades degeneradas do Enterramento 8.....	379
Figura 152 – Cáries dentárias do Enterramento 8.....	379
Figura 153 – Sacro com spina bífida do Enterramento 9A.....	380
Figura 154 – Sacro com spina bífida do Enterramento 9D.....	380
Figura 155 – Cálcanco direito com acentuada degeneração do Enterramento 9.....	381
Figura 156 – Falanges distal de mão e medial de pé fusionada com a distal do Enterramento 12.....	381
Figura 157 – Crânio e mandíbula do Enterramento 12.....	382
Figura 158 – Detalhe da mandíbula do Enterramento 12.....	382
Figura 159 – Sacro com spina bífida completa do Enterramento 15A.....	383
Figura 160 – Vértebra lombar com achatamento do corpo do Enterramento 15A.....	383
Figura 161 – Esterno do Enterramento 16.....	384
Figura 162 – Cálcanco esquerdo com eburnação do Enterramento 16.....	384
Figura 163 – Esterno do Enterramento 17A.....	385
Figura 164 – Mandíbula com apinhamento do Enterramento 18A.....	385
Figura 165 – Mandíbula do Enterramento 18.....	386
Figura 166 – Maxila do Enterramento 19.....	386
Figura 167 – Vértebras dorsais fusionadas do Enterramento 20.....	387
Figura 168 – Mandíbula do Enterramento 20.....	387

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Análise dos Rituais Funerários de Adultos Masculinos e Adolescentes.....	369
Tabela 2 – Análise dos Rituais Funerários de Adultos Femininos, Adolescentes e Crianças.....	370
Tabela 3 – Análise dos Remanescentes Ósseos e Dentários de Adultos Masculinos e Adolescentes.....	388
Tabela 4 – Análise dos Remanescentes Ósseos e Dentários de Adultos Femininos, Adolescentes e Crianças.....	389

SUMÁRIO

ÍNDICE, xxiii

INTRODUÇÃO, 1

PRIMEIRA PARTE — AS SOCIEDADES HORTICULTORAS: UM OLHAR ANTROPOLÓGICO E ARQUEOLÓGICO, 37

CAPÍTULO I – A ESTRUTURA SÓCIO-CULTURAL DAS SOCIEDADES HORTICULTORAS: GÊNERO, SIMBOLISMO E CULTURA MATERIAL, 38

CAPÍTULO II – ENTRE O INDIVIDUAL E O COLETIVO: DAS CIRCUNSTÂNCIAS DA MORTE AO RITUAL FUNERÁRIO, 50

SEGUNDA PARTE — O HOMEM, O TEMPO E O ESPAÇO: DAS MINAS GERAIS À GRUTA DO GENTIO II, 70

CAPÍTULO I – CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICA E GEOAMBIENTAL DA ÁREA, 71

CAPÍTULO II – HISTÓRICO DAS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS, 89

CAPÍTULO III – UMA HISTÓRIA CULTURAL DE CONTINUIDADE E MUDANÇA: OS GENTIOS CAÇADORES-COLETORES, 100

TERCEIRA PARTE — O SÍTIO ARQUEOLÓGICO GRUTA DO GENTIO II: SEUS RITUAIS FUNERÁRIOS E REMANESCENTES ÓSSEOS E DENTÁRIOS, 113

CAPÍTULO I – ANÁLISE DESCRITIVA DOS RITUAIS FUNERÁRIOS, 114

CAPÍTULO II – ANÁLISE DESCRITIVA DOS REMANESCENTES ÓSSEOS E DENTÁRIOS, 165

CONCLUSÃO, 243

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, 260

ANEXOS, 285

ÍNDICE

INTRODUÇÃO, 1

1. ARQUEOLOGIA E BIOARQUEOLOGIA, 1

2. OBJETIVOS, 3

3. ORIENTAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS, 5

3.1 BASE TEÓRICA, 5

3.2 HIPÓTESES, 21

3.3 MATERIAIS E MÉTODOS, 22

4. O CASO ESTUDADO, 32

4.1 O SÍTIO ARQUEOLÓGICO GRUTA DO GENTIO II, 33

5. NATUREZA DAS FONTES, 36

5.1 FONTE DE CARÁTER TEXTUAL, 36

5.2 FONTE DOCUMENTAL ARQUEOLÓGICA, 36

PRIMEIRA PARTE — AS SOCIEDADES HORTICULTORAS: UM OLHAR ANTROPOLÓGICO E ARQUEOLÓGICO, 37

CAPÍTULO I – A ESTRUTURA SÓCIO-CULTURAL DAS SOCIEDADES HORTICULTORAS: GÊNERO, SIMBOLISMO E CULTURA MATERIAL, 38

CAPÍTULO II – ENTRE O INDIVIDUAL E O COLETIVO: DAS CIRCUNSTÂNCIAS DA MORTE AO RITUAL FUNERÁRIO, 50

1. As Circunstâncias da Morte, 50

2. O Ritual Funerário, 56

2.1 As Primeiras Evidências de Ritual Funerário, 56

2.2 O Simbolismo do Ritual Funerário, 58

SEGUNDA PARTE — O HOMEM, O TEMPO E O ESPAÇO: DAS MINAS GERAIS À GRUTA DO GENTIO II, 70

CAPÍTULO I – CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICA E GEOAMBIENTAL DA ÁREA, 71

1. O Processo de Povoamento do Território Mineiro, 71

2. A Evolução e Caracterização da Paisagem em Minas Gerais, 78

CAPÍTULO II – HISTÓRICO DAS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS, 89

1. As Pesquisas Arqueológicas em Minas Gerais, 89

2. As Pesquisas Arqueológicas na Gruta do Gentio II, 94

CAPÍTULO III – UMA HISTÓRIA CULTURAL DE CONTINUIDADE E MUDANÇA: OS GENTIOS CAÇADORES-COLETORES, 100

**TERCEIRA PARTE — O SÍTIO ARQUEOLÓGICO GRUTA DO GENTIO II: SEUS
RITUAIS FUNERÁRIOS E REMANESCENTES ÓSSEOS
E DENTÁRIOS, 113**

CAPÍTULO I – ANÁLISE DESCRITIVA DOS RITUAIS FUNERÁRIOS E REMANESCENTES
ÓSSEOS E DENTÁRIOS, 114

CAPÍTULO II – ANÁLISE DESCRITIVA DOS REMANESCENTES ÓSSEOS E DENTÁRIOS,
165

CONCLUSÃO, 243

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, 260

ANEXOS, 285

INTRODUÇÃO

A ciência está socialmente estruturada; suas teorias não são simples deduções a partir de fatos observados da natureza, mas uma complexa mistura de ideologia social (frequentemente expressada inconscientemente), e restrições empíricas... Incorpora o lado humano de nosso empreendimento e nos desenha como criaturas passionais, lutando sim com instrumentos limitados para compreender uma complexa realidade, mas não como robôs unicamente programados para converter informação objetiva em verdade imutável (GOULD, 1987, p.230).

1. ARQUEOLOGIA E BIOARQUEOLOGIA

Ao considerarmos a arqueologia como uma ciência que estuda o comportamento humano com base em vestígios materiais em seus contextos culturais passados, é relevante assinalarmos quão importante é o seu relacionamento com outras áreas do conhecimento cientificamente orientadas. Assim, podemos perceber que são grandes as contribuições trazidas pela antropologia e suas subdisciplinas (etno-história, etnologia, etnografia), história, geologia, geomorfologia, e também a bioarqueologia.

Dentre as muitas áreas de atuação da antropologia física, a bioarqueologia é, então, aquela que efetivamente integra as informações biológicas de origem exclusivamente humana, com base nos remanescentes ósseos e dentários de populações antigas, às reconstruções do comportamento social dentro do contexto arqueológico. Assim, questões relacionadas às condições de saúde e nutrição, bem como padrões de estresse vinculados às diferentes atividades cotidianas podem ser acessadas a partir de uma análise minuciosa do esqueleto humano e sua dentição. Acrescente-se ainda que outros achados do contexto funerário podem contribuir para a análise esquelética, tais como, coprólitos, vestígios vegetais e faunísticos (cf. BUIKSTRA, COOK, 1992, LARSEN, 1997).

Com base em estudos descritivos de sítios arqueológicos específicos e dentro de uma perspectiva populacional, a bioarqueologia tem trazido importantes acréscimos à pesquisa

arqueológica nas mais diferentes partes do mundo bem como no Brasil, notadamente não só pelo número elevado de publicações de estudos de casos em revistas especializadas, mas também pelos vários e excelentes manuais disponíveis para auxiliar o trabalho de análise e interpretação dos remanescentes ósseos humanos e dentários oriundos de sítios arqueológicos.

No entanto, ainda que tenhamos muitas fontes bibliográficas como referência para auxiliar a análise e interpretação dos dados, há de se destacar que nem sempre a tarefa de análise é fácil, pois em se tratando de vestígios antigos e especialmente das condições de preservação da amostra, muito pouco pode ser feito. Muitos desses fatores denominados tafonômicos podem alterar a configuração do contexto mortuário original, tais como ação de animais (vertebrados e invertebrados), tipo de sedimentação do local, aspectos ambientais (clima, solo, vegetação), ações antrópicas, tratamento funerário, ação do tempo, distribuição espacial, entre outros. Neste caso, nem a excelente qualidade dos manuais disponíveis nem a alta capacitação do profissional envolvido no trabalho poderão resolver o problema (cf. BUIKSTRA, UBELAKER, 1994, MACHADO, 1997c, MENDONÇA DE SOUZA, 1995).

As séries arqueológicas, portanto, caracterizam-se por não serem amostras, no sentido estatístico do termo, mas sim conjuntos de evidências que resultam da associação de circunstâncias que se sucedem ao longo do tempo. Não há controle sobre a parcela do universo — acervo de cultura material, população — que restará preservada em um sítio arqueológico (MENDONÇA DE SOUZA, *ibid.*, p. 102).

Embora sejam muitos os problemas com que se depara o bioarqueólogo, acreditamos que o potencial oferecido pela disciplina ao contexto arqueológico seja um dos mais valiosos e desafiadores do universo simbólico que envolve a arqueologia, pois deparamo-nos com os verdadeiros “agentes” de uma dada estrutura cultural passada.

O que nós achamos arqueologicamente está intimamente relacionado com aquilo que procuramos, com as questões que levantamos e com os recursos conceituais que trazemos à tona na tentativa de respondê-las (NELSON, 2006, p.13).

2. OBJETIVOS

O objetivo da arqueologia vai além do estudo detalhado dos vestígios materiais das atividades humanas no passado, uma vez que o conhecimento biocultural das populações que os produziram é tão importante quanto. Assim, esta tese teve por objetivo principal estudar o papel de gênero na pré-história, com base nos rituais funerários e remanescentes ósseos e dentários, a partir de vinte e três (23) estruturas funerárias, compostas por indivíduos femininos, masculinos, adolescentes e crianças, relacionados às populações horticultoras que durante 3.500 anos aproximadamente ocuparam a Gruta do Gentio II, município de Unaí, em Minas Gerais. Para tal, foram empregados os princípios teóricos da arqueologia de gênero, pós-processual e cognitiva como detalharemos no item base teórica deste trabalho, além de toda a metodologia técnico-científica da arqueologia, bioarqueologia e disciplinas relacionadas.

É importante esclarecer, contudo, que existe dentro do campo de estudo da Arqueologia de Gênero uma distinção clara entre sexo e gênero. O Sexo, feminino ou masculino, é biologicamente determinado e representado pelos remanescentes ósseos humanos. Já o Gênero, homem ou mulher, é considerado uma construção social, pois envolve o desempenho de papéis sociais, mesmo que na maioria das vezes esteja relacionado ao sexo dos indivíduos num sistema social nem sempre estruturado de forma binária como discorreremos mais adiante.

A evidência arqueológica mais direta para o estudo de sexo e gênero na pré-história vem das análises de enterramentos, pois quando estão disponíveis no registro arqueológico podem fornecer informações sobre sexo em termos biológicos e gênero em termos de diferenciação social, através dos acompanhamentos funerários (RENFREW, BAHN, 1996, p.207).

Com base na análise detalhada das estruturas funerárias, compostas por enterramentos femininos, masculinos, crianças e adolescentes, selecionamos uma série de variáveis que detalharemos oportunamente no item seguinte, consideradas por nós como o conjunto mais significativo para o estudo em questão. De acordo com o que foi proposto em nosso projeto de pesquisas, buscamos caracterizar prioritariamente os papéis sociais tanto dos homens quanto das mulheres da Gruta do Gentio.

As inúmeras leituras realizadas sobre teoria de gênero e bioarqueologia em associação com as observações da análise dos contextos funerários e do material osteológico da Gruta do Gentio definiram a inclusão das crianças e adolescentes neste estudo, mesmo que complementarmente, pois gênero enquanto papel social está intimamente relacionado à idade, independentemente da determinação de sexo biológico.

Como assinala DOMMASNES (1998, p. 338) "a arqueologia nasceu num tempo quando mulheres e crianças não eram supostamente visíveis, a princípio não na esfera pública". Neste sentido, cabe a nós buscarmos a reversão desse quadro androcêntrico, já que tal prática excludente ainda encontra muito espaço na pesquisa arqueológica no Brasil e, ao contrário do que pensamos, também no exterior.

Objetivamos ainda estudar a cadeia operatória (*chaîne opératoire*) dos rituais funerários dentro da Gruta do Gentio, ou seja, toda a seqüência de preparação, composição e organização das estruturas mortuárias. Embora seja um estudo introduzido na arqueologia a partir de estudos líticos, inicialmente realizados por LEMONNIER (1992), já está sendo aplicado a contextos funerários, podendo contribuir consideravelmente para a compreensão do processo de interação social entre os indivíduos e da sociedade passada (cf. ARNOLD, 2006). "Representa um conjunto de práticas que produz um espaço deliberadamente significativo que pode ser comparado à narração" (SORENSEN, 2000, p, 88).

Complementarmente, demos continuidade à pesquisa etnohistórica / etnográfica sobre as populações indígenas que ocuparam áreas circunvizinhas ao citado sítio arqueológico, a fim de que as informações dela oriundas pudessem ajudar no refinamento das interpretações arqueológicas sobre gênero na pré-história de Minas Gerais. "O conhecimento etnográfico simplesmente contribui para a imaginação histórica, incitando novas perspectivas e teorias alternativas" (HODDER, 1984, p.58).

3. ORIENTAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

3.1 BASE TEÓRICA

Arqueologia de Gênero

Algumas teorias assinalam que tanto o sexo quanto o gênero não existem fora da cultura... e que ademais eles só são capazes de existir através de sua constante repetição em atos e símbolos. O gênero é, então, não um fato ou uma essência, mas um conjunto de atos que produz o efeito ou a aparência de uma substância coerente. O gênero não é incorporado, mas repetidamente representado (ELLER, 2000, p.75).

As primeiras indagações sobre a questão de gênero na arqueologia começaram a partir da década de 1970 com a crescente visibilidade alcançada por publicações de mulheres, que estavam inicialmente comprometidas com a temática exclusivamente feminina. Suas origens podem ser relacionadas a um momento denominado de “segunda onda feminista” que emergiu no final da década de 1960, cujo foco principal era as questões de igualdade entre homens e mulheres relativas à sexualidade, reprodução e participação nas esferas públicas e privadas. Ainda durante a efervescência dessa segunda onda feminista, destaca-se o movimento socialista feminino que começa a perceber a questão de gênero como algo socialmente produzido e historicamente modificado em oposição ao radicalismo feminino (MILLER, 1993, GILCHRIST, 1999).

A terceira onda feminista, por sua vez, também denominada de movimento pós-modernista feminino ou simplesmente pós-feminismo, sofreu influências do pós-processualismo e foi particularmente influenciada pelos trabalhos de Michel Foucault no que se refere à construção da subjetividade. Sua ênfase principal baseava-se na diferença entre homens e mulheres, além de possuir fortes influências do relativismo cultural.

Do ponto de vista da arqueologia, a partir da segunda onda feminista na década de 1970, um pequeno número de arqueólogas da Escandinávia começou a expressar quão ativo era o papel da mulher na pré-história. Contudo, somente na década de 1980, alguns artigos começaram a ser publicados sobre a análise de gênero na pré-história, destacando-se de modo

especial o de CONKEY e SPECTOR (1984), cujas questões por elas levantadas só foram amplamente valorizadas e discutidas na década seguinte. Tornaram-se, então, textos referenciais para a Arqueologia de Gênero, seguidos por muitos outros (WILLOUGHBY, 1991, GILCHRIST, *op.cit.*, PREUCEL, HODDER, 1999, SORENSEN, *ibid.*, NELSON, 2006).

CONKEY, SPECTOR (1998) têm enfatizado que a invisibilidade arqueológica do feminino é mais um resultado da falta de subjetividade e dos paradigmas empregados pelos arqueólogos que de uma invisibilidade inerente de tais dados. Em geral, as contribuições, atividades, percepções e perspectivas das mulheres são minimizadas, estereotipadas, ou simplesmente ignoradas... Os homens são retratados como sendo os mais ativos, mais importantes e mais responsáveis na proteção e manutenção do grupo que as mulheres. Estas, por sua vez, são normalmente descritas como indivíduos confinados à esfera doméstica onde suas atividades e padrões de mobilidade estão restritos aos seus papéis como mães e esposas. Assim, a pesquisa arqueológica em seu conteúdo e modo de interpretação tem sido extremamente androcêntrica.

Mesmo a linguagem aplicada às interpretações arqueológicas para o comportamento masculino diferem daquela empregada para o feminino: homens executam atividades enquanto mulheres engajam-se em tarefas, e as descrições das atividades masculinas são mais detalhadas e retratadas como mais ativas e freqüentes que aquelas associadas às mulheres. Há uma assimetria de visibilidade, níveis de energia, realizações e contribuições de ambos os sexos (GERO, 1985, p. 344).

Felizmente, uma ampla literatura e pesquisa sobre gênero está agora disponível não só para enfraquecer esse tipo de tendência, mas também para servir especialmente como base para o desenvolvimento de abordagens explicitamente arqueológicas sobre gênero. A própria definição de papel social, tomada da sociologia e antropologia, está muito mais relacionada à complementaridade entre homens e mulheres que a natureza de cada um (cf. CONKEY, 1991 a e b).

As questões agora estão centradas no exame de fatores que parecem influenciar a natureza das relações entre homens e mulheres, as circunstâncias nas quais homens e mulheres exercem poder e influência, e

os meios pelos quais as organizações de gênero afetam e estruturam as respostas do grupo às várias condições do meio social e ambiental (CONKEY, SPECTOR, *ibid.*, p.28).

O parâmetro principal da arqueologia de gênero foi inicialmente definido a partir da distinção entre sexo e gênero. O Sexo, feminino ou masculino, seria biologicamente determinado, com base nos cromossomos, hormônios, aparência genital e porções ósseas específicas. Já o Gênero, homem ou mulher, é visto como uma construção social, pois envolve o desempenho de papéis sociais na sociedade. SORENSEN (2000) acrescenta que tal distinção entre sexo e gênero continua sendo o ponto central da arqueologia de gênero, que pode influenciar profundamente nossa compreensão sobre a natureza do sexo e seu papel social.

Sob influência da psicanálise, do feminismo e do pós-modernismo, alguns autores têm questionado até que ponto a caracterização de sexo é meramente biológica ou se também é socialmente construído. Para LAQUEUR (1990), a arqueologia pode reconhecer que o sexo também é culturalmente construída e compreendido em termos de distinção entre as pessoas que, por sua vez, estão organizadas na forma de alguns ou somente dois sexos. Inúmeros estudos etnográficos parecem corroborar para tal afirmação, através dos quais muitas sociedades exibem três, quatro ou outros grupos especialmente constituídos, às vezes relacionados ao próprio ciclo de vida do indivíduo. Neste sentido, “o sexo também é uma questão social” (SORENSEN, *ibid.*, p.46, GILCHRIST, *ibid.*, p.56).

Então, pode-se dizer que sexo e gênero são socialmente construídos e por serem similarmente constituídos isto não significa que eles são necessariamente a mesma coisa... Isto significa que os corpos são sexualmente diferentes e que a sociedade os reconhece como tal... É significativo aceitar que as sociedades, desconsiderando suas práticas transgressoras e contrárias às experiências pessoais, em geral vêem os corpos como variações de macho e fêmea (GATENS, 1996).

Do ponto de vista de FOUCAULT (1981) é fundamental, no entanto, não confundir o **sexo** (feminino e masculino), cuja compreensão é formada pelo discurso social sobre ele, relacionando-o mais à experiência e ao corpo físico propriamente dito, com a forma como cada indivíduo expressa sua **sexualidade** (ou **gênero**) dentro de uma dada sociedade. Tal

enfoque teórico parece muito interessante, especialmente quando aplicados a estudos de casos etnográficos, antropológicos ou em sítios arqueológicos com excelentes condições de preservação dos contextos funerários.

Ao avançarmos dentro do estudo de gênero na pré-história, percebe-se que a estrutura binária homem-mulher como padrão formal para todas as sociedades humanas não é verdadeira, pois existem inúmeros “outros gêneros” nas mais diversas populações sejam elas antigas ou recentes.

Gênero e relações de gênero são um processo — alguns chamam isto de *performance* — que indivíduos desempenham de diferentes formas em diferentes períodos de suas vidas, com diferentes indivíduos de seu próprio gênero ou de outros, e de diferentes formas em diferentes contextos (GERO, 1991).

Muitos sistemas sociais admitem um terceiro gênero como, por exemplo, aquele dos indígenas americanos denominados *two-spirit people*, historicamente documentados entre os Navajo, Lakota, Mohave e Shoshoni nos Estados Unidos. São caracterizados como tal em função de uma escolha individual, não sexual, para desempenhar de forma permanente determinadas atividades cotidianas, peculiares de um outro gênero, tais como: homens fazendo cerâmica e cestos ou mulheres assumindo lideranças, participando de guerras, podendo ou não usar os mesmos trajes desse novo gênero (*Id., Ibid.*). Segundo GILCHRIST (1999), os *two-spirit* assumem não somente as funções cotidianas do outro gênero, mas também o sexo, a sexualidade, os gestos, os papéis sociais e a indumentária.

Embora o termo *two-spirit* seja um nome usado atualmente para definir tal papel de gênero entre os indígenas norte-americanos, no passado o *man-woman* tinha recebido a denominação *berdache* (*halfman-halfwoman*), usado pejorativamente pelos espanhóis ao se depararem com tal gênero quando de sua chegada na América Central e do Sul. Estima-se que só na América do Norte, cerca de 150 tribos reconheciam a existência do *two-spirit* em seus sistemas sociais até o final do século XIX (cf. FULTON, ANDERSON, 1992). Parece que os *Berdaches* masculinos eram muito mais freqüentes que os femininos, estavam especialmente distribuídos entre as tribos das Grandes Planícies americanas e a grande maioria se tornava homossexual segundo relatos históricos. Os *Berdaches* femininos tendem a

ser mais recorrentes em sociedades menos complexas, nas quais a agricultura estava ausente ou era economicamente menos importante e estavam espacialmente distribuídos ao longo das populações que ocupavam a costa oeste americana desde a Great Basin até o Yukon Sub-Ártico (cf. CALLENDER, KOCHEMS, 1983, p.443-6).

A origem dos *two-spirit* ou *berdaches* entre os nativos americanos pode ser explicada de duas formas: uma, quando ainda na infância a criança mostrava interesse no trabalho com outro gênero, passando a se associar a ele, induzindo seus pais a vesti-lo e tratá-lo como tal, com plena aceitação do grupo social; a outra, relaciona-se a uma visão mais ampla na qual o novo *status* necessitava de uma validação sobrenatural, geralmente na forma de uma visão na adolescência ou mais tarde, resultando numa pública transformação do papel social do indivíduo (*Id., Ibid.*, p.451-2).

Segundo estudos antropológicos e sociológicos, outras categorias que circulam entre sexo, gênero e sexualidade devem ser lembradas na medida em que desempenham papéis sociais diferenciados. Entre os *Hua* e *Sambia* dos *Papua*, da Nova Guiné, os indivíduos são classificados como masculinos ou femininos, mas seus fluidos corporais são mutáveis ao longo da vida, alterando o equilíbrio entre masculinidade e feminilidade.

Acrescente-se ainda os hermafroditas, um indivíduo de condição congênita de ambigüidade na genitália, um fenômeno historicamente reconhecido e transformado no deus *Hermafroditus* na antiga Grécia (século IV a.C.), combinando Hermes e Afrodite. Em nossa própria sociedade, podemos destacar o caso dos transsexuais, indivíduos que têm as características físicas de um sexo e a identidade psicológica e emocional de outro (GILCHRIST, 1999).

A manutenção de algum tipo de separação entre sexo e gênero é geralmente reconhecida devido ao fato universal e inquestionável que existem diferenças biológicas entre homens e mulheres. Conseqüentemente, as mais diversas sociedades reagiram diferencialmente a isto ao longo do tempo e espaço (SOFAER-DERENVENSKI, 1998 *apud* SORENSEN, 2000).

Quanto à vinculação teórica da arqueologia de gênero, pode-se dizer que sua origem, seu constante interesse em oposição binária (masculino/feminino, público/privado,

biologia/cultura) e na divisão do trabalho conduz a uma aproximação com a Arqueologia Processual (mais profunda) dentro da Arqueologia Norte Americana. Do ponto de vista da arqueologia de gênero desenvolvida na Europa, no entanto, pode-se perceber um foco maior nas manifestações culturais e simbólicas com interesse no indivíduo, especialmente na identidade, na sexualidade e no corpo, representadas na arte, no espaço habitado e no acompanhamento funerário.

No caso da arqueologia de gênero européia, influenciada pela antropologia estruturalista e simbólica bem como pela pós-estruturalista de Michel Foucault, aproxima-se peremptoriamente da arqueologia pós-processual (GILCHRIST, *op.cit.*, WYLIE, 1998, SORENSEN, *op.cit.*). “A abordagem essencialmente pós-processual, que reforça a natureza discursiva e ativa da cultura material, é central para a investigação de gênero, e a construção, manutenção e transformação de gênero precisa de tal perspectiva” (SORENSEN, *op.cit.*, p.94).

ENGELSTAD (1991, p. 116-19), por sua vez, faz uma profunda crítica aquilo que os pós-processualistas, especificamente os homens, teorizam com relação a gênero. Fortemente influenciados pela psicanálise lacaniana, SHANKS e TILLEY (1987b *apud* ENGELSTAD, *ibid.*), principais representantes dessa corrente teórica, em seu livro “The individual and the Social” valorizam temas de estudo com base em divisões étnicas, sociais e religiosas, mas nunca em termos de gênero, pois para eles a constituição da subjetividade (*self*) está intimamente relacionada à linguagem e em valores eminentemente masculinos. Para LACAN (*apud* ENGELSTAD, *ibid.*) a posição da mulher é inferior, e somente a aquisição da linguagem torna a sociedade possível. Assim, para ele a diferença sexual pode ser estruturada de tal forma que a mulher seja sempre marcada pela ausência e o homem, pela presença. Para a autora, “há uma total ausência de compreensão da temática de gênero por parte dos pós-processualistas como parte da estruturação de indivíduos, cultura e sociedade” (*Id.*, *ibid.*, p.119).

Todavia, se o pós-processualismo estimulou o tratamento dessas novas questões e se há uma conexão histórica entre ambos, esses trabalhos não devem ser necessariamente considerados pós-processualistas, porquanto abraçam uma ampla diversidade de perspectivas teórico-metodológicas, não forçosamente pós-processuais ... Não há uma arqueologia de gênero, mas

“arqueologias” de gênero, todas elas empenhadas em investigar como foram construídas essas hierarquias através do tempo (ANDRADE LIMA, 2003, p.135).

O estudo de gênero com base no refinamento das características do ritual funerário e seus remanescentes ósseos e dentários parece-nos, contudo, muito mais próximo da perspectiva interpretativa do pós-processualismo que do processualismo, dada a importância atribuída ao universo simbólico envolvido nas práticas mortuárias e ao papel de cada indivíduo dentro da população estudada. Evidentemente, não se trata de excluir os pressupostos do processualismo, pois em arqueologia estamos trabalhando o tempo todo com a idéia de processo e sistema, além de utilizar descrições etnográficas ou estudos de casos como elementos comparativos. Assim também no que se refere à arqueologia cognitiva, já que o foco principal da mesma é a natureza do indivíduo em si (*self*) ou as idéias que se tem sobre ele (cf. SMITH, 1991, p.84-93).

A arqueologia de gênero não é necessariamente um projeto feminista ou pós-processualista; está igualmente interessada no processualismo e nos *masculinist studies* feitos por homens, ou de homens. Arqueologia de gênero provará ser não mais que uma quimera, se meramente reordenar o sujeito dominante tanto como feminino quanto masculino (GILCHRIST, *op.cit.*, p.30).

Recentemente, tem sido reconhecido o papel da arqueologia de gênero dentro do desenvolvimento geral da teoria e dos métodos arqueológicos. Questões relacionadas à divisão sexual do trabalho, ao *status* e aos papéis sociais de homens, mulheres, crianças e idosos na sociedade, à diversidade e à dinâmica de gênero na formação de sistemas culturais, ao conteúdo simbólico dos diferentes gêneros na pré-história, à dimensão espacial e temporal dos gêneros, entre outras, têm sido pensadas a partir desse novo olhar da arqueologia.

Por se tratar de um estudo que requer um conhecimento de categorias mentais e de formas de interação social, não é direta ou facilmente perceptível no registro arqueológico. Por conseguinte, requer também contextos consistentes e um maior refinamento das técnicas de interpretação simbólica, para que se possa compreender, em toda a sua amplitude e complexidade, o papel da

cultura material nas construções de gênero e na negociação do seu significado (ANDRADE LIMA, *ibid.*, p.130).

Dentro de uma perspectiva atual, deve-se enfatizar ainda que tais questionamentos teóricos apresentados anteriormente não se relacionam exclusivamente ao universo feminino no passado, mas também ao masculino.

As questões agora estão centradas no exame de fatores que parecem influenciar a natureza das relações entre homens e mulheres, as circunstâncias nas quais eles exercem poder e influência, e os meios pelos quais as organizações de gênero afetam e estruturam as respostas do grupo às várias condições do meio social e ambiental (CONKEY, SPECTOR, *op.cit.*, p.28).

Não só podemos considerar gênero quando fazemos referência ao homem ou a mulher, mas também quando nos referimos à relação dinâmica existente entre as pessoas do grupo como um todo, como se organizam, se relacionam ou praticam seus rituais, já que todos são atores sociais. De alguma maneira, isso foi consubstanciado no registro arqueológico e cabe a nós, enquanto pesquisadores, não apenas desenvolver métodos, mas saber aplicá-los apropriadamente a fim de corretamente interpretá-los. Os significantes (cultura material) em maior ou menor quantidade ou qualidade estão presentes num número incontável de sítios arqueológicos e seus significados, que inexoravelmente jazem sobre eles, apresentam-se com tamanha fluidez que muitas vezes parecem não estar mais ali. Assim, “o gênero não pode ser observado, somente o efeito do gênero pode” (SORENSEN, *ibid.*, p. 53).

Através da cultura material, a arqueologia pode reconstruir parte da vida cotidiana das pessoas no passado. Deve ficar claro, então, que os objetos de um contexto arqueológico estão intimamente relacionados entre si e possuem um significado, independente de seu tamanho, forma ou qualidade. Evidentemente, não estamos considerando o espaço de um sítio arqueológico como um local sagrado onde tudo está exatamente da maneira como foi deixado pelas populações antigas, especialmente em se tratando de sítios com milênios de ocupação.

Mais que passivos portadores de significado, o objeto material está ativo através de um processo cognitivo, e estrutura a natureza da experiência humana... As construções de gênero são criadas, ordenadas e perpetuadas

em relação à cultura material cujos padrões ajudam a criar noções de identidade (LESICK, 1997, p.38-9).

A partir dos princípios pós-processualistas, todos os vestígios são considerados ativos (cf. HODDER, 1982, 1987) e conseqüentemente portadores de informações a respeito de gênero, sejam objetos de indumentária, adornos, lascas líticas, fragmentos cerâmicos, etc. São, então, “repositórios de simbolismo de gênero”, ou seja, são ativos construtores do mundo de um indivíduo num determinado tempo e lugar (SOFAER-DEREVENSKY, 1997, p.194). Reiteramos, então, que o estudo de “gêneros” em arqueologia deve levar em consideração não apenas homens e mulheres, mas também os outros já destacados anteriormente, e de modo especial crianças, adolescentes e idosos. Todos os indivíduos do passado e do presente desempenham gêneros diferentes ao longo do tempo e espaço, ainda que apresentando o mesmo sexo durante toda a vida.

Segundo SOFAER-DEREVENSKY (*ibid.*, p. 195), a criança, de modo especial, pode ser considerada como a “tábua rasa cultural” que vai gradativamente desenvolvendo a consciência da identidade, ideologia e papel social. Até dois anos de idade, encontra-se num estágio denominado de identidade de gênero, movendo-se para uma etapa de estabilidade entre três e quatro anos; aos cinco, atinge o que os antropólogos chamam de constância de gênero. Neste momento, muitos exemplos etnográficos e estudos etnoarqueológicos assinalam que a criança já começa se engajar em atividades específicas, relacionadas ao seu sexo. Todo o processo é marcado por períodos de dependência materna, imitação e aprendizado formal. No entanto, caso uma menina, por exemplo, venha a se interessar pelas atividades definidas como masculinas pelo grupo, muitas vezes é culturalmente permitida uma mudança de gênero e, conseqüentemente, de papéis sociais.

O descaso com que as crianças são tratadas nos estudos arqueológicos, refere-se ao esquecimento de que elas desempenhavam papéis sociais ou mesmo tarefas comuns de forma tão ativa quanto o fazem hoje e são consideradas indivíduos (agentes sociais) desde muito cedo. Embora imaginemos como membros não ativos nas sociedades passadas, elas certamente distraíam, serviam, coletavam, entre outras atividades. Entre os Tarahumara, por exemplo, meninos e meninas com oito anos de idade já cuidavam de animais, do plantio de trigo, faziam brinquedos, cuidavam de irmãos menores, etc (cf. CLAASSEN, 1991, p.6).

Da mesma forma que as crianças, os idosos são negligenciados dentro do estudo em perspectiva de gênero. Segundo GILCHRIST (*op.cit.*, p.106), o status dos idosos atribuído à meia e avançada idade varia culturalmente, dependendo de fatores como hereditariedade, propriedade da terra e estrutura familiar. Alguns estudos etnográficos parecem indicar que o *status* do homem e da mulher idosos são vistos de forma diferenciada, ou seja, enquanto o primeiro diminui seu destaque perante o grupo, a segunda se torna mais ativa, especialmente por já não ter mais filhos para cuidar e ter atingido a menopausa. Por outro lado, algumas evidências arqueológicas parecem indicar que a idade avançada deve ser realmente tratada como um gênero à parte, pois está não só relacionada à produtividade cultural, reconhecimento social, fisiologia peculiar, mas principalmente ao “simples” fato de um indivíduo conseguir atingir a longevidade. Tal ocorrência já deveria ser um motivo de reconhecimento social em vida e por ocasião de seu ritual funerário.

HAYDEN (1991, p.34) destaca que existem várias formas de abordagens para o estudo de gênero, dentre elas as etnografias comparativas, os estudos mortuários, os textos antigos, arte e mitologia, estudos psicológicos, zoologia comparativa e fisiologia. HILL (1998, p.113-21), por sua vez, considera como relevantes para a pesquisa de gênero, os seguintes campos de investigação, a saber: contexto mortuário e evidência osteológica, iconografia, fontes etnohistóricas e etnográficas, e análises contextual e espacial de micro-escala.

No que se refere ao estudo de gênero com base nos rituais funerários, é importante ressaltar que eles devem levar em consideração o contexto arqueológico como um todo e não apenas valorizar os acompanhamentos mortuários atribuindo **unilateralmente** maior ou menor importância ao indivíduo, através da quantidade, qualidade e variedade de objetos depositados junto a ele. Não que estas variáveis não sejam importantes, muito pelo contrário, o fato é que elas devem ser avaliadas **em conjunto** com a análise morfológica e dentária dos remanescentes humanos, senão as interpretações podem ser estereótipos de nossa própria sociedade. Como assinalam WALKER, COOK (1998, p. 256), “os estudos bioarqueológicos de gênero são excitantes, pois eles prometem fornecer informações sobre similaridades e diferenças entre sociedades na evolução dos papéis de gênero”.

O estudo de gênero a partir de contextos funerários deve, então, considerar o uso de inúmeras variáveis e subvariáveis tanto para a análise do ritual funerário em si (tipo de

enterramento, características da cova, nível de deposição, distribuição espacial, acompanhamento funerário, estruturas associadas, etc), quanto para aquela dos remanescentes ósseos e dentários (idade, sexo, fraturas, paleopatologias, linhas de Harris, degenerações do esqueleto apendicular e axial, além de patologias dentárias) (cf. COHEN, BENNETT, 1998, ARNOLD, 2002, 2006).

Uma compreensão das diferentes formas de ritual mortuário numa sociedade e a habilidade de identificar diferenças de *status* tanto quanto distinções de gênero são cruciais para entender ideologia de gênero (ARNOLD, 2002, p. 251-2)

Arqueologia Pós-Processual

Dada a forte influência exercida pela arqueologia pós-processual na formação do corpo teórico da arqueologia de gênero, consideramos oportuno tecer algumas considerações sobre tal corrente teórica. Embora não exerça tantas influências no atual estágio teórico alcançado pelos estudos de gênero, podemos dizer que a arqueologia pós-processual desempenhou o papel de vanguarda teórica da arqueologia de gênero.

A arqueologia pós-processual teve como principais contribuições a introdução da perspectiva simbólica e a valorização do indivíduo dentro do contexto arqueológico, além de promover novos métodos quantitativos, inúmeros estudos de análises locais e pesquisas etnoarqueológicas metodologicamente orientadas para estudos de cultura material. Segundo TRIGGER (1989), o enfoque pós-processualista está baseado na convicção de que os arqueólogos precisam examinar todos os aspectos possíveis de uma cultura a fim de compreender o significado da cada parte dela.

Tal corrente teórica incorporou uma variedade de influências, incluindo o marxismo, o estruturalismo, o idealismo, o feminismo e a história. Com base na integração desses conhecimentos, o pós-processualismo ou contextualismo enfatiza que a relação entre cultura material e comportamento depende das ações dos indivíduos dentro de contextos históricos culturais particulares (cf. HODDER, 1984, 1986). De acordo com MOORE (1994), uma pesquisa deve levar em consideração tanto a pessoa social quanto o indivíduo, pois ambos são

importantes para a análise social na medida em que trazem uma considerável quantidade de reflexões sobre as práticas e os discursos da vida cotidiana.

Para SHANKS, TILLEY (1994), as sociedades não existiriam sem os indivíduos e suas práticas sociais cuja inter-relação resulta na produção de cultura material como forma de “objetificação do ser social”. Para eles, a cultura material não deveria ser concebida como um elemento passivo que reflete meramente as relações sociais, mas como resultado da articulação entre o social e o individual. Assim, o maior desafio com o qual se confronta o arqueólogo é atribuir significação a objetos aparentemente estáticos e sem significado. “A cultura material só pode ser realisticamente interpretada a partir de totalidades sociais e individuais dentro de contextos espaço-temporais definidos” (SHANKS, TILLEY, *ibid*, p.132).

A cultura material não apenas existe. É feita por alguém. É produzida para fazer alguma coisa. Então, ela não reflete passivamente a sociedade, ela cria a sociedade através das ações dos indivíduos (...). Cada objeto arqueológico é produzido por um indivíduo (ou por um grupo deles), não por um sistema social (HODDER, 1986, p.6-7).

YOFFEE e SHERRATT (1993) consideram que a cultura material não pode ser vista como um mero reflexo do comportamento, já que ela representa a relação entre as pessoas e o mundo natural. Dentro desta perspectiva, CSIKSZENTMIHALYI (1993) enfatiza que o artefato é o produto da intencionalidade humana e o seu uso simbólico mais freqüente é para promover a permanência das relações que definem o indivíduo na rede social.

Dentro da perspectiva simbólica, LESLIE WHITE (1949 *apud* MOLINO, 1992, p.19) acentua que “o homem não é tanto um animal racional, mas um animal simbólico que cria símbolos ao mesmo tempo que cria instrumentos”. Assim, “os homens nem representam nem refletem o mundo, eles o constroem através dos símbolos” (SHANKS, TILLEY, *op. cit.*, p.19).

Para BRAITHWAITE (1982, p.107), por sua vez, a compreensão do papel da cultura material no ritual e das práticas de prestígio é o primeiro passo e o mais importante na reconstrução de outras dimensões de mudanças e padrões representados no registro arqueológico. O ritual, então, tem a função de reafirmar as relações sociais existentes,

fazendo-as aparentar ser parte da ordem natural ou valorizar o poder de grupos ou indivíduos privilegiados.

Além da valorização do indivíduo e da cultura material do ponto de vista simbólico, o pós-processualismo reiterou a importância do contexto, definindo-o como “a totalidade de dimensões relevantes de variação ao redor de qualquer objeto, que forma uma rica rede de associações e contrastes. Esta rede de relações pode ser lida, após uma análise cuidadosa, a fim de alcançar uma interpretação do seu conteúdo significativo” (HODDER, *ibid.*, p.143-53).

Para interpretarmos em arqueologia (...) deveríamos prestar a devida atenção ao papel que as pessoas ou grupos distintos ocupam na história, com sua respectiva consciência, representações, crenças, sistemas de valores sejam eles individuais ou coletivos (GARDIN, 1992, p.93).

E é dentro desta perspectiva interpretativa que YOFFEE e SHERRATT (*op. cit.*) e SHANKS e TILLEY (*op. cit.*) definem a arqueologia, considerando-a como uma ciência interpretativa na qual os símbolos, as ideologias e as estruturas de significado não são meramente reflexões de como os homens tratam com as variações do ambiente.

Quanto ao uso das analogias etnográficas, HODDER (*ibid.*) acredita que elas não são confiáveis, porque se as coisas e sociedades tanto no presente quanto no passado são semelhantes em alguns aspectos, isto não significa que elas sejam em outros. “Se nós interpretamos o passado por analogia ao presente, nós nunca descobriremos as formas de sociedades e culturas que já não existem hoje” (HODDER, *ibid.*, p.14).

Mais tarde, HODDER (*ibid.*, p.148) suaviza sua explanação anterior dizendo que “o conhecimento etnográfico simplesmente contribui para a imaginação histórica, incitando novas perspectivas e teorias alternativas”, provavelmente por estar desenvolvendo estudos etnoarqueológicos, que tinham como base a comparação de recentes sítios arqueológicos com outros ainda ocupados por populações nativas. Muitos desses estudos foram realizados não só na América do Norte como também na África.

Autores como SHANKS e TILLEY (*op. cit.*) não demonstram tanta aceitação pelos estudos etnográficos aplicados à arqueologia, pois para eles uma sociedade enquanto

configuração única possui características próprias, que não se repetem e, portanto, não são passíveis de serem comparadas ao longo do tempo e do espaço. “Nenhum processo de mudança a longo prazo no passado pode ser adequadamente modelado, baseando-se em observações do presente a curto prazo” (YOFFEE, *ibid.*, p.9).

No que se refere ao método, HODDER (*op. cit.*) reconhece a necessidade de se estabelecer uma base teórica bem estruturada, que segundo ele deve ser através de procedimentos tanto dedutivos quanto indutivos.

A compreensão do passado é um processo dialético, gerado por ajustes contínuos de idéias, conceitos e representações e não é algo que possa ser fixado por um único método tal como o hipotético-dedutivo (SHANKS e TILLEY, *ibid.*, p.108).

Arqueologia Cognitiva

Segundo RENFREW e BAHN (1996), a arqueologia cognitiva é o estudo das formas de pensamento do passado a partir de remanescentes materiais. Ao incorporar informações sobre aspectos simbólicos e cognitivos, reconhece que a ideologia é uma força ativa dentro das sociedades, na qual a cultura material é um fator ativo na constituição do mundo em que vivemos. A arqueologia cognitiva tem um lugar importante dentro dessa construção, pois leva em conta o papel criativo do indivíduo, sem atingir a extrema subjetividade e considera que a construção de leis gerais para o comportamento humano não é adequada para a arqueologia.

GARDIN (1992) acentua a importância da ciência cognitiva no discurso científico, pois se estamos falando sobre as pessoas, nós necessariamente deveríamos pensar na reconstituição das construções simbólicas e dos modos de pensamentos dessas pessoas no passado.

Qualquer prática social é completamente simbólica, e não há instrumento, nem atividade, nem produto que seja verdadeiramente vazio de significado (...). É essencial considerar essa dimensão simbólica como a mais importante e construir hipóteses que permitem recuperar seu significado, pelo menos em parte (MOLINO, *op. cit.*, p.22).

RENFREW e BAHN (*ibid.*) consideram que é impossível inferir o significado de um símbolo dentro de uma cultura específica, por meio de um único objeto. A princípio, há necessidade de vê-lo em uso em seu próprio contexto, bem como em associação com outros símbolos. “As coisas que nós encontramos em parte no registro arqueológico são produtos dos pensamentos e intenções humanas e isto oferece tanto potencialidades quanto problemas em seu estudo” (*id., ibid.*, p.370).

A cultura material é um fenômeno cultural codificado duas vezes: uma vez na mente do artesão e a outra na forma física do objeto. Essa dupla codificação permite comparar três fenômenos culturais, ou seja, seus aspectos cognitivos e comportamentais (NEWTON, 1987, p.15).

Os autores supracitados acentuam ainda que existe em cada mente humana uma concepção de mundo, uma estrutura interpretativa, um mapa cognitivo. Assim, uma comunidade na qual as pessoas vivem juntas, compartilham da mesma cultura, falam a mesma língua, freqüentemente possui a mesma visão do mundo — um mapa cognitivo comum.

Embora concordemos com essas elucidações, indagamos até que ponto podemos identificá-las no registro arqueológico, já que o elemento que viabiliza a transmissão de idéias e seu significado não é passível de preservação — a linguagem. Neste sentido, os eventos mentais têm sido excluídos da perspectiva arqueológica, eles não podem ser observados diretamente na mesma medida em que as explanações metafísicas também não, pois não são verdadeiras por definição nem uniformemente sujeitas a testes empíricos (cf. PEEBLES, 1992).

Dentro da perspectiva cognitiva, RENFREW e BAHN (*op. cit.*) acrescentam que é fundamental entender como os símbolos eram usados, embora também reconheçam a ambigüidade do estudo que implica o estabelecimento do significado original. Para eles, há cinco variáveis importantes relacionadas aos símbolos que devem ser consideradas, a saber : (1) os símbolos de medição (o tempo, o tamanho e o peso) — que nos ajudam a organizar nossas relações com o mundo natural; (2) os símbolos que permitem nos relacionarmos com o futuro (instrumentos de planejamento), pois eles nos ajudam a definir nossas intenções mais claramente, através de modelos para alguma intenção futura; (3) os símbolos usados para regular e organizar as relações entre os seres humanos (dinheiro, por exemplo); (4) os

símbolos usados para representar as relações humanas com o outro mundo (o mundo sobrenatural) — a religião e os cultos; (5) os símbolos, usados para descrever o mundo através da arte de representar (escultura ou pintura).

Podemos verificar, então, que o estudo de gênero através dos rituais mortuários e suas evidências osteológicas está mais intimamente relacionado aos símbolos usados para representar as relações humanas com o outro mundo. Ademais, os rituais funerários, nosso tema de estudo, podem ser interpretados a partir da perspectiva simbólica, que trata das relações humanas com o outro mundo.

O estudo da cultura material é ao mesmo tempo o estudo dos objetos materiais para entender a cultura, descobrir as crenças — os valores, as idéias, as atitudes e as suposições — de uma comunidade particular ou sociedade num dado tempo (PROWN, 1993, p.1).

Dentro da perspectiva da arqueologia cognitiva, alguns parâmetros devem ser considerados no estudo dos rituais, a saber: (1) os rituais podem realizar-se em lugares especiais ou com características naturais importantes (grutas, cavernas, topo de montanhas, etc); (2) alternativamente, os rituais podem situar-se também em construções especificamente feitas para eles (templos ou igrejas); (3) a estrutura e o aparato usado podem ser fixos (fogueiras ou igrejas) e móveis (luzes, vasos, roupas, sinos, etc) respectivamente; (4) a área sagrada é provavelmente rica em símbolos repetidos; (5) presença de figuras de animais, muitas vezes vistos como sagrados, bem como outros símbolos de poder ou *status*; (6) o ritual geralmente envolve gestos, danças, músicas, manifestações de dor, que podem estar refletidos na arte local; (7) sacrifício de animais; (8) comida e bebida podem ser depositadas ou queimadas; (9) outros objetos materiais podem ser trazidos e oferecidos por ocasião do ritual, sendo quebrados ou mantidos inteiros; (10) a opulência pode ser refletida pela profusão de objetos usados e oferendas feitas nas locais (cf. RENFREW, BAHN, *op. cit.*).

Da mesma forma que a arqueologia de gênero, a abordagem cognitiva em se tratando especificamente dos rituais mortuários, também reconhece o potencial dos mesmos para interpretações sociais, através do estudo minucioso dos acompanhamentos funerários, entre outros, especialmente em sociedades mais segmentárias.

O processo de produção e uso de um objeto representa “princípios generativos” que são mapas cognitivos não só de concepções ideológicas, mas também de ação social. Em arqueologia, estes mapas de ação social são sugestivos de estratégias de identificação social ao redor das quais fronteiras entre diferentes grupos são estruturadas. Neste sentido, a cultura material não é neutra, mas ocupa um papel central na representação de relações sociais (CONKEY, 1991 b, p. 25).

No contexto dos rituais funerários, a cultura material representada por objetos rituais algumas vezes confeccionados unicamente para a cerimônia mortuária, apresenta de maneira geral maior conteúdo simbólico (cf. NEWTON, *op. cit.*).

Naturalmente, os acompanhamentos funerários têm um significado social, mas também estão carregados de implicações sobre a maneira pela qual as comunidades que os produziram concebiam sua própria mortalidade, o que é uma parcela importante do mapa cognitivo (RENFREW, BAHN, *ibid.*, p.394).

A partir da base teórica explicitada acima, buscamos fundamentar cientificamente nosso trabalho, tendo assim condições de alcançar os objetivos previamente propostos e testar as hipóteses formuladas, passíveis de confirmação ou refutação.

No processo de observação, nós devemos não só estar conscientes das visões de mundo daqueles cujas ações ou artefatos estão sendo estudados, mas também estar inegavelmente conscientes da pressuposição daqueles que os observam, descrevem e interpretam. Isto implica a desconstrução de gênero e a reconstrução daquilo que nós acreditamos que deva ser a realidade. Nem o tradicional materialismo nem o idealismo é adequado para tal tarefa. A ciência da cognição é necessária (SMITH, 1991, p. 93).

3.2 HIPÓTESES

Com base nos pressupostos teóricos descritos anteriormente, e conseqüentemente sob a influência da indução e dedução, formulamos alguns problemas/hipóteses prévios a fim de que fossem solucionados ao longo do trabalho de pesquisa. O uso de múltiplas linhas de

evidências permite aos arqueólogos manter-se próximos do contexto original dos dados (*on the ground*) e fornece a base para o teste de hipóteses (WYLIE, 1989).

Assim, nossas hipóteses foram formuladas com base nos dados de campo e laboratório, especialmente a partir da nossa dissertação de mestrado que apresentou este mesmo sítio arqueológico (Gruta do Gentio II) como tema de estudo, mas com um enfoque diferenciado. São elas:

1. os habitantes da Gruta do Gentio II não seriam agricultores, mas sim horticultores na medida em que cultivam plantas, empregando uma tecnologia simples e, para tanto, seus rituais funerários e remanescentes ósseos e dentários representariam, mesmo que indiretamente, os reflexos desse padrão de subsistência;
2. considera-se que o espaço da Gruta do Gentio foi usado pelas populações horticultoras locais preferencialmente para as práticas de ritual funerário, sem utilizá-la como habitação;
3. há papéis sociais (gêneros) diferenciados para mulheres e homens, adolescentes e crianças, passíveis de reconhecimento através dos rituais funerários e das características do esqueleto;
4. alguns indícios de vínculos de parentesco entre os indivíduos estariam marcados nos rituais funerários e seus remanescentes ósseos e dentários.

3.3 MATERIAIS E MÉTODOS

Para o estudo de gênero com base nos rituais funerários e seus remanescentes ósseos e dentários da Gruta do Gentio II (MG-RP-6), selecionamos inicialmente a “micro-escala” (cf. HILL, 1998, p.116) limitada ao horizonte horticultor do sítio Gruta do Gentio II (cf. HILL, 1998, p.116).

A seguir, demos início à estruturação do trabalho, subdividindo-o em duas etapas de análise dos dados: (1) análise dos rituais funerários e (2) análise dos remanescentes ósseos. Cada uma delas foi, então, associada a (1) mulheres, adolescentes e crianças, e (2) homens, adolescentes e crianças, assinalando assim uma proposta de classificação de gênero para o

sítio em questão, dentro dos pressupostos teóricos anteriormente descritos. Tal estruturação metodológica deu origem a quatro (4) tabelas-sínteses para todo o material analisado, relacionadas às duas etapas previamente descritas.

Para a etapa de análise dos rituais funerários, relacionados a mulheres, homens, adolescentes e crianças, foram consideradas as seguintes categorias, variáveis e subvariáveis, a saber:

A. Número da estrutura funerária;

B. Variáveis:

1. Tipo de Tratamento dado ao corpo (inumação e cremação), tipo de inumação (primário e secundário), tipo de enterramento primário e secundário (simples, duplo e múltiplo), e cremação, subdividida em **Antes da Decomposição dos Tecidos Moles (ADTM – primário)** e **Pós-Decomposição dos Tecidos Moles (PDTM – secundário)**;
2. Posição do Corpo: decúbito (lateral direito, lateral esquerdo, dorsal e ventral), fletido, distendido, fetal, ou indeterminada;
3. Orientação do Corpo: em relação aos pontos cardeais ou indeterminada;
4. Direção da Face: em relação aos pontos cardeais ou indeterminada;
5. Características da Cova: forma (ovalada, arredondada) e profundidade (variável);
6. Distribuição Temporal (Camada Estratigráfica): I Inferior e I Superior;
7. Distribuição Espacial: Externa (entrada da gruta – setores correspondentes à linha 0), Intermediária (meio da gruta – setores correspondentes às linhas 1, 2 e 3) e Interna (fundo da gruta – setores correspondentes às linhas 4 e 5);
8. Acompanhamento Funerário foi subdividido nas categorias citadas abaixo:
 - 8.1 Instrumentos de uso doméstico: vasilhames (cabaça e cerâmica) e implementos (batedores, moedores, polidores, bigornas, mão de pilão, raspadores, furadores, agulhas, etc, confeccionados em matéria prima lítica, ósseo animal, malacológico, madeira);
 - 8.2 Instrumentos de uso não doméstico: pontas de flecha (lítico e ósseo animal) e de lança (lítico), lâminas de machado (lítico);
 - 8.3 Objetos de uso pessoal: (1) Adornos (colares, pingentes, plumária, pulseiras, tembetás), feitos em lítico, malacológico, sementes, ossos e dentes de animais, penas, e (2) Tecelagem, Trançados de Palha e Couro (tecidos, faixas, cordéis, peles, redes e esteiras), feitos em folhas de palmácea, fibra vegetal e algodão;
 - 8.4 Instrumentos de sonorização: zunidores (gastrópodes);

8.5 Materiais *InNatura* associados: vegetais (sementes, frutos, flores, folhas, gravetos, gavinhas, cascas de árvore), insetos, coprólitos e pigmentos;

8.6 Animais domésticos: aves, mamíferos;

9. Estruturas Associadas: fogueiras.

Já para a etapa de análise dos remanescentes ósseos e dentários, também padronizadamente relacionados a mulheres, homens, adolescentes e crianças, foram consideradas as seguintes categorias, variáveis e subvariáveis abaixo descritas:

A. Número da estrutura funerária;

B. Variáveis:

1. Inventário dos Ossos;

2. Sexo;

3. Idade;

4. Fraturas;

5. Paleopatologia;

6. Linhas de Harris;

7. Facetas Suplementares da tíbia;

8. Degeneração das Superfícies Articulares, subdivididas em Têmporo-mandibular, Coluna Vertebral, Articulações Metacarpo-Falangeanas, Articulações Metatarso-Falangeanas e Superfícies Articulares dos Ossos Longos, Clavícula, Patela, Calcâneo e Astrágalo;

9. Dentição, subdividida em Dentes Presentes, Cáries, Hipoplasia, Abrasão Dentária, Doença Periodontal, Cálculos Lingual e Vestibular, Abcessos Alveolares e Perda Ante-Mortem.

Dando continuidade ao trabalho, realizamos um estudo minucioso de todas as fichas de campo para cada setor e nível escavado, e de enterramento do sítio arqueológico Gruta do Gentio II, que foi pesquisado em quatro etapas de pesquisa entre 1976 e 1987 pela equipe do Instituto de Arqueologia Brasileira (Figuras 1 e 2).

Foram analisadas cento e trinta e nove (139) fichas de enterramentos, ossos esparsos e planos de topo, elaboradas em campo e laboratório, distribuídas pelos seguintes setores, a saber: LA-0 (3), LB-0 (5), LB-1 (1), NA-0a e NA-0b (4), NA-1a e NA-1b (7), NA-1/OA-1 (1), NA-4 (5), NA-4/NB-4 (1), NB-0 (13), NB-1 (5), NB-2 (3), NB-3 (1), NB-4 (16), NC-0 (1), NC-1 (4), NC-2 (1), NC-3 (4), NC-4 (4), NC-2/ND-2 (1), NC-3/ND-3 (1), ND-2 (3), ND-

3 (3), OA-0 (6), OA-1 (4), OA-2 (8), OA-3 (3), OA-1/OA-2 (1), OB-2 (14), OB-3 (2), OB-1/OB-2 (8), OC-3 (2) e SA-0 (4).

Quanto às fichas de campo, vinculadas à cada setor e nível artificial escavado e seus respectivos planos de topo, foram estudados quatrocentas e quarenta e oito (448) exemplares originais, estando assim distribuídos, a saber: LA-0 (7), LB-0 (15), LB-1 (2), LC-0 (1), NA-0a e NA-0b (13), NA-1a e NA-1b (9), NA-2 (4), NA-3 (10), NA-4 (35), NA-0/NB-0 (3), NB-0 (19), NB-1 (6), NB-2 (5), NB-3 (9), NB-4 (46), NB-5 (10), NC-0 (3), NC-1 (7), NC-2 (17), NC-3 (8), NC-4 (18), ND-2 (7), ND-3 (15), ND-4 (7), OA-0 (15), OA-1 (20), OA-2 (18), OA-3 (44), OB-2 (25), OB-3 (40), OC-3 (1) e SA-0 (9).

A análise osteológica preliminar dessa coleção foi realizada há cerca de 15 anos no Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB) e desde então nada mais foi retomado em decorrência de outras atividades e prioridades do Laboratório de Antropologia Biológica. Em virtude do estudo aprofundado das fichas de setor e enterramento supracitadas e do surgimento de inúmeras indagações, houve necessidade de retomar a análise desse material ósseo humano como um todo. Tal trabalho foi realizado por mim com a grande colaboração da Profa. Laura da Piedade Ribeiro da Silva, Pesquisadora Chefe e atual Responsável pelo Laboratório de Antropologia Biológica do IAB.

Quanto à dentição, foi feita apenas uma revisão com complementação de alguns dados e inserção de exemplares a mais encontrados no acervo da Instituição. Parte dessa coleção já tinha sido analisada pelo Prof. Dr. Christy Turner II, no Smithsonian Institution, em Washington D.C, em conjunto com a Profa. Dra. Lilia Cheuiche Machado, Responsável pelo Setor de Antropologia Biológica do IAB na época, quando esta esteve nos Estados Unidos fazendo um curso de Antropologia Física, no início da década de 80.

Para a análise do material osteológico com ênfase nas categorias, variáveis e subvariáveis previamente selecionadas, foram utilizadas fichas de inventário de ossos de adultos e crianças padronizadas do Instituto de Arqueologia Brasileira cujos modelos encontram-se em anexo (Figuras 3 e 4). Tais remanescentes ósseos humanos já encontravam-se limpos e numerados, muitos dos quais ainda preservam vestígios desidratados de pele, cartilagens, couro cabeludo, tendões e cabelo, em virtude do microclima peculiar da Gruta do Gentio que permitiu a conservação natural destes vestígios.

Em termos gerais, a metodologia utilizada na análise dos remanescentes ósseos humanos segue MACHADO (1984), além dos trabalhos de UCHÔA (1973), UCHÔA, ALVIM e GOMES (1989), MELLO e ALVIM, SOARES (1983, 1984), MENDONÇA DE SOUZA (1995) que contribuíram para a nova análise desse acervo.

Para a diagnose sexual e etária dos indivíduos e demais observações morfológicas do esqueleto, relacionadas a fatores biológicos, ambientais e culturais (facetadas suplementares da tíbia, por exemplo) foram seguidos os critérios descritos por UBELAKER (1978), BUIKSTRA e UBELAKER (1994), BASS (1997), LARSEN (1997), ISCAN e KENNEDY (1989), COHEN, ARMELAGOS (1984) que sintetizam os melhores trabalhos sobre o assunto, além de KROGMAN (1962), MC KERN e STEWART (1957), STEWART (1968), PHENICE (1969) e TODD (1920, 1921).

No caso da Gruta do Gentio, na diagnose sexual foram consideradas principalmente o tamanho e morfologia dos ossos do esqueleto axial e apendicular, especialmente sacro, coxais e ossos longos, características cranianas e mandibulares sempre que disponíveis. Quanto às crianças e adolescentes, acrescentamos que não há métodos morfológicos e macroscópicos seguros que possibilitem a identificação sexual (cf. MACHADO, *op.cit.*).

No caso dos adultos, a diagnose de idade foi realizada a partir da observação das alterações das superfícies articulares sínfisiárias do púbis, do tamanho e da morfologia dos ossos longos, das mudanças degenerativas nas superfícies articulares dos ossos longos e metacarpo e metatarso-falangeanas, e grau de obliteração das suturas cranianas. Para as crianças e adolescentes, a idade geralmente foi determinada pelos estágios de formação e erupção dos dentes, pelo grau de união das epífises às diáfises dos ossos e o comprimento dos ossos longos.

Segundo STEWART (1979, p.128 *apud* MACHADO, *op.cit.*, p.179) o crescimento e o desenvolvimento constituem os dois processos principais no fenômeno de envelhecimento biológico, desde a concepção até a vida adulta. Geralmente, um indivíduo atinge a vida adulta, dependendo do sexo, entre vinte e três ou vinte e cinco anos, mas a mudança degenerativa mais acentuada manifesta-se em torno dos quarenta anos. Para a diagnose etária, então, foram definidas com o padrão para esse estudo as seguintes faixas cronológicas de idade, a saber: Fetal – antes do nascimento; Infantil – do nascimento até 3 anos, Criança – de

3 a 12 anos; Adolescentes – de 12 a 19 anos; Adultos Jovens – de 20 a 35 anos; Adultos Maduros – de 35 a 50 anos; e Idosos – de 50 anos em diante (BUIKSTRA e UBELAKER, *ibid.*)

Para a degeneração das superfícies articulares têmporo-mandibulares, da coluna vertebral, dos ossos longos, da clavícula, da patela, do calcâneo e astrágalo, e dos metacarpo e metatarso-falangeanas, utilizamos como referência a seguinte gradação: grau zero – não há processo degenerativo; grau 1 – processo degenerativo inicial, com poucos e pequenos osteofitos (até 0,2mm), apresentando uma superfície levemente cortante; grau 2 – processo degenerativo moderado, com osteofitos maiores (de 0,2 a 0,8mm); grau 3 – processo degenerativo grave, com grandes e freqüentes osteofitos (de 0,8 a 1,5 mm); e algumas vezes grau 4 – processo degenerativo muito grave, com acentuada deformação óssea.

Fizemos uma associação dos problemas observados em cada porção articular com a área do corpo atingida, em função de atividades biomecânicas cotidianas, problemas congênitos, lesões traumáticas, seguidas de processos inflamatórios ou infecciosos, etc, a fim de mapear no que tange principalmente a adultos as possíveis áreas com maior recorrência de alterações. Para o Esqueleto Axial, adotamos a seguinte categorização: Pescoço (problemas relacionados às vértebras cervicais); Costas (vértebras dorsais e lombares) e Quadril (5ª vértebra lombar e sacro). Já para o Apendicular, temos a seguinte associação: Membros Superiores – Ombro (alterações na articulação do úmero proximal e clavícula distal), Cotovelo (articulação da ulna e rádio proximais e úmero distal); Pulso (articulações dos carpos com ulna e rádio distais) e Mãos (metacarpos proximais e distais com as extremidades proximais e distais das falanges); e Membros Inferiores – Joelho (alterações do fêmur distal, patela e tibia proximal), Tornozelo (tibia e fibula distais com calcâneo e astrágalo) e Pés (metatarsos proximais e distais e extremidades proximais e distais das falanges) (Figuras 5, 6 e 7).

Durante a análise, fizemos ainda uma distinção entre ossos presentes, ausentes e fragmentados, usando o termo Ausente no caso da total inexistência do osso e não do traço observado, Nob (Não observado) para ossos presentes e fragmentados, cuja porção remanescente não permite a observação do traço desejado e Não para ossos presentes, inteiros, mas que não apresentam o traço observado (exemplos: traço - faceta suplementar da tibia: direita = nob e esquerda = ausente, ou direita = não e esquerda = nob).

No que se refere aos problemas paleopatológicos, “condições que agridem a sobrevivência do indivíduo ou seu bem-estar” (BUIKSTRA e COOK, *ibid.*, p. 46)), e às fraturas, na maioria das vezes relacionadas a lesões traumáticas em função do ambiente habitado e das atividades executadas no cotidiano, seguimos especificamente a metodologia e os exemplos publicados por ORTNER (2003), STEINBOCK (1976), ISCAN e KENNEDY (*ibid.*), AUFDERHEIDE e RODRIGUEZ-MARTÍN (2003), e BUIKSTRA e COOK (*ibid.*).

As linhas de Harris ou faixas de densidade aumentada dentro da cavidade medular, estão associadas com estresse por doença, dieta ou de origem psicológica, sendo que a maior parte delas ocorre durante a infância, podendo ou não persistir até a vida adulta (cf. BUIKSTRA, COOK, *ibid.*, p.53). Todas as tíbias inteiras ou parcialmente fragmentadas do horizonte horticultor do sítio Gruta do Gentio já tinham sido radiografadas e estudadas com este objetivo e seus resultados foram sintetizados através do trabalho monográfico de SILVA (1991) junto a ENSP/FIOCRUZ, que teve como base os trabalhos de GARN (1968), HUMMERT, VAN GERVEN (1985), HUNT JR, HATCH (1981) e MAAT (1984). Após a reanálise dos enterramentos desse sítio, alguns ajustes em termos de caracterização de indivíduo foram feitos para que seus resultados fossem, então, utilizados nesta tese, bem como suas referências bibliográficas.

No caso dos remanescentes ósseos humanos cremados foi empregada a metodologia proposta por MACHADO (1990) que adequou alguns trabalhos próprios de experimentação em laboratório aos procedimentos analíticos *a priori* sugeridos por BABY (1954), BINFORD (1963) e VAN VARK (1970). Segundo KNEIP e MACHADO (1992, p.6-7) e MACHADO (*ibid.*), os ossos humanos sofrem modificações diferentes em relação ao tempo de exposição ao calor e temperatura alcançada pelo fogo. Assim, temos as seguintes alterações de coloração dos fragmentos, a saber: amarelo claro com manchas escuras, em temperatura de 20° a 280 °C, marrom avermelhado, de 285° a 525° C, preto neutro e cinza escuro, entre 525° e 645°C, branco e cinza claro, de 645° a 940°C, apresentando padrão de fracionamento relacionado aos graus de temperatura e à presença ou não dos tecidos moles. Acrescente-se ainda que na análise da prática de cremação, se for o caso, os indivíduos podem ser inseridos em duas categorias: primário (Antes da Decomposição dos Tecidos Moles ou ADTM) e secundário (Pós-Decomposição dos Tecidos Moles ou PDTM).

Quanto à dentição, foram utilizadas fichas de análise padronizadas pelo Laboratório de Antropologia Biológica do IAB, sendo uma para adultos e outra para crianças (Figuras 8 e 9). A metodologia seguida foi aquela apresentada por SCOTT e TURNER II (1997) e BASS (*ibid.*).

Consideramos as seguintes abreviaturas para os dentes presentes a fim de simplificar e facilitar a compreensão dos dados seja ao longo da análise descritiva ou nas tabelas relacionadas ao tema, a saber: Maxila Direita - *ICDSup* – Incisivo Central Direito Superior, *ILDSup* – Incisivo Lateral Direito Superior, *CDSup* – Canino Direito Superior, *PM1DSup* – Primeiro Pré-Molar Direito Superior, *PM2DSup* – Segundo Pré-Molar Direito Superior, *M1DSup* – Primeiro Molar Direito Superior, *M2DSup* – Segundo Molar Direito Superior, *M3DSup* – Terceiro Molar Direito Superior; Maxila Esquerda - *ICESup* – Incisivo Central Esquerdo Superior, *ILESup* – Incisivo Lateral Esquerdo Superior, *CESup* – Canino Esquerdo Superior, *PM1ESup* – Primeiro Pré-Molar Esquerdo Superior, *PM2ESup* – Segundo Pré-Molar Esquerdo Superior, *M1ESup* – Primeiro Molar Esquerdo Superior, *M2ESup* – Segundo Molar Esquerdo Superior, *M3ESup* – Terceiro Molar Esquerdo Superior; Mandíbula Direita - *ICDInf* – Incisivo Central Direito Inferior, *ILDInf* – Incisivo Lateral Direito Inferior, *CDInf* – Canino Direito Inferior, *PM1DInf* – Primeiro Pré-Molar Direito Inferior, *PM2DInf* – Segundo Pré-Molar Direito Inferior, *M1DInf* – Primeiro Molar Direito Inferior, *M2DInf* – Segundo Molar Direito Inferior, *M3DInf* – Terceiro Molar Direito Inferior; Mandíbula Esquerda - *ICEInf* – Incisivo Central Esquerdo Inferior, *ILEInf* – Incisivo Lateral Esquerdo Inferior, *CEInf* – Canino Esquerdo Inferior, *PM1EInf* – Primeiro Pré-Molar Esquerdo Inferior, *PM2EInf* – Segundo Pré-Molar Esquerdo Inferior, *M1EInf* – Primeiro Molar Esquerdo Inferior, *M2EInf* – Segundo Molar Esquerdo Inferior, *M3EInf* – Terceiro Molar Esquerdo Inferior.

De acordo com as variáveis selecionadas previamente e anteriormente descritas, podemos acrescentar que para as cáries foram feitas observações de posição (mesial, distal, oclusal, vestibular e lingual), se na raiz ou no esmalte, tamanho (P = pequena (até 0,2 mm de diâmetro), M= média (de 0,2 a 0,5 mm) e G= grande (de 0,5 mm em diante) e profundidade (medidas variadas). No caso da hipoplasia, as observações de ocorrência foram padronizadas e restritas aos dentes incisivos superiores e caninos inferiores (BUIKSTRA e UBELAKER, *op.cit.*). Para a abrasão dentária, seguimos basicamente os padrões de desgaste descritos por

BASS (*ibid.*, p. 301), não só atribuindo os graus de 0 a 4 por ordem crescente de gravidade do problema, mas descrevendo a posição e direção do desgaste sempre que possível.

Para a doença periodontal, cálculo dentário (vestibular e lingual) e abscessos alveolares usamos a classificação de pequeno (P), médio (M) e grande (G), com base nos autores supracitados, bem como procurando determinar a localização e a extensão da ocorrência. As perdas ante-mortem bem como possíveis ausências congênitas foram sempre assinaladas nas fichas de dentição.

Algumas análises preliminares de certas categorias de vestígios do contexto funerário foram realizadas por nós, com base em nossa experiência e em referências metodológicas adequadas. Para a tecelagem e instrumentos associados, os trançados de palha, a arte plumária, os adornos vegetais e instrumentos de sonorização aplicamos a terminologia de ADOVASIO (1977), EMERY (1966) e RIBEIRO (1980, 1988); para a identificação de espécies vegetais ou botânicas relacionadas a frutos, folhas e sementes, utilizamos o artigo de BIRD, DIAS JR e CARVALHO (1991), complementado por DIAS JR (1991, 1993) e SEDA (1998) já publicados sobre a Gruta do Gentio II. Quanto aos vestígios culturais confeccionados sobre ósseo animal e malacológico, foi seguida a metodologia proposta por ANDRADE LIMA (1991), CARVALHO (1984) e ROHR (1977).

A análise dos acompanhamentos funerários líticos foi realizada pela Profa. Dra. Rosângela Menezes, Pesquisadora Chefe do IAB e Responsável pelas Análises de Material Lítico. Segundo ela, para a leitura do material da Gruta do Gentio II vem sendo utilizada a metodologia base organizada para o estudo do material proveniente dos sítios arqueológicos pesquisados pelo IAB na região norte-mineira, respaldada pela suas experiências de campo e laboratório. Tal metodologia foi elaborada com apoio de diversos estudos sobre a tecnopolítica lítica, incluindo LAMING-EMPERAIRE (1967), SEMENOV (1973), BRÉZILLON (1977), TIXIER, INIZAN E ROCHE (1980), MORAIS (1983, 1987), acrescentando ainda aqueles organizados por PROUS e MALTA (1991) e PROUS e RIBEIRO (1996/97) que abordam indústrias líticas de sítios de Minas Gerais e os de PROUS (1986/90, 2004) do qual foi utilizada boa parte da terminologia, de forma a facilitar futuras comparações.

Para as dimensões das peças líticas foram considerados os comprimentos, a largura e a espessura máximos. Para os objetos utilizados brutos (seixos, blocos e picoteados/ polidos) anotou-se também o peso.

Os vestígios cerâmicos foram previamente analisados pelo Prof. Dr. Paulo Seda, Pesquisador Chefe e Diretor de Pesquisas do IAB, com a colaboração de Denise Chamum Trindade, Pesquisadora-Assistente do IAB, tendo a nossa participação e a da pesquisadora Laura da Piedade Ribeiro da Silva. A base metodológica foi aquela publicada por MEGGERS (1970).

Uma análise prévia dos invertebrados coletados exclusivamente encontrados em área de cova funerária foi realizada pela Profa. M. Lúcia Pangaio Seda, Bióloga e Pesquisadora Chefe do IAB, com a colaboração da Pesquisadora Laura da P. Ribeiro da Silva, tendo utilizado a metodologia aplicada à entomologia a partir de BUZZI (1999) e CARREIRA (1980).

Assim, detalhamos a base metodológica desta tese, pois consideramos que os métodos são mais que meramente quantitativos, os métodos formais são caracterizados pela combinação de abstração, sistematização e exatidão. Ao nosso ver, os métodos, ao mesmo tempo, que permitem a obtenção dos dados e informações a partir de um corpo teórico previamente definido, também são os que viabilizaram a transformação dos dados (observações arqueológicas) em fontes de conhecimento (interpretação) (cf. DORAN, 1986, p.21 *apud* COWGILL, 1989, p.74)

4. O CASO ESTUDADO

A equipe do Instituto de Arqueologia vem realizando prospecções na região do vale do São Francisco, Minas Gerais, desde 1970, dentro do Programa de Pesquisas Arqueológicas no Vale do São Francisco - PROPEVALE, priorizando uma abordagem extensiva dessa imensa região que abrange os principais afluentes de ambas as margens do citado rio.

O Vale do São Francisco apresenta peculiaridades que justificam este interesse e a suposição de sua importância para o povoamento pré-histórico mineiro: suas nascentes distam muito pouco da bacia do rio Grande que, correndo para o sul, é um dos formadores do rio Paraná, enquanto afluentes de seu médio curso, como o rio Urucuia, por exemplo, nascem na mesma região de formadores do rio Tocantins (Bacia Amazônica). De outro lado, afluentes de sua margem direita se aproximam de formadores do rio Paraíba, ao sul e do rio Jequitinhonha, ao norte. O próprio São Francisco corta o estado da Bahia onde, ao contrário de Minas Gerais, já havia ocorrido pesquisas, fornecendo um primeiro quadro da ocupação regional (SEDA, 1998, p. 81).

Devido ao grande número de sítios encontrados, o citado programa foi desdobrado, em 1980, num outro — de interesse específico nas grutas da região — o Programa Grutas Mineiras. Através de “frentes operacionais de pesquisas” sucessivas, muitos sítios arqueológicos importantes foram descobertos, dentre os quais o sítio arqueológico Gruta do Gentio II (DIAS JR, 1976/77, DIAS JR, CARVALHO e CHEUICHE, 1976, MACHADO, 1992).

Os referidos autores apontam para um recuado passado pré-cerâmico na área do São Francisco, devido aos inúmeros dados provenientes de pesquisas no alto vale do rio das Velhas, demonstrando que as cavernas calcárias da série “Bambuí” têm sido ocupadas há milênios por grupos caçadores-coletores.

4.1 O SÍTIO ARQUEOLÓGICO GRUTA DO GENTIO II

O sítio Gruta do Gentio II (MG-RP-6) foi descoberto durante a Frente Operacional VII do PRONAPA, em 1973, que abrangeu os municípios de Paracatu e Unaí. Durante essa etapa, o citado sítio foi um dos que mais se destacou devido à ocorrência de artefatos de cabaça, cestaria, fibras vegetais, além de cerâmica e lítico, logo nos primeiros níveis deposicionais.

Segundo DIAS JR. (*op.cit.*), BIRD, DIAS JR. e CARVALHO (*op.cit.*) o sítio, localizado na fazenda Vargem Bonita, município de Unaí, noroeste do estado de Minas Gerais, possui 200 m² de área interna e situa-se num paredão calcário com cerca de 2,5 Km de extensão, no qual há outras inúmeras cavernas e abrigos, algumas delas com evidências arqueológicas e todas voltadas para oeste. O córrego mais próximo é o Canabrava, que dista cerca de 500 m do sítio (Figuras 10, 11 e 12).

A Gruta do Gentio II (16° 15' S / 46° 02' W) compõe-se de três aberturas, sendo que a maior ocorrência de vestígios arqueológicos concentra-se no salão central, que durante o inverno é abastecido por luz solar quase todo o dia. Este, com abertura superior a 3 metros, foi parcialmente entulhado ao longo de milênios por sucessivos desmoronamentos. Possui cerca de 16 metros de comprimento no sentido norte/sul por 12 metros no sentido leste/oeste. Os sedimentos, com exceção de algumas rachaduras no piso da rocha base, que abriram verdadeiros escoadouros, acumularam-se de permeio, ao longo da ocupação humana, que nunca dispôs de espaço muito amplo para permanência.

Após a sondagem inicial em 1973, quando foi descoberto, o sítio arqueológico Gruta do Gentio II passou por quatro etapas de escavação (1976, 1977, 1984, 1987) durante as quais foram decapados cerca de 140 m² do sítio.

A estratigrafia do sítio ficou subdividida em quatro camadas ocupacionais, para as quais foram obtidas algumas datações, a saber:

CAMADA IV – camada mais antiga, associada ao horizonte caçador-coletor, de coloração marrom escura, bastante compacta, com espessura ao redor de 10 cm. Foi datada em 10.190 ± 120 anos A.P. (SI 6837).

CAMADA III – camada intermediária, associada ao horizonte caçador-coletor, de coloração avermelhada com intromissões de pequenas lentes esbranquiçadas e de carvão. Fortemente compactada, está restrita à área mais interna do sítio, onde atingiu 40 cm de espessura. Em alguns trechos, repousa diretamente sobre a base rochosa. Cinco datações inserem-na entre 8.595 ± 215 anos A.P. (SI 5077) e 9.040 ± 70 anos A.P. (BETA 3520), sendo as demais intermediárias.

CAMADA II – camada mais recente associada ao horizonte caçador-coletor, com coloração avermelhada, com lentes espessas de coloração esbranquiçada nas extremidades superior e inferior. É menos friável que a camada anterior e possui áreas mais compactadas. As lentes mais superficiais correspondem a níveis de abandono da gruta. Foram obtidas quatro datações que a situam entre 7.295 ± 150 anos A.P. (SI 2372) e 8.125 ± 120 anos A.P. (SI 2373), as demais, por sua vez, possuem mais de oito mil anos.

CAMADA I INFERIOR – camada mais antiga do horizonte horticultor, com coloração levemente avermelhada, próxima à base em alguns setores. É muito friável e homogênea e está presente em toda a área central, chegando a atingir 110 cm junto à boca, devido à inclinação externa e desmoronamentos pontuais. Diminui gradativamente em direção ao fundo da gruta. É muito abundante em vestígios culturais. Sua datação ficou em 3.490 ± 120 anos A.P. (SI 2788), associada ao setor NA-1, nível 15cm.

CAMADA I SUPERIOR – camada mais recente do sítio, pertencente ao horizonte horticultor, de coloração acinzentada, homogênea e muito friável. Presente em toda a área central, possui a espessura máxima de 30cm em alguns pontos da Gruta, chegando a atingir 40 cm junto à boca, em decorrência de desmoronamentos. Tende a adelgaçar-se para o interior. É também muito abundante em vestígios culturais. Para ela, foram obtidas duas datações de 410 ± 60 anos A.P. (SI 6835) no setor NB-0, nível 10 cm, e 1.820 ± 75 anos A.P. no setor OB-2, nível 10 cm¹ (Figura 13).

De acordo com BIRD, DIAS JR e CARVALHO (*ibid.*, p.17), ocorreram no local dois horizontes culturais e cronológicos bem definidos. O primeiro, mais recente, compreendendo a Camada I, relaciona-se a uma ocupação de horticultores ceramistas, vinculada à Fase Unaí,

¹ As datações foram submetidas por DIAS JR e CARVALHO à Dra. Betty Meggers do Smithsonian Institution.

cujas características gerais se enquadram nos padrões da Tradição Una², composta de vestígios complexos de cestaria, fiação e tecelagem, utensílios e implementos de materiais variados como osso, cabaça, couro e madeira, adornos de plumária, conchas, ossos e lítico, cerâmica, artefatos de pedra, além de um grande número de enterramentos, muitos dos quais parcialmente mumificados e cremados, muitos coprólitos e insetos (cf. MACHADO *et alii*, *op.cit.*, MACHADO, 1992). O segundo e mais antigo, compreendendo às demais camadas habitacionais (II a IV), corresponde às ocupações de caçadores-coletores, com predominância de implementos líticos, fogueiras com restos alimentares e sem ocorrência de enterramentos.

Entre estes dois horizontes, ocorreu um período de abandono do sítio, enfatizado pela ausência de carvões para datação e de vestígios de ocupação humana, correspondendo a um lapso de tempo de cerca de 3.500 anos.

Nesta gruta, existem também sinalações rupestres, merecendo destaque o fato de que após as decapagens das camadas arqueológicas foram encontrados pingos de tinta vermelha na base rochosa do sítio (DIAS JR, *op.cit.*, SEDA, 1981/82). Segundo SEDA (*ibid.*) a técnica de execução das sinalações é a linear, como a linear-cheia ou a silhueta, empregada em figuras antropomorfas, zoomorfas e geométricas muito pequenas, tendo como cor principal o vermelho do ocre.

Acrescente-se ainda que através da análise de alguns coprólitos humanos, ficou comprovada a presença de ancilostomídeos e de *Trichuris trichiura*. Não se trata de um achado de pouca importância, pois coloca em dúvida a clássica teoria segundo a qual o *Ancylostoma duodenale* teria sido introduzido nas Américas no período histórico. Como este parasita, originário do Velho Mundo, não poderia ter sobrevivido a uma viagem através das regiões frias, sua existência pré-histórica no novo continente sugere que este recebeu levas de imigrantes tropicais por via marítima, e não exclusivamente populações chegadas pelas terras frias do estreito de Behring (MACHADO, ARAÚJO, *et alii*, 1981/82, GONÇALVES, ARAÚJO, *et alii* 2003).

² Para maiores informações ver DIAS JR, CARVALHO e CHEUCHE, *op.cit.*, PROUS, *op.cit.*.

5. NATUREZA DAS FONTES

As fontes utilizadas foram subdivididas em duas categorias, a saber: fontes de caráter textual e fonte documental arqueológica.

5.1 FONTES DE CARÁTER TEXTUAL

Referem-se aos postulados teóricos sobre os quais está assentado este trabalho bem como aqueles utilizados na composição de sua estrutura metodológica. Algumas informações introdutórias foram de caráter geral, outras refletem as vinculações teóricas do trabalho e a maioria delas, a temática dos rituais funerários e remanescentes ósseos e dentários dentro da perspectiva do estudo de gênero.

Ademais, também corroboraram para este trabalho dados antropológicos e etnográficos provenientes de estudos de grupos tribais, a fim de que contribuíssem para a ampliação de nossas possibilidades interpretativas.

5.2 FONTE DOCUMENTAL ARQUEOLÓGICA

Consideramos como fontes documentais arqueológicas deste estudo todos os vestígios arqueológicos relacionados aos rituais funerários (vegetais, adornos, cerâmica, objetos líticos, etc) e os remanescentes ósseos e dentários de mulheres, homens, adolescentes e crianças, exclusivamente associados ao horizonte horticultor do sítio arqueológico Gruta do Gentio II (MG-RP-6) ao longo das quatro etapas de escavações (1976, 1977, 1984, 1987) no local. Tais fontes constituíram a base de nosso trabalho de análise e interpretação.

PRIMEIRA PARTE

**AS SOCIEDADES HORTICULTORAS:
UM OLHAR ANTROPOLÓGICO E ARQUEOLÓGICO**

CAPÍTULO I

A ESTRUTURA SÓCIO-CULTURAL DAS SOCIEDADES HORTICULTORAS: GÊNERO, SIMBOLISMO E CULTURA MATERIAL

O que é importante é a nossa vida, o nosso costume.
Nós temos tudo.

Wayrotsu, do povo Xavante.

Entende-se por sociedades horticultoras aquelas inseridas na categoria social de tribo, sendo assim consideradas pela maioria dos antropólogos e arqueólogos. Há de se fazer, contudo, uma distinção entre os termos horticultura e agricultura, ou seja, quanto ao primeiro, consideramos que a produção de vegetais e cereais ainda está em fase inicial de domesticação, tendo como única finalidade a subsistência do grupo, pois não há acúmulo de excedentes nem a ocorrência de práticas comerciais intensivas. Segundo CONKEY (1993b, p.59), são consideradas horticultoras aquelas sociedades que cultivam plantas com uma tecnologia simples.

Na agricultura, por sua vez, a produção de vegetais e especialmente cereais já suplantou a fase experimental, sendo realizada em grande escala, não só visando alimentar um grupo em plena expansão demográfica, mas também produzir excedentes a fim de manter uma vigorosa rede de comércio regional.

A classificação de um grupo como horticultor não pretende em nenhum momento desmerecer o esforço empenhado por ele no processo de domesticação de plantas, mas apenas distinguir as diversas etapas percorridas pelos grupos humanos até atingirem o *status* de agricultores. Várias pesquisas arqueológicas têm demonstrado isto ao longo dos anos, por exemplo, em Rancho Peludo, na Venezuela e em Momil, na Colômbia, onde os vestígios de uma cultura de mandioca foram descobertos debaixo do nível de cultura do milho. Na Tailândia, numa caverna, foram encontradas ervilhas cultivadas, favas e raízes de plantas tropicais, com datação

pelo C14 em torno de 9.000 anos A.P. (MACHADO, 1984). “Há, pois, uma distinção entre cultivo de plantas e domesticação de plantas; as atividades de cultivo são evolutivamente anteriores aos processos biológicos de domesticação de plantas” (HAALAND, 1997, p.375).

No que se refere à caracterização de tribo, MANDELBAUM (1982, p. 391) assinala que quando as famílias de uma comunidade local fazem parte de uma unidade social maior, composta por várias comunidades diferentes, podemos considerar que essa unidade pode ser definida como tal. O autor acrescenta ainda que as comunidades que formam uma tribo comumente ocupam o mesmo território geral, falam a mesma língua e seguem os mesmos modos de vida.

A base importante para a existência da tribo não é a presença de qualquer um desses fatores. É a combinação de todos eles que dá a cada um a sensação de pertencer ao mesmo grupo com os demais homens e mulheres da tribo. Os verdadeiros laços que mantêm unido qualquer grupo são as atitudes que os indivíduos desse grupo têm uns para com outros. São os padrões de comportamento de ajuda mútua, de cooperação que constituem demonstrações concretas dessas atitudes (*id., ibid.*, p.391).

Segundo SEEGER (1980, p.45 *apud* RIBEIRO, 1987b, p.25), os Suyá, grupo tribal brasileiro, por exemplo, definem-se como uma tribo diferente em relação aos outros grupos por usarem discos nos lábios e nas orelhas e por cantarem num estilo especial. Afirmam que nenhum outro grupo possui esses três atributos juntos e, por isso, não é igual a eles. No Brasil Central, por exemplo, os diferentes estilos de corte de cabelo vêm a ser o principal meio de distinguir uma tribo da outra.

WENKE (1990, p.283), por sua vez, enfatiza que o termo tribo é o mais ambíguo utilizado pelos antropólogos a fim de rotular os agrupamentos sociais que são maiores que os bandos, embora, muitas vezes, não apresentem uma maior complexidade em relação à economia, hierarquias sociais, leis, etc. As pessoas que vivem em tribos são frequentemente horticultoras, tais como os índios Pueblo, tribo do sudoeste americano.

RENFREW, BAHN (*op. cit.*, p.168) acrescentam que as tribos correspondem “geralmente às sociedades multicomunitárias, representadas por comunidades distintas integradas dentro de sociedades mais amplas, através dos laços de parentesco, cuja dieta tem como base as plantas cultivadas e os animais domesticados”. BATE (1989, p. 19), no entanto, acredita que a produção de alimentos não é a que mais caracteriza uma comunidade tribal. Para ele, a organização tribal estrutura-se nas relações de parentesco que, em parte, regulam a distribuição das forças de trabalho.

A sociedade tribal, em síntese, pode ser caracterizada como aquele tipo de organização humana que possui certo grau de poder de intervenção sobre a natureza, e tem conhecimentos que a permite intervir nos processos de reprodução de plantas ou animais. Em maior ou menor grau, depende para sua sobrevivência da própria capacidade de produzir alimentos, seja através da horticultura (ou, em grau complexo, a agricultura) ou do pastoreio (este último muito raro na América pré-histórica). Mesmo que fatores de produção mais antigos, vindos das fases de caça e coleta (sociedades de bandos), permaneçam importantes como fornecedores de proteínas e vitaminas, a dependência do uso do solo é fundamental (DIAS JR., 1976/7., p. 119).

Mesmo com a produção de alimentos em pequenas hortas (horticultura), a caça e a coleta continuaram a fornecer a maioria dos elementos necessários à dieta das populações. Isto só se modificou com o aumento populacional decorrente de um longo processo e, mesmo assim, a caça e a coleta não foram totalmente abandonadas, apenas mudaram de posições nas estratégias de subsistência das sociedades horticultoras.

Pesquisas arqueológicas de JUNQUEIRA e MALTA (1981/2), no Vale do Peruaçu, destacam o milho como a espécie vegetal mais abundante. Esta e outras espécies vegetais e demais vestígios culturais foram encontrados em depósitos cujas sementes, ali colocadas, seriam provavelmente utilizadas no plantio durante a estação chuvosa. Isto, então, demonstra o caráter também sazonal de certas comunidades horticultoras, especialmente as das proximidades do rio São Francisco onde as características peculiares a cada estação do ano encontram-se bem marcadas.

Os Machiguenga, por exemplo, enquanto grupo horticultor, possuem um padrão de assentamento semi-sedentário, baseado em unidades domésticas isoladas umas das outras por grandes extensões de floresta ou distribuídas em conjuntos de três a cinco unidades, cooperando uns com os outros. A escolha e o tempo de permanência num local estão relacionados à escassez ou abundância de recursos disponíveis. Em virtude das mudanças constantes, sua densidade populacional é baixa, muito semelhante àquela dos caçadores-coletores (JOHNSON e EARLE, 1987, p.65).

Segundo autores, o trabalho é organizado de tal forma que duas ou três pessoas cuidam de suas hortas (altamente produtivas), enquanto os outros vão à procura de outros alimentos, tais como caça, peixe e insetos. Ainda que os homens e mulheres façam uma variedade de trabalhos como plantio, coleta e itens manufaturados, a divisão do trabalho entre os sexos é tão forte que eles raramente trabalham juntos.

Os Machiguenga não possuem especialistas em uma ou outra atividade, mas como em qualquer sociedade, há sempre pessoas que trabalham melhor que outras. Os mais velhos sempre ensinam os mais jovens; assim, depois da idade de 5 ou 6 anos as crianças já passam a participar das atividades domésticas e a partir de 12 anos, os meninos e meninas já são capazes de executar a maioria dos trabalhos feitos pelos adultos de seus respectivos sexos. As mulheres mais jovens sempre estão envolvidas em trabalhos na aldeia, no plantio e na coleta, já as mais velhas ficam nas unidades domésticas, organizando o trabalho de suas crianças e concentrando-se na manufatura artesanal.

Os alimentos provenientes do plantio fornecem uma grande quantidade de energia e garantem a presença do alimento ao longo do ano, já que a superprodução na colheita de raízes não significa desperdício, pois estas podem ser estocadas no próprio solo até que necessitem. No entanto, nem sempre há excedente de produção, devido à baixa fertilidade do solo amazônico, causada pelo cultivo contínuo das inúmeras populações horticultoras que lá vivem, cuja recuperação do solo requer longos períodos de descanso. As deficiências nutricionais de grupos horticultores extensivos, principalmente nas regiões tropicais, como os Machiguenga, são compensadas com a coleta de plantas silvestres.

A partir de JOHNSON, EARLE (*ibid.*, p.103-10), tomamos conhecimento de uma outra forma de organização social entre as populações horticultoras, a de grupos locais. A vida cerimonial, por exemplo, passa a refletir variáveis sociais e econômicas importantes e, quando um grupo desta ordem se agrupa, a vida cerimonial é intensa. Algumas atividades cerimoniais são realizadas apenas para desfazer tensões entre facções do grupo, o que não parecia ocorrer entre aqueles de nível familiar. Ademais, nessas comunidades a realização de cerimônias tinha objetivos diferentes daqueles vislumbrados entre os grupos exclusivamente caçadores coletores.

No grupo local, observa-se uma maior necessidade de liderança e o controle centralizado de recursos, de capital produtivo, de trabalho, de áreas de armazenamento e objetivos de uso geral. Seus membros passam a apreciar roupas mais elaboradas, alimentos especiais, várias esposas ou outro elemento que demonstre *status*. Os sistemas culturais persistem enquanto se renovam os indivíduos que ocupam lugares específicos em suas estruturas. Estas posições no sistema e em um determinado momento caracterizam o *status*. “Todo *status* está ligado a uma função em particular” (LINTON, 1945, p. 86).

Em cada grupo social, do menor ao maior, há diferentes *status*. Os indivíduos não têm os mesmos papéis. Cada *status* requer do indivíduo que o ocupa o cumprimento de certas obrigações em relação aos demais membros do grupo, habilitando-o a certos direitos (MANDELBAUM, *op.cit.*, p. 40).

Nas sociedades horticultoras, a maioria da produção, quer se origine da caça, da coleta, da lavoura ou do artesanato, existe porque faz parte do *status* tradicional daquele homem ou mulher caçar, plantar ou fazer cestos — comportamento aprendido. Tudo que é feito é compartilhado com os demais de acordo com o *status*. Assim, as relações de *status* determinam a produção e a distribuição.

Em algumas sociedades do Pacífico Sul, por exemplo, o homem não trabalha para alimentar seus próprios filhos, mas para alimentar os filhos de sua irmã; seus filhos são alimentados pelo irmão de sua mulher. Em certas comunidades horticultoras da Melanésia, seus membros levam algumas de suas melhores batatas doces e colocam-nas no “celeiro” do chefe. À medida que elas vão se acumulando, todos se enchem de contentamento com a riqueza e a

produção da comunidade, o que resulta em glória e crédito a todos. Durante determinada festa, o chefe redistribui as batatas, algumas para visitantes e outras para os próprios membros do grupo (REDFIELD, 1982, p.452).

Os Yanomamo da Venezuela também apresentam esse tipo de estrutura cultural, à exceção de seu envolvimento freqüente em lutas que provoca uma considerável elevação de sua taxa de mortalidade. Autores como HARRIS (1974) e CHAGNON e HAMES (1979) (*apud* JOHNSON, EARLE, *op. cit.*) que os estudaram, acreditam que a elevada densidade populacional regional conduza à competição pelos recursos escassos do local e, conseqüentemente, às constantes guerras entre eles.

Os Yanomamo dependem principalmente da coleta de alimentos silvestres (frutos e raízes) bem como da caça, mas têm algumas restrições alimentares. Um dos principais tabus é aquele contra a caça desnecessária de qualquer animal, pois eles são escassos e não devem ser desperdiçados. Alguns frutos provenientes da coleta são desidratados e guardados em cavernas. Há ainda determinados tipos de alimentos que são obtidos unicamente para as refeições durante festas e cerimônias entre aldeias vizinhas.

Sua atividade de plantio utiliza a técnica de coivara. Na medida em que as colheitas são importantes para a subsistência do grupo, há um grande intercâmbio de espécies entre as comunidades locais, o que permite que elas supram as necessidades de seus membros durante todo o ano. Mesmo as hortas adjacentes às antigas aldeias (já abandonadas) são constantemente visitadas, pois continuam produzindo ininterruptamente durante anos.

As limitações, impostas pelo meio geográfico, e as técnicas usadas para tirar dele aquilo de que necessitam para viver, se ligam intimamente com a forma que toma a organização de suas sociedades (MELATTI, 1987, p. 57).

O comércio também é muito importante para os Yanomamo, já que é através dele que eles obtêm itens do seu interesse. Assim, o comércio representa uma parte significativa da rede de aliança que promove a paz na região.

JOHNSON e EARLE (*ibid.*, p.113) acrescentam que socialmente tanto os Yanomamo como os Machiguenga têm na família sua unidade primária e as relações de parentesco buscam organizar e estruturar a vida social.

MELATTI (*ibid.*), ao estudar vários grupos tribais brasileiros, sistematizou uma série de características que ao mesmo tempo apresenta homogeneidade e heterogeneidade. As descrições sobre a organização de gênero, por sua vez, são sempre feitas de forma geral, como se fossem as mesmas para todos os grupos tribais.

A maneira pela qual uma sociedade está organizada reflete o estado de sua tecnologia e suas relações com o meio geográfico. Desse modo, é fácil demonstrar que as sociedades indígenas brasileiras têm pequena população, não dispõem de uma divisão profissional do trabalho, reduzem o comércio entre seus membros ao mínimo, não estão divididas em camadas hierarquizadas, porque sua tecnologia não permite a produção de alimentos em abundância e, sendo tão rudimentar, pode ser dominada igualmente por todos os indivíduos, os quais, por produzirem as mesmas coisas, não têm necessidade de trocá-las e, por produzirem pouco, não livram uma parte de sua população das tarefas de obtenção de alimentos, impedindo a formação de uma camada dominante constituída por guerreiros ou sacerdotes (*id.*, *ibid.*, p. 72).

Do ponto de vista da organização social do trabalho, o autor anteriormente citado assinala que entre os Xavante e os Timbira algumas atividades coletoras cabem às mulheres; já outras, como a extração de mel das colméias, por exemplo, é sempre executada pelos homens. Cabem a elas também as atividades culinárias, o cuidado das crianças, bem como o compartilhamento das tarefas de plantio e colheita com os homens.

Entre os Krahó, por exemplo, também existe uma divisão das atividades cotidianas quanto ao gênero e à idade. Assim, cabem aos meninos e velhos carregar as armas e a carne para a aldeia, enquanto os caçadores entram na aldeia participando de uma corrida de toras.

HAALAND (1997), GERO (1992) e WRIGHT (1991), com base em material etnográfico de populações sedentárias, consideram o manuseio de alimentos e a preparação de comida como atividades eminentemente femininas. Neste sentido, parece mais provável pensar que foi dentro dessa esfera feminina de atividades que uma importante invenção/inação aconteceu quando o fogo foi aplicado à argila a fim de fazer potes. “É a mulher que transforma o produto natural em alimento (produto cultural)... com a inováção da cerâmica, o pote passa a ser crucial nesta transformação” (LUPTON, 1996, p.17).

Se alguém olhar para um corpo como um recipiente e para um pote como recipiente, uma associação metafórica entre corpos femininos e potes está à mão... Um valor simbólico é desempenhado pela boca como a passagem do exterior do corpo ao interior: a boca como uma zona limítrofe — uma curiosa relação entre o interno e o externo — um lugar tanto para entrada de comida como de passagem de palavras. Provavelmente não seja arbitrário que em muitas culturas é na “boca” dos potes onde é dada maior atenção no que se refere à decoração ou à forma (*id., ibid.*, p.8).

WÜST (1992), através de seu estudo sobre os grupos tribais Borôro do Brasil Central, acrescenta que a “pesquisa arqueológica dos grupos ceramistas oferece um potencial significativo, na medida em que estas sociedades parecem situar-se ao longo de um *continuum* entre uma organização tribal e a de chefias emergentes”. No caso Borôro, a cerâmica está relacionada à idéia de identidade cultural.

Em um estudo sobre os Zafimaniry, de Madagascar, BLOCH (1995a) encontrou a mulher associada com a fogueira e os objetos ao redor da mesma, especialmente com os potes cerâmicos para cozimento, que eram usados simbolicamente para definir casamento. Assim, “a diferenciação entre o lado de dentro e o de fora da casa freqüentemente marca as relações sociais: as mulheres associadas com o interior e os homens com o exterior” (BOURDIEU, 1970 *apud* HAALAND, *op.cit.*, p. 382).

Entre os Hopi, grupo do Sudoeste Americano, o papel da mulher na moagem e produção da “refeição do milho sagrado”, símbolo da vida espiritual e natural, é crucial em todas as

cerimônias tanto quanto na vida em geral. Assim, homens e mulheres participam juntos em rituais que acontecem dentro do espaço doméstico. “Conseqüentemente, ao invés de ter estruturas hierárquicas separadas, homens e mulheres participam do mesmo sistema hierárquico, mesmo que desempenhando diferentes papéis” (VAN POOL e VAN POOL, 2006, p.55).

É importante lembrar que muitos estudos antropológicos demonstram que as relações de gênero permeiam outras relações sociais. Percebe-se, então, que em algumas sociedades horticultoras, mesmo aquelas atividades definidas como eminentemente masculinas ou femininas, contam não só com a ajuda de um ou de outro, mas também com o auxílio de crianças de uma faixa etária específica.

O mundo Kayapó, por exemplo, como o dos povos Jê em geral, é marcado pela oposição dia e noite, preto e vermelho, sol e lua, chuva e seca, homem e mulher. Há oposição até na construção de suas aldeias. O centro é o lugar dos homens, onde se localiza a casa dos solteiros, lugar das reuniões e da confecção de artesanato. Na parte externa, ficam as mulheres, onde a mulher exerce sua autoridade. A direção da aldeia segue a mesma regra, ou seja, uma metade assume durante a estação seca e a outra durante a chuvosa. Assim, os opostos, ao invés de provocar disputas, tornam-se complementares. Entre eles, os opostos não se excluem, completam-se (PREZIA, HOORNAERT, 2000).

Com o sedentarismo, um número crescente de atividades e costumes culturais passou a ser empreendido ao redor das fogueiras ou fogões permanentes, especialmente entre populações horticultoras e agricultoras. Não que isto não acontecesse entre os grupos caçadores-coletores, é evidente que sim. O fato é que o processo de sedentarização das populações humanas, iniciado com o cultivo de plantas, trouxe maior estabilidade alimentar, um crescente aumento populacional e, conseqüentemente, maior disponibilidade de tempo e energia para o exercício das atividades sociais e artesanais, tendo como espaço principal o entorno da(s) fogueira(s) — “imagem central e ponto principal da casa” (CARSTEN e HUGH-JONES, 1995b).

É junto às fogueiras que os diferentes elementos que entram na casa — a carne e o vegetal, o parente e o afim, o semelhante e o diferente — são realmente

misturados e harmonizados, verdadeiramente *cooked together*... A fogueira é tanto literal quanto figurativamente o lugar onde tais transformações realmente acontecem (*id., ibid.*).

Dados os inúmeros estudos etnográficos e antropológicos, sabe-se que os conhecimentos e as habilidades dos grupos horticultores com respeito à caça, pesca, coleta, produção artesanal, astronomia e mesmo ao âmbito metafísico eram extremamente diversificados. Quanto às habilidades artesanais, por exemplo, percebe-se que a variedade e qualidade da cultura material dessas populações indígenas eram muito grandes; mesmo em se tratando de habitantes de territórios muito próximos, observam-se estilos completamente diferentes.

Os horticultores da região Centro-Oeste produzem peças de cerâmica muito simples, se comparadas à complexidade dos trabalhos de cestaria e plumária. Os cocares Kayapó, Borôros e Karajás são de grande beleza, combinando fios de algodão e penas de diversas cores, cuja disposição e combinação possuem significados relacionados tanto à identificação individual quanto grupal (PREZIA, HOORNAERT, *ibid.*). Tais produções culturais de grupos indígenas atuais do tronco lingüístico Macro-Jê, parecem conservar as tradições artesanais semelhantes àquelas encontradas em sítios arqueológicos da mesma região, especialmente as evidenciadas no sítio arqueológico Gruta do Gentio II.

A forma de comunicar toda a trama de interações que envolve um elemento da cultura material é através de sua contextualização. Com isso, se entende a explicitação não só dos processos de manufatura, dos modos de uso, dos materiais constituintes, mas também das idéias e comportamentos associados. Trata-se de sistemas nos quais o objeto é parte integrante, mas extravaza sua dimensão física (...). O artefato ajuda a compreender a sociedade e a cultura como um todo, ou um determinado momento do *continuum* cultural (RIBEIRO, 1992, p.116).

A materialização do corpo humano também é muito freqüente nas atividades artísticas dos povos indígenas. Muitas vezes, ocupam horas para ressaltar sua beleza e conferir atributos que os diferenciam entre si, dos outros grupos e dos próprios animais. Assim entre os Kaiapó, por

exemplo, a pintura corporal é feita exclusivamente pelas mulheres, e as crianças são pintadas desde o nascimento, pois ela expressa o *status* humano (PREZIA, HOORNAERT, *ibid.*, p.54).

No que se refere às relações de poder e prestígio entre os membros de uma tribo, sabe-se, a partir do ponto de vista da antropologia, que o chefe de uma aldeia não é o senhor absoluto e, provavelmente, não o era também no passado. A forma como ele é escolhido varia de grupo para grupo e suas atribuições relacionam-se à indicação de locais para onde o grupo deve mudar, conduzir os índios à guerra, conservar as tradições tribais, indicar que atividades devem ser desenvolvidas diariamente, receber e enviar mensageiros, etc.

Há chefes porque há, em muitos grupos, homens que, ao contrário da maioria dos seus companheiros, gostam de prestígio por si mesmo, sentem um forte apelo à responsabilidade e para quem o fardo da questão pública traz gratificação pessoal (LÉVI- STRAUSS, 1944, apud ORME, 1981, p.138).

Entre os Krahó, por exemplo, cabe ao chefe zelar pela paz dentro da aldeia, além de participar de todas as atividades do grupo como qualquer outro membro, ou seja, caçar, pescar, plantar, coletar, fazer objetos. Mesmo ocupando uma posição de destaque perante os membros do grupo, não se dá ao direito de acumular mais bens que os demais (MELATTI, *op.cit.*).

WENKE (*op. cit.*, p.283) acrescenta que um líder tribal geralmente redistribui a comida e preside as atividades cerimoniais, mas, como nas sociedades caçadoras-coletoras, ele não tem acesso privilegiado à riqueza ou ao poder.

Além da figura do chefe, sugere-se ainda que a supremacia de determinados indivíduos (ou grupos de indivíduos) em certas atividades cotidianas contribuiria para a criação e o fortalecimento de “poderes e prestígios paralelos” aos tradicionalmente pré-estabelecidos. Em todas as sociedades, o gênero constitui uma divisão social significativa, que é freqüentemente caracterizada por uma distribuição desigual de poder e *status* (CANNON, 1991, p.147).

As comunidades indígenas horticultoras também possuem ritos, comportamentos individuais ou coletivos que têm regras determinadas pela tradição ou religião, e mitos, narrativas

que explicam a origem do mundo e dos seres. Na maioria das vezes, os ritos acompanham as fases da vida do indivíduo desde a gestação, passando pelo nascimento, vida adulta, casamento até sua morte. Há, contudo, outros, relacionados à plantação, colheita, caça e guerra, durante os quais há inúmeras e prolongadas festividades (PREZIA, HOORNAERT, *ibid.*, p.61-8).

Os *Enawene-Nawe*, tribo de língua *Aruak*, habitante da região de transição entre o cerrado e a floresta, no estado do Mato Grosso, dividem o seu ciclo vital em dois momentos: um primeiro que define os indivíduos como “crianças” (*diñoa*), do período intra-uterino à puberdade, e um segundo, que os classifica como “adultos” (*enahare/enahalo*, lit. “aqueles/aquelas que sabem”). A passagem à vida adulta é socialmente marcada por emblemas da sexualidade e da capacidade reprodutiva de ambos os sexos: o estojo peniano (*olokoiri*) e as tatuagens no ventre e nos seios (*hihõtati*), que sinalizam plasticamente a relação de gênero. Esses adornos, de imenso valor na economia simbólica *enawene-nawe*, são adquiridos através do que podemos denominar “ritos de sexualidade” (SILVA, 2001, p.44-5).

Temos de compreender que todas as manifestações de uma sociedade, como seus rituais, seu artesanato, sua forma de morar, comer e abrigar-se, constituem sua cultura, e por mais simples que elas possam parecer, revelam sempre um conjunto de conhecimentos e tradições constituídas ao longo de muito tempo (PREZIA, HOORNAERT, *ibid.*, p.51).

CAPÍTULO II

ENTRE O INDIVIDUAL E O COLETIVO: DAS CIRCUNSTÂNCIAS DA MORTE AO RITUAL FUNERÁRIO

Vida e morte não são mundos opostos... Fazem parte de uma única haste com flores idênticas.

Octavio Paz

1. AS CIRCUNSTÂNCIAS DA MORTE

A morte desperta reações complexas e variadas tanto no âmbito individual quanto coletivo que variam não só de acordo com o tempo e lugar, mas também em relação ao *status* social do morto. “A morte não se satisfaz em destruir o que chamamos organismo, mas inicia também um processo de dissolução do homem social” (CUNHA, 1978, p. 2-3).

Segundo MORIN (1970, p.30-1), a partir do momento em que se constata uma morte estabelece-se uma espécie de horror, que engloba realidades aparentemente heterogêneas: a dor do funeral, o terror da decomposição do cadáver, a obsessão da morte. Porém, dor, terror e obsessão têm um denominador comum: a perda da individualidade.

A dor provocada por uma morte só existe se a individualidade do morto tiver sido presente e reconhecida: quanto mais o morto for chegado, íntimo, familiar, amado ou respeitado, isto é, “único”, mais a dor é violenta. Não há nenhuma ou há poucas perturbações por ocasião da morte do ser anônimo (MORIN, *ibid.*, p.31).

Na maioria das vezes, o medo da morte está relacionado ao horror desencadeado pela idéia de decomposição do corpo. Para alguns grupos africanos, por exemplo, tal sentimento

parece relacionar-se à idéia de impureza para a qual deve ser dada uma rápida solução, que sempre depende da vinculação étnica e cultural do morto para a realização de seu ritual funerário.

Por ser a decomposição uma fonte de impurezas compreende-se porque se procura acelerá-la através da exposição ao sol ou ao fogo, retardá-la, suprimi-la por meio da prática de mumificação ou cremação, ou preservá-la com o isolamento do cadáver (THOMAS, 1983, p. 305).

RUFFIÉ (1987, p. 244), acrescenta que a morte é, na maioria das vezes, marcada por uma série de gestos e comportamentos individuais e coletivos, cuidadosamente ordenada, já que na concepção de alguns grupos tribais é necessário acalmar o espírito do morto, evitando que ele regresse sob uma outra forma, podendo causar algum infortúnio aos que ficaram. Assim, todas essas manifestações sentidas e expressadas — tristeza, indiferença, dor, alegria — são atitudes eminentemente simbólicas, pois dependem, entre outras coisas, do tipo de morte, da posição social do morto, dos sobreviventes e da relação que mantinham com o morto.

Entre vários grupos tribais, a morte de crianças, por exemplo, pode provocar reações menos dramáticas, ao contrário daquelas quando da morte de adultos socialmente engajados. Pode-se explicar tal comportamento pelo fato de que as crianças ainda não ocupam uma posição social específica dentro da sociedade na qual pertencem. De um modo geral, é só a partir de 10 ou 12 anos, ao ingressarem na adolescência, que elas passam a desempenhar funções especializadas, atribuindo-lhes *status* diferenciado perante a comunidade (HUMPHREYS, 1981a).

Neste sentido, BINFORD (1972) tem sugerido que a morte de um indivíduo de “posição social elevada” romperá necessariamente com as atividades cotidianas da comunidade; e mesmo em se tratando de um indivíduo de posição inferior, um relativo número de laços econômicos e sociais é abruptamente rompido. Entre os Kota, por exemplo, uma viúva permanece a esposa de seu marido falecido até que o *status* desse venha a ser definitivamente o *status* de um morto. O morto, então, não é visto como alguém que esteja completamente “do outro lado”, mas como alguém submetido a “uma passagem, a um processo de mudanças, a um estado transitório” (RODRIGUES, 1983, p. 29-30).

HERTZ (1907 *apud* COPPET, 1981, p. 175) assinala, então, que a morte não é encarada como uma destruição instantânea da vida do indivíduo; ela deve ser vista mais como um evento social que tem como ponto de partida o processo cerimonial no qual o morto torna-se um ancestral. Todas as manifestações são como um rito de iniciação para a vida social após a morte, marcando um tipo de renascimento. Assim, a morte pode ser vista como um “rito de passagem”.

O evento da morte é essencialmente uma transição: de vivo a morto, de indivíduo a ancestral anônimo ou desta vida para a próxima (...). A morte não é só uma transição física, mas muito mais o início de um evento social (...) que afeta não somente um indivíduo, mas todo o grupo social (DAMM, 1991, p.130).

VAN GENNEP (1996) foi um dos primeiros a sistematizar a temática dos ritos funerários, enfatizando que a vida do indivíduo em qualquer sociedade é composta por uma série de passagens de uma idade à outra e de uma ocupação à outra. Desta forma, a morte também pode ser considerada como a transição de uma situação à outra que, segundo ele, está inserida nos ritos de separação.

A morte é, para a consciência coletiva, um afastamento entre o indivíduo e a consciência humana (...). Como fenômeno social, a morte consiste na realização de penoso trabalho de desagregar o morto de um domínio e introduzi-lo em outro. Tal trabalho exige todo um esforço de desestruturação e reorganização das categorias mentais e dos padrões de relacionamento social (RODRIGUES, *ibid.*, p. 45).

HUMPHREYS (1981b, p. 266-7) acrescenta que o período imediatamente posterior à morte é aquele que se refere ao luto, que, por sua vez, demonstra as mais conflitantes atitudes. De um lado, os membros do grupo parecem compartilhar da jornada do morto para fora da sociedade, e por outro, eles também são envolvidos numa intensa atividade social de reafirmação das relações, mobilizando recursos seja para entreter os hóspedes ou para destruir os bens do morto, legitimando uma nova ordem social.

O luto formal é algo incrivelmente rejeitado como sendo uma recordação da morte que interfere no processo de transformar a morte em “memórias” — única forma pela qual ela pode continuar a existir nas sociedades, que não acreditam na vida após a morte. O luto é uma forma de sinalizar (...) que requer um comportamento semelhante pelos outros no processo de reestruturação dos papéis sociais necessariamente criados com a morte (HUMPHREYS, *ibid.*, p. 273).

Ao estudar duas sociedades altamente organizadas da Nova Guiné — os Melpa e Wiru, STRATHERN (1981, p.206-7) assinala que entre eles o funeral é uma ocasião quando a ajuda mútua é necessária, e aqueles que não ajudam estão demonstrando um desejo de abandonar a rede de relações sociais ou, a princípio, que o evento não se caracteriza como uma prioridade para eles. Assim, a morte parece estimular e redefinir as relações sociais.

Quanto ao luto, o autor descreve que ele começa tão logo a morte seja tornada pública e termina quando a preparação da comida inicial é completada, cerca de uma semana. Durante este período, parentes e associados de todos os tipos trazem alimentos como presentes para o morto. Cabe apenas aos parentes mais próximos chorar e cantar sons de lamento e dentre eles são as mulheres quem mais choram e lamentam, por um prolongado período de tempo. “A morte, então, representa uma enorme perda, ainda que ela constitua o maior mecanismo de regeneração dentro do sistema” (WEINER, 1980, p.81-2 *apud* STRATHERN, *ibid.*, p.205).

Dada a importância da participação do indivíduo no corpo social e sua confirmação implícita no contexto pré-histórico, o luto expressa socialmente o inconformismo que tende a fazer cicatrizar a ferida dos indivíduos que sobrevivem (MORIN, *op. cit.*, p.52-75).

Depois dos ritos de imortalidade e de encerramento do luto, e de um penoso trabalho de desagregação e de síntese mental, a sociedade, retomando a sua paz, poderá, então, triunfar da morte (HERTZ, 1970 [1928], p.137).

VAN GENNEP (*ibid.*, p.148) acrescenta ainda que durante o luto, a vida social é suspensa para todos aqueles influenciados por ela, e a duração desse período pode ser prolongado para

aqueles que mantinham relações mais próximas com o morto (viúvas, parentes) e até mesmo para o grupo todo em se tratando de um morto de posição social elevada no seio da comunidade. Se ele for um chefe, por exemplo, toda a sociedade será envolvida e as relações sociais ficarão abaladas por um longo período de tempo.

O indivíduo é transformado em cadáver e submetido, então, a uma dinâmica estranha que escapa às regras sociais de estruturação do corpo e que contém em si o poder terrível de desagregar e desestruturar a imagem social projetada e introjetada no corpo inerte. Este processo comporta uma ameaça fundamental: a morte do corpo pode ser a morte do símbolo que o corpo é, a morte do símbolo da estrutura social (RODRIGUES, *ibid.*, p.42).

A morte de um indivíduo não é, então, um acontecimento isolado, mas envolve tantos eventos quantas foram as relações que o indivíduo morto manteve enquanto vivo (amizades, inimizades, aliança, etc). Tais relações, então, correm risco de se romper ou mesmo se rompem, provocando um amplo desequilíbrio sistêmico (*id.*, *ibid.*, p.57-62).

O morto é um ser que, estando próximo, está ao mesmo tempo distante (...) e que, estando presente, já está ausente. Por outro lado, o morto, cadáver, é um ser que não pertence a este mundo, pois ele já partiu, nem ao mundo do além, pois lá ainda não chegou. Ele, que era a materialização da estrutura, agora se desestrutura. Agora é anti-estrutura (RODRIGUES, *ibid.*, p.67-8).

Assim, do ponto de vista simbólico, a morte aparece também como um símbolo da existência individual enquanto identidade social, pois remete, de uma maneira inegável, a uma totalidade de símbolos que permite não só explicar sua origem e sua presença, expressar suas características e seus momentos, mas também superá-la (THOMAS, *ibid.*, p.514). Neste momento, percebemos que o símbolo contém uma carga afetiva e emocional inegável.

O símbolo é, portanto, uma linguagem que solidariza a pessoa humana, de um lado com o cosmos e, por outro, com a comunidade de que faz parte, ao proclamar diretamente a cada membro do grupo sua “identidade coletiva

profunda”. O símbolo introduz uma circulação entre os diferentes planos da realidade: tende a integrar o todo com o sistema, a reduzir a multiplicidade a uma situação única, de maneira a fazê-la o mais transparente possível (*id., ibid.*, p.517).

Para os Bantu, da África, a morte introduz um signo negativo e como no interior do sistema todos os elementos são solidários, não é possível modificar um, sem que isto repercute sobre todos os demais. A primeira intervenção para reverter esta situação começa, então, pela generalização do signo negativo graças a uma série de proibições que afetam a totalidade do sistema: o vocabulário (nome do morto), o alimento, o sexo, os trabalhos agrícolas, a criação de animais e a habitação (abandono da cabana). Ao generalizar a negação no plano real, a morte afeta todo o grupo.

A segunda operação refere-se à substituição do fogo doméstico pelo fogo ritual no momento da morte. Assim, o fogo é transposto do plano real para o simbólico e permanecerá por sete dias. Ao longo de muitos dias, travar-se-á um duelo que vai se caracterizar pela substituição geral dos alimentos básicos por aqueles de cor branca. Por isso, reverter o contexto negativo é, ao mesmo tempo, um processo de branqueamento: branqueiam-se os homens e as tropas de animais, usa-se água para purificar a choça, bebe-se o leite, come-se em comum. Assim, o valor negativo que se havia generalizado no plano real transforma-se no plano simbólico, em valor positivo para a revitalização de todos os setores: alimentício, sexual, agrícola, criação de animais, habitacional, etc (*id., ibid.*, p.527-8).

O indivíduo nasce e morre, mas a família tribal não morre, se identifica com a vida. Esta família imortal tem necessidade de integrar a continuidade das generalizações para afirmar sua permanência (...), pois a verdadeira realidade da vida não é individual, mas sim coletiva. Isto equivale a dizer que a sociedade tribal é considerada como uma espécie vivente análoga às espécies animais, onde o indivíduo é sempre substituído por outro (*id., ibid.*, p.527-8).

Muitos símbolos relacionados à morte estão ao alcance do arqueólogo, mas outros não. Neste sentido, símbolos também relacionados às condutas expressivas, que têm por finalidade

evocar o estado de morte, como a utilização de óleos ou outras substâncias sobre o corpo, proibições de se pronunciar o nome do morto, entre outros, escapam ao universo estudado pelo arqueólogo. Já os símbolos mistos (morte e renascimento) relacionados à posição do morto e sua localização podem proporcionar interpretações significativas menos equivocadas. “A fim de que a morte perca sua força destrutiva, apresentam-se diversas possibilidades nas quais o símbolo encontra sua eficácia” (*id., ibid.*, p.532).

A morte oferece ocasiões e materiais para o discurso simbólico da vida — através de diferentes tratamentos para aqueles cuja vida tem terminado de formas e em diferentes estágios de desenvolvimento, através de teorias sobre o que acontece na vida após a morte, através dos símbolos usados no ritual funerário — e expressa o contraste entre a vida e a morte (HUMPHREYS, *op. cit.*, p.9-10).

Assim, “a tentativa de elucidar conceitos de morte e categorias estruturais de pensamento de sociedades pré-históricas é de importância fundamental no estudo dos dados mortuários” (LEACH, 1977 *apud* JACOBSEN, CULLEN, 1981, p.80).

2. O RITUAL FUNERÁRIO

2.1 As Primeiras Evidências de Ritual Funerário

Apesar dos estudos avançados na área do comportamento dos animais ditos irracionais (Etologia), somos levados a reconhecer que só o ser humano tem percepção de sua finitude e conseqüentemente de sua própria morte. Os demais animais parecem ter apenas consciência do perigo e das ameaças externas, através de estímulos visuais, sonoros, entre outros.

O despertar dessa consciência da morte parece ter surgido há muito tempo atrás com o Homem de Neanderthal. Segundo, KUS (1992, p.171), as evidências de que os neanderthalensis enterravam cuidadosamente seus mortos, muitas vezes depositando flores junto ao corpo, têm sido simbolicamente interpretadas em termos da criação de uma solidariedade social.

THOMAS (1995, p.110-5) acrescenta que o *Homo sapiens neanderthalensis* cuja espécie surgiu em torno de 230.000 anos atrás, chegou a colonizar todo o continente europeu ao redor de 70.000 anos A.P., atingindo na mesma época todo o Oriente Próximo e a Ásia Central e desaparecendo há cerca de 35.000 anos atrás. Em Le Moustier, na França, um enterramento de uma criança foi encontrado em uma caverna associada com utensílios do tipo musteriense. Um outro foi evidenciado em uma caverna em Teshik Tash, no Ubequistão e tratava-se também de uma criança (MOLLESON, 1981, p.16-7).

Teoricamente, uma outra espécie de *Homo sapiens* originária do continente africano, atingiu o norte da África e o Oriente Próximo ao redor de 100.000 anos atrás. É necessariamente nesta região, na Caverna de Qafzeh, próxima à Nazareth, na Galiléia, onde foram encontrados os mais antigos esqueletos de humanos modernos. Nesta caverna foi descoberta uma cova de uma mulher jovem com uma criança de seis anos de idade, cuja datação gira em torno de 100.000 anos AP. Escavações sistemáticas revelaram, ao longo de anos, muitos outros esqueletos que demonstram similaridades com outra espécie humana — a Cro-Magnon, surgida há cerca de 60.000 anos A.P. (LEROI-GOURHAM, 1985a, 1987).

As evidências de enterramentos podem ser nossa primeira evidência arqueológica de cerimônia e o primeiro sinal que os primeiros grupos humanos tinham se expandido para além dos restritos limites da família para uma entidade maior — a comunidade (MOLLESON., *ibid.*, p.17).

O hábito de enterrar os mortos espalhou-se por toda a Europa e muitas evidências em cavernas têm sido encontradas, principalmente, no último período da Idade do Gelo. Neste período, o homem demonstrava já ter adquirido atitudes e uma organização social mais sofisticada que se caracterizavam por um tratamento diferenciado dado aos mortos.

Outras descobertas foram feitas na França, especificamente na região da Dordonha, na Caverna de La Ferrassie. Tais evidências de ritual funerário caracterizavam-se possivelmente como um enterramento familiar, composto pelos pais (um adulto masculino e um feminino) e seis crianças, incluindo um feto e dois recém-nascidos.

Contudo, muitas outras evidências foram detectadas na França, na Itália e na Ásia Central. Uma das mais famosas cavernas é a de Shanidar, no Iraque, na qual nove indivíduos foram encontrados em diferentes níveis deposicionais, sendo o mais antigo datado em 70.000 anos AP. Com eles, foram descobertos uma variedade de instrumentos e objetos trabalhados, além de flores, cardo e azevinho, entre outros itens.

De acordo com THOMAS (*ibid*, p.115), os enterramentos feitos pelas pessoas do Paleolítico Superior expressam sua atitude em relação à morte. Só alguns indivíduos no grupo eram sujeitos a este tratamento especial e eram enterrados de uma variedade de formas. Em um enterramento magdaleniano de St. Germain-la-Rivière, por exemplo, em Gironde, na França, a cabeça do morto foi protegida por alguns fragmentos de lajes rochosas. Já os corpos enterrados nas cavernas de Grimaldi, na Itália, foram arranjados de maneiras muito diferentes das anteriores.

2.2 O Simbolismo do Ritual Funerário

O ritual é uma seqüência estereotipada de atividades, envolvendo gestos, palavras e objetos, desempenhados em local segregado, e se destina a influenciar entidades ou forças pré-naturais em favor de objetivos ou interesses dos atores (TURNER, 1977, p.183 *apud* RIBEIRO, 1987c, p.23),

A identidade pessoal e social também é comunicada através de uma linguagem simbólica consubstanciada no uso de objetos durante os rituais. Os significados desses símbolos nem sempre estão explícitos para os próprios atores sociais (cf. RIBEIRO, *ibid.*, p. 22). Neste sentido, há uma espécie de teia de significados envolvendo os rituais, principalmente os funerários, e sua compreensão a partir do registro arqueológico trata-se de uma tarefa extremamente difícil. Somente uma análise refinada, dentro de um contexto bem definido, pode conduzir a interpretações mais verossímeis.

O rito é desempenhado para marcar situações de liminaridade — passagem de um estágio do ciclo vital a outro (...). A teatralização intrínseca do rito exige a personificação dos seus participantes. Essa individualização se expressa no corpo do ator social e nos objetos que o acompanham (...). A relação entre

identidade — pessoal e étnica — e a categorização do corpo, distingue não só o indivíduo dentro de um grupo, como o próprio grupo frente aos demais (...). A personificação do corpo acompanha o indivíduo em todo o seu ciclo de vida, sobretudo nos ritos de passagem (*id., ibid., p.23*).

Ainda que as pesquisas de RIBEIRO (*ibid.*) sejam de cunho eminentemente antropológico, com base em estudos de casos de grupos indígenas atuais, acreditamos que alguns parâmetros possam suscitar reflexões dentro do estudo dos rituais no contexto arqueológico. Entre os Kayapó e os Suyá do tronco lingüístico Jê, por exemplo, a personificação do corpo, ou seja, o significado simbólico dos adornos corporais e órgãos que compõem o corpo foi estudado. Para eles, a categorização do corpo obedece a regras de codificação que determinam o comportamento de seus portadores, de acordo com seus papéis sociais e rituais. Essas informações codificadas passam, então, de geração a geração, contribuindo para a manutenção e aprimoramento da sociedade. Outro exemplo é o dos Xavante, cuja pintura corporal vermelha representa a procriação e o órgão sexual masculino.

O sistema de significados e valores, que comunica a identidade pessoal e social do indivíduo, transforma o próprio corpo num palco simbólico sobre o qual o drama da socialização é encenado (TURNER, 1980, p.112-15 *apud* RIBEIRO, *ibid., p.25*).

De um modo geral, os rituais funerais constituem uma verdadeira renovação da sociedade; são ocasiões quando se reforçam as relações entre os membros da comunidade, através de representações simbólicas, e os aspectos primordiais que justificam a existência do grupo. Assim, a morte de um indivíduo converte-se numa espécie de pretexto para que a sociedade reforce seus valores e demonstre seu vigor, a fim de que suas tradições possam se perpetuar (THOMAS, *op. cit., p.520*).”O ritual funerário é uma maneira de reforçar a cultura e contribuir para a solidariedade do grupo” (ORME, *op. cit., p.226*).

Os rituais funerários podem ser divididos em três momentos diacrônicos: o primeiro refere-se aos ritos de separação, quando se assegura o corte entre os vivos e os mortos, entre o individual e o social; o segundo, aos ritos de transcurso do tempo, que coincidem com o período de transformação do cadáver em esqueleto e, por fim, os ritos de reintegração, quando os mortos

reúnem-se com os antepassados, enquanto os enlutados retomam sua vida normal (THOMAS, *op. cit.*, p.512-20, RODRIGUES, *op. cit.*, p.46).

Todos os comportamentos funerários visam manter o morto no grupo, pelo menos durante certo tempo e de modo simbólico (...). O que importa é que o morto continue integrado ao grupo de uma maneira ou de outra e que, depois, dele se afaste com o tempo. É a única forma de desculpar os que ficam em vida (FREUD, 1923 *apud* RUFFIÉ, *ibid.*, p. 246-7).

Do ponto de vista da arqueologia, o estudo do ritual mortuário tem sido conduzido a partir de uma reflexão do *status* social do morto, tentando determinar seu nível hierárquico dentro do grupo social estudado. Os contextos mortuários individuais podem ser usados para examinar não somente a identidade de gênero, mas também como o indivíduo ou aqueles que construíram o citado contexto situam a si próprios em relação a categorias de gênero culturalmente determinadas (HILL, 1998, p.120).

Seguindo nessa mesma direção, SOFAER-DEREVENSKI (1998 *apud* SORENSEN, 2000, p.52) sustenta a posição através da qual vê os enterramentos como “arena social” onde a percepção que a sociedade tem do indivíduo é construída, suplantando a visão da cova e seu conteúdo como meramente relevantes para as discussões de identidade subjetiva.

O ritual mortuário serve para enfatizar a coesão e a continuidade da ordem social, para reafirmar as relações entre a vida e resolver a dissonância criada pela perda imprevisível de um membro da comunidade. A formalidade e a natureza abstrata do ritual, seu caráter essencialmente simbólico, atuam para legitimar e reforçar a diferenciação do sistema social existente, quando articulados através da idade, do sexo, da realização pessoal e vinculações dentro do grupo (...). Parece razoável, então, assumir que o grau pelo qual a sociedade demonstra o comportamento ritual pode ser correlacionado com o grau de sua hierarquia institucionalizada (BLOCH, 1977 *apud* JACOBSEN, CULLEN, *ibid.*, p. 95).

HUMPHREYS (*op. cit.*, p.279) acrescenta que a imprevisibilidade da morte pode trazer interessantes questões sobre a diferença entre as sociedades nas quais os rituais funerários são as mais importantes formas de rito e entre aquelas nas quais um calendário de rituais é fixado. Neste caso, os enterramentos secundários, por exemplo, são algumas vezes depositados num mesmo local e em datas ou períodos específicos como nos rituais comemorativos. Em Andrainjato, Madagascar, por exemplo, os funerais normalmente ocorrem à tarde, desde que haja uma vinculação simbólica entre o declínio do Sol e o fim da vida (KUS, *ibid.*, p.169).

Outro exemplo é o dos Kaska, do noroeste do Canadá, entre os quais o morto era disposto de duas maneiras e de acordo com a estação do ano: no inverno, quando o solo estava congelado e enterrar era impossível, eles cremavam o corpo do indivíduo morto e os remanescentes cremados eram, então, enterrados em um sítio de cremação fora do acampamento do grupo; no verão, os membros mortos eram enterrados em covas de um metro de profundidade em região montanhosa próxima. Os acompanhamentos funerários em ambas as ocasiões restringiam-se a roupas e ornamentos pessoais (IVES, SINOPOLI, 1979/80, p.25).

Haja vista a complexidade da análise dos contextos funerários em arqueologia, um número considerável de variáveis devem ser selecionadas e intrinsecamente analisadas. Estas, por sua vez, devem estar relacionadas não só ao ritual funerário em si, mas também aos remanescentes humanos ali depositados, como metodologicamente especificamos no início desse trabalho. Assim, o número de indivíduos, tipo de enterramento, as características da cova, a posição estratigráfica, os acompanhamentos funerários, o sexo, a idade, as doenças, os aspectos dentários dos indivíduos, tipo de morte, os costumes de luto, ajustes e ritos após a morte, dentre outros, influenciam profundamente a interpretação e o entendimento das escolhas culturais diferenciadas por ocasião da morte de um indivíduo.

Como defendem alguns autores, é evidente que os acompanhamentos funerários desempenham um papel importante na interpretação das práticas mortuárias. Entretanto, é importante não perder de vista que uma única variável não é suficiente para caracterizar o universo simbólico dos rituais funerários de qualquer que seja a sociedade, ainda mais dentro de uma perspectiva de gênero.

Segundo UCKO (1969, p.265), os acompanhamentos funerários são, em muitos casos, a expressão de uma parte da “personalidade social de um indivíduo”. No caso dos Lugbara de Uganda, na África, é colocada junto ao corpo do homem sua aljava — símbolo das atividades de caçador e guerreiro, exercidas por ele quando vivo, sua cabaça — símbolo de *status* por ter bebido com um homem mais velho, seu banco — símbolo da sua velhice, entre outros objetos. As mulheres, por sua vez, podem ser enterradas com suas contas — representação de seu *status* enquanto jovem, com suas pedras de fazer fogo — símbolo do seu *status* enquanto esposa e com suas pedras de amolar — representação de seu *status* enquanto uma mãe. Neste caso, a relação entre o morto e os objetos a ele associados não se refere a uma crença de vida após a morte, mas expressa o papel social exercido pelo indivíduo enquanto vivo.

Por outro lado, entre os Nankanse, de Gana, nenhuma oferenda era colocada na cova para acompanhar o indivíduo morto, mas isto não deve ser interpretado como inexistência de diferenciação social entre os membros do grupo. Assim, como acrescenta MONTARDO (1995, p. 48) “os itens materiais que compõem o ritual funerário e que pertenceram ao morto podem ser enterrados junto com o corpo como entre os Asuriní, depositados sobre a cova, como entre os Kayapó, destruídos por ocasião do funeral, como entre os Suruí”.

Segundo CUNHA (*op. cit.*, p.131), na maioria das tribos Jê a propriedade de um indivíduo era destruída ou enterrada com o seu dono ou tomada por estranhos. Entre os Xavante e os Kaingáng, por exemplo, os bens de um morto eram queimados com ele, os Kaiapó enterravam-nos com seus proprietários, já entre os Krahó, somente os objetos de uso cotidiano eram enterrados com o morto. No entanto, estes últimos faziam, então, uma distinção entre objetos pessoais (menos valiosos) e os de uso cotidiano que eram enterrados com o morto ou destruídos por seus parentes (sua esteira, por exemplo) e os mais valiosos que eram tomados por estranhos. A autora assinala que é vedado aos parentes conservarem os pertences do morto, pois este pode ficar irado e os atacar quando estiverem sozinhos no mato.

Tudo concorre, parece-nos, para apontar novamente a absoluta estranheza que caracteriza o morto. Ele se tornou “outro”, e seus bens, pelo menos o que chamaríamos pessoais, adquirem juntamente com ele esse atributo de alteridade. Daí a equivalência entre acompanharem o morto sendo enterrados com ele,

sendo destruídos como ele o foi, ou pertencer doravante a estranhos já que estranhos eles próprios se tornaram. A herança não poderia, portanto, concernir senão bens que não fossem concebidos como parte da pessoa (CUNHA, *ibid.*, p.134).

Do ponto de vista antropológico e etnográfico, então, as oferendas mortuárias não estão unicamente relacionadas a uma crença após a morte, mas também aos papéis exercidos pelo indivíduo no seu grupo social antes de sua morte, sendo, então, socialmente selecionadas e suscetíveis de sanções rituais e culturais (UCKO, *ibid.*, p.266).

No que se refere ao tratamento dado ao corpo, podemos considerar como práticas mais comuns a inumação e a cremação, embora existam outras menos comuns no registro arqueológico brasileiro, tais como: o embalsamento, a mumificação e o canibalismo. Segundo MORIN (*op. cit.*, p.134), alguns destes tratamentos diferenciados estão intimamente relacionados à necessidade de se suprimir a decomposição, considerada como um risco para o restante da comunidade, são eles: cremação, o canibalismo, o embalsamento e a mumificação. Os demais inserem-se na categoria de decomposição natural, representada por práticas mortuárias relacionadas ao isolamento do cadáver.

Enquanto o enterramento primário refere-se ao sepultamento do indivíduo logo após a sua morte, o secundário não elimina a possibilidade de um enterramento anterior do tipo primário também. Ao contrário, somente a partir da realização desta primeira forma de enterrar (período de decomposição dos tecidos moles), se viabiliza a realização de um segundo enterramento, quando os ossos são tratados — lavados, pintados e/ou decorados — e, então, enterrados. Obviamente, a forma como estes ossos são secundariamente preparados varia de grupo para grupo (HUMPHREYS, *op. cit.*, THOMAS, 1983, RODRIGUES, *op. cit.*).

O enterramento secundário também pode representar uma homenagem ao indivíduo morto, servindo de pretexto para que os membros de comunidades diferentes possam se encontrar (THOMAS, *ibid.*, p.520-1). Muitas vezes, também está relacionado, entre outros aspectos, ao *status* do indivíduo. Os Charrua e Minuano, por exemplo, costumavam carregar os ossos dos

falecidos para onde quer que se mudassem e eram as mulheres idosas as encarregadas de preparar e sepultar os mortos (BECKER,1994, p.63-72).

Um dos exemplos mais conhecidos dentro da antropologia brasileira é o caso da tribo Borôro que até hoje pratica o ritual funerário, tendo como etapa final o enterramento secundário. Em sua descrição, podemos constatar o quanto dessa cadeia operatória ritual é implacavelmente destruída pelo tempo.

Quando um índio da tribo Borôro adoece, chamam o *bari* (xamã ou curandeiro) e se ele achar que o doente não se restabelecerá, é iniciada a preparação do ritual de sua morte. O doente é colocado em posição estendida sobre uma esteira no chão ou no *pa* (espécie de cama), enquanto o *bari* calcula o dia em que o doente morrerá. Em seguida, a alimentação do doente é suspensa, e seu corpo agonizante começa a ser enfeitado com urucu, penas e plumas coloridas. Caso o doente não morra no dia marcado, o próprio *bari* ou um parente próximo do doente se encarrega de fazê-lo morrer. Alguns membros da família, sentindo a morte chegar, colocam-se em volta do moribundo e apóiam uma das mãos na cabeça dele. Tal gesto também é feito por pessoas que desejam manifestar seus sentimentos de pesar.

Logo em seguida, cobre-se o morto para evitar que as mulheres e as crianças o vejam e são iniciadas as lamentações e gemidos em tons muito altos. Então, de uma das malocas da aldeia é ouvido um canto suave e triste, acompanhado pelo *bapo* (instrumento musical de cabaça, com cabo de madeira) ao mesmo tempo em que surge um índio dançando compassadamente.

Durante toda a noite, o corpo do morto é exposto no pátio da aldeia Borôro. Todos os chefes enfeitam-se com o *parico* (um grande cocar ou diadema de penas), sentam-se virados para a direção do Sol poente, tocando o *bapo* e cantando o *roia curireu* (grande canto) até o nascente. Aos primeiros raios de Sol, alguns índios mais jovens começam a preparar, junto à praça da aldeia, uma cova de 30 a 40 centímetros de profundidade. Os parentes reúnem-se em volta do falecido e iniciam um novo lamento em voz alta, arranhando os próprios corpos, deixando o sangue cair sobre o cadáver.

Em seguida, o morto é levado à cova funerária, onde ficará temporariamente enrolado numa esteira sem ser coberto de terra. Durante tardes seguidas, os parentes jogam água na sepultura, para apressar a decomposição dos tecidos e o desprendimento da carne dos ossos. Concomitantemente, todos os objetos do falecido são queimados em outro ponto da grande praça da aldeia. O luto continua a ser representado pelos parentes, através de uma seqüência de gestos e atitudes: cabelos são cortados ou arrancados, mulheres retiram o *cogum* (cinturão) e o *coddobie* (tanga) que são substituídos por peças novas.

Passados alguns dias, os Borôro reúnem-se na praça da aldeia e começam a formar grupos para a caçada em homenagem ao falecido, conduzida pelo *uiado* (caçador que representa o espírito do falecido), cuja finalidade é matar a fera *mori* (significa vingança ou retribuição). Entretanto, antes da partida, cantam a noite toda na casa do morto a fim de chamar o espírito do morto para indicar o melhor caminho para uma caçada bem sucedida. Ao voltarem, entregam toda a caça aos familiares do falecido, que se encarregam de dividi-la entre todos os membros da aldeia.

Quinze dias após a caçada, os Borôro ainda dão continuidade ao luto, cantando durante toda a noite até o sol nascer. Ao meio-dia, os jovens da aldeia dão início a um jogo chamado *mariddo*, para o qual é feito um círculo para que eles possam dançar o *aidje*, chamando o espírito do morto e usando um feixe de paus na cabeça. Se o feixe cair, servirá de motivo de riso para os assistentes, pois o jogo visa demonstrar a força de cada um.

Ao anoitecer, as lamentações pela perda do membro do grupo são reiniciadas e novamente duram até o amanhecer. No dia seguinte, os índios, cantando o *quiegue baregue* (pássaro e fera), retiram o cadáver da sepultura e o levam para perto de um rio ou lagoa, onde começam a fazer a limpeza dos ossos, colocando-os em seguida numa cesta, a fim de ser levada para o *baimanaguegeu* — local onde todos da aldeia estão esperando, cuja chegada faz com que os Borôro comecem a cantar o *roia curirem*. Ao final do canto, enquanto as mulheres vão preparar as comidas dos *aroe* (espírito), os homens passam a cantar baixinho, esperando a chegada da comida. As mulheres, então, levam a comida até a porta do *baimanaguegeu*, pois estão proibidas de entrar lá. Silenciosamente, os índios comem.

Depois de se alimentarem, os índios retiram o crânio da cesta, pintam-no de urucu e escondem-no debaixo de muitas penas a fim de que as mulheres não o vejam. Feito isto, as mulheres têm permissão para entrar no recinto. Elas começam a cantar enquanto os familiares do falecido enfeitam os outros ossos e o *codo* (cesta), que serão levados para a casa de um parente próximo, onde ficarão por três dias. Depois desse período, o parente leva o *codo* nas costas para a casa do falecido, quando é realizado um cortejo para o sepultamento definitivo.

Há, então, duas maneiras do morto ser enterrado: na cova já preparada ou na água. Caso a família queira o sepultamento na água, amarra-se o *codo* num pau e o mergulha no ponto mais fundo da lagoa, chamada pelos Borôro de *aroeiao* (morada das almas). Durante todo esse período, os índios enfeitam-se, pintando o corpo de vermelho, colocando penas e plumas sobre ele e utilizam um instrumento zunidor (instrumento musical tocado pelo vento). Na volta para a aldeia, após a conclusão do funeral, um índio é encarregado de fazer um caminho falso, usando folhas de palmácea no chão, para que o espírito do morto não consiga encontrar o caminho de volta para a aldeia (cf. BORDIGNON, s/d).

Ao longo do relato supracitado, percebemos quão desgastante é o funeral não só do ponto de vista emocional, mas também do físico, tanto para os membros da aldeia quanto para os parentes do morto. Assim, é importante nunca perder de vista que seja qual for o tipo de tratamento dado ao corpo (primário, secundário ou cremado), sempre existirá uma trama simbólica por detrás do contexto funerário, no qual cada elemento por menor que seja, possui um valor, um significado, uma história. Portanto, dentro do estudo arqueológico quanto mais presarmos por uma descrição **densa** (cf. GEERTZ, 1989), maiores serão as nossas aproximações em relação ao passado.

No que se refere à prática de cremação, alguns autores sugerem que, embora seja menos comum no contexto arqueológico, se comparada à inumação, ela pode ser justificada como uma forma de acelerar ou de suprimir o processo de decomposição. Neste sentido, a utilização inevitável do fogo para a realização da prática também parece estar carregada de simbolismo, representando purificação (THOMAS, *ibid.*, p.306-7).

As evidências de cremação no Brasil, com base nas pesquisas arqueológicas já divulgadas, caracterizam-se por ocorrências esparsas e modestas, concentrando-se mais no interior que no litoral, embora haja algumas manifestações nesta parte do Brasil, especialmente nos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo. Suas ocorrências foram detalhadamente estudadas por MACHADO (1990, p.238-42), que as subdividiu como total ou parcial, com base na análise da temperatura, da distância do fogo, do nível de proteção dos corpos ou dos ossos, da duração do processo crematório e da morfologia óssea.

Alguns autores assumem que tanto as inumações quanto as cremações, quando encontradas num único sítio arqueológico, podem relacionar-se a um recente contato e com a fusão de comunidades previamente independentes. No entanto, é muito difícil encontrar tribos com formas exclusivas de enterramento. Ademais, o tipo de tratamento dado ao corpo não deve ser o único e principal elemento para detectar a diferenciação cultural ou para caracterizar os rituais funerários de qualquer sociedade, principalmente as pré-históricas. “Ainda que os enterramentos e as estruturas funerárias aparentem ser itens estáticos, descobertos na escavação, eles são certamente o resultado de vários processos sociais” (UCKO, *ibid.*, p.274-6).

Os estudos de PEÑA (1979/80, p.107) sobre os índios Seri, das Guianas, revelaram que o ritual funerário do grupo caracterizava-se pela queima da cabana do membro do grupo morto e pela redistribuição de seus pertences de uso doméstico, mesmo que não fossem de grande valor. Este ritual de redistribuição ocorria logo após a morte. Há uma grande variação nos tipos de rituais mortuários entre seus subgrupos, que aparentemente se modificaram rapidamente ao longo de um século de contato com outras culturas.

Outros autores sugerem que os Seri também tinham o costume de colocar os corpos sobre as árvores; no entanto, dados etnográficos mais consistentes descrevem que o ritual Seri caracteriza-se por enterrar os mortos em covas de aproximadamente sessenta centímetros de profundidade, empilhando sobre elas pedras e outros objetos que desencorajassem os animais selvagens. Objetos com outras finalidades também eram depositados junto ao morto, tais como alguns exclusivamente depositados junto às mulheres. De uma maneira geral, os indivíduos eram enterrados com a cabeça voltada para leste e localizados próximos ao acampamento. Durante as

extensivas pesquisas arqueológicas, foi evidenciada uma correlação entre o número de enterramentos masculinos e as cabanas queimadas.

Entre os Semang, da Malásia, a morte de um membro do grupo era um problema sério, porque eles acreditavam que o fantasma do morto tentaria retornar ao grupo e poderia causar algum dano a eles. Neste sentido, o tratamento do corpo é bastante complexo, a fim de evitar que isso aconteça: o morto é lavado, e seus braços e pernas são colocados em posição fletida. Os enlutados carregam, então, o corpo para um lugar distante do acampamento onde é depositado em cova retangular. Os objetos do morto são enterrados com ele ou depositados sobre a cova, de acordo com a preferência do grupo. Imediatamente após o enterro, a comunidade muda-se para um novo local e este deve ser do outro lado do rio, pois, segundo os Semang, o fantasma do morto não atravessa locais de água corrente (GREGG, 1979/80, p.126).

O canibalismo parece também ter sido praticado desde os tempos pré-históricos, como se supõe a partir de restos de treze neanderthalensis quebrados, dispersos, parcialmente calcinados e associados a traços de fogueiras, descobertos em Krapina, na Iugoslávia e atribuídos ao Paleolítico Médio. É necessário, no entanto, assinalar a sua dimensão ritual e simbólica, já que não é a qualquer homem que a cultura concede o atributo de poder comer ou de ser comido. Da mesma forma, não são todas as partes do cadáver que são comidas e nem todas são igualmente apreciadas. Há, pois, freqüentemente regras complexas de repartição e distribuição (RODRIGUES, *op. cit.*, p.57-8).

A ingestão em comum da carne de uma vítima, não só aumenta a força vital daquele que a consome, mas sela simbolicamente a unidade do grupo de participantes (...). Ela também tem por finalidade a assimilação simbólica das forças vivas que animavam o cadáver antes de sua morte e que residiam mais especificamente no fígado, no coração e na caixa craniana (THOMAS, *op. cit.*, p.537).

Há inúmeros exemplos de canibalismo citados na etnografia brasileira, dentre os quais podemos destacar aquele dos Pakaa Nova, do oeste de Rondônia, estudados por VILAÇA (1990) e os praticados pelos Tupinambás do litoral do Brasil (FAUSTO, 1992).

A etnografia tem fornecido um grande número de exemplos de práticas mortuárias e o acesso a esses dados tem propiciado um aumento no número de possibilidades interpretativas para o registro arqueológico. É necessário, no entanto, reiterarmos que essas informações não definem uma interpretação arqueológica, mas auxiliam no sentido de fornecer novas alternativas e de demonstrar a grande variabilidade de rituais funerários inter e intra-grupos humanos.

A atividade ritual é, na maioria das culturas, o principal meio de regulação e controle das relações entre todas as variáveis do sistema sócio-cultural. Todavia, não deveria ser considerada importante só por aqueles que estudam sociedades mais complexas como chefias e estados (...). Arqueólogos deveriam procurar evidências de atividades rituais tão distantes quanto possível no registro arqueológico e deveriam ser integradas às variáveis ambientais e econômicas e não ser meramente observadas como um fenômeno curioso que é muito difícil de se tratar (BLAKE, 1979/80, p.189).

SEGUNDA PARTE

**O HOMEM, O TEMPO E O ESPAÇO: DAS MINAS GERAIS À GRUTA DO
GENTIO II**

CAPÍTULO I

CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICA E GEOAMBIENTAL DA ÁREA

A abordagem da paisagem relaciona-se às conexões entre homem e terra, e às suas transformações ao longo do tempo e do espaço. O ambiente é criado pelas percepções, preferências e habilidades individuais, culturalmente formadas a partir do mundo natural.

Linda Stine.

1. O PROCESSO DE POVOAMENTO DO TERRITÓRIO MINEIRO

Inúmeros grupos nativos já habitavam o Brasil antes da chegada dos portugueses. Entretanto, somente aqueles relacionados ao tronco lingüístico *Tupi* foram mais bem descritos pelas fontes desse período. Isto se relaciona ao fato de que foram os *Tupi* os primeiros a entrar em contato com os colonizadores europeus em todas as regiões perpetradas por estes últimos (FERNANDES, 1975/6 *apud* MENEZES, 1997, p. 95).

Os *Tupi* dividiam o mundo indígena em dois blocos: um, era daqueles que falavam a língua *Tupi* e seguiam suas tradições e o outro, englobava todos aqueles que assim não se estruturavam — os *Tapuia*. Estes conglomeravam todos os outros povos do tronco lingüístico Macro-Jê e das famílias *Karib*, *Pano*, *Tucano*, dentre outros (MELATTI, 1987, p. 36). Segundo URBAN (1992, p.90), por sua vez, existem quatro grandes grupos lingüísticos no Brasil com numerosos membros espalhados por vastas áreas, a saber: *Arawak*, *Karib*, *Tupi e Jê*, e vários grupos menores (*Chapacura*, *Guaycuru*, *Katukina*, *Maku*, *Mura*, *Nambikwara*, *Pano*, *Tukano e Yanomami*).

No que se refere aos grupos indígenas de língua Jê é comum fazer-se a distinção entre a família Jê e o Macro-Jê. O primeiro corresponderia a um ramo relativamente recente, que se separou há uns três mil anos ou mais. Quanto ao segundo, ao qual se incluem os *Kamakã*, *Maxacali*, *Botocudo*, *Pataxó*, *Puri*, *Kariri*, *Ofaié*, *Jeikó*, *Rikbaktsá*, *Guató* e possivelmente *Bororo* e *Fulniô*, trata-se do grupo mais antigo, datando de uns cinco ou seis mil anos aproximadamente (*id.*, *ibid*, p. 90).

As culturas afiliadas ao tronco *Macro-Jê* estão concentradas na porção oriental e central do planalto brasileiro, embora historicamente uma concentração dessas línguas no leste do Brasil, desde o Rio de Janeiro até a Bahia tenha ocorrido, indicando uma possível zona de origem do Macro-Jê. Já o grupo *Jê*, está presente mais a leste e a oeste cuja origem parece estar próxima às nascentes dos rios São Francisco e Araguaia, nas circunvizinhanças dos *Xacriabá*.

Se considerarmos as línguas Macro-Jê em conjunto, veremos que formam um anel em torno do Brasil central-oriental. O limite setentrional da área é definido por uma linha que vai dos Fulniô no extremo leste do Brasil, junto à foz do rio São Francisco, aos Rikbaktsá, localizados ao longo do rio Juruena. Isto corrobora a hipótese de que a penetração Kayapó e Timbira em direção ao norte é recente (*id.*, *ibid.*, p.91).

Por estarem distribuídos ao longo de toda a costa centro-norte brasileira, foram preferencialmente obtidas informações históricas mais numerosas sobre as organizações sócio-políticas, os costumes, as estratégias de subsistência e as crenças dos *Tupi*, e outras muito insuficientes daqueles nativos do interior, os *Jê*. Sendo assim, sabe-se pouco sobre esses povos genericamente chamados de *Tapuia* até o século XIX, quando se inicia o tempo dos naturalistas, cujo interesse etno-histórico por culturas rotuladas como exóticas determinou a vinda de inúmeros deles ao Brasil.

As concentrações do interior localizavam-se no médio rio São Francisco, nos sertões da Bahia e no Mato Grosso (...). É possível que em nenhuma parte do território brasileiro deixasse de existir povos nativos e um milhão não é um

número exagerado para expressar esses grupos interioranos (GOMES, 1991, p. 43 *apud* MENEZES, op. cit., p.97).

Segundo HOHENTHAL (1960, p.42-8), vários documentos mencionam a ocorrência de grupos indígenas no vale do rio São Francisco; no entanto, seus relatos são muito incompletos, restringindo-se a classificá-los e localizá-los. Raros são aqueles que descrevem de maneira mais detalhada as tradições e os costumes de tais povos nativos. Acrescente-se ainda que a partir da conquista, além das populações já fixadas na área, o vale sanfranciscano também passou a ser ocupado por outras nações indígenas, habitantes do litoral, que foram de lá expulsas em decorrência dos conflitos travados entre elas e os colonizadores europeus.

A área em torno da foz do rio São Francisco, principalmente, era propícia à habitação, em função de seu abundante suprimento alimentar não apenas de peixes, como também de caranguejos, moluscos e camarões. Mais para o interior, os grupos da área do grande rio, em função da necessidade de água e também de fácil obtenção de alimentos, restringiam-se em grande parte à vizinhança imediata do próprio rio, em particular as suas ilhas, às margens de seus principais tributários (HOHENTHAL, *ibid.*, *apud* MENEZES, op. cit., p.97).

De acordo com o mapa etno-histórico de Curt NIMUENAJU (FUNDAÇÃO IBGE, 1981), há alguns grupos indígenas que habitaram o noroeste de Minas Gerais e a área do alto vale do rio São Francisco e de seus afluentes. Dentre as tribos citadas, temos os *Sakriabá* ou *Xacriabá* que durante o século XVIII ocupavam a região entre os rios Paracatu (mais ao sul do município de Unai), Preto e Urucua e proximidades do rio São Francisco. Já no século XIX, estariam mais a sul entre os rios Paranaíba e Araguari numa mesma área ocupada pelos *Paresí* e *Bororo* desde o século XVIII. Contudo, são poucos os relatos mais detalhados relacionados aos *Sakriabá* que, na maioria, são esparsos e sem quaisquer detalhes descritivos a respeito de seus costumes. Segundo NIMUENAJU (*ibid.*, p.62), tal grupo filia-se ao tronco lingüístico Jê.

Em sua passagem por Capão do Cleto, SAINT-HILAIRE (1975b, p.340-1) faz menção a essa tribo indígena, através do Sr. Cleto, descendente de um dos primeiros paulistas que se

fixaram às margens do rio São Francisco, Matias Cardoso de Almeida e seu primo Manoel Francisco de Toledo, que em sua fuga para o dito local:

(...) encontraram nos arredores de Capão uma tribo indígena, a dos Chicriabás ou Xicrabás; fizeram-lhes a princípio guerra; em seguida, porém, trataram com eles e firmaram pazes (...). Tinham, ao que parece, reduzido grande número de índios à escravidão (...) serviam-se desses infelizes para abrir fazendas e construir várias igrejas (...).

Segundo o autor, à ocasião em que esteve em Capão do Cleto já não havia vestígios de tais índios, e assim descreve:

Atualmente não se vêem mais índios nos arredores de Capão. Os descendentes daqueles que antigamente habitavam essas terras retiraram-se para outros lugares, mas sempre às margens do rio e edificaram uma aldeia que tem o nome de São João dos Índios. Esses índios fundiram-se com negros e mestiços (*id.*, *ibid.*, p.341).

Quando de sua viagem às nascentes do rio São Francisco, SAINT-HILAIRE (1975a, p.118) assinala que entre Paracatu e a Província de Goiás não encontrou senão “umas poucas e miseráveis aldeias de índios civilizados”.

Há ainda referência de uma tribo de nome *Goyá* que, segundo NIMUENDAJU (*op.cit.*), estaria mais a oeste de Unai entre os séculos XVII e XVIII junto às nascentes dos rios Turvo e Vermelho, afluentes do rio Paranaíba. No entanto, parece que tal tribo corresponde a uma antiga denominação dos já citados *Xacriabá*.

Todos os relatos etno-históricos encontrados, até o momento, a respeito das circunvizinhanças de Unai parecem indicar que a tribo dos *Xacriabá* estaria na área por muito tempo. No entanto, não há infelizmente qualquer descrição sobre sua cultura, muito menos ainda sobre seus rituais funerários e os papéis sociais desempenhados por homens, mulheres e crianças.

Outras referências dos séculos XVIII e XIX tratam do grupo *Kaiapó* entre os rios Corumbá e Verde, já no estado de Goiás, área próxima do noroeste mineiro. Como os *Sakriabá*, os *Kaiapó* também estão filiados ao tronco Jê.

NIMUENDAJU (*ibid.*) refere-se ainda aos *Tamoyo* e *Cataguá* que em 1553 estavam situados às margens dos rios São Francisco e das Velhas respectivamente. Tais grupos, ao contrário dos demais, filiam-se ao tronco lingüístico *Tupi*. Neste caso, corresponderiam às tribos que fugiram do litoral em decorrência do avassalador processo de colonização portuguesa.

Segundo SENNA (1992, p. 182, 1937, p. 338 *apud* MENEZES, *op. cit.*, p. 99-100), o grupo *Acroá* migrou no século XVIII de Goiás para os vales dos tributários dos rios São Francisco, Paracatu e Urucuia. “Acréscita que o nome origina-se da expressão Tupi *a-cu-ruá* devido ao fato de terem os indígenas *Acroá* a cabeça pontuda, o crânio alongado para cima, por serem tipos dolicocefalos”.

O autor assinala ainda a presença dos *Goianá*, originados dos *Gojá*, que atravessaram o rio Araguaia, por meio do território de Goiás, para o noroeste mineiro, chegando assim aos sertões do rio São Francisco pelos rios Urucuia e Paracatu, tendo se estabelecido no vale do tributário do rio das Velhas. Destaca ainda os *Crixá*, que migraram de Goiás, especialmente para os vales dos rios Paracatu e Urucuia.

Dos grupos que habitavam outrora a bacia do rio São Francisco ou por ela se deslocavam, quer em busca de um novo lugar de residência, quer fugindo de inimigos ou perseguindo-os, quase todos desapareceram há muito, dizimados por doenças, em combate ou absorvidos pela atual população brasileira (MENEZES, *ibid.*, p.102).

Atualmente, no estado de Minas Gerais, há ainda remanescentes de grupos indígenas relacionados ao tronco lingüístico Jê, dentre eles os *Xacriabá* ou *Sakriabá*, para os quais se estima uma população de aproximadamente 6.000 indivíduos que vivem em São João das Missões, Minas Gerais, numa reserva de 46.000 hectares.

Em suma, as referências etno-históricas e etnográficas a respeito dos grupos indígenas que habitaram ou passaram pelo noroeste de Minas Gerais são muito incompletas, sem quaisquer dados mais concretos sobre sua organização social, muito menos sobre gênero. Este fato aliado àquele de que estas referências são oriundas do período histórico (quando essas culturas já demonstravam acentuadas modificações culturais), reforça a total impossibilidade de fazermos qualquer correlação entre elas e aquelas da (pré)-história.

Segundo COSTA (1993, p.15-6), a história de Minas Gerais, após a chegada dos portugueses, começou a ser efetivamente delineada a partir do século XVI, quando das primeiras expedições que penetraram o território pelo norte, nordeste, leste e sul.

Já na metade do século XVI, várias linhas de expedições e missões jesuíticas penetraram para o interior, seguindo o curso dos rios ou ao longo das antigas trilhas dos nativos em constantes migrações (CALÓGERAS, 1935, p. 30, CARVALHO, 1956, p. 6 *apud* MENEZES, *op. cit.*, p. 84).

No entanto, foi efetivamente no século XVII que começou a realizar-se um afluxo desmedido de forasteiros de todas as procedências, atraídos pelas descobertas de ouro e diamantes no estado mineiro. Assim, ao longo de alguns anos já se podia observar o aumento do número de arraiais — acampamentos formados pelos descobridores do território. Sua população, mesmo que reduzida, preocupava-se quase que exclusivamente com o acúmulo de riquezas, principalmente de ouro e pedras preciosas abundantes na região.

Dentro deste panorama, o governo monárquico apressou por criar uma legislação para controlar a circulação das pessoas e suas respectivas riquezas. Assim, iniciou-se um processo de criação de vilas, *descimentos* e aldeamentos que evidentemente dependiam da existência de condições mínimas para sua estruturação, especialmente relacionadas aos interesses econômicos da coroa portuguesa. “Contraditória, oscilante, hipócrita: são esses os adjetivos empregados, de forma unânime, para qualificar a legislação e a política da Coroa portuguesa em relação aos povos indígenas do Brasil colonial” (PERRONE-MOISÉS, 1992, p.115).

Inúmeras vilas foram constitucionalmente definidas, dentre elas a Vila de Paracatu do Príncipe, em 1798, atualmente município de Paracatu, no qual estava inserido o distrito de Rio Preto, hoje município de Unaí.

Contudo, o esgotamento das jazidas auríferas e de pedras preciosas — principal interesse da Coroa — aliado ao despreparo dos mineiros, irrompeu a partir da segunda metade do século XVIII um processo gradativo de empobrecimento e despovoamento das vilas, antigos arraiais (MENEZES, *op. cit.*: p.18). Conscientes da situação, o regime imperial, na tentativa de resgatar o desenvolvimento das Minas Gerais e impulsionar um novo afluxo regional, decide por criar novas vilas e transformar outras em municípios, dentre elas a já citada Paracatu do Príncipe.

Com a Proclamação da República, em 1889, decidiu-se que seriam os distritos e não os municípios a base da organização administrativa do estado. Assim, um mesmo município possuía vários distritos, cada qual com um núcleo administrativo, que tinha por finalidade controlar os serviços de polícia e fiscalização. Ademais, surgiram as paróquias, também chamadas de freguesias, consideradas as mais populosas entre as demais organizações políticas regionais. Assim, neste período de transição política, o estado de Minas Gerais compunha-se de 106 municípios, 518 paróquias, 92 cidades e 14 vilas. Observe-se aí a proporção entre o número de paróquias e o de municípios, através da qual se pode observar o papel preponderante desempenhado pela igreja no processo de colonização do Brasil. Entretanto, o município de Unaí só começou efetivamente a fulgurar no mapa mineiro a partir de 1943, quando foi constitucionalmente criado (COSTA, *op.cit.*, p. 109).

De acordo com a etimologia, o nome Unaí vem de Uná-i, que quer dizer bagosinho ou grãozinho, ou também Una-i, que significa pretinho, moreninho. De antigo distrito de Rio Preto passou ao município de Unaí, que compreendia inicialmente os distritos de Fróis (atual município de Bonfinópolis), Garapuava e Buritis (hoje municípios de mesmo nome) e Serra Bonita (ex-Joanópolis) (*id.*, *ibid.*, p. 417).

Segundo MENEZES (*op.cit.*, p. 92), o povoamento do norte e noroeste de Minas Gerais foi e continua sendo, até hoje, rarefeito, com baixa densidade demográfica, pois a principal

atividade econômica praticada é a pecuária extensiva, que utiliza pouca mão-de-obra. As maiores aglomerações são ribeirinhas, sendo os cursos d'água os principais condensadores de população, devido às condições favoráveis ao estabelecimento de atividades agrícolas e a maior umidade que encerram.

O norte e noroeste mineiros mantiveram-se até o século XX relativamente isolados da costa, o que impediu o desenvolvimento de uma agricultura de exportação em larga escala, cuja produção precisaria ser transportada em lombo de burro ou em veículos à tração animal. Estas dificuldades e a baixa densidade demográfica levaram à destruição do meio natural através de um processo lento de desmate da vegetação para a implantação de pequenas lavouras e a utilização da própria vegetação, original, após a “roçagem” e “queimada” como pastagem natural para uma pecuária ultra-extensiva em campo aberto (MENEZES, *ibid.*, p. 92-3).

Embora desde o início do século XX e, particularmente, a partir da década de 1970, a região venha sofrendo modificações em sua estrutura sócio-econômica, somente uma pequena parcela da população ocupada na agropecuária é proprietária, enquanto a maior parte dedica-se a diferentes formas de trabalho no setor. Isto aponta para a utilização desequilibrada do potencial da população original, principalmente considerando o baixo número de habitantes e a disponibilidade de recursos físicos (*id.*, *ibid.*, p. 94).

Recentemente, tem se observado que a interação desequilibrada entre o homem e o ambiente no noroeste de Minas Gerais tem sido ecossistemicamente desastrosa para o meio, não só proporcionando uma profunda descaracterização da paisagem natural, mas também um acentuado empobrecimento populacional.

2. A EVOLUÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA PAISAGEM EM MINAS GERAIS

O pré-historiador, quando contempla a organização natural das paisagens atuais sul americanas, formula de imediato algumas questões ligadas ao arranjo e configurações desses quadros naturais, por ocasião do povoamento inicial do

continente por populações humanas. Da mesma forma, indaga-se como essa paisagem perdurou, transformou-se e configurou-se no decorrer de diferentes idades, e que relações estas transformações ou não mantêm com os principais processos ligados às populações humanas, tais como organização social, organização espacial que inclui planejamento ambiental, baixa ou alta mobilidade, migrações, ocupações e exploração de diferentes ecossistemas simultaneamente ou não (BARBOSA, 1990, p.42).

Segundo AB'SABER (1981 *apud* SCHMITZ, 1987, p. 63), o início do Holoceno (entre 11.000 a 8.500 anos A.P.) foi marcado pela retração dos glaciares e teve como conseqüências a redução das correntes frias com a diminuição da cobertura de gelo, a elevação do nível do mar e o aumento da temperatura e umidade, proporcionando um clima mais tropical. Estas mudanças continuaram a ocorrer processualmente até atingirem um máximo entre 6.500 e 4.000 anos A.P. A vegetação parece ter permanecido aberta ao longo de todo este período, tendo se tornado mais esparsa a nordeste.

O aumento generalizado da temperatura e uma menor elevação da precipitação chuvosa entre 9.000 e 8.000 anos A.P. deram início a um período mais seco que se caracterizou por mudanças tecnológicas e culturais e intensos movimentos populacionais. Durante esse período, um processo de ocupação de grutas e cavernas de Minas Gerais, Goiás, Pernambuco e Piauí teve início, já que no entorno dessas áreas os recursos mostravam-se relativamente mais abundantes e muito diversificados (SCHMITZ, *ibid.*, p.65).

Entre 8.500 e 6.500 anos A.P., a temperatura ficou elevada, com oscilações de umidade em nível local, tendo a vegetação provavelmente se tornado mais densa e a caça diminuído em quantidade. O nível do mar parece ter começado a subir, mas ainda sem atingir os níveis atuais (AB'SABER, 1977, BIGARELLA, 1971 *apud* SCHMITZ, *ibid.*, p.71).

Neste período, os moluscos terrestres passaram a ter um importante papel na subsistência das populações humanas e os itens vegetais começaram a ser consumidos em grande quantidade enquanto a caça generalizada declinava em preferência. Ademais, as conchas e os ossos tornaram-se excelentes suportes para a confecção de artefatos para uso cotidiano e como adorno.

Minas Gerais, então, encaixa-se perfeitamente neste panorama a partir dos inúmeros sítios escavados por diferentes equipes. “A diversificação e regionalização da cultura durante este período parecem refletir melhor adaptação aos novos recursos locais, mas os detalhes tornam-se mais claros ainda durante o período subsequente” (*id., ibid.*, p.73).

Entre 6.500 e 4.000 anos A.P., a temperatura elevou-se para o mais alto nível do Holoceno e o clima tornou-se ainda mais úmido. A vegetação intensificou-se extraordinariamente, proporcionando o aparecimento de florestas, a expansão dos cerrados e a diminuição do espaço ocupado pela caatinga. Concomitantemente, o nível do mar subiu, atingindo o máximo em lagoas da planície costeira, permanecendo estável por um longo período de tempo. Segundo SCHMITZ (*ibid.*), muitos abrigos rochosos foram naturalmente abandonados nesse período não só em Minas Gerais, mas também no Piauí, em Pernambuco e em Goiás, provavelmente porque eles se tornaram muito úmidos, quentes e deficientemente ventilados ou porque os grupos passaram a dar preferência a abrigos perecíveis que lhes permitiram maior mobilidade.

Uma pesquisa sobre as oscilações climáticas no Planalto Central realizada por RIBEIRO (*apud* BARBOSA, *op.cit.*, p.51) abrange cronologias situadas dentro do Holoceno e podem ser assim sintetizadas: (1) Período de 5.000 a 3.000 anos A.P. — caracterizado por um ambiente mais oxidante e mais seco que o atual. Entre 5.000 e 4.000 anos A.P., a seca seria tenuamente menos acentuada que no período compreendido entre 4.000 e 3.000 anos A.P., (2) Período de 3.000 a 2.500 anos A.P. — registra-se na área um aumento significativo da umidade, propiciando um ambiente menos oxidante e perdurando até cerca de 2.500 anos A.P., (3) Período de 2.500 a 2.000 anos A.P. — constata-se o surgimento gradual de uma época mais seca, caracterizada por um clímax de curta duração, que segue, embora não tão acentuada até 2.000 anos A.P. e (4) Período posterior a 2.000 anos A.P. — registra-se uma oscilação, tendendo para maior umidade, seguida por uma época menos úmida.

Uma série de outros estudos científicos sobre a evolução da paisagem foram realizados: alguns consideraram os aspectos palinológicos, outros os sedimentológicos, e ainda os geomorfológicos, dentre outros. No entanto, não foram todos descritos aqui, pois, em sua

maioria, foram feitos em ambientes distintos e distantes do Brasil Central, tais como os Andes Setentrionais, a Patagônia e a Venezuela.

Um estudo multidisciplinar realizado por ABSY, VAN HAMMEN, SOUBIÈS, SUGUIO, MARTIN, FOURNIER e TURQ (1989 *apud* BARBOSA, *ibid.*, p.68), no Lago 8, em Carajás, estado do Pará, trouxe contribuições significativas para o conhecimento da evolução das paisagens no interior do continente, embora não esteja na área do Brasil Central. As informações foram classificadas da seguinte forma: (1) Idade anterior a 20.000 anos A.P. — a análise dos sedimentos revela a ocorrência de vários períodos úmidos, intercalados com breves períodos secos, (2) Idade de 20.000 a 13.000 anos A.P. — fase seca, caracterizada pela ocorrência de gramíneas e elementos de savana, (3) Idade de 13.000 a 10.000 anos A.P. — fase caracterizada por um período úmido, (4) Idade de 10.000 a 8.000 anos A.P. — fase caracterizada por uma diminuição lenta da umidade, (5) Idade de 8.000 a 3.000 anos A.P. — registra-se um período seco, situado entre 8.000 e 7.000 anos A.P., com a ocorrência de gramíneas sem os elementos de savanas, prolongando-se de forma mais branda até ao redor de 3.000 anos A.P. (neste momento constata a ocorrência de 50 % de gramíneas como componente da flora), e (6) Idade a partir de 3.000 anos A.P. — registra-se um aumento gradativo da umidade que é acompanhado pela diminuição lenta dos elementos de gramíneas.

O Planalto Central Brasileiro, anteriormente semi-árido, agora se encontra sob o domínio do clima sub-úmido sazonal, e onde ocorria o deserto do Pantanal, ocorre agora uma planície inundável, com predomínio do clima sub-úmido (BARBOSA, *ibid.*, p.105).

Segundo HARRIS (1980, p.74-80 *apud* VIANA, 1994, p. 99), o cerrado enquanto formação vegetal tem existido por milhares de anos e continua expandindo-se devido à intervenção humana. Baseando-se em dados palinológicos, o autor considera que este ambiente já existia na América do Sul e na África desde o Pleistoceno. Ademais, tais dados ainda indicam a ocorrência da paisagem de cerrado em áreas hoje ocupadas pela floresta tropical úmida, devido às oscilações climáticas do Pleistoceno Superior e grande parte do Holoceno (AB'SABER, 1963 *apud* VIANA, *ibid.*) (Figuras 14 e 15).

O sítio arqueológico Gruta do Gentio II está inserido na paisagem de cerrado que, por sua vez, ocorre em duas áreas da América do Sul, a saber: nas terras baixas do Orinoco, na Venezuela e no Equador e nas terras altas do Planalto Central Brasileiro, com cerca de 650 metros de altitude (Figuras 16 e 17).

A área nuclear dos cerrados não pode ser entendida como uma unidade zoogeográfica porque não se trata de uma área uniforme em termos de paisagem vegetal. Porém, se aos fatores zoogeográficos e fitogeográficos forem agregados fatores morfológicos e climáticos, dentre outros, tem-se maiores elementos para sua compreensão e possivelmente para defini-la como um sistema biogeográfico (BARBOSA, *op. cit.*, p.148).

Segundo BARBOSA (*ibid.*, p.149-52), a área nuclear do cerrado no centro do Brasil pode ser caracterizada como um sistema biogeográfico, composto por subsistemas específicos, definidos pela fisionomia e composição vegetal e animal, a saber:

(1) Subsistema de Campo — ocupa as partes mais elevadas do sistema e as áreas planas, denominadas regionalmente por chapadões; há forte ventilação durante quase todo o ano e a temperatura é mais baixa que nos demais subsistemas; a rede de drenagem é insignificante; a vegetação, arbustiva esparsa e também de gramínea, amplamente distribuída pela área;

(2) Subsistema de Cerrado — constitui a paisagem dominante do sistema; possui um estrato gramíneo com ocorrência de árvores de pequeno porte e com tronco retorcido; a rede de drenagem é boa e os solos são de baixa fertilidade natural, com algumas variações locais;

Revestindo o solo, especialmente com gramíneas... Muitas ervas, arbustos e poucas árvores, essa vegetação impressiona especialmente pelo aspecto tortuoso de suas árvores e arbustos, cujos caules com frequência recobrem-se de espessa casca, cujas folhas são brilhantes ou revestidas por um denso conjunto de pêlos, emprestando esses caracteres ao Cerrado, com aparência de vegetação adaptada às condições de seca (FERRI, 1960 *apud* FUNDAÇÃO IBGE, 1977, p.101).

(3) Subsistema de Cerradão — é mais vigoroso que o anterior; sua fertilidade natural é atestada pela altura de 10 a 15 metros, alcançada pelas árvores; não há um estrato gramíneo acentuado como no subsistema de cerrado e a rede de drenagem é bastante significativa;

(4) Subsistema de Matas — ocorre em manchas de solo de boa fertilidade natural, adquirindo às vezes a aparência de ilhas em meio ao cerrado, denominadas capões ou formam áreas extensas, compactas e homogêneas;

(5) Subsistema de Matas Ciliares — ocorre na cabeceira de pequenos córregos e rios e os acompanha ao longo de suas margens; há locais onde se alargam na forma de bosque e há outros onde praticamente desaparecem;

(6) Subsistema de Veredas e Ambientes Alagadiços — caracterizam as cabeceiras de alguns rios e córregos, em decorrência do afloramento do lençol d'água ou devido às características impermeabilizantes do solo. As veredas, paisagens onde predominam os coqueiros buriti, distribuem-se acompanhando os cursos d'água, formando uma paisagem muito bonita. Há um estrato inferior de gramíneas que se apresenta verde durante todo o ano.

Essa diversidade de ambiente é um fator positivo na variedade faunística, permitindo a ocorrência de animais adaptados não só a ambientes secos e como também úmidos. Da mesma forma, propicia a ocorrência de formas adaptadas às áreas ensolaradas e abertas (...). Esses fatores atribuem a este sistema biogeográfico um caráter singular pela diversidade de formas vegetais e animais. A compreensão dessa complexidade, refletida na organização dos seus subsistemas é de fundamental importância para compreender os principais processos associados à ocupação desta área (BARBOSA, *op. cit.*, p.149).

Segundo a FUNDAÇÃO IBGE (*ibid.*), o cerrado é a cobertura vegetal característica das áreas de clima semi-úmido, com duas estações bem marcadas, uma chuvosa e uma seca, ocupando predominantemente os solos sedimentares do Planalto Brasileiro. As chuvas são praticamente concentradas de outubro a março e a temperatura do mês mais frio é superior a 18°C (RIBEIRO, WALTER, 1998, p.89).

No que se refere à constituição florística, RIZZINI (1964 *apud* FUNDAÇÃO IBGE, *ibid.*, p.101) cita para o Cerrado a ocorrência de aproximadamente quinhentos e sessenta e oito (568)

espécies, entre árvores e arbustos, distribuídos entre formações florestais, savânicas e campestres. Especificamente na região do rio São Francisco, o cerrado tem uma fisionomia própria, se bem que não seja uniforme em toda a sua extensão. Seu estrato superior é formado por árvores e arbustos espaçados de 3 a 5 metros e suas copas raramente se tocam. As espécies principais são, entre outras: pau-terra de folha grande (*Qualea grandiflora*), folha larga (*Salvertia convallariodora*), cabiúna (*Dalbergia miscolobium*), quina-do-campo (*Strychnos pseudoquina*) e pequi (*Caryocar brasiliensis*). No estrato inferior predominam as gramíneas, bolsa-de-pastor (*Zeyhera montana*) e o algodão (*Cochlospermum insigne*).

O Sistema Biogeográfico do Cerrado fornece vegetais, tais como: fibras, lenha, folhas ásperas, utilizadas para acertar superfícies e palha de palmeiras para cobertura de abrigos. O mais importante é que de todos os sistemas biogeográficos da América do Sul, este é o que fornece maior variedade de frutos comestíveis. E embora a maturação da sua maior parte esteja relacionada à época da estação chuvosa, sua variedade possibilita a distribuição regular de suas espécies durante todo o ano (BARBOSA, SCHMITZ, 1998, p.13).

O ambiente onde se insere a Gruta do Gentio, um grande paredão rochoso, parece estar de acordo com o que mais recentemente, RIBEIRO e WALTER (*ibid.*) descreveram sobre as formações savânicas do Cerrado. Segundo eles, tais formações englobam quatro tipos fitofisionômicos principais: o Cerrado Sentido Restrito, o Parque de Cerrado, o Palmeiral e a Vereda.

O primeiro a ser denominado por eles foi, então, o Cerrado Sentido Restrito que em decorrência de sua complexidade foi subdividido em Cerrado Denso, Cerrado Típico, Cerrado e Cerrado Rupestre. Neste último caso, inserimos de forma imediata a Gruta do Gentio, onde as formações arbóreas concentram-se entre as rochas, e a densidade é variável e dependente do volume de solo. Seu estrato arbustivo-herbáceo compõe-se de algumas espécies das famílias Asteraceae, Bromeliaceae, Cactaceae, Eriocaulaceae, Melastomataceae, Myrtaceae, Rubiaceae, Velloziaceae, dentre outras, cujas espécies que mais se destacam são *Chamaecrista orbiculata*, *Lychnophora eicoides* (arnica), *Norantea* spp., *Scheffera vinosa* (mandiocão), *Sipolisia lanuginosa* (veludo), *Wunderlichia crulsiana*, *Davilla elliptica*, *Kielmeyera rubriflora*, *Qualea*

parviflora, *Pouteria ramiflora*, *Ferdinandusa elliptica*, *Miconia albicans*, *Terminalia fagifolia* e *Vochysia petraea* (RIBEIRO, WALTER, *ibid.*).

A época do ano onde havia maior variedade de alimentos seria a estação chuvosa. Tal diversidade compensar-se-ia durante o período de seca quando outros produtos do cerrado estariam disponíveis. Assim, ao longo de todo o ano as populações dispunham de uma alimentação balanceada, baseada em proteínas, vitaminas, açúcares e sais minerais.

Quanto ao relevo da área do rio São Francisco, observa-se que em seu alto curso o rio atravessa regiões relativamente planas e baixas, com cerca de 500 metros de altitude média, ligeiramente inclinadas para o norte e formadas por arenitos, ardósias e calcários. Ao lado dessas formações paleozóicas está o Espinhaço, constituído por formações proterozóicas.

As rochas possuem estruturas complexas, desde aquelas intensamente granitizadas até os sedimentos móveis que recobrem as superfícies de erosão. Na parte sul desta área, predominam as rochas cristalinas, que estão sujeitas a uma intensa decomposição por causa do clima mais úmido e da temperatura mais baixa. Para o norte, o cristalino é recoberto pelos estratos paleozóicos que se dispõem em grandes áreas (FUNDAÇÃO IBGE, *op. cit.*, p.22).

A passagem das formações cristalinas e proterozóicas para os calcários, ardósias e folhelhos da Série Bambuí é feita através de relevos suaves, sub-horizontais recobertos pela vegetação de campos cerrados. As formações Bambuí recobrem a Série Lavras no Espinhaço e o seu contato, ao sul, com a Série Minas, não pode ser precisado (*id.*, *ibid.*, p.22).

Na zona dos Chapadões, o relevo apresenta-se com aspecto tubular devido à constituição geológica dos arenitos cretáceos. Sua altitude varia entre 800 e 900 metros, raramente atingindo 1.000 metros. Estas formações vão desde o estado de Minas Gerais até o sudoeste Goiano, apresentando-se quase que continuamente, sendo apenas interrompidas pelos cursos d'água afluentes do São Francisco, pela margem esquerda. Sobre o relevo das Chapadas, o escoamento difuso torna-se atenuado nas topografias suaves, de solos porosos e permeáveis (*id.*, *ibid.*, p.22-38).

A geologia da região na qual se insere o sítio arqueológico Gruta do Gentio II, município de Unaí, caracteriza-se, então, pelos Chapadões.

No que se refere à hidrografia, uma das características fundamentais dos rios da área é o fato deles serem, na sua maioria, perenes. Devido à natureza do relevo, os rios são de planaltos, com perfis escalonados, apresentando trechos de corredeiras. Nas bacias dos rios das Velhas, Paracatu e Urucuia, onde afloram calcários, já foram reconhecidos sumidouros e ressurgências, decorrentes das reações entre a água e a rocha (*id., ibid.*, p.25-36).

Para compreender-se a morfogênese do São Francisco, temos de considerar vários fatores além da estrutura, da natureza das rochas e dos movimentos tectônicos, não esquecendo dos paleoclimas e suas conseqüências biogeográficas (IBGE, *ibid.*, p.36).

Nas formações da Série Bambuí, podem ser distinguidos dois aspectos diferenciados do modelado: as áreas de cerrados claros e abertos e aquelas de cerrados e matas secas. Assim, os modelos de cerrados abertos e de pequeno porte do alto dos chapadões diferem daqueles dos cerrados e das matas secas (*id., ibid.*, p.38).

A precipitação anual média da região a noroeste de Minas Gerais é superior a 1.500 mm, concentrada nos meses de novembro, dezembro e janeiro. Quanto ao período de seca, este tem a duração de aproximadamente cinco meses, indo de maio a setembro (*id., ibid.*, p.65-75).

Durante o inverno, o clima é ameno e a sensação de frio somente se verifica em forma de ondas; durante o verão, é sempre quente e muito longo, geralmente de setembro a março. Embora a máxima se verifique normalmente em dezembro ou janeiro, há uma tendência no noroeste de Minas Gerais para que o solstício de verão ocorra de outubro a dezembro.

As características da vegetação, do relevo, da hidrografia e do clima, recentes e antigos, são muito importantes e devem ser amplamente conhecidas pelos arqueólogos, pois as populações humanas antigas viviam em contextos ambientais definidos e se serviam deles para implementarem suas estratégias de subsistência ao longo das diferentes estações do ano. O

conhecimento intrínseco do ambiente e dos elementos a ele relacionados pode fornecer pistas para a compreensão sócio-econômica e cultural das sociedades humanas passadas.

Segundo PAVIA (1976, p. 212-3), as grutas do alto vale do rio São Francisco possuíam condições tão favoráveis à época de sua ocupação que permitiram que os homens pré-históricos as habitassem por longos períodos de tempo e em momentos distintos do ano.

Obviamente, a escolha pelo local não era aleatória; uma série de fatores microambientais pode ter contribuído para a utilização de uma gruta ao invés de outra. No entanto, o autor também considera a possibilidade da ocupação de um lugar devido a fatores especificamente culturais (PAVIA, *ibid.*, p.19).

O baixo índice de umidade das grutas da região e especificamente da Gruta do Gentio II ao longo das estações do ano não é, pois, resultado do capricho climático de um dia, mas de várias características específicas do lugar, tendo transmitido ao homem uma sensação de conforto físico e psíquico, favorecendo sua utilização. “As oscilações de temperatura de uma gruta em função das variações externas são mínimas — uma característica que demonstra a inércia térmica das grutas” (*id.*, *ibid.*, p.227).

A baixa umidade e as mínimas oscilações de temperatura anteriormente citadas unidas aos mecanismos de recebimento, permanência e eliminação das águas, à disposição estratigráfica, ao número de acessos da gruta em contato com o exterior, à circulação interna de ar, à disposição e à forma da entrada, à latitude do lugar e ao índice de radiação solar são os fatores mais importantes na formação de um microclima de uma gruta ou caverna. Dentre eles, destaca-se, de modo especial, a radiação solar, pois a sua duração, distribuição interna em áreas ensolaradas e sombreadas em função da hora do dia, da estação, da disposição, da forma da entrada, dos obstáculos e do horizonte vão ser decisivos na constituição de um microclima favorável à ocupação humana seja ela prolongada ou temporária (PAVIA, *ibid.*, p.227-36).

Na Gruta do Gentio II, o microclima local permitiu não só sua ocupação em momentos diferentes e prolongados, mas também favoreceu a excelente conservação dos vestígios materiais,

dentre eles: remanescentes humanos parcialmente mumificados com evidências de fios, unhas, pêlos, pele e coprólitos, tecelagem, cestaria, arte plumária, restos vegetais, que, entre outros, têm fornecido aos pesquisadores maiores oportunidades de compreender o sistema humano pré-histórico no local.

Os possíveis agentes, responsáveis por esse fenômeno, foram as condições ambientais especiais da gruta, tais como a “estabilidade do microclima, muito seco, o ambiente anaeróbico na cova funerária, as características locais de alcalinidade do solo e a rara penetração de águas pluviais” (MACHADO, 1992, p.99).

CAPÍTULO II

HISTÓRICO DAS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS

Os fatos passados obedecem a gente; os por vir também.

João Guimarães Rosa

1. AS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS EM MINAS GERAIS

As pesquisas arqueológicas em Minas Gerais iniciaram-se em 1834, através do médico, botânico e paleontólogo amador, Peter Wilhelm Lund, quando este se fixou na região de Lagoa Santa, proveniente da Dinamarca, ali permanecendo até sua morte. Durante esse longo período de permanência, Lund pesquisou mais de oitocentas grutas, muitas das quais com evidências de paleofauna.

A boa convivência permitiu que Lund encontrasse o ambiente ideal para escrever vários capítulos sobre um Brasil muito antigo, que nem os mais imaginativos habitantes de Lagoa Santa poderiam supor. Uma terra de animais gigantes e de homens que já estavam ali a milênios antes da esquadra de Cabral surgir no litoral brasileiro. Um Brasil que, ao se revelar pelas mãos e pela coragem do naturalista dinamarquês, abalaria os alicerces de uma ciência que até então quase desconhecia o passado tropical (HETZEL, NEGREIROS, 2007, p.46-7).

Durante suas pesquisas, minuciosamente documentadas, Lund encontrou ossos humanos misturados com aqueles da fauna extinta, reforçando a idéia da antiguidade do homem, principalmente na América. Embora tais achados ainda provoquem dúvidas, já que podem ter sido misturados pela ação de águas subterrâneas, o fato é que seus trabalhos chamaram a atenção para a presença de grupos humanos antigos no local (PROUS, 1992, p. 6-7, SEDA, 1998, p. 71).

Destacamos, então, que Lund inegavelmente ocupou uma posição de vanguarda, abrindo caminho para pesquisas posteriores, que obviamente apresentaram-se cientificamente mais estruturadas.

Suas descrições minuciosas, sobretudo quanto aos restos paleontológicos, chegaram até nossos dias e ajudaram a tornar Lagoa Santa, durante muito tempo a região arqueológica brasileira mais conhecida no mundo, tendo sido a partir de suas pesquisas que se cunhou a expressão Homem de Lagoa Santa (SEDA, *ibid.*, p 71-2).

Inúmeras outras pesquisas foram realizadas na região até a década de 1960; no entanto, a maioria delas investia-se de cunho meramente amador. Muitas grutas foram estratigraficamente destruídas, não restando possibilidades para correções posteriores por parte de pesquisadores mais bem preparados. Naturalmente, uma quantidade enorme de informações sobre a presença do homem em Minas Gerais também se perdeu para sempre.

Segundo SEDA (*ibid.*, p.73-4), em 1965, iniciou-se o primeiro grande projeto arqueológico de âmbito nacional — o PRONAPA, coordenado por Betty Meggers e Clifford Evans, pesquisadores do Smithsonian Institution de Washington, USA. O Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas envolveu pesquisadores de inúmeros estados brasileiros, tendo o patrocínio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e, evidentemente, do Smithsonian Institution e a aprovação da antiga Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), hoje Instituto.

A priori, o PRONAPA objetivava realizar prospecções e rápidas escavações apenas em estados do litoral do Brasil e na Amazônia, utilizando uma base teórica histórico-culturalista, condizente com a formação científica daqueles que dele participava. No entanto, este programa estendeu-se para o estado de Minas Gerais, tendo como principal colaborador o Prof. Dr. Ondemar F. Dias Jr., do Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB). O estado de Minas Gerais já não se tratava de uma região arqueologicamente desconhecida, pois este pesquisador e sua equipe já tinham empreendido alguns trabalhos preliminares, em 1963, na referida área.

As primeiras pesquisas do PRONAPA na região mineira concentraram-se no vale do rio Grande, próximo à Represa de Furnas, onde foram localizados vários sítios arqueológicos, especialmente com evidências de cerâmica, os quais passaram a integrar a Tradição Sapucaí, constituindo-se *a posteriori* na primeira grande síntese da arqueologia mineira (*id.*, *ibid.*).

Entre 1969 e 1970, realizou-se o último período de pesquisas do PRONAPA, que se concentrou na área do alto curso do rio Sapucaí e alto curso do rio São Francisco. O potencial arqueológico demonstrado logo nas primeiras prospecções selou definitivamente a história deste vale e a do Instituto de Arqueologia Brasileira.

Com a conclusão do citado Programa em 1970, apresentando resultados promissores, um outro foi idealizado, visando a realização de prospecções e pesquisas arqueológicas sistemáticas na região do vale do Rio São Francisco. Tratava-se, então, não mais de um projeto nacional, mas de um outro em nível institucional e regional.

Segundo PROUS (*op.cit.*, p.16-17), várias instituições, no entanto, preferiram atuar na pesquisa arqueológica dentro de uma perspectiva mais restrita, ou seja, estudando um único sítio por um prolongado período de tempo, ao contrário da abordagem do PRONAPA. Dentre elas, podemos citar: o Museu Nacional do Rio de Janeiro, o Museu Paulista de São Paulo, o Museu de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina e o Instituto de Pré-História de São Paulo.

Concomitantemente, não podíamos deixar de citar as pesquisas de Annette Laming-Emperaire em Minas Gerais, representante de uma missão Franco-Brasileira e membro do *Centre National de La Recherche Scientifique*. Em associação com pesquisadores do Museu Nacional do Rio de Janeiro e da Universidade Federal de Minas Gerais, Madame Annette, como era chamada, e seu grupo de estudiosos começaram a atuar na região de Lagoa Santa, não só fazendo prospecções e escavações em abrigos, mas também documentando minuciosamente as manifestações locais de arte rupestre.

Sua pesquisa mais importante foi a escavação da Lapa Vermelha, cujo maior destaque relaciona-se mais ao fato de ter servido de escola para uma geração inteira de pesquisadores, aos quais foi possível conhecer e utilizar *in loco* diferentes métodos e técnicas de pesquisa arqueológica ainda não amplamente aplicados no Brasil. Acrescente-se ainda que as escavações chefiadas por Laming-Emperaire comprovaram a antiguidade do povoamento pré-histórico de Minas Gerais e, conseqüentemente, do Brasil, bem como deram início aos estudos sobre paleoambiente da citada região mineira (SEDA, *ibid.*, p. 80, PROUS, *op. cit.*, p. 13-4).

Idealizado na década de 70, o PROPEVALE — Programa de Pesquisas Arqueológicas no Vale do São Francisco — restrito aos limites do estado de Minas Gerais, especificamente à região do vale do rio São Francisco, teve desde o início a coordenação geral do Prof. Dr. Ondemar Ferreira Dias Jr.. Este Programa tinha como objetivo principal “levantar a maior soma possível de informações ao longo do vale sanfranciscano em território mineiro, através de prospecções e escavações sistemáticas” (DIAS JR, CARVALHO, CHEUICHE, 1976, p. 14).

Pretendemos eliminar o vazio que este vale representava em termos de Arqueologia Brasileira, pois, excetuando-se o vale do rio das Velhas, seu afluente da margem direita, todo ele era praticamente inexplorado cientificamente em Minas Gerais, a não ser, talvez quanto a alguns registros de pictografias e petroglifos. Este vazio se acentuava ainda mais quando observávamos que ele se encontrava entre outras áreas regularmente bem conhecidas, como a do vale do rio Grande para o sul, o leste e o próprio vale do São Francisco na Bahia (*id.*, *ibid.*, p. 14).

Considerando a imensa área (221.583 km²) que compunha a bacia do rio São Francisco, a primeira tarefa foi dividi-la em setores de pesquisa, denominados “Frentes Operacionais”, que passaram a ter as cidades maiores como centros. Foram, então, criadas cinco frentes, posteriormente ampliadas para sete, e para cada uma das quais foram buscadas instituições patrocinadoras (*id.*, *ibid.*).

Assim, ao longo de vários anos de pesquisas na região, foram detectados centenas de sítios arqueológicos de maior ou menor importância de acordo com os vestígios neles encontrados e datações obtidas.

Por todo o vale, mas com maior intensidade junto à calha do rio em seu médio curso, os sítios pré-cerâmicos são abundantes. Onde começa o curso navegável, em Pirapora, encontramos uma indústria de seixos lascados (arenito), geralmente em talhe unifacial (...). Em vários outros locais do vale, encontramos sítios com artefatos de calcedônia, sílex e quartzo, geralmente de núcleos e lascas (DIAS JR., 1976/7, p. 120).

Dentre as Frentes Operacionais inicialmente idealizadas, as que produziram resultados mais importantes foram a de número seis (VI), representada pelos municípios de Montes Claros, São João da Ponte, Janaúba, Mirabela e Varzelândia, e a de número sete (VII) — caracterizada pelos municípios de Paracatu e Unaí. De uma maneira geral, merecem maior destaque as regiões de Varzelândia, ao norte do estado, próxima à divisa com a Bahia (vale do rio Verde Grande) e a de Unaí, a noroeste de Minas Gerais, junto à fronteira estadual de Goiás (vale do rio Preto, afluente do Paracatu) (DIAS JR., 1975, p. 19-20).

Segundo SEDA (*op. cit.*, p. 84-5), após a obtenção de um conhecimento profundo da região, fez-se necessário um direcionamento das pesquisas arqueológicas para um estudo aprofundado das grutas da região sanfranciscana. Conseqüentemente, em 1980, o Programa de Pesquisas Arqueológicas no Vale do São Francisco foi desdobrado no Programa Grutas Mineiras, priorizando-se, então, escavações sistemáticas naquelas grutas que tivessem demonstrado um grande potencial durante as prospecções iniciais. Dentre elas, destacam-se a Lapa Pintada III, em Buenópolis, as Lapas do Boqueirão Soberbo, do Barreirinho, do Zé Preto, do Varal e da Várzea de Cima, em Varzelândia e a Lapa da Foice e, de modo especial, a Gruta do Gentio II, ambas no município de Unaí.

2. AS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS NA GRUTA DO GENTIO II

Desde a descoberta do sítio arqueológico Gruta do Gentio II, em 1973, e constatado o potencial do local, foram minuciosamente programadas e realizadas quatro etapas de escavação: a primeira, em 1976 e as outras em 1977, 1984 e 1987 respectivamente, durante as quais foram escavados cerca de 140m² do sítio. Ao longo desses anos, as pesquisas foram patrocinadas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), National Geographic Society, Latin American Archaeological Fund, Smithsonian Institution e prefeitura local.

O método de escavação empregado foi o de decapagem por níveis artificiais de dez em dez centímetros, através da divisão da gruta em setores quadrangulares de dois metros cada, tendo sido numeradas as linhas paralelas à boca da gruta e alfabetadas aquelas perpendiculares à mesma (Figura 18). Ao final da escavação de cada nível, fichas padronizadas de setor e/ou enterramento eram detalhadamente preenchidas bem como realizados planos de topo, a fim de documentar todos os vestígios e as estruturas encontradas em relação ao espaço ocupado e à estratigrafia. Acrescente-se ainda a realização da documentação fotográfica em âmbito geral e detalhada, bem como a feitura de plantas baixa e topográfica de toda a Gruta do Gentio II, iniciadas logo a partir das primeiras etapas de campo, a fim de que todo o processo de escavação pudesse ser minuciosamente acompanhado (Figuras 19 e 20).

Em decorrência da abundância e fragilidade dos vestígios arqueológicos especialmente diagnosticados nas primeiras camadas ocupacionais, foi feito um refinamento do método de escavação de níveis artificiais de dez centímetros, passando esporadicamente para três ou cinco centímetros. Pela mesma razão, alguns setores foram também divididos em duas partes, passando a ser denominados por hemi-setor, por exemplo: NA-0(a) e NA-0(b).

A estratigrafia, por sua vez, já devidamente especificada na parte introdutória desta tese, também começou a ser definida a partir das primeiras etapas da escavação, analisando séries de setores justapostos escavados da superfície até a base do sítio. As camadas demonstraram ser bastante irregulares, sendo a primeira umas das mais espessas junto à boca da Gruta, adelgaçando-se acentuadamente em direção ao fundo. Praticamente todas elas apresentam

consideráveis evidências de desmoronamentos de maior ou menor intensidade. Embora sejam comuns em grutas de formação calcária, tais acontecimentos provocaram algumas vezes importantes perturbações nas ocupações arqueológicas. Evidentemente, foram localizadas e delimitadas, descritas e contextualmente avaliadas ao longo de todo o sítio e de todas as etapas de escavação.

2.1 Pesquisa de Campo de 1976

A primeira etapa de campo foi realizada de 5 a 20 de julho desse ano, tendo como coordenador geral o Prof. Dr. Ondemar Ferreira Dias Jr. e demais pesquisadores do Instituto de Arqueologia Brasileira à época, dentre eles: Eliana Teixeira de Carvalho, Ermelindo Elias Eude, Alcília Duran Coirolo, Juliana de Moraes Paiva, Lília Cheuiche e José Antônio Alves Azevedo.

Durante esta etapa foram escavados os seguintes setores e respectivos níveis : NA-0(a) e NA-0(b) — 0/10, 10/20, 20/30, 30/40, 40/50, 50/60, 60/70 e 70/80 cm (base), NB-0 — 0/10, 10/20 e 20/30 cm, LA-0 — 0/10, 10/20, 20/30, 30/40, 40/50, 50/60, 60/70 e 70/80 cm (base), NA-1(a) — 0/10, 10/20, 20/25, 25/30, 30/35, 35/45 e 45/60 cm, NA-1 (b) — 0/10, 10/20, 20/30, 30/40, 40/50, 50/60, 60/70, 70/80, 80/90 e 90/100 cm, QA-1 — 0/5, 5/10, 10/20, 20/30, 30/40 e 40/60 cm (salvamento), NA-2 — 0/10, 10/20, 20/30, 30/40 e 40/75 cm (área perturbada), ND-2 — 0/5, 5/10, 10/20, 20/30, 30/40, 40/50, 50/60 e 60/70 cm, NA-3 — 0/10, 10/20, 20/30, 30/40, 40/50, 50/60, 60/70, 70/80, 80/90, 90/100, 100/110 e 110/120 cm, NC-3(a) — 0/20, 20/30, 30/40, 40/50, 50/60, 60/70, 70/80, 80/90, 90/105 e 105/120 cm, NC-3(b) — 0/10, 10/20, 20/25 cm e ND-3 — 0/10, 10/20, 20/30, 30/40, 40/50, 50/60, 60/70, 70/80, 80/90, 90/100, 100/120 cm (Figuras 21a 24).

Os vestígios arqueológicos evidenciados constituíram-se de cordéis, cabaça, tecelagem, cestaria, arte plumária, couro, contas ósseas, artefatos e adornos malacológicos, líticos e ósseos, restos vegetais (milho, amendoim, coquinhos, palmáceas, madeira, folhas diversas), lascas (em menor quantidade) de calcedônia, sílex e quartzo, enterramentos e elementos a eles associados (ossos, coprólitos, peles, cabelo, unha), fogueiras, muitos carvões esparsos, poucos vestígios

alimentares (ósseos e malacológicos) e fragmentos cerâmicos para o horizonte horticultor. Já no horizonte caçador-coletor, foram detectados muitos artefatos e lascas líticas de sílex, calcedônia, jaspe, ágata, dolomita e quartzo (pouco), dentre os primeiros destacam-se os planos convexos (“lesmas”), fogueiras, grande quantidade de malacológico (*megalobullimus*) e restos calcinados de coquinhos de buriti e outras palmáceas, artefatos malacológicos denominados “zunidores” e poucas evidências de ossos de animais e enterramentos (DIAS JR., *op. cit.*).

2.2 Pesquisa de Campo de 1977

Uma nova etapa foi organizada e desta vez coordenada pela pesquisadora Eliana Teixeira de Carvalho, com a colaboração de alguns membros do Instituto de Arqueologia Brasileira, a saber : Marcos Pereira Magalhães, Lília Cheuiche, Paulo Roberto Gomes Seda, Divino de Oliveira, Eva Sellei e José Antônio Alves Azevedo.

Outras áreas do sítio arqueológico em questão foram, então, escavadas no período de 10 a 30 de julho; e seguindo a mesma metodologia anteriormente citada, foram trabalhados os seguintes setores:

NC-1 — 0/5, 5/10, 10/20, 20/30, 30/40, 40/50 e 50/60 cm, NC-2 — 0/5, 5/10, 10/20, 20/30, 30/40, 40/50, 50/60, 60/70, 70/80, 80/90, 90/100, 100/110 e 110/120 cm (base), NB-3 — 0/10, 10/20, 20/30, 30/40 e 40/50 cm, OA-3 — 0/3, 3/5, 5/10, 10/20, 20/30, 30/40, 40/50, 50/60, 60/70, 70/80, 80/90, 90/100, 100/110, 110/120, 120/130, 130/140 e 140/150 cm (base), OB-3 — 0/3, 3/5, 5/10, 10/20, 20/30, 30/40, 40/50, 50/60, 60/70, 70/80, 80/90, 90/100, 100/110, 110/120, 120/130, 130/140 e 140/150 cm (base), OB-3 — 0/3, 3/5, 5/10, 10/20, 20/30, 30/40, 40/50, 50/60, 60/70, 70/80, 80/90, 90/100, 100/110, 110/120, 120/135 e 135/145 cm (base), NA-4(a) — 0/10, 10/20, 20/30, 30/40, 40/50, 50/60, 60/70, 70/80, 80/90, 90/105, 105/115, 115/130, 130/140 e 140/150 cm (base), NA-4(b) — 0/10 cm, NB-4 — 0/10, 10/20, 20/30, 30/40, 40/50, 50/60, 60/70, 70/80, 80/90, 90/100, 100/110, 110/120, 120/130, 130/140 e 140/160 cm (base) e NB-5 — 0/10, 10/20, 20/30, 30/40, 40/50, 50/60, 60/70, 70/80, 80/90, 90/100, 100/110 e 110/125 cm (base).

Os vestígios arqueológicos evidenciados ao longo das escavações dos setores e níveis acima descritos são semelhantes em quantidade e qualidade àqueles da etapa anterior.

2.3 Pesquisa de Campo de 1984

O destacável potencial arqueológico da Gruta do Gentio II impôs a realização de mais uma etapa de pesquisa de campo, realizada entre 07 a 29 de julho e para a qual foi organizada uma equipe com um número maior de pesquisadores, dentre eles: Prof. Dr. Ondemar Ferreira Dias Jr., coordenador geral, Eliana Teixeira de Carvalho, Paulo Roberto Gomes Seda, Eva Sellei, Divino de Oliveira, Márcia Bezerra, Rosângela Menezes, Christiane Lopes Machado, Gilda de Andrade, Eutália Pons, Laura da Piedade Ribeiro da Silva, Rosita de Paula Xavier Moro, Augusta Bergier, Haydée Helena Corrêa Duarte, Rogério Costa Amaral e Rosiclér Theodoro da Silva.

Dado o grande número de membros da equipe a participarem dos trabalhos, uma quantidade maior de setores pôde ser escavada, a saber: NB-0 — 0/3, 3/10, 10/20, 20/30 e 30/40 cm, NC-0 — 0/10, 10/20 e 20/30cm, OA-0 — 0/5, 5/10, 10/20, 20/30, 30/40, 40/50, 50/60, 60/70, 70/80, 80/90, 90/100, 100/110 e 110/120 cm (base), SA-0 — 0/10, 10/20, 20/30, 30/40, 40/50, 50/60, 60/70, 70/80 e 80/90 cm, NB-1 — 0/5, 5/10, 10/20 e 20/30 cm, OA-1 — 0/5, 5/10, 10/15 e 15/20 cm, NC-1/ND-1 — limpeza, NB-2 — 0/5, 5/10, 10/20 e 20/30 cm (sumidouro), OA-2 — 0/5, 5/10, 10/20, 20/30 e 30/40 cm, OB-2 — 0/5, 5/10, 10/15 e 15/20 cm, OA-3 — 5/10 e 10/20 cm, NB-3 — 0/8, 8/20, 20/30, 30/40, 40/50, 50/60, 60/70 e 70/80 cm, OB-3 — 0/5 e 5/10 cm, NA-4(a) — 90/100, 100/110, 110/120 e 120/130 cm (base), NB-4 — 0/10, 10/20, 20/30, 30/40, 40/50, 50/60, 60/70, 70/80, 80/90, 90/100, 100/110 e 110/120 cm (base) (Figuras 25 e 26).

As ocorrências materiais encontradas suplantaram demasiadamente as anteriores não só em qualidade, mas especialmente em quantidade, já que muitos setores puderam ser completamente escavados, ou seja, da superfície à base.

2.4 Pesquisa de Campo de 1987

A etapa de escavação de 1987 foi a última empreendida na Gruta do Gentio II, pois a amostragem de vestígios culturais em relação às áreas da Gruta já demonstrava ser suficiente para

alcançar os objetivos previamente estabelecidos para a pesquisa de campo e posterior análise de laboratório. Além disso, o sítio não foi esgotado como é metodologicamente recomendado pela base teórica da Arqueologia. Participaram dessa etapa os seguintes pesquisadores do Instituto de Arqueologia Brasileira: Prof. Dr. Ondemar Ferreira Dias Jr., coordenador geral, Rosângela Menezes, Paulo Roberto Gomes Seda, Divino de Oliveira, Mônica Bello, Marcos Aurélio Câmara Zimmermann, Márcia Bezerra, Laura da Piedade Ribeiro de Silva, Eutália Raposo Pons, Hélio Vianna e Haydée Helena Corrêa Duarte.

Realizada no período de 17 de janeiro a 10 de fevereiro desse ano, a pesquisa de campo concentrou-se na escavação dos seguintes setores e níveis: LB-0 — 0/10, 10/20, 20/30, 30/40, 40/50, 50/60, 60/70, 70/80, 80/90, 90/100, 100/110, 110/120, 120/130, 130/140 e 140/150 cm (base), NB-0 — 40/50, 50/60, 60/70, 70/80, 80/90, 90/100, 100/110, 110/120, 120/130, 130/140, 140/150, 150/160, 160/170, 170/180, 180/190 e 190/200 cm (base), LC-0 — 0/10, 10/20 e 20/30 cm, NA-0 — 170/180 e 180/190 cm (base), LB-1 — 0/30, 30/40, 40/50, 50/60, 60/70, 70/80, 80/90, 90/100 e 100/110 cm, OA-1 — 20/30, 30/40, 40/50, 50/60, 60/70, 70/80, 80/90, 90/100, 100/110 e 110/130 cm (base), OB-1/OB-2 — 50/60, 60/70 e 70/80 cm, OB-2 — 20/30, 30/40, 40/50, 50/60, 60/70, 70/80, 80/90, 90/100, 100/110, 110/120, 120/130, 130/140, 140/150 e 150/160 cm (base), OA-2 — 50/60, 60/70, 70/80, 80/90, 90/100, 100/110, 110/120, 120/130 e 130/140 cm (base), OA-3 — 0/10, 10/20, 20/30, 30/40, 40/50, 50/60, 60/70, 70/80, 80/90, 90/100, 100/110, 110/120 e 120/140cm (base), OC-3 — 0/20 cm, ND-3 (hemi-setor) — 0/10, 10/20, 20/30, 30/40, 40/50, 50/60, 60/70, 70/80, 80/90 e 90/100 cm, NC-4 — 70/80, 80/90, 90/100, 100/110 e 110/120 cm (base), NA-4 — 75/85, 85/100, 100/110, 110/120, 120/130, 130/140 e 140/150 cm e ND-4 — 0/10, 10/20, 20/30, 30/40, 40/50, 50/60, 60/70 e 70/80 cm.

Os vestígios culturais continuam a ocorrer da mesma forma que nas etapas anteriores, havendo uma acentuada diminuição da quantidade e qualidade das ocorrências vegetais e aumento da variedade e frequência de matérias-primas e artefatos líticos.

Com relação à arte rupestre, SEDA (1981/2, p. 400), ao analisar as sinalações da Gruta do Gentio II (MG-RP-6), destaca que elas são pequenas, constituindo-se de aves, cervídeos, felinos,

um lagarto e outros animais não identificáveis (um deles associado a uma possível armadilha). Os antropomorfos, quase sempre filiformes, possuem o corpo alongado e os braços voltados para o teto. Os geométricos são basicamente círculos concêntricos. Há ainda figuras de forma triangular feitas em pontos. As gravuras, somente encontradas nesse sítio, são bem simples, feitas por polimento cujos motivos são traços finos paralelos ou entrecruzados. O tratamento é tanto esquemático quanto realista e as três técnicas estão presentes, predominando a silhueta. As cores são o vermelho, o preto e o amarelo.

CAPÍTULO III

UMA HISTÓRIA CULTURAL DE CONTINUIDADE E MUDANÇA: OS GENTIOS CAÇADORES-COLETORES

As economias dos povos “primitivos” diferem amplamente umas das outras (...), mas os caçadores-coletores não vivem necessariamente em níveis de subsistência mais baixos que os dos cultivadores (FORDE, DOUGLAS, 1982, p.427).

Ao falarmos de história de uma determinada cultura ou sociedade, estamos inexoravelmente introduzindo a noção de processo. Assim, segundo WATSON *et alii* (1971, p.43), a expressão *processo cultural* significa “o funcionamento sincrônico e diacrônico e as inter-relações dos sistemas e subsistemas que compreendem uma cultura particular da sociedade humana”. Assim, antes de apresentarmos um pouco da história dos mais antigos habitantes da Gruta do Gentio II, procuramos fazer uma breve caracterização da estrutura sócio-cultural de um grupo caçador-coletor com base em estudos de casos etnográficos. Ressaltamos, contudo, que tais fontes foram estudadas apenas para a ampliação das possibilidades interpretativas para o contexto caçador-coletor na pré-história. Neste sentido, dado o potencial desse tipo de estudo para a arqueologia, muitos arqueólogos têm realizado inúmeras pesquisas etnográficas no Ártico, na África e Austrália.

Os estudos etnográficos conduzem-nos a questões mais amplas sobre a persistência e coerência das culturas caçadoras-coletoras e a natureza dos contatos intergrupais e os sistemas regionais de interação (...). Os arqueólogos podem, então, não só refinar seus métodos para demonstrar contatos e comércio regionais (através de análises químicas e físicas de artefatos), mas desenvolver modelos que valorizam a frequência, a intensidade e a natureza de tais contatos (MIRACLE, FISCHER, 1991, p.1-2).

Contudo, muitos estudos etnográficos têm mantido ilusões de que as sociedades caçadoras-coletoras são inteiramente cordiais, generosas, não violentas, ou melhor, expressões puras da humanidade. Na verdade, elas também lutam, mentem e depredam como todas as demais. “Os erros mais antigos e comuns têm sido confundir complexidade cultural com valor cultural” (WENKE, 1990, p. 281).

Para BATE (op. cit.), uma sociedade caçadora-coletora é caracterizada pela falta de produção de excedentes e ausência de classes sociais. No entanto, acreditamos que, além destes, há muitos outros aspectos que especificam estas comunidades. Para LINTON (1945, p.70), “o bando caçador-coletor é uma configuração de família, de amizade e de grupos de trabalho”. BINFORD (1981, p. 9) acentua, por sua vez, que o que mais caracteriza um sistema caçador-coletor é a alta mobilidade residencial, a ausência de qualquer tentativa de estocagem de alimentos, as estratégias diárias e regulares de busca de alimentos e a manutenção de um padrão de assentamento com um acampamento-base (residencial) e um local/sazonal. O primeiro é de onde os caçadores-coletores partem para suas atividades de coleta e é também onde processam, manufaturam e mantêm atividades específicas de cada grupo, já o segundo corresponde ao local onde os trabalhos de extração de recursos são executados.

Os caçadores-coletores estudam os ciclos de vida de plantas e animais cuidadosamente. Eles internalizam uma detalhada informação sobre a topografia, as mudanças sazonais e os recursos minerais. Eles planejam seus próprios movimentos em relação à informação que eles detêm sobre o mundo em processo ao redor deles (...). Seus planos são essenciais para uma estratégia adaptativa na qual o controle de informação maximiza o controle sobre a relação entre pessoa e o meio. (RIDINGTON, p.87 *apud* HEGMON, FISCHER, 1991, p.127).

Quanto à estrutura social dos caçadores-coletores, JOHNSON, EARLE (1987, p. 20) assinalam que a liderança é mínima e informal. Os líderes são geralmente pessoas mais velhas que tenham vivido em um mesmo grupo há muito tempo, casando-se com membros do próprio acampamento e que tenham algumas qualidades pessoais dignas de nota, tais como: ter boa

oratória, ser especialista em rituais ou ser bom caçador. A propósito deste último, um bom caçador já é normalmente reconhecido como um líder, mesmo que informalmente.

Organizados socialmente em nível familiar, as sociedades caçadoras-coletoras promovem a divisão do trabalho dentro destes mesmos limites. Cada família tem sua própria habitação e “fogão”, e a alimentação é trazida pelos seus próprios membros, que se encontram envolvidos em diferentes atividades de busca (coleta, caça). A partir da divisão sexual do trabalho, cabem às mulheres coletar, fazer algum tipo de manufatura, preparar os alimentos e cuidar da prole. Aos homens cabem a caça, algum tipo de coleta e a realização de um número considerável de bens manufaturados necessários às suas atividades cotidianas. Para LEVI-STRAUSS (1982, p.370), “a divisão do trabalho segundo o sexo nada mais é do que um dispositivo para instituir um estado de dependência recíproca entre os sexos”.

Embora entre a maioria das populações caçadoras-coletoras as atividades de caça sejam realizadas pelos homens, algumas pesquisas realizadas entre os Agta, grupos caçadores-coletores das Filipinas, têm demonstrado que a mulher ocupa um papel fundamental na perseguição da caça de pequena e grande escala (GREGG, 1979/80, p. 131).

No preparo e distribuição dos alimentos, há certas regras como em qualquer sociedade muitas das quais variam com o tipo de sociedade envolvida, sua organização social, o ambiente ocupado, etc. Quanto ao preparo, sabe-se que boa parte dos alimentos precisa da utilização do fogo para que sejam devidamente preparados, muitos são cozidos, outros assados, tendo como recursos não só o fogo direcionado ao produto, mas também a brasa e a cinza. Na distribuição dos alimentos, deve ser cumprida uma série de regras de partilha, levando-se em consideração principalmente o sexo e a idade, e sua função não é apenas saciar os membros do grupo, mas promover o conagração social através dos alimentos.

Entre os Boximanes, toda caça abatida é levada ao acampamento-base e suas regras de distribuição da carne são as mesmas: todos os membros do acampamento têm direito à sua parte. Há casos de grupos caçadores-coletores, no entanto, nos quais as regras são fixas, ou seja, certas partes são separadas para os homens casados, outras para os jovens, outras para as mulheres, de

acordo com o seu *status*. As mulheres do bando, que diariamente coletam vegetais, guardam para sua família o produto do seu próprio trabalho, mas a caça constitui um alimento importante e de abastecimento irregular. Seu sistema de distribuição equitativo assegura um pedaço para todas as famílias da comunidade (FORDE, DOUGLAS, *op.cit.*, p. 433).

Quanto às atividades de caça e coleta propriamente ditas, há uma série de instrumentos que devem ser utilizados e um número ainda maior de estratégias que devem ser seguidas para a obtenção do sucesso na empreitada. No caso da caça, recursos relacionados à perseguição, aproximação, observação, imitação da presa e utilização de armadilhas são essenciais e variam cultural e ambientalmente entre as sociedades caçadoras-coletoras. Quanto à coleta, há necessidade de um profundo conhecimento da área e de seu ciclo sazonal a fim de que um planejamento mais amplo seja realizado e tal atividade possa fornecer durante todo o ano os recursos necessários à sobrevivência do grupo. A tecnologia empregada é muito simples, necessitando no máximo uma vara para desenterrar os tubérculos e utensílios para conter e transportar os alimentos (cf. VIANA, 1994, p. 54-7).

Entre os !*Kung San*, grupos caçadores-coletores do deserto do Kalahari, na África, a dieta é amplamente baseada na coleta de plantas (50 a 80%) e está plenamente adaptada às difíceis condições climáticas, por meio de estratégias de seletividade e flexibilidade, tendo em vista reduzir os custos da busca e também responder à variabilidade ambiental, espacial e temporal. A escolha da comida leva em consideração sua abundância, sua distribuição espacial, a sazonalidade, as dificuldades de coleta bem como o gosto, o valor nutricional e os efeitos colaterais. “As plantas são valorizadas pragmática e racionalmente, somente algumas espécies são restritas por tabus mágico-religiosos” (VIANA, *ibid.*, p. 41).

A caça também é importante na dieta dos !*Kung San* em cujo território há numerosas espécies, cerca de duzentas e sessenta e duas (262) espécies conhecidas; no entanto, apenas um pequeno percentual é sistematicamente caçado. Embora conheçam métodos para a conservação dos alimentos, a maioria da comida é consumida dentro de 48 horas. A carne de caça pode ser seca ao sol, mas, na maioria das vezes, é distribuída aos parentes e vizinhos logo que chega ao acampamento (cf. LEE, 1979, GOLAND, 1991).

Nas sociedades caçadoras-coletoras, o deslocamento grupal relaciona-se ao ritmo de aparecimento de seus recursos alimentares e à disponibilidade de matéria-prima para processamento do seu equipamento tecnológico. A captação desses recursos ocorre mediante esquemas específicos de exploração do território, dependendo do conhecimento das estações do ano e de ecossistemas particulares ali inseridos, bem como de organização peculiar do grupo para atender seus objetivos. Entre os mecanismos de organização grupal podemos mencionar a fragmentação do grupo em núcleos sociais menores, reunindo um número inferior de indivíduos (VIANA, *op.cit.*, p.40).

LEE (*op.cit.*) e JOHNSON, EARLE (*op.cit.*) acrescentam que entre os !Kung San, a coleta é sempre feita individualmente ou em pequenos grupos, da mesma forma que também a caça é assim praticada, mas unicamente pelos homens.

Homens e mulheres percorrem longas distâncias enquanto coletam e caçam, visitando e movendo-se de um acampamento a outro, e as observações que eles fazem durante estes percursos são comunicadas a outros através de uma ampla rede social (HEGMON, FISCHER, *op. cit.*, p. 132).

Em decorrência desses grandes deslocamentos, podem-se distinguir dois níveis de organização suprafamiliar: o de contatos regionais inter-famílias nos próprios acampamentos e o de redes inter-acampamentos (JOHNSON, EARLE, *ibid.*).

Estas redes regionais permitem à família e seu acampamento mover-se com relativa liberdade no espaço, e também permitem rápidos ajustes na mudança das oportunidades econômicas ao longo da paisagem San (JOHNSON, EARLE, *ibid.*, p. 50).

As regras de casamento, muito flexíveis, também ajudam a criar uma rede de relações de parentesco e de reciprocidade entre os acampamentos. Boa parte das redes regionais de contato também é criada quando os acampamentos estão agrupados ao redor de fontes de água permanentes durante a estação seca. Neste período, são realizadas cerimônias e atividades entre os acampamentos – momentos de grande interação social. Evidentemente, os contatos sociais, ao

longo de séculos de ocupação, não se restringiram aos acampamentos !Kung San, mas o “Kalahari tem sido cenário de conjuntos complexos de interações entre nômades, agricultores, pastores e grupos com economias mistas” (SHOTT, 1991, p. 35). Agora, estabelecer em que medida tais contatos influenciaram cada uma das culturas depende do trabalho conjunto de arqueólogos, etnógrafos, etno-historiadores e antropólogos.

As economias caçadoras-coletoras não são completamente fechadas. Sempre é possível algum comércio exterior, embora esporádico. Os caçadores podem estar em contato com lavradores e trocar carne por cereais, como faziam os pigmeus das florestas do Congo com seus vizinhos negros, num processo comercial silencioso em que as duas partes interessadas jamais se defrontavam (FORDE, DOUGLAS, *op.cit.*, p.432).

Evidentemente, as sociedades caçadoras não ocupavam o ambiente aleatoriamente; sua disposição e/ou aglomeração fazia-se necessária de tempos em tempos principalmente em decorrência de fatores econômicos e sociais. Assim, a fragmentação do território implica a existência de trajetos percorridos periodicamente. Os grupos caçadores-coletores deslocam-se segundo o ritmo de aparição dos recursos, explorando o seu território num ciclo que depende profundamente das estações (LEROI-GOURHAM, 1985b, p. 152).

Entre os grupos caçadores-coletores parece não haver fronteiras territoriais bem definidas. O território parece representar simplesmente a área que eles usam mais freqüentemente, não é fortemente delimitado nem defendido e não é, portanto, de uso exclusivo de um só grupo, mas sua utilização por outras comunidades necessita de um contato inicial com aquele grupo que já está lá há mais tempo. Assim, “territorialidade é definida como um sistema de condutas que controlam e mantêm o uso mais ou menos exclusivo sobre uma área específica” (LANATA, 1993, p. 10). O autor acrescenta ainda que os caçadores-coletores podem possuir uma territorialidade variável ao longo das estações do ano, muitas delas diretamente relacionadas à estrutura dos recursos, caracterizada pela previsibilidade, distribuição, densidade, disponibilidade e diversidade dos mesmos em uma área determinada.

No que se refere aos aspectos demográficos, podemos enfatizar que os constantes e necessários deslocamentos limitam o número de indivíduos nas sociedades caçadoras-coletoras. Assim também assinala WINTERHALDER (1988 *apud* BERNBECK, 1991, p. 48) explicando que a estrutura interna das sociedades nômades não permite um equilíbrio demográfico e argumenta que “a densidade populacional dessas comunidades é a variável mais importante no modo de produção caçador-coletor (...) e a dispersão espacial e fissão dos grupos locais são vistos como reações primárias à escassez dos recursos” (*id.*, *ibid.*, p.48). Assim, os grupos locais de caçadores-coletores de quinze a cinquenta pessoas e as unidades regionais mais amplas têm juntos uma média de quinhentos indivíduos (cf. HASSAN, 1981, p. 51 *apud* BERNBECK, *ibid.*).

Quando os recursos alimentares são escassos devido à super exploração das altas densidades populacionais, a mobilidade aumentada é novamente uma importante estratégia para resolver os problemas decorrentes. A mobilidade garante a manutenção das relações com outros grupos (BERNBECK, *ibid.*, p. 56).

A densidade populacional dos !Kung San, necessariamente vinculada às limitações ambientais, é de uma pessoa a cada 10.609 m². Em um mês de estudos (LEE, *op.cit.*) observou que o consumo calórico diário por indivíduo era de 2.355 calorias e uma média de gasto calórico de 1.975 calorias, devido aos grandes deslocamentos diários para a obtenção de alimentos. Dentro desse panorama, é registrada uma baixa fertilidade entre as mulheres, observada pelo grande distanciamento entre os nascimentos. Já que o infanticídio não é comum entre os !Kung San, este fato deve estar realmente associado às deficiências nutricionais, vinculando-se assim aspectos biológicos e econômicos.

A baixa densidade populacional e o precário equilíbrio demográfico das sociedades caçadoras-coletoras estão relacionados ao fato de que os jovens e os adultos — pessoas em idade reprodutiva — são os que sofrem mais pressão, movendo-se continuamente de um lugar para outro em busca de alimentos para si e para outros membros dos grupos, tais como para crianças e idosos. Conseqüentemente, as maiores taxas de mortalidade relacionam-se a esta mesma faixa etária e justamente num período reprodutivo, pondo em jogo a sobrevivência social e biológica dessas sociedades (JOHNSON, EARLE, *op.cit.*).

No que se refere ao ritual, HEGMON e FISCHER (*op. cit.*, p.138-41) argumentam que tal atividade é muito dispendiosa e é particularmente importante entre as sociedades caçadoras-coletoras como uma forma de manter as informações permanentes (mais tradicionais) imutáveis ao longo de gerações; a tradição é, então, mantida de maneira ritualmente codificada. As cerimônias, por sua vez, são oportunidades para trocas de idéias e presentes que criam e reforçam laços pessoais por toda uma região. Assim, as redes engendradas e mantidas por trocas cerimoniais são economicamente essenciais, mesmo que elas só sejam ocasionalmente ativadas (JOHNSON, EARLE, *op. cit.*, p.97).

Além dos estudos etnográficos de sociedades caçadoras-coletoras recentes, em busca de conhecimento sobre as estratégias de subsistência, organização social e ideologia, a fim de cotejá-las com os dados do registro arqueológico, muitos pesquisadores têm produzido interessantes trabalhos comparativos entre descrições relativamente recentes (séculos XIX e XX) de populações caçadoras-coletoras já desaparecidas com sítios arqueológicos a elas vinculados. Estas pesquisas têm permitido não só ampliar possibilidades interpretativas para os contextos caçadores-coletores em perspectiva arqueológica, mas também testar a viabilidade das comparações entre dados etnográficos e os arqueológicos.

Uma interessante comparação foi feita entre os *!Kung San*, do Kalahari e os grupos humanos do Chaco no sudoeste dos EUA, moradores de ambientes semi-áridos; observações etnográficas previam que em períodos de maior variação ambiental, a mobilidade individual seria mais instável em intensidade e em número de indivíduos. A aplicação desta hipótese, de origem etnográfica, ao estudo arqueológico das antigas populações do Chaco, indicou que entre estas ocorreu justamente o oposto (cf. YELLEN, 1989).

Outros trabalhos comparativos desse gênero mostraram, ao contrário do anteriormente citado, compatibilidade entre os relatos etnográficos e os resultados arqueológicos. Dentre eles, destaca-se o de MONTMOLLIN (1979/80) que realizou uma pesquisa sobre um grupo esquimó do Alaska, verificando a viabilidade de se utilizar um modelo etnográfico controlado para a comparação com vestígios pré-históricos e para a reconstrução arqueológica. Pesquisadores como IVES e SINOPOLI (1979/80) também chegaram a conclusões que se enquadram dentro do

esboço geral feito para as comunidades caçadoras-coletoras. Em seu estudo arqueológico, os autores detectaram uma grande variabilidade na exploração sazonal dos recursos, bem como o fato de que tais populações caçadoras-coletoras subárticas encontravam-se distribuídas num pequeno número de indivíduos e em áreas extremamente amplas.

MOORE (1979/80) também destaca a congruência existente entre os dados etnográficos e etnohistóricos com os vestígios arqueológicos, mas faz uma ressalva quanto à ideologia e à prática ritual dos *Ona*, grupos caçadores-coletores da Terra do Fogo, na América do Sul. Para ela, tais subsistemas não poderiam ser entendidos e interpretados somente através dos registros arqueológicos.

No que se refere às ocupações caçadoras-coletoras na América do Sul, LUMBRERAS (1992, p.38) acentua que em torno de 16.000 anos A.C., aproximadamente, a maior parte do continente esteve ocupado por populações que praticavam um modo de vida caracterizado pelo trabalho diferenciado, com base na caça, na pesca, na coleta de vegetais e de conchas marinhas e fluviais. O caráter generalizado dos processos técnicos reflete-se na presença de conjuntos de instrumentos de produção e de uso polivalente: lascas, batedores ou percutores, instrumentos de osso ou madeira que, em geral, testemunham a manufatura casual, pouco elaborada quanto à sua tecnologia. A presença de formas especializadas na captura e na caça de animais gregários ou da paleofauna que havia sobrevivido às transformações climáticas ocorreu entre 14.000 e 10.000 anos A.P.

Os grupos caçadores-coletores começaram a ocupar a região noroeste de Minas Gerais, de modo especial a Gruta do Gentio II, por volta de 10.000 anos A.P., entre o final do período Pleistoceno e início do Holoceno, lá permanecendo até aproximadamente 7.500 anos A.P. Estudos paleoambientais sugerem que a estabilização do clima, tornando-o mais úmido e quente, devido à expansão da floresta subtropical no final do Pleistoceno, deva ter permanecido até cerca de 7.000 anos A.P. não só ali, mas também em regiões circunvizinhas, como a de Varzelândia, no norte de Minas Gerais.

Segundo MARTIN (1997), KIPNIS (1998, 2002, 2003) e ARAÚJO (2003) (*apud* DIAS, 2004, p. 253), o Holoceno Médio no centro-oeste do Brasil não apresentou uma longa estabilidade, mas foi marcado por vários episódios de menor pluviosidade. Estudos palinológicos de Minas Gerais confirmam as rápidas mudanças climáticas com oscilações bruscas de temperatura entre frio e quente entre 9.000 e 5.000 anos A.P. Os dados paleoambientais de Goiás corroboram com este panorama, demonstrando um aumento progressivo da precipitação entre 10.400 e 7.700 anos A.P, seguido de um período mais úmido e de intenso calor entre 6.500 e 3.500 anos A.P. Tais flutuações propiciaram a expansão do cerrado no Brasil central em direção norte, substituindo grandes extensões de áreas até então florestadas, e nordeste onde gradativamente foi sendo substituído pela caatinga, caracterizada por uma vegetação arbustiva, com muitas espécies espinhosas.

MENEZES (1997) acrescenta que boa parte do cerrado era possivelmente compartilhada com a caatinga. A fauna, embora similar à contemporânea, estaria adaptada àquelas condições vigentes. Os cursos d'água seriam menos caudalosos e o número de cursos intermitentes seria mais expressivo que os atuais, em função da pouca precipitação e do elevado índice de evaporação.

A chegada das primeiras populações humanas na Gruta do Gentio II coincide, então, com esse momento de instabilidade ambiental que, por sua vez, pode ter repercutido negativamente na densidade demográfica desses grupos caçadores-coletores, mantendo uma baixa taxa de fertilidade de homens e mulheres, em função dos constantes e difíceis deslocamentos (SENE, 1998).

Há, contudo, outros sítios importantes no vale do rio São Francisco, também em grutas calcárias que passaram a ser ocupadas na época, como por exemplo, Lapa de Santana do Riacho e outras da região de Lagoa Santa e, mais a oeste e a norte, temos, então, a Gruta do Gentio, a Lapa da Foice, a do Boqueirão Soberbo, e a Lapa do Varal, sítios pesquisados pelo Instituto de Arqueologia Brasileira, além de muitos outros, dentre eles: a Lapa do Boquete e a Lapa Pequena, a grande maioria estudada pela equipe de pesquisadores da Universidade Federal de Minas Gerais (cf. PROUS, 1992).

Ao longo do horizonte caçador-coletor da Gruta do Gentio, representado por três camadas ocupacionais (IV, III e II) cuja descrição já foi apresentada anteriormente, não houve evidências de enterramentos ao contrário do que se pensava até pouco tempo atrás. Na verdade, a partir da implacável atuação de fatores tafonômicos relacionados ao ambiente, à geomorfologia da gruta, às atividades humanas e animais, e outros fatores associados às diferentes e distanciadas etapas de escavação, muitos vestígios humanos encontrados em nível caçador-coletor correspondiam, na verdade, aos mesmos indivíduos cujas partes ósseas já vinham sendo evidenciadas desde o horizonte horticultor com correspondência de idade, sexo, porções ósseas e localização espacial. Somente o exaustivo e minucioso estudo das fichas dos níveis escavados e dos enterramentos com seus respectivos planos de topo foi possível chegar com segurança a essa conclusão.

Os vestígios arqueológicos mais abundantes na Gruta do Gentio II foram os produtos de lascamentos líticos cujas matérias primas mais representativas referem-se aos silixitos e quartzo hialino, distribuídos por toda gruta. Observou-se, contudo, áreas-*core* de lascamentos, concentradas na maioria junto à entrada da gruta pela maior luminosidade e às áreas de fogueiras; nestas últimas, não só foram coletados resíduos de lascamento, mas também restos alimentares de origem vegetal, tais como frutos e sementes, especialmente nozes ou frutos de palmáceas (coquinhos) e “pequi” (*Caryocar brasiliensis*), e de animal, especialmente gastrópodes terrestres da família Megalobulimidae, entre outros, além de mamíferos, aves, répteis (quelônios) e peixes de pequeno e médio porte, pertencentes à fauna local (cf. DIAS JR, 1991, 1993).

Além dos resíduos de lascamento, foram produzidos e utilizados muitos artefatos líticos ali representados pelas várias etapas da cadeia operatória: alguns foram fragmentados durante o processo de confecção seja pela inexperiência do artesão, inadequação ou defeitos internos da matéria prima selecionada; outros, por sua vez, foram usados e reaproveitados até a exaustão, possivelmente pelas características do árduo processo de confecção de uma peça até torná-la eficiente, ou mesmo pela escassez ou dificuldade de obtenção e transporte de matérias primas de boa qualidade. Destacam-se, então, as peças de tamanho médio, tais como plano-convexas, furadores, raspadores terminais e laterais e lascas retocadas para fins diversos.

Quanto aos artefatos ósseos, destacam-se espátulas e pontas ósseas cuja matéria prima eram as diáfises de ossos longos dos próprios animais que outrora serviram de alimento. Suas epífises eram removidas por serrilhamento ou esmagamento, sendo, então, as diáfises cortadas longitudinalmente, cujas arestas eram polidas até alcançarem a forma desejada. Para finalizar, estando a peça com a forma praticamente definida, era importante a realização de um tratamento térmico controlado a fim de conferir resistência, durabilidade e eficiência ao artefato. A grande maioria destas peças sejam acabadas, utilizadas ou fragmentadas encontram-se associadas às áreas de fogueiras.

Os vestígios malacológicos, por sua vez, estão também dentro e nas proximidades das fogueiras. Cerca de 80% da amostra correspondem a carapaças inteiras, parcial ou totalmente fragmentadas de gastrópodes terrestres da espécie *Megalobullimus abbreviatus*. Parece que o interesse principal pelo animal, abundante no local e na região, relacionava-se ao seu uso como fonte de alimentação. Há, contudo, alguns exemplares usados para a produção de artefatos, especialmente alguns com a carapaça perfurada que podem ter sido usados como plainas ou zuniadores cuja função específica pode ser diagnosticada pelo número, regularidade, tamanho e distribuição das perfurações ao longo da carapaça. Segundo PROUS (*apud* CARVALHO, 1984, p.164), todas as peças com tais características parecem indiscutivelmente artefatos, conforme comprovaram algumas de suas experimentações realizadas através da deposição do animal em meio às brasas de fogueiras.

Quanto aos vestígios vegetais, a grande maioria deles refere-se às cascas de coquinhos, identificados como frutos de palmáceas denominadas de Buriti (*Mauritia vinifera*), muito comum ainda hoje, e Guariroba (*Syagrus oleracea*), que após a extração da polpa para consumo alimentar, tem em suas cascas uma excelente fonte de combustão não só por suas características em si quando seca, mas também por sua composição oleaginosa, que mantém as fogueiras acesas por muito tempo (DIAS JR, 1993, p.38).

Os materiais líticos, malacológicos e ósseos-fauna da Gruta do Gentio II encontram-se em fase de análise e ainda não dispomos, infelizmente, de resultados definitivos e mais detalhados para apresentar acerca desse horizonte mais antigo de ocupação da Gruta do Gentio II.

Ao longo de aproximadamente 3.500 anos de ocupação, desde 10.300 até 7.450 anos A.P., cerca de cem (100) gerações de grupos humanos de diferentes etnias encontraram refúgio e proteção na Gruta do Gentio e se alternaram diacronicamente na sua ocupação. Viviam basicamente da caça de animais de pequeno e médio porte, especialmente mamíferos e aves, e da coleta de raízes e frutos silvestres nativos e diferencialmente dispersos pelo cerrado. Ao utilizarem o local sazonalmente como habitação, lá empreenderam atividades cotidianas, tais como cozinhar, comer e principalmente lascas. São muitos os vestígios e as estruturas arqueológicas que atestam estas manifestações culturais, dentre elas fogueiras com restos de alimentação (ossos de animais e coquinhos calcinados) e com batedores, lascas, fragmentos e resíduos de lascamento, especialmente de sílex, matéria-prima das mais abundantes nas circunvizinhanças.

As características ambientais da época podem não ter facilitado muito as coisas, mas esses homens, mulheres, adolescentes e crianças conseguiram a seu tempo e modo suplantar a maioria dessas adversidades e deixar sua marca na vanguarda da história cultural do noroeste das Minas Gerais.

Em torno de 5.000 anos A.P., a cerâmica aparece na Amazônia e ao redor de 3.500 anos A.P., o milho começa a ser cultivado pelos antigos habitantes do noroeste mineiro, especialmente detectado na Gruta do Gentio II (DIAS JR., CARVALHO, 1981-82, DIAS JR., *ibid*). Concomitantemente, a cerâmica também surge na região, considerada uma das mais antigas fora da Amazônia.

Dentro desse panorama, inicia-se um novo ciclo ocupacional da Gruta do Gentio II após 3.500 anos de desocupação — são povos horticultores, conhecedores, mas não totalmente dependentes da tecnologia cerâmica, e extremamente cuidadosos no tratamento dos seus mortos, cuja descrição veremos na próxima seção desta tese.

... que não usaram a escrita, mas que dela não precisavam, onde o homem comum era o “herói”, o agente e o paciente, onde a comunidade era o todo, ... de onde vem a estrutura básica, o modelo, o exercício primeiro, experimental, da nossa sociedade (CARVALHO, 1987, p.23).

TERCEIRA PARTE

**O SÍTIO ARQUEOLÓGICO GRUTA DO GENTIO II: SEUS RITUAIS
FUNERÁRIOS E REMANESCENTES ÓSSEOS E DENTÁRIOS**

CAPÍTULO I

ANÁLISE DESCRITIVA DOS RITUAIS FUNERÁRIOS

A verdadeira imagem do passado perpassa, veloz. O passado só se deixa fixar como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido.

Walter Benjamin

1. DESCRIÇÃO DOS RITUAIS FUNERÁRIOS

O estudo dos rituais funerários da Gruta do Gentio II no horizonte horticultor destaca-se pela quantidade, qualidade e variedade dos vestígios arqueológicos encontrados devido ao microclima estabelecido no local há milênios, permitindo a preservação de materiais como cestaria, tecelagem, couro, vegetais diversos (curcubitáceas, milho, amendoim, frutos, flores, folhas, madeira, palha), insetos, além de remanescentes humanos naturalmente mumificados (tecidos, tendões, cartilagens, cabelo, unha) e coprólitos humanos e animais.

A Gruta do Gentio está vinculada à ocupação horticultora e ceramista no período entre 3490 ± 120 anos A.P. até 410 ± 60 anos A.P., correspondendo aproximadamente a 70 cm de solo arqueológico em média, com algumas variações pontuais decorrentes do processo de formação e sedimentação de grutas de formação calcária, tais como os desmoronamentos rochosos constantes, solo pulvulento e extremamente friável, e a presença de inúmeros sumidouros que provocaram desníveis em vários setores da gruta, especialmente naqueles localizados em sua porção central. O peso do sedimento associado aos blocos rochosos desse contexto devem ter certamente contribuído para a alteração da estrutura original das covas funerárias e para a deterioração de vários exemplares ósseos e dentários das mesmas.

Durante a análise detalhada dos contextos funerários de todas as etapas de escavação (1976, 1977, 1984 e 1987), através das fichas de campo para cada nível (entre 3 e 10 cm) escavado e de enterramento, começamos a perceber que em vários setores havia indivíduos demais com a mesma idade num mesmo espaço ocupado, muitas vezes separados por centímetros de sedimento e/ou etapas diferentes de escavação. Procedemos, então, a comparação das fichas de inventário dos ossos e constatamos que elas se complementavam. Em seguida, analisamos o material osteológico propriamente dito, observando textura, tamanho, coloração, articulações, confirmando, então, que vários vestígios humanos considerados como enterramentos diferentes pertenciam na verdade a um único indivíduo.

A repetição da seqüência de procedimentos acima descritos em vários setores indicou peremptoriamente que haveria necessidade de uma reanálise de todo o contexto funerário e seus respectivos vestígios ósseos e dentários, embora tais evidências materiais constassem até aquele momento como completamente analisadas. Pensava-se também que o sítio arqueológico Gruta do Gentio II fosse composto em sua maioria por enterramentos secundários e apenas alguns primários, sendo os primeiros assim determinados pela inexistência de grandes porções ósseas articuladas associada à presença de poucos ossos num dado ponto e nível do sítio.

Teve início, então, uma análise dos contextos funerários, durante a qual inúmeros elementos corroboraram para uma nova caracterização dos referidos rituais, relacionados exclusivamente ao horizonte horticultor. Com base no cruzamento das observações das fichas de campo com as de enterramento e seus respectivos planos de topo, constatamos que existiam delimitações bem definidas no espaço e na estratigrafia do sítio para as covas funerárias. Exclusivamente nelas ou junto delas, havia, então, uma concentração de inúmeros vestígios e ocorrências, tais como: fios ou mechas de cabelo humano, porções ósseas articuladas (vértebras, costelas, braço, dedos dos pés e mãos), inúmeros ossos com resquícios de pele e outros tecidos humanos ressecados, coprólitos (humanos e animais), insetos (algumas larvas da ordem Arthropoda, e muitos besouros, da ordem Coleoptera), buracos de animais (possivelmente de tatus e pequenos roedores) nas áreas de covas, marcas de animais roedores nos ossos, evidências de queima dos ossos ainda com pele pela ocorrência de craquelê, ossos simetricamente perfurados, especialmente de carpos e tarsos para composição de casulo para a larva/pupa de

inseto, a associação constante de fogueiras junto ou sobre as estruturas funerárias e presença de enterramentos reconhecidamente primários, levando-nos a concluir que estávamos indubitavelmente diante de um contexto funerário eminentemente de sepultamentos primários (Figuras 27 a 32).

A dificuldade de reconhecer esse tipo de tratamento dado ao corpo ainda em campo decorre do fato de que algumas estruturas funerárias tinham sido perturbadas, especialmente por desmoronamentos e ação de animais silvestres em busca de alimento. Acrescente-se ainda a inexperiência de alguns observadores das primeiras etapas de escavação na década de 70 que “não viam, não sabiam, conseqüentemente não coletavam nem faziam referência nas fichas de setor e enterramento”; além disso, alguns setores de 2 x 2 m foram parcialmente escavados em etapas distintas e distanciadas no tempo, expondo paredes profundas, facilitando desmoronamentos e dificultando, por exemplo, a associação de vestígios de um mesmo contexto funerário.

Da mesma forma que o fato de termos estruturas funerárias com múltiplos indivíduos conduz a elocubrações culturais importantes, também demonstra o elevado grau de intervenção antrópica nesses contextos, alterando em diferentes níveis as características de rituais mortuários mais antigos.

Se, por um lado, os poucos casos de inexperiência em campo dificultou e confundiu o trabalho de análise laboratorial prévia, por outro, o cuidado, as decapagens minuciosas em níveis de 2 ou 3 cm, as esmeradas descrições e os detalhados desenhos da grande maioria de pesquisadores que participou das atividades de campo foram decisivos na reconstituição desse contexto cultural e funerário bastante complexo.

Embora seja grande o grau de complexidade do contexto horticultor da Gruta do Gentio II, consideramos que o mapeamento refinado dos pequenos detalhes no que tange aos rituais mortuários e aos remanescentes ósseos e dentários foi decisivo para conseguirmos caracterizar e definir onde, como e porque lá estavam alguns dos antigos gentios das Minas Gerais.

Assim, os contextos mortuários da Gruta do Gentio II correspondem a vinte e três (23) estruturas funerárias associadas a enterramentos de mulheres, homens, adolescentes e crianças de idades variadas cujas descrições ósseas e dentárias pormenorizadas constam da segunda parte desse capítulo. Observe-se ainda que a utilização do termo Estrutura Funerária refere-se ao fato de que boa parte delas era provavelmente usada mais de uma vez, ou seja, para o enterro de adultos, adolescentes e crianças em momentos diferentes ao longo do tempo. Na descrição serão definidos como simples (um indivíduo), duplo (dois indivíduos) ou múltiplo (três ou mais indivíduos) em função do número de indivíduos nela presentes, embora não signifique necessariamente concomitância. Para cada estrutura mortuária, teremos um número, seguido do mesmo número de enterramento e de letras para indivíduos associados (Figura 33).

A seguir, então, descreveremos cada uma delas levando em consideração as variáveis previamente definidas por nós no item Materiais e Métodos no início desta tese.

ESTRUTURA FUNERÁRIA 1 – Enterramento 1 (masculino, 30 a 40 anos)

1. Tipo de Tratamento: Primário simples com evidências de cremação parcial, perturbado por desmoronamento da parede A;
2. Posição: decúbito dorsal com os membros superiores e inferiores fletidos, pelas dimensões da cova e posição de alguns ossos dos membros inferiores, parcialmente fragmentados;
3. Orientação: sul/norte com base na coluna vertebral articulada e parte do esterno;
4. Direção da Face: indeterminada (crânio fragmentado);
5. Características da Cova: forma elíptica, com 110 cm de comprimento por 60 cm de largura, cercada por vinte e quatro (24) blocos calcários pequenos e médios a oeste e por um grande bloco de calcário fixo a leste, com profundidade de 60 cm a partir da superfície, forrada com muitas folhas, flores, madeira, cascas de jatobá, fibras vegetais e gravetos, recoberta com folhas de palmáceas;
6. Distribuição Temporal: camada I Superior (0/60cm);
7. Distribuição Espacial: entrada da gruta, entre os setores OA-0 e NA-0;
8. Acompanhamento Funerário:

8.1 *Instrumentos de Uso Doméstico*: **(a)** uma lasca lítica retocada de seixo de arenito vermelho cujo córtex é naturalmente bem polido e brilhante, apresenta planta de tendência circular, secção trapezoidal com uma fratura no bordo lateral direito, talão cortical, dois pontos de impacto, bulbo proeminente, ângulo de lascamento (110°), três lascamentos profundos descontínuos a partir do bordo na face externa, pequenos lascamentos curtos, semi-circulares e escalonados, na extremidade distal, formando um bordo convexo de 90° tipo raspador (dimensões: 6,5 x 6,4 x 2,4 cm);

8.2 *Instrumentos de Uso Não Doméstico*: ausentes;

8.3 *Objetos de Uso Pessoal*: **(a)** vinte e seis (26) fragmentos de couro animal com pêlos, marrom amarelado, provavelmente de cervídeo, circundando alguns ossos, dois dos quais com três perfurações, correspondendo possivelmente à borda da peça (dimensões: 1,0 a 11,0 cm de comprimento, 2,0 a 5,0 cm de largura e 0,15 cm de espessura);

(b) um pingente, possivelmente em garra de porco-do-mato, com duas perfurações arredondadas (0,6cm) numa das extremidades (dimensões: 6,8 x 4,0 x 2,2 cm);

(c) doze penas fragmentadas, sendo nove de aves de pequeno porte e duas de médio porte; nove pequenas apresentam coloração variando do marrom claro ao esverdeado e uma possui a coloração branca, amarela e vermelha (dimensões: 3,0 x 3,5 cm de comprimento e 1,5 cm de largura), as duas maiores apresentam coloração marrom escuro e esverdeado (dimensões: 8,0 x 3,4 cm);

(d) duas sementes (espécie não identificada) de forma triangular cada qual com um cordel de algodão fino entretorcido (dimensões: 2,9 x 1,9 x 1,5 cm), passando por dentro da semente cuja sustentação é feita por um nó;

8.4 *Instrumentos de Sonorização*: ausentes;

8.5 *Animais Domésticos*: ausentes;

8.6 *Materiais “In Natura” Associados*: **(a)** muitos vegetais, dentre os quais: folhas, flores, madeira, gravetos e cascas de árvores, na cova; **(b)** pigmento vermelho junto ao crânio, esterno e costelas; **(c)** quatro conglomerados de pêlo animal marrom, em dois dos quais há um inseto em estágio larvar (pupa), da ordem Arthropoda (dimensões: 5,0 x 2,6 x 0,3 cm e 2,2 x 0,9 x 0,5 cm); **(d)** coprólitos humanos e animais; **(e)** insetos (coleópteros);

9. Estruturas Associadas: uma fogueira com forma arredondada, junto ao vértice dos setores OA-1 e NA-1, entre blocos médios e grandes de calcário, com dimensões de 70 x 60 cm, composta

por fragmentos ósseos de animais de pequeno porte, malacológico (gastrópodes), sementes ou nozes de palmáceas (coquinhos), sementes, madeira, carvão e cinza (Figuras 34 a 37)

ESTRUTURA FUNERÁRIA 2 – Enterramentos: 2 (feminino, 20 a 22 anos)

2A (criança, 6 a 8anos)

2B (infantil, 6 meses a 1 ano)

1. Tipo de Tratamento: Primário múltiplo com evidências de cremação parcial, perturbado por desmoronamento da parede A;
2. Posição: adulto: decúbito dorsal com os membros superiores e inferiores flexionados entre 15 e 60 cm; crianças em posição ventral entre 0 e 15 cm de profundidade (adulto);
3. Orientação: sul/norte com base na coluna vertebral articulada, crânio e do esterno do adulto;
4. Direção da Face: indeterminada (crânio fragmentado);
5. Características da Cova: forma elíptica, com 95 x 87 cm, cercada por blocos calcários pequenos e médios, com profundidade de 60 cm a partir da superfície. A base foi forrada com blocos de calcário pequenos sobre os quais há muitas folhas, madeira, palha, cascas de árvore, fibras vegetais, onde foi depositado o enterramento feminino que foi recoberto com folhas de palmáceas, provavelmente Buriti (*Mauritia vinifera*) e uma fogueira. A repetição do processo ocorre também para as crianças, depositadas entre 0 e 20 cm;
6. Distribuição Temporal: camada I Superior (0/60cm);
7. Distribuição Espacial: entrada da gruta entre os setores OA-0 e NA-0;
8. Acompanhamento Funerário:
 - 8.1 *Instrumentos de Uso Doméstico*: **(a)** fragmentos de cabaça (*Crescentia cujete*) sem impermeabilizante de resina na superfície interna (dimensões: 5,0 a 9,2 cm de comprimento, 4,2 a 8,0 cm de largura e 0,3 cm de espessura);
 - (b)** fragmentos de cerâmica de três vasilhames diferentes, com tempero de areia fina e cariapé, com espessura da parede variando entre 0,4 e 0,8 cm: o primeiro apresenta borda extrovertida, superfície polida-estriada, queima redutora e com 18 cm de diâmetro; o segundo possui borda introvertida, superfície polida-estriada, queima redutora e 30 cm de diâmetro; o terceiro e último corresponde a um vasilhame com borda extrovertida, superfície polida-estriada, queima redutora,

34 cm de diâmetro e com marcas de calcinação da fogueira, depositados junto aos membros superiores do indivíduo feminino; um vasilhame com borda extrovertida, superfície polida-estriada, queima redutora, paredes finas e 14 cm de diâmetro, associado à criança com 6/8 anos de idade (enterramento 2A);

(c) uma raspadeira com encabamento – lasca lítica inteira de morfologia triangular, secção trapezoidal, talão em asa de pássaro, 100° de ângulo de lascamento, ponto de impacto presente, bulbo destacado, lascamento bulbar, face externa com negativo de lascamento a partir do talão largo que se estende até a porção proximal, vários negativos sobrepostos, inclusive sobre o lascamento maior, estendendo-se até o bordo lateral esquerdo, que sofreu um lascamento único (transversal ao eixo tecnológico da peça), trapezoidal e largo, formando uma reentrância de 60°, retirando parte dos negativos anteriores, feitos a partir do talão, formando uma área saliente; o bordo lateral direito apresenta lascamentos diretos, curtos, escamosos e semi-circulares contínuos, delineando um gume levemente convexo, tendendo a retilíneo de 55° com um pequeno serrilhamento, possivelmente pelo uso (ao posicionarmos a saliência para baixo, ou seja, em direção ao corpo, teremos uma área adequada para um encabamento); foi confeccionada em matéria silicosa criptocristalina de coloração clara, acinzentado/esbranquiçado, na face externa possui linhas mais escuras e em ondas, na interna possui coloração bege com uma faixa escura, correspondendo possivelmente a uma característica da calcedônia; a peça apresenta pontos e áreas avermelhadas, sendo que alguns retoques do bordo foram feitos sobre uma dessas áreas, mostrando um interior esbranquiçado, sugerindo que houve aquecimento antes do destacamento da lasca; foi depositada junto ao braço direito do indivíduo feminino (a ilustração em anexo mostra apenas uma das formas de utilização da peça);

(d) dois possíveis furadores, feitos em diáfises de ossos longos de animais de médio porte, seccionadas longitudinalmente, com remoção do tecido esponjoso, apresentam estrias de polimento e evidências de tratamento térmico, apenas uma das extremidades das peças possui a ponta mais aguçada (dimensões: 4,2 x 1,3 x 0,3 cm e 4,9 x 1,4 x 0,2 cm);

(e) uma espátula feita em diáfise de osso longo de animal de médio porte, com polimento intenso em toda a peça, especialmente em uma das extremidades com forma arredondada, apresentando estrias profundas em todas as direções e desgaste de uso; dada a resistência da peça e as manchas escuras, inferimos tratamento térmico; possui coloração amarelo claro com porções marrons e foi

encontrada junto aos membros superiores, associada ao indivíduo feminino (dimensões: 13,8 x 1,3 x 0,5 cm);

(f) um pequeno bordo de bivalve de água doce (*Anodontites patagonicus*), de coloração amarelada, formando um bico tipo furador numa das extremidades e um serrilhado no outro, aparentando dupla utilização (dimensões: 4,9 x 1,5 x 0,15 cm);

8.2 *Instrumentos de Uso Não Doméstico*: ausentes;

8.3 *Objetos de Uso Pessoal*: **(a)** um grande fragmento de esteira de palha trançada, feita com folhas de palmáceas trançadas provavelmente de Buriti (*Mauritia vinifera*), com acabamento/reforço lateral, envolvendo os restos ósseos humanos do indivíduo adulto, juntamente com os cordéis, em meio aos ossos do indivíduo feminino (dimensões: 60 x 40 cm);

(b) cinco contas de sementes (espécie não identificada) perfuradas e com as extremidades removidas, coloração amarelada com manchas marrons, evidências de tratamento térmico, apresentando orifícios de formas diferentes em cada extremidade (ovalado e arredondado) em decorrência da forma natural da semente (dimensões: 1,0 x 1,0 x 0,7 cm);

(c) três pingentes em bivalve de água doce (*Anodontites patagonicus*) com duas perfurações na porção superior, concêntricamente confeccionados, forma triangular junto às perfurações e arredondada ao longo da peça, coloração amarelada com brilho nacarado em ambas as faces (dimensões: 1,2 a 1,7 x 0,9 a 1,9 x 0,15 cm);

(d) quatro contas perfuradas, circulares, de sementes de gramínea (espécie não identificada), com coloração amarelada, sendo duas queimadas (dimensões: 0,25 cm de diâmetro x 0,2 cm de altura);

(e) seis contas discoidais extremamente finas, feitas em carapaças de gastrópodes terrestres (*Megalobulimus abbreviatus*) e em bivalves (*Anodontites patagonicus*), com uma perfuração central (dimensões: 0,4 a 1,1 cm de diâmetro total, 0,1 a 0,2 cm de diâmetro da perfuração e 0,05 a 0,1 cm de espessura);

(f) quarenta e cinco fragmentos de cordéis, de diferentes espessuras, duplamente entretorcidos, feitos em fibras vegetais variadas e em algodão (provavelmente *Gossypium barbadense*), colorações variando entre amarelo, marrom claro, acinzentado e marrom escuro (dimensões: 3,2cm a 32,5 cm de comprimento e 0,2 a 2,8 cm de espessura);

(g) um adorno labial tipo tembetá, junto ao indivíduo 2B com as seguintes características: artefato cuidadosamente polido, inteiro, cilíndrico, de pequenas dimensões com uma extremidade

mais larga em saliência (lembrando uma “cabeça de prego”), possivelmente para ajudar na fixação do adorno, confeccionado em sílex de coloração bege clara com manchas esbranquiçadas (dimensões: 2,8 cm de comprimento, 0,6 cm de diâmetro maior e 0,4 cm de diâmetro menor);

8.4 *Instrumentos de Sonorização*: ausentes;

8.5 *Animais Domésticos*: um animal pequeno mumificado, depositado junto aos pés do indivíduo adulto;

8.6 *Materiais “In Natura” Associados*: **(a)** dois sabugos de milho, raiz tuberosa xilopódio, três frutos de amendoim (*Arachis hypogea*) junto aos membros superiores do indivíduo feminino, e vegetais diversos tais como folhas, madeira, gravetos, folhas de palmáceas e cascas de árvore das covas dos enterramentos; **(b)** mechas de cabelo castanho (13 x 2 cm) e vestígios de couro cabeludo junto aos ossos do crânio do adulto; **(c)** coprólitos humanos e animais; **(d)** insetos (coleópteros);

9. Estruturas Associadas: duas fogueiras com forma arredondada, entre blocos médios e grandes de calcário, sobrepostas na mesma cova (uma sobre o indivíduo adulto entre 5 e 10 cm de profundidade e outra à superfície sobre os enterramentos das crianças), com dimensões aproximadas de 60 x 60 cm, espessura média de 5cm, compostas por fragmentos ósseos de animais de pequeno porte, peixes, malacológico (gastrópodes), sementes ou nozes de palmáceas (coquinhos), sementes, madeira, carvão e cinza (Figuras 38 a 44)

ESTRUTURA FUNERÁRIA 3 – Enterramento 3 (masculino, 30 a 40 anos)

1. Tipo de Tratamento: Primário simples com evidências de cremação parcial, perturbado por desmoronamentos na parede A;
2. Posição: decúbito dorsal com membros inferiores fletidos, pelas dimensões da cova e posição do tórax mumificado;
3. Orientação: sul/norte com base na posição do tronco mumificado, ossos dos pés e fragmentos de crânio;
4. Direção da Face: indeterminada (crânio fragmentado);
5. Características da Cova: forma elíptica, com 115 cm de comprimento por 65 cm de largura, cercada por blocos calcários pequenos e médios, com profundidade de 60 cm a partir da

superfície, forrada com muitas folhas, flores, madeira, cascas de jatobá, fibras vegetais e gravetos, recoberta com folhas de palmáceas;

6. Distribuição Temporal: camada I Superior (0/60cm);

7. Distribuição Espacial: área intermediária da gruta, no setor NA-1, junto ao OA-1 (parede A);

8. Acompanhamento Funerário:

8.1 *Instrumentos de Uso Doméstico*: **(a)** um artefato tipo raspadeira transversal, confeccionado sobre lasca inteira, larga, cortical e espessa de quartzito acinzentado, talão liso, ângulo de lascamento de aproximadamente 120°, lascamentos na área interna do talão, bordo terminal e lateral com lascamentos, especificamente no lateral direito há lascamentos profundos, semi-circulares, prolongando-se por meio de largos retoques marginais e curtos até o bordo esquerdo no qual há lascamentos escalonados profundos, longos, marginais, semi-circulares, subretangulares, formando um bordo convexo com pequenos denticulados (60 e 65°), cujos retoques são diretos e contínuos ao longo do eixo morfológico (dimensões: 8,9 x 6,0 x 2,5 cm); **(b)** um artefato plano-convexo, reaproveitado ao máximo (lesma ou plaina), confeccionado em sílex castanho claro, com pontos esbranquiçados e escuros e impregnações cristalinas; numa das laterais há dois lascamentos largos, escalonados e justapostos a partir da aresta central (ângulo de 90°) até o bordo, formando um perfil côncavo nesse lado da peça; há ainda duas reentrâncias (50° e 55°) numa das quais há lascamentos ultramarginais internos e um outro negativo a partir do bordo, formando um degrau, são separadas por uma pequena saliência (como um “bico”) com dois pequenos lascamentos longos e estreitos, sua porção lateral oposta apresenta dois lascamentos largos, sobrepostos, que atingem a aresta central a partir do bordo, formando reflexo, há ainda lascamentos escalonados curtos, semi-circulares, formando um bordo convexo de 80° e outro de 100°;

8.2 *Instrumentos de Uso Não Doméstico*: ausentes;

8.3 *Objetos de Uso Pessoal*: **(a)** um grande fragmento de couro (80 x 50 x 0,5 cm), possivelmente couro de veado, com pêlos marrons claros e amarelados, com as bordas laterais recortadas e perfuradas em cujas aberturas ainda há vestígios de um cordel de fibra vegetal bastante resistente, e cinco fragmentos menores, com coloração marrom amarelado, três dos quais apresentam resquícios de pêlos do animal, e um fragmento compondo possivelmente parte da borda da peça, que possui corte arredondado e três perfurações (dimensões: 2,0 a 13,7 cm de comprimento, 2,0 a

6,8 cm de largura e 0,15 cm de espessura), certamente fazem parte da mesma peça que envolveu e transportou o corpo até a gruta;

(b) uma pena inteira de ave de médio porte com coloração marrom escuro e esbranquiçado (dimensões: 11,3 x 1,8 x 0,2 cm);

(c) uma semente de forma triangular (espécie não identificada) com um cordel de algodão (*Gossypium barbadense*) fino entretorcido (dimensões: 3,2 x 1,6 x 1,5 cm), passando por dentro da semente, cuja sustentação é feita por um nó;

(d) um adorno labial tipo tembetá, fragmentado, cilíndrico, polido cuidadosamente, superfície brilhante, em sílex de coloração clara bege esbranquiçado, com uma pequena área avermelhada clara e várias fissuras devido à ação térmica (fogueira), algumas estrias de polimento ainda são visíveis (dimensões: 2,4 cm de comprimento e 1,0 cm de diâmetro);

8.4 *Instrumentos de Sonorização*: ausentes;

8.5 *Animais Domésticos*: ausentes;

8.6 *Materiais “In Natura” Associados*: **(a)** raiz tuberosa xilopódio, na cor amarelo claro junto aos membros superiores; **(b)** vegetais diversos tais como folhas, madeira, gravetos e cascas de árvores; **(c)** coprólitos humanos e animais; **(d)** insetos (coleópteros);

9. Estruturas Associadas: uma fogueira com forma arredondada, na porção central do setor, situada entre blocos calcários fixos e médios, com dimensões aproximadas de 68 x 50 cm, composta por fragmentos ósseos de animais de pequeno porte, peixes, malacológico (gastropodes), sementes ou nozes de palmáceas (coquinhos), sementes, madeira, carvão e cinza (Figuras 45 a 48).

ESTRUTURA FUNERÁRIA 4 – Enterramento 4 (feminino, mais 60 anos)

1. Tipo de Tratamento: Primário simples com evidências de cremação parcial, perturbado por desmoronamentos na parede D;

2. Posição: decúbito lateral com membros superiores e inferiores fletidos, pelas dimensões da cova, posição do crânio e marcas de queima no tórax e membros inferiores;

3. Orientação: sul/norte com base na posição do tronco mumificado, ossos dos pés e fragmentos de crânio;

4. Direção da Face: provavelmente para leste;
5. Características da Cova: forma elíptica, com 1,20 cm de comprimento por 75 cm de largura, cercada por blocos calcários fixos a norte, pequenos e médios, situada entre 20 a 80 cm de profundidade, forrada com muitas folhas, madeira, cascas de jatobá, fibras vegetais, gravetos e sementes, recoberta com folhas de palmáceas;
6. Distribuição Temporal: camada I Superior (20/95cm);
7. Distribuição Espacial: área intermediária da gruta, nos setores NC-3 e ND-3;
8. Acompanhamento Funerário:
- 8.1 *Instrumentos de Uso Doméstico*: **(a)** dois fragmentos pequenos de cerâmica associados a este enterramento, com queima redutora, tempero de areia fina e cariapé, paredes finas (0,5 cm) e boa resistência; **(b)** cinco grandes fragmentos de cabaça (*Lagenaria siceraria*), três dos quais se unem perfeitamente, espessa, com a parte interna alisada e bordo arredondado, foram depositados junto ao crânio (dimensões médias: 7,7 x 3,5 x 0,7 cm), e um outro fragmento de uma espécie de cabaça mais fina (*Crescentia cujete*) também foi coletado (dimensões: 2,5 x 1,9 x 0,4 cm);
- 8.2 *Instrumentos de Uso Não Doméstico*: ausentes;
- 8.3 *Objetos de Uso Pessoal*: **(a)** três pingentes com duas perfurações arredondadas em cada um deles, confeccionados em gastrópode (espécie não identificada) de pequeno porte (8,0 x 5,0 x 0,5 cm), inteiramente polidos, com perfurações opostas e simétricas a 0,5 cm do ápice (diâmetro entre 0,25 a 0,5 cm), feitas por técnica de polimento mais acentuado na superfície a ser perfurada, antes da efetivação do furo, sem danificar a columela nem o restante da carapaça (dimensões: 2,1 a 1,8 cm de comprimento, 1,1 a 0,8 cm de diâmetro);
- (b)** três pingentes em bivalve de água doce (*Anodontites patagonicus*) com duas perfurações na porção superior, concêntricamente confeccionadas, forma triangular junto às perfurações e arredondada ao longo da peça, coloração amarelada com brilho nacarado em ambas as faces (dimensões: 1,9 a 2,3 cm de comprimento, 1,6 a 2,0 cm de largura e 0,15 cm de espessura), observou-se que em uma das peças a perfuração foi feita a partir da face externa ao contrário do padrão observado, podendo indicar a atividade de um segundo artesão;
- (c)** nove contas perfuradas de sementes de gramínea (espécie não identificada), circulares, com coloração amarelada, (dimensões: 0,3 cm de diâmetro x 0,15 cm de altura);
- (d)** dezoito penas, sendo onze inteiras e sete fragmentadas, todas de animal de pequeno porte à exceção de uma relacionada à ave de tamanho médio, dezessete apresentam coloração variando

entre o marrom claro e escuro, esbranquiçada na extremidade proximal e esverdeada, na distal, e uma possui o tom grafite;

(e) quatro cordéis finos de algodão (*Gossypium barbadense*), com coloração amarelada, formados por dois fios entretorcidos (dimensões: 2,9 a 8,0 cm de comprimento e 0,15 cm de diâmetro);

8.4 *Instrumentos de Sonorização*: um zunidor feito em gastrópode (*Megalobulimus abbreviatus*), de indivíduo adulto com três perfurações na volta principal da carapaça do animal (dimensões: 11,5 x 6,8 cm);

8.5 *Animais Domésticos*: ausentes;

8.6 *Materiais “In Natura” Associados*: (a) raiz tuberosa xilopódio, na cor amarelo claro junto aos ossos e folhas, madeira, cascas de jatobá, fibras vegetais, gravetos e sementes; (b) couro cabeludo e cabelo castanho escuro (13 x 1,5 cm) junto ao crânio; (c) coprólitos humanos e animais; (d) insetos (coleópteros);

9. Estruturas Associadas: uma fogueira com forma arredondada, na porção central da parede 3 do setor, circundada por blocos calcários pequenos e médios, com dimensões aproximadas de 70 x 60 cm, composta por fragmentos ósseos de animais de pequeno porte, peixes, malacológico (gastrópodes), sementes ou nozes de palmáceas (coquinhos), sementes, madeira, carvão e cinza (Figuras 49 a 52).

ESTRUTURA FUNERÁRIA 5 – Enterramentos: 5 (infantil, 0 a 3 meses)

5A (infantil, 6 meses a 1 ano)

1. Tipo de Tratamento: Primário duplo, perturbado por desmoronamentos na parede D;
2. Posição: decúbito dorsal com os membros fletidos ou fetal pela disposição do ossos encontrados;
3. Orientação: norte/sul com base na posição dos ossos do crânio, da coluna vertebral e ossos longos;
4. Direção da Face: indeterminada;
5. Características da Cova: forma elíptica, com 50 cm de comprimento por 41 cm de largura, cercada por blocos calcários fixos a norte, e outros pequenos e médios nas demais direções,

situada entre 50 e 95 cm de profundidade, composta por folhas, pequenos gravetos e fibras vegetais;

6. Distribuição Temporal: camada I Inferior (50/95cm)

7. Distribuição Espacial: área intermediária da gruta, no setor ND-3;

8. Acompanhamento funerário: ausentes

ESTRUTURA FUNERÁRIA 6 – Enterramentos: 6 (feminino, 25 a 30 anos)

6A (infantil, 0 a 2 anos)

6B (criança, 4 a 5 anos)

6C (criança, 10 a 12 anos)

1. Tipo de Tratamento: Primário múltiplo com evidências de cremação parcial e perturbado por desmoronamentos na parede D;

2. Posição: decúbito lateral com os membros superiores e inferiores fletidos (adulto), fetal (crianças);

3. Orientação: sul/norte com base na posição dos ossos do crânio, vértebras, ossos longos e ossos dos pés;

4. Direção da Face: provavelmente para leste;

5. Características da Cova: forma elíptica, com 97 cm de comprimento por 63 cm de largura, sobre uma base rochosa fixa, formando uma depressão que se inclina em direção ao cone central (sumidouro), cercada por blocos calcários pequenos, médios e grandes, situada entre a superfície e 70 cm de profundidade, composta por muitas folhas, flores, gavinhas, gravetos, cascas de árvores, madeira, palha, sementes e fibras vegetais sob e sobre os ossos do indivíduo adulto entre 25 e 70cm de profundidade, juntamente com uma fogueira situada a sul, próxima aos membros superiores do adulto, associado às crianças, depositadas entre a superfície e 25 cm de profundidade, em direção ao setor ND-2, a norte, cujos ossos também apresentam sinais leves de calcinação em decorrência de fogueira nas proximidades (provavelmente no mesmo local);

6. Distribuição Temporal: camada I Superior (0/70cm);

7. Distribuição Espacial: área intermediária da gruta, nos setores NC-2/ND-2;

8. Acompanhamento Funerário:

8.1 *Instrumentos de Uso Doméstico*: **(a)** um vasilhame de cabaça (*Crescentia cujete*) praticamente inteiro; sua polpa foi completamente removida e sua superfície interna levemente polida, possui duas perfurações simetricamente opostas na porção superior da peça, cuja borda foi devidamente cortada e polida; na face externa, por sua vez, há algum tipo de tratamento de superfície, aparentemente com certo tipo de resina escura sobre a qual restam algumas penas pequenas aderidas (dimensões: 18cm de altura e 19,5 cm de diâmetro);

(b) um fragmento de borda cerâmica, correspondendo a um vasilhame de 54 cm de diâmetro, parede espessa, tempero de areia fina e cariapé, superfícies interna e externa polidas, mas também muito intemperizadas, carena na superfície externa sobre a qual há uma faixa regular de 1,5 cm que poderia ser de algum tipo de pintura, embora nada mais tenha restado dela (dimensões: 22 x 11.5 x 1,5 cm);

(c) quatro bivalves inteiras (*Anodontites patagonicus*), sendo uma adulta, lascada nas laterais, formando de um lado um gume, possivelmente utilizado como raspador; na extremidade mais próxima do umbo foi confeccionado um bico tipo furador; apresenta muita resistência e possui marcas de fogo (dimensões: 5,8 x 4,7 x 0,4 cm); uma outra também possui vestígios de microlascamentos no bordo distal, compondo um serrilhado delicado, possivelmente relacionado a alguma atividade de raspagem suave; as demais não apresentam sinais de utilização; sua coloração é marrom escura na face externa e bege nacarado na interna;

8.2 *Instrumentos de Uso Não Doméstico*: ausentes;

8.3 *Objetos de Uso Pessoal*: **(a)** uma bolsa inteira de folha de palmácea trançada provavelmente de Buriti (*Mauritia vinifera*), confeccionada de tal forma que duas hastes da folha ainda permanecem intencionalmente visíveis e servem de sustentação para uma longa alça trançada e reforçada (dimensões: 47 x 21 cm);

(b) vinte e três fragmentos de cordéis, de diferentes espessuras, duplamente entretorcidos, feitos em fibras vegetais variadas (espécies não identificadas) e em algodão (provavelmente *Gossypium barbadense*), colorações variando entre amarelo, marrom claro, acinzentado e marrom escuro, depositados entre os ossos e a base de vegetais sobre a qual foi depositado o corpo do adulto feminino (dimensões: 1,2 a 22,5 cm de comprimento e 0,2 a 1,3 cm de espessura);

8.4 *Instrumentos de Sonorização*: um zunidor em gastrópode (*Megalobulimus abbreviatus*) de um indivíduo jovem com uma única perfuração (2,2 x 0,9 cm) de forma ovalada e horizontalmente feita em relação ao eixo da columela (dimensões: 8,8 x 4,6 cm);

8.5 *Animais Domésticos*: ausentes;

8.6 *Materiais “In Natura” Associados*: **(a)** sementes de amendoim (*Arachis hypogea*) e folhas, flores, “gavinhas” (relaciona-se à família das *Curcubitaceae*, pois correspondem a um tipo de garra pelas quais estas trepadeiras se fixam nos apoios), gravetos, cascas de árvores, madeira, sementes e fibras vegetais sob e sobre os ossos; **(b)** pigmento vermelho sobre o crânio; **(c)** coprólitos humanos e animais; **(d)** insetos (coleópteros);

9. Estruturas Associadas: uma fogueira com forma arredondada, situada numa depressão entre grandes blocos calcários fixos, com dimensões aproximadas de 50 x 50 cm, composta por fragmentos ósseos de animais de pequeno porte, peixes pequenos, malacológico (gastrópodes), sementes ou nozes de palmáceas (coquinhos), sementes, madeira, carvão e cinza. (Figuras 53 a 59)

ESTRUTURA FUNERÁRIA 7 – Enterramento 7 (masculino, 25 a 30 anos)

1. Tipo de Tratamento: Primário simples com evidências de cremação parcial, perturbado por desmoronamentos na parede C, inclinação para o cone central (sumidouro), iniciando no NB-1 e com acentuado declive em direção à boca da gruta a partir do NB-0;

2. Posição: decúbito lateral com os membros superiores e inferiores fletidos;

3. Orientação: norte/sul com base na posição e características dos ossos do crânio, alguns dos membros superiores e ossos dos pés;

4. Direção da Face: indeterminada;

5. Características da Cova: forma elíptica, com 110 cm de comprimento por 65 cm de largura, cercada por blocos calcários fixos (lajes) a sul, e outros pequenos e médios nas demais direções, situada entre a superfície e 40 cm de profundidade, forrada com muitas folhas, pequenos gravetos e fibras vegetais, sobre os quais foi depositado o corpo envolto em couro animal, sob um grande bloco calcário, intencionalmente depositado sobre a cova;

6. Distribuição Temporal: camada I Superior (0/40cm);

7. Distribuição Espacial: área intermediária da gruta, no setor NB-1;

8. Acompanhamento Funerário:

8.1 *Instrumentos de Uso Doméstico*: ausentes;

8.2 *Instrumentos de Uso Não Doméstico*: ausentes;

8.3 *Objetos de Uso Pessoal*: **(a)** dez fragmentos de couro animal com e sem pêlos, marrom amarelado, junto aos ossos, um dos quais com duas perfurações e um cordel de fibra vegetal, correspondendo possivelmente à borda da peça (dimensões: 1,2 a 8,2 cm de comprimento, 0,9 a 5,5 cm de largura e 0,15 cm de espessura);

(b) um trançado de uma espécie de cipó (espécie não identificada), com cinco voltas, formando uma peça ovalada, cuja extremidade foi amarrada no restante das voltas, provavelmente para evitar que se soltassem (dimensões: 11,0 cm de diâmetro e 8,0 cm de espessura);

(c) um artefato fragmentado, definido como Tembetá, cuidadosamente polido, confeccionado em quartzo translúcido, superfície externa em tom bege muito claro, corpo cilíndrico com pequenas saliências laterais achatadas, perpendicular ao corpo da peça em forma de T (dimensões: 2,0 x 1,8 x 0,9 cm)⁴;

(d) seis penas de aves de pequeno porte, sendo cinco inteiras e uma fragmentada, de coloração acinzentada e esbranquiçada;

(e) onze fragmentos de cordéis de fibra vegetal muito resistente (espécie não identificada), duplamente entretorcidos, coloração marrom escuro (dimensões: 4,0 a 15,2 cm de comprimento e 0,5 cm de espessura);

8.4 *Instrumentos de Sonorização*: um zunidor em gastrópode (*Megalobulimus abbreviatus*) (dimensões: 7,9 x 4,3 cm) com três perfurações;

8.5 *Animais Domésticos*: um pássaro mumificado depositado junto aos pés do indivíduo, sobre a laje coberta por vegetais a sudoeste;

8.6 *Materiais “In Natura” Associados*: **(a)** muitas folhas, pequenos gravetos e fibras vegetais sob e sobre os ossos; **(b)** uma mecha de cabelo castanho escuro **(c)** dois conglomerados de pêlos de animais, na coloração marrom escuro; **(d)** coprólitos humanos e animais; **(e)** insetos (coleópteros);

⁴ Sobre a cultura tupiguarani que ocupou o litoral brasileiro, no século XVI, à época do contato com o europeu, pode-se destacar que... “tembetás tupiguaranis apresentam uma forma típica em T; peças de esmerado acabamento, feitas em matéria-prima mais dura ... são normalmente encontrados em urnas, onde acompanhavam o esqueleto de seu proprietário... Costuma-se associar tembetás aos homens adultos” (PROUS, 1992, p.403). “Os papéis dos sexos eram bem definidos: aos homens, cabia aquilo que exigia esforço energético, bruto (caça, pesca com flechas, mergulho, guerra, derrubada de árvores para coivara)...Com a idade suas responsabilidades aumentavam, e isto era simbolizado pela troca de seus adornos labiais: os tembetás; os das criancinhas eram de chifre de veado, depois de osso ou concha, e posteriormente os adultos recebiam um tembetá de pedra verde...o cristal de quartzo era impossível de ser conseguido na região e do qual não havia comércio, ao contrário das pedras verdes” (*id.*, *ibid.*, p.417-22). “Na América do Sul, reservam-se os adornos labiais para os homens; encontram-se adornos labiais de pedra fusiforme que se encaixam em um suporte de resina, situado entre o lábio e a gengiva inferior” (*id.*, *ibid.*).

9. Estruturas Associadas: uma fogueira com forma arredondada, situada sobre uma grande laje, circundada por blocos pequenos e médios de calcário, com dimensões aproximadas de 50 x 40 cm, composta por fragmentos ósseos de animais de pequeno porte (pouco), peixes pequenos (pouco), alguns fragmentos de malacológico (gastrópodes), sementes ou nozes de palmáceas (coquinhos), sementes, gravetos, madeira, carvão e cinza (Figuras 60 a 61).

ESTRUTURA FUNERÁRIA 8 – Enterramento 8 (masculino, 35 a 45 anos)

1. Tipo de Tratamento: Primário simples com evidências de cremação parcial, perturbado por desmoronamentos na parede C (setores NC-1 e NC-0) e pelo acentuado declive em direção à boca da gruta a partir do NB-0;

2. Posição: decúbito lateral com os membros superiores e inferiores fletidos;

3. Orientação: norte/sul com base na posição e características dos ossos do crânio, alguns ossos dos membros inferiores, ossos das mãos e dos pés;

4. Direção da Face: indeterminada;

5. Características da Cova: forma arredondada, com 95 cm de comprimento por 92 cm de largura, cercada por blocos calcários fixos a norte, e outros pequenos e médios nas demais direções, situada entre a superfície e 70 cm de profundidade, composta por folhas, gavinhas, madeira, cascas de árvores, pequenos gravetos e fibras vegetais na área da cova;

6. Distribuição Temporal: camada I Superior (0/70cm);

7. Distribuição Espacial: entrada da gruta, no setor NB-0;

8. Acompanhamento Funerário:

8.1 *Instrumentos de Uso Doméstico*: **(a)** um fragmento de madeira trabalhada, semelhante a uma espátula, com uma extremidade pontiaguda e outra arredondada, uma das quais está queimada (dimensões: 17,0 cm x 1,4 cm de diâmetro);

(b) um seixo inteiro de arenito vermelho de formato retangular, caracterizado como Bigorna e batedor unipolar/bipolar, possui secção elíptica, com pequena depressão rasa na área central que se prolonga para uma extremidade com picoteamento grosso, de contorno irregular; na face oposta, há uma área com picoteamentos grossos da parte central até a extremidade de menor

largura; a peça pode ter sido utilizada como base para lascamentos líticos bipolar em uma face, pois assenta-se bem no solo, e também como batedor unipolar e possivelmente bipolar (950g);

8.2 *Instrumentos de Uso Não Doméstico*: **(a)** uma ponta óssea feita em diáfise de osso longo de animal, com pequena fragmentação na extremidade pontiaguda, apresenta evidências de tecido esponjoso (trabéculas) em algumas porções da parte interna da peça, provavelmente inacabada, possui sinais de queima em ambas as faces (dimensões: 4,3 x 0,9 cm); **(b)** um fragmento de lábio de gastrópode (*Megalobulimus abbreviatus*), destacado do restante da carapaça, ainda em preparação, possivelmente para fazer um anzol;

8.3 *Objetos de Uso Pessoal*: **(a)** seis fragmentos de couro sem pêlo, de forma irregular, de coloração marrom amarelado (dimensões: 3,4 a 13,0 cm de comprimento, 1,9 a 2,5 cm de largura e 0,1 cm de espessura);

(b) três penas, sendo duas inteiras de animal de pequeno porte, coloração acinzentado e verde, e uma fragmentada de ave de médio porte, coloração em tom de roxo (dimensões: 3,1 a 4,4 cm);

(c) sete sementes (espécie não identificada) de forma triangular, duas das quais com um cordel de algodão fino entretorcido (dimensões: 3,0 x 1,7 x 1,4 cm), passando por dentro da semente cuja sustentação é feita por um nó;

(d) quatro fragmentos de cordéis de fibra vegetal (espécie não identificada) muito resistente, duplamente entretorcidos, coloração marrom escuro (dimensões: 5,2 a 13,4 cm de comprimento e 0,4 cm de espessura);

8.4 *Instrumentos de Sonorização*: seis zunidores em gastrópode (*Megalobulimus abbreviatus*), sendo cinco com três perfurações e um com duas (dimensões médias: 10,8 x 4,9 cm);

8.5 *Animais Domésticos*: ausentes;

8.6 *Materiais “In Natura” Associados*: **(a)** folhas, gavinhas, pequenos gravetos, cascas de árvores, madeira e fibras vegetais da área da cova; **(b)** três conglomerados de pêlos de animais, na coloração marrom escuro; **(c)** coprólitos humanos e animais; **(d)** insetos (coleópteros);

9. Estruturas Associadas: uma fogueira central (setor NB-0), com forma arredondada, delimitada por blocos calcários pequenos e médios, com dimensões aproximadas de 80 x 75 cm, composta por fragmentos ósseos de animais de pequeno porte, peixes pequenos, malacológico (gastrópodes), sementes ou nozes de palmáceas (coquinhos), frutos, madeira, carvão e cinza (Figuras 62 e 63).

ESTRUTURA FUNERÁRIA 9 – Enterramentos: 9 (feminino, 39 a 44 anos)

9A (criança, 3 a 5 anos)

9B (infantil, 0 a 1 mês, recém-nascido)

9C (infantil, 6 meses a 1 ano)

9D (criança, 9 a 11 anos)

1. Tipo de Tratamento: Primário múltiplo com evidências de cremação parcial, perturbado por desmoronamentos na parede C (setores NC-1 e NC-0), pelo acentuado declive em direção à boca da gruta a partir do NB-0 e LB-0 e intromissão de raízes grandes vindas de árvores junto à boca da gruta;

2. Posição: decúbito dorsal ou lateral com os membros superiores e inferiores fletidos (adulto); fetal (crianças);

3. Orientação: sul/norte com base na posição dos ossos do crânio, da coluna vertebral e ossos longos (adulto);

4. Direção da Face: indeterminada;

5. Características da Cova: forma elíptica, com 80 cm de comprimento por 65 cm de largura, cercada por blocos calcários fixos, e outros médios e grandes, situada entre a superfície e 50 cm de profundidade, composta por muitas folhas, pequenos gravetos e fibras vegetais. O indivíduo feminino foi depositado em cova feita no NC-1 e junto à sua região abdominal foi encontrado no mesmo nível deposicional o indivíduo 9B (infantil, recém-nascido), sugerindo mortes e rituais concomitantes. As demais crianças estão muito próximas do indivíduo feminino, mas seus rituais antecederam o anteriormente citado, considerando-se a possibilidade de um grupo/conjunto familiar em associação com os demais adultos circunvizinhos já descritos anteriormente;

6. Distribuição Temporal: camada I Superior (0/50cm);

7. Distribuição Espacial: área intermediária da gruta, no setor NC-1;

8. Acompanhamento Funerário:

8.1 *Instrumentos de Uso Doméstico*: **(a)** quarenta e um fragmentos de cabaça de paredes finas (*Crescentia cujete*), com polimento interno pela retirada da polpa (dimensões: 2,3 a 8,0 cm de comprimento, 3,2 a 5,5 cm de largura e 0,2 cm de espessura), e vinte e cinco fragmentos de cabaça (*Lagenaria siceraria*), de paredes mais espessas dentre os quais dezoito possuem

impermeabilização das paredes internas com algum tipo de resina de coloração escura, coletados junto aos membros superiores e crânio do indivíduo adulto;

(b) um vasilhame cerâmico fragmentado aparentando a forma de uma lucerna ou lamparina, depositado junto ao crânio do adulto feminino; possui paredes finas, boa resistência e qualidade, superfície interna com impressões de um tipo de tecido ou fibras vegetais de tramas finas, possui na borda um bico alongado, e marcas de brilho e escurecimento pelo fogo na face externa, a partir do “bico” em direção à base da peça, provavelmente em decorrência do uso contínuo e da combustão de alguma substância oleosa (dimensões: 16,5 x 8,2 x 0,4 cm), e cinco fragmentos pequenos de cerâmica, com paredes finas, tempero de areia fina, superfícies interna e externa polidas, queima redutora, boa resistência, mas muito intemperizados pela ação do fogo, também junto à área do crânio e mandíbula do adulto (dimensões médias: 5,3 x 3,1 x 0,5 cm);

8.2 *Instrumentos de Uso Não Doméstico*: ausentes;

8.3 *Objetos de Uso Pessoal*: **(a)** dois fragmentos de esteira de palha trançada, feita com folhas de palmácea trançadas provavelmente de Buriti (*Mauritia vinifera*), com acabamento lateral, envolvendo os restos ósseos humanos juntamente com os cordéis (dimensões: 6,5 a 9,0 cm de comprimento, 8,0 a 16,0 cm de largura e 0,4 cm de espessura);

(b) seis pingentes pequenos em bivalve de água doce (*Anodontites patagonicus*), junto ao crânio do indivíduo adulto, sendo que cinco apresentam duas perfurações irregulares e assimétricas na porção superior, concentricamente confeccionadas, sendo que em três os orifícios foram feitos a partir da face interna e em dois a partir da face oposta, sua forma é levemente ovalada, e de coloração amarelada com brilho nacarado/dourado em ambas as faces (dimensões médias: 1,2 x 1,4 cm e 0,15 cm de espessura), e um outro de coloração esbranquiçada, forma arredondada e perfurações perfeitamente simétricas, podendo sugerir a atuação de artesãos diferentes: um ainda inexperiente no ofício e outro com domínio total da execução dessa atividade (dimensões: 1,6 cm de diâmetro);

(c) um possível colar com cento e doze contas perfuradas de sementes de gramínea (espécie não identificada), circulares, com coloração amarelada, (dimensões: 0,3 cm de diâmetro x 0,15 cm de altura);

(d) doze contas de sementes (espécie não identificada) perfuradas e com as extremidades removidas, coloração amarelada com manchas marrons, evidências de tratamento térmico,

apresentando orifícios de formas diferentes em cada extremidade (ovalado e arredondado) em decorrência da forma natural da semente (dimensões: 1,0 x 0,9 x 0,75 cm);

(e) três contas discoidais extremamente finas, feitas em carapaças de gastrópodes terrestres (*Megalobulimus abbreviatus*) e em bivalves (*Anodontites patagonicus*), com uma perfuração central (dimensões: 0,55 cm de diâmetro total, 0,1 cm de diâmetro da perfuração e 0,1 cm de espessura);

(f) duas contas líticas inteiras, polidas cuidadosamente, superfície brilhante, de morfologia oblonga, perfuração circular efetuada a partir dos dois lados, formando aberturas muito simétricas, confeccionadas em sílex de coloração bege claro com áreas esbranquiçadas; há evidências tênues de estrias do trabalho de polimento, no sentido da rotação da peça (dimensões: peça 1 - 1,7 cm de altura e 1,5 cm de diâmetro; peça 2 – 1,1 cm de altura e 0,9 cm de diâmetro);

(g) dois fragmentos de faixa tecida com cordéis finos entretorcidos de algodão, trançados em V, coloração marrom escuro com acabamento lateral (dimensões: 3,1 x 7,2 x 0,2 cm); um amarrado de cordéis finos entretorcidos de algodão, com um nó e uma franja, correspondendo ao mesmo tipo padrão da faixa tecida (dimensões: 11,0 cm de comprimento); e cinquenta e seis fragmentos de cordéis finos de algodão (*Gossypium barbadense*), com coloração marrom amarelado, compostos por dois fios entretorcidos (dimensões: 2,0 a 15,0 cm de comprimento e 0,15 cm de diâmetro), todos estes em meio aos ossos do indivíduo feminino e do recém-nascido;

8.4 *Instrumentos de Sonorização*: ausentes;

8.5 *Animais Domésticos*: um crânio de macaco fragmentado e demais ossos associados;

8.6 *Materiais “In Natura” Associados*: **(a)** uma espiga e um grão de milho entre os membros superiores e o crânio do adulto, junto ao cabelo humano; três fragmentos de raiz tuberosa xilopódio (espécie não identificada), e vegetais diversos, tais como folhas, gravetos, “gavinhas”, cascas de árvores, madeira, sementes, seis fragmentos de frutos (alguns queimados) e fibras vegetais sob e sobre os ossos; **(b)** pigmento vermelho na área da cova; **(c)** mecha de cabelo castanho; **(d)** coprólitos humanos e animais; **(e)** insetos (coleópteros);

9. Estruturas Associadas: uma fogueira com forma ovalada, situada sobre a área dos enterramentos do adulto feminino e das crianças, entre grandes blocos calcários fixos e soltos, com dimensões aproximadas de 90 x 65 cm, composta por fragmentos ósseos de animais de pequeno porte, peixes pequenos, malacológico (gastrópodes), sementes ou nozes de palmáceas (coquinhos), sementes diversas, madeira, carvão e cinza (Figuras 64 a 71).

ESTRUTURA FUNERÁRIA 10 – Enterramento 10 (criança, 8 a 9 anos)

1. Tipo de Tratamento: Primário simples;
2. Posição: decúbito lateral esquerdo com os membros inferiores fletidos;
3. Orientação: noroeste/sudeste;
4. Direção da Face: leste;
5. Características da Cova: forma elíptica, com 70 cm de comprimento por 40 cm de largura, cercada por blocos calcários fixos a norte, e outros médios a sul, situada entre 30 e 70 cm de profundidade, composta por folhas variadas, incluindo as de palmáceas, pequenos gravetos e fibras vegetais;
6. Distribuição Temporal: camada I Inferior (30/70cm);
7. Distribuição Espacial: área do fundo da gruta, no setor NA-4;
8. Acompanhamento Funerário:
 - 8.1 *Instrumentos de Uso Doméstico*: ausentes;
 - 8.2 *Instrumentos de Uso Não Doméstico*: ausentes;
 - 8.3 *Objetos de Uso Pessoal*: **(a)** um fragmento de esteira, feito com fibras finas de folhas de palmáceas trançadas, provavelmente de Buriti (*Mauritia vinifera*), com padrão trançado entretorcido simples, formando um S, bem fechado e diferenciado dos demais padrões de esteiras encontradas no sítio (dimensões: 36 x 33 cm); **(b)** um colar de dentes de primata perfurados ainda com cordel; **(c)** um grande colar de sementes de gramínea (espécie não identificada); **(d)** contas de sementes (espécie não identificada) perfuradas e com as extremidades removidas, coloração amarelada com manchas marrons, evidências de tratamento térmico, apresentando orifícios de formas diferentes em cada extremidade (ovalado e arredondado) em decorrência da forma natural da semente; **(e)** grandes fragmentos de tecido feito com cordéis finos entretorcidos de algodão (*Gossypium barbadense*), delicados e diferentes dos até então encontrados; aparentemente fazem parte de uma mesma peça, possivelmente uma rede, na qual alternam-se faixas de *single interconnected looping*, ora mais estreitas, ora mais largas, unidas a faixas de *spiral interlinking*, coloração esbranquiçada; **(f)** uma faixa que prende o feixe de cabelos, cujo ponto assemelha-se ao ponto *oblique 2/2 twill interlacing* ou *2/2 twill braiding* descrito por EMERY (1966); **(g)** grande quantidade de cordéis duplamente entretorcidos de várias espessuras, encontrados junto a diferentes porções do corpo da criança; (cf. MACHADO, 1981/2);

8.4 *Instrumentos de Sonorização*: ausentes;

8.5 *Animais Domésticos*: ausentes;

8.6 *Materiais “In Natura” Associados*: **(a)** vegetais diversos, tais como folhas de diferentes tipos, especialmente as palmáceas que forram a base da cova, além de gravetos, cascas de árvores, madeira, fibras vegetais; **(b)** pigmento amarelo em torno do fardo; **(c)** mecha espessa de cabelo (amarrada com tiras do tecido esbranquiçado e fino) e couro cabeludo aderido ao crânio; **(d)** coprólitos humanos e animais; **(e)** insetos (coleópteros);

9. Estruturas Associadas: uma fogueira com forma arredondada, situada junto à parede do fundo da gruta, entre blocos rochosos com dimensões aproximadas de 40 x 40 cm (30cm de profundidade) e 70 x 50 cm (nível 60/70cm), que vem sendo acesa desde 115 cm de profundidade no mesmo local, terminando a 30cm da superfície, composta por fragmentos ósseos de animais de pequeno porte, malacológico (gastrópodes), vértebras de peixes, madeira, carvão e cinza;

OBS.: Este enterramento foi retirado em bloco e trazido para laboratório sem ter sido escavado por completo, dadas as excelentes condições de preservação do conjunto como um todo (Figuras 72 a 77).

ESTRUTURA FUNERÁRIA 11 – Enterramentos: 11 (feminino, 19 anos)
 11A (infantil, 1,5 a 2,5 anos)
 11B (infantil, 0 a 3 meses)
 11C (criança, 6 a 8 anos)

1. Tipo de Tratamento: Primário múltiplo, com evidências de queima parcial e perturbado por desmoronamentos nas paredes B e 3;

2. Posição: decúbito lateral com os membros superiores e inferiores fletidos (adulto); fetal (crianças);

3. Orientação: noroeste/sudeste com base na posição da coluna vertebral, membros superiores e inferiores (adulto e as crianças);

4. Direção da Face: indeterminada;

5. Características da Cova: forma elíptica, com 85 cm de comprimento por 40 cm de largura, cercada por blocos calcários fixos a noroeste, e outros pequenos e médios nas demais direções, situada entre 3 e 65 cm de profundidade, composta por folhas, especialmente de palmáceas, sementes, pequenos gravetos e fibras vegetais sob e sobre os ossos do adulto feminino e das crianças; estas, por sua vez, estão junto ao enterramento feminino, entre os seus membros superiores e inferiores (indivíduos 11A e 11B) e junto ao seu crânio (11C), entre 10 a 35 cm de profundidade;

6. Distribuição Temporal: camada I Superior (3/65cm);

7. Distribuição Espacial: área do fundo da gruta, no setor OB-3;

8. Acompanhamento Funerário:

8.1 *Instrumentos de Uso Doméstico*: **(a)** sete fragmentos de cerâmica com espessura da parede variando entre 0,4 e 0,6 cm, superfície polida-estriada, tempero de areia fina e cariapé e queima redutora (dimensões médias: 5,1 x 3,2 cm);

(b) dez fragmentos de cabaça de paredes finas (*Crescentia cujete*), com polimento interno, após a retirada da polpa, e evidências de decoração externa, composta de resina com penas grudadas (dimensões médias: 2,8 x 1,7 x 0,4 cm); um grande fragmento de cabaça (*Lagenaria siceraria*), de paredes mais espessas, com polimento prévio e impermeabilização das paredes internas com algum tipo de resina de coloração escura; borda arredondada e polida (dimensões: 18,4 x 16 x 0,9 cm), junto aos membros superiores e crânio do adulto;

(c) quatro hastes delgadas de madeira muito resistente e alisadas, sendo três fragmentadas pelo fogo, com extremidades afinadas e com leve reentrância, sugerindo tratar-se de instrumental para tecelagem (dimensões: 13,5 x 0,5 x 0,4 cm) (semelhantes as do enterramento 12);

(d) um batedor bipolar/alisador em seixo inteiro de quartzito, ovóide e secção elíptica, possui numa das faces uma superfície plana com duas áreas fortemente percutidas de contorno irregular; na face oposta, levemente convexa, há picoteamentos semelhantes mais próximos de uma das extremidades, uma área lateral aplainada alisada e uma rachadura em função da percussão; nos picoteamentos há uma concavidade linear e ainda algumas estriações (dimensões: 7,3 x 4,6 x 2,7 cm; peso: 100g);

8.2 *Instrumentos de Uso Não Doméstico*: ausentes;

8.3 *Objetos de Uso Pessoal*: **(a)** uma bolsa ou cesta de folha de palmácea trançada, provavelmente de Buriti (*Mauritia vinifera*), com alças trançadas reforçadas, cujo péssimo estado

de preservação impediu sua remoção do solo, próxima ao crânio do adulto e ao enterramento da criança de 6 a 7 anos;

(b) uma grande peça de esteira, feita com folhas de palmáceas trançadas em diagonal, provavelmente de Buriti (*Mauritia vinifera*), com acabamento/reforço lateral mais refinado, diferenciado dos demais até então coletados, estava junto aos ossos do indivíduo adulto (dimensões: 39 x 33 cm);

(c) um colar com cinco mil, oitocentas e vinte e cinco (5825) contas perfuradas de sementes de gramínea (espécie não identificada), circulares, com coloração amarelada e algumas calcinadas, além de um cordel de algodão entretorcidos fino com 8cm de comprimento e duas miçangas (dimensões: 0,3 cm de diâmetro x 0,15 cm de altura);

(d) cinco contas de sementes (espécie não identificada) perfuradas e com as extremidades removidas, coloração amarelada com manchas marrons, evidências de tratamento térmico, apresentando orifícios de formas diferentes em cada extremidade (ovalado e arredondado) em decorrência da forma natural da semente (dimensões: 0,65 a 0,9 cm de comprimento, 0,7 a 1,1 cm de largura e 0,5 cm de espessura);

(e) cento e setenta e três contas discoidais extremamente finas, com perfuração central, feitas em carapaças de gastrópodes terrestres (*Megalobulimus abbreviatus*) e em bivalves (*Anodontites patagonicus*), dentre as quais vinte e uma estão calcinadas (dimensões: 0,25 a 0,4 cm de diâmetro, 0,1 cm de diâmetro da perfuração e 0,1 cm de espessura);

(f) três pingentes pequenos feitos em bivalve de água doce (*Anodontites patagonicus*), com apenas uma perfuração, sendo duas fragmentadas e muito intemperizadas pelo fogo, concentricamente confeccionadas a partir da face interna da concha, sendo que em uma delas houve um polimento no local da perfuração na face oposta (externa), formando uma linha de adelgaçamento; possuem coloração amarelada com brilho nacarado/dourado em ambas as faces (dimensões: 1,2 e 1,7 cm de comprimento, 1,3 e 1,6 cm de largura e 0,2 cm de espessura),

(g) quinze fragmentos de cordéis, finos, duplamente entretorcidos, feitos em algodão (provavelmente *Gossypium barbadense*), com colorações variando entre o marrom claro e marrom escuro (dimensões: 1,6 cm a 50 cm de comprimento e 0,3 cm de espessura);

(h) um fragmento de faixa tecida feita com cordéis finos, entretorcidos em forma de V, com coloração marrom escura (dimensões: 18,0 x 4,1 x 0,3 cm);

(i) uma lasca de cristal de quartzo, totalmente transparente, planta e secção trapezoidais, talão cortical polido naturalmente, ponto de impacto presente, lascamentos bulbar com lancetas nítidas, ângulo de lascamento de 90°, na extremidade distal, há ainda um lascamento transversal do eixo tecnológico da lasca, não há evidências de trabalho secundário, mas foi encontrado junto aos membros inferiores do enterramento do adulto feminino onde foi depositada a criança de 1,5 a 2,5 anos;

(j) um pingente inteiro finamente polido, de formato bicônico, confeccionado em sílex castanho com áreas mais claras de coloração bege e esbranquiçada secção de tendência plano-convexa com perfuração (9,0 x 6,0 cm) de tendência elíptica, internamente polida, feita na porção mesial da peça cuja simetria sugere que foi feita a partir de ambas as laterais; há brilho intenso na superfície em decorrência do polimento realizado do qual há resquícios de estrias oblíquas ao eixo morfológico da peça (dimensões: 4,0 x 1,3 x 0,9 cm);

(l) doze penas inteiras e quatro fragmentadas, totalizando dezesseis peças de aves de pequeno porte, com coloração marrom clara e esbranquiçada, e cinza claro e escuro com porções esbranquiçadas (dimensões médias: 1,7 cm de comprimento e 1,3 cm de largura), e uma inteira e três fragmentos de penas de aves de médio porte, com coloração marrom claro (dimensões: 10 cm x 3,4 cm);

8.4 *Instrumentos de Sonorização*: ausentes;

8.5 *Animais Domésticos*: ausentes;

8.6 *Materiais "In Natura" Associados*: **(a)** seis fragmentos de raiz tuberosa xilopódio, na cor amarelo claro e uma pequena espiga de milho (dimensões: 2,5 x 1,2 cm), depositados próximos aos membros superiores e crânio, folhas, especialmente de palmáceas, sementes, frutos, pequenos gravetos, fibras vegetais sob e sobre os ossos; **(b)** pigmento vermelho na área do enterramento; **(c)** mecha de cabelo castanho escuro **(d)** coprólitos humano e animais; **(e)** insetos (coleópteros);

9. Estruturas Associadas: duas fogueiras: uma a norte, muito próxima ao crânio e sobre o enterramento da criança de 6 a 8 anos, e outra a sul, junto aos membros inferiores; forma arredondada, situada junto à parede do fundo da gruta, sobre a parede 3 e 4, circundada por blocos calcários pequenos e médios soltos; dimensões aproximadas de 60 x 60 cm, composta por fragmentos ósseos de animais de pequeno porte, tais como répteis, mamíferos, quelônios, peixes, malacológico (bivalves - *Anodontites patagonicus*, e gastrópodes), sementes ou nozes de palmáceas (coquinhos), frutos, sementes, madeira, carvão e cinza (Figuras 78 a 83).

ESTRUTURA FUNERÁRIA 12 – Enterramento 12 (feminino, 45 a 55 anos)

1. Tipo de Tratamento: Primário simples, com evidências de queima parcial;
2. Posição: decúbito lateral direito com o braço esquerdo distendido e o direito flexionado sobre a região pubiana; membros inferiores flexionados à direita;
3. Orientação: sul/norte;
4. Direção da Face: leste;
5. Características da Cova: forma elíptica, com 130 cm de comprimento por 70 cm de largura, cercada por blocos calcários médios e grandes, com profundidade entre 40 e 105 cm, composta por folhas variadas, especialmente palmáceas que recobriam o corpo, pequenos gravetos e fibras vegetais na base;
6. Distribuição Temporal: camada I Inferior (40/105cm);
7. Distribuição Espacial: área do fundo da gruta, no setor NA-4;
8. Acompanhamento Funerário:
 - 8.1 *Instrumentos de Uso Doméstico*: **(a)** duas hastes delgadas de madeira muito resistente e alisadas, fragmentadas em uma das extremidades: a primeira trata-se de haste achatada de cujas extremidades faltam apenas uma pequena parte (não mais que um centímetro), provavelmente pelo uso ou por agentes tafonômicos; sua resistência parece estar relacionada à qualidade da madeira escolhida para a feitura do instrumento; em uma das extremidades há uma leve reentrância e um envergamento, sugerindo tratar-se de um fuso para tecelagem (dimensões: 14,5 x 0,6 x 0,4 cm) nos moldes das tribos indígenas brasileiras conforme RIBEIRO (1988); a segunda haste, mais arredondada, apresenta um afinamento regular “como uma agulha de tricot”, que também de acordo com RIBEIRO (*ibid.*) pode ser uma agulha ou também um fuso para tecelagem (dimensões: 10,8 x 0,6 x 0,3 cm) (Figura 84); **(b)** uma mão-de-pilão de forma alongada, cilíndrica, remontada perfeitamente a partir de dois fragmentos cuja quebra se deu na porção central e mais espessa da peça; tal quebra apresenta evidências de golpe transversal direcionado que pode ter sido intencional de forma a depositar separadamente as partes junto ao corpo, ou seja, um foi colocado em paralelo ao úmero esquerdo e o outro junto ao occipital; o corpo da peça está totalmente polido, embora os vestígios de picoteamento sejam ainda bem visíveis; o polimento criou uma superfície bem regular, conferindo-lhe um brilho lustroso, evidenciando uma coloração castanho avermelhada em partes da superfície escurecida; o exame

macroscópico da superfície fraturada indica uma rocha magmática de coloração cinza clara de granulação média, com uma coloração bem mais escura na superfície do corpo em função do polimento; a extremidade utilizada apresenta secção circular (4,0 cm de diâmetro), levemente convexa em sua área central, com superfície polida fosca cujo polimento atinge de forma irregular cerca de 2,0 cm do corpo da peça; a extremidade distal apresenta um negativo de fratura por lascamento longitudinal (12,3 cm de comprimento), anterior ao picoteamento/polimento, resultando em uma secção semi-circular (2,7 cm de diâmetro), que parece ter sido intencional no sentido de facilitar a apreensão da peça; as estrias de polimento visíveis mostram uma direção de trabalho principal, predominantemente longitudinal ao eixo morfológico da peça; não há resquício dessa matéria prima em todo o sítio e na geologia de Unai não há referência a esse tipo de rocha, sugerindo que a peça veio de longe e pronta; ademais, um polimento desse tipo precisa ser realizado perto de água, conseqüentemente fora do sítio (dimensões: 34,5 cm de comprimento e 5,0 cm de diâmetro maior);

8.2 *Instrumentos de Uso Não Doméstico*: ausentes;

8.3 *Objetos de Uso Pessoal*: **(a)** cento e trinta e quatro contas de sementes inteiras e uma fragmentada (espécie não identificada) perfuradas e com as extremidades removidas, coloração amarelada com manchas marrons, evidências de tratamento térmico, apresentando orifícios de formas diferentes em cada extremidade (ovalado e arredondado) em decorrência da forma natural da semente, próximas ao crânio (dimensões médias: 0,7 x 0,65 a 0,4cm);

(b) três contas discoidais extremamente finas, com perfuração central, feitas em carapaças de gastrópodes terrestres (*Megalobulimus abbreviatus*), dentre as quais duas estão calcinadas (dimensões: 0,3 cm de diâmetro total, 0,1 cm de diâmetro da perfuração e 0,1 cm de espessura);

(c) nove penas inteiras e cinco fragmentadas, totalizando quatorze peças de aves de pequeno porte, com coloração variando entre o marrom claro e o esverdeado (dimensões: 2,2 a 6,7 cm de comprimento e 1,3 a 3,2 cm de largura);

(d) uma conta em diáfise de osso longo de animal de médio porte, provavelmente mamífero, encontrada junto ao crânio, coloração amarelo claro, com brilho intenso na superfície externa devido ao cuidadoso polimento e muito resistente em decorrência de tratamento térmico; a parte interna também foi polida a ponto de remover toda rugosidade (dimensões: 1,4 cm de comprimento e 1,0 cm de diâmetro da peça, e 0,6 cm de diâmetro da perfuração);

(e) uma semente vegetal grande, oca, forma semi-circular, coloração marrom amarelado com manchas escuras, possivelmente pela proximidade do fogo, possui duas perfurações na extremidade superior mais fina e resistente da peça (dimensões: 5,4 x 3,5 x 1,6 cm);

(f) sete fragmentos de cordéis, de diferentes espessuras, duplamente entretorcidos, feitos em algodão (*Gossypium barbadense*), com coloração marrom amarelado, envolvendo os ossos do crânio, membros superiores e inferiores sobre a base de vegetais da cova sobre a qual foi depositado o corpo (dimensões: 1,0 a 5,5 cm de comprimento e 0,1 a 0,7 cm de espessura);

8.4 *Instrumentos de Sonorização*: ausentes;

8.5 *Animais Domésticos*: um papagaio (com todos os ossos) e um outro animal pequeno não identificado depositados junto aos pés, a norte;

8.6 *Materiais "In Natura" Associados*: (a) sabugos de milho ao longo dos membros superiores e porções laterais do crânio, além de vegetais diversos tais como folhas, especialmente de palmáceas depositadas sobre o corpo, gravetos, cascas de árvores, madeira, sementes e fibras vegetais sob os ossos; (b) pigmento vermelho junto ao crânio; (c) cabelo e couro cabeludo; (d) coprólitos humanos e animais; (e) insetos (coleópteros);

9. Estruturas Associadas: uma fogueira com forma arredondada, situada junto à parede do fundo da gruta, entre blocos rochosos com dimensões aproximadas de 40 x 40 cm (a 30cm da superfície), cujo tamanho é de 70 x 50 cm (nível 60/70cm), que vem sendo acesa desde 115 cm de profundidade no mesmo local, terminando a 30cm da superfície, composta por fragmentos ósseos de animais de pequeno porte, malacológico (gastrópodes), vértebras de peixes, madeira, carvão e cinza (Figuras 85 a 95).

ESTRUTURA FUNERÁRIA 13 – Enterramentos: 13 (feminino, 25 a 30 anos)

13A (infantil, 2,5 a 3 anos)

13B (criança, 3 a 4,5 anos)

1. Tipo de Tratamento: Primário múltiplo, com evidências de queima parcial e perturbado por desmoronamentos na parede A;

2. Posição: decúbito lateral com os membros superiores e inferiores fletidos (ind.13);

3. Orientação: norte/sul com base na posição dos ossos do crânio, da coluna vertebral e ossos longos;

4. Direção da Face: indeterminada;

5. Características da Cova: forma elíptica, com 95 cm de comprimento por 41 cm de largura, cercada por blocos calcários pequenos e médios, com profundidade de 60 cm a partir da superfície, composta por folhas diversas, especialmente de palmáceas, pequenos gravetos e fibras vegetais. A criança de 3 a 4,5 anos está num nível mais profundo entre as estruturas funerárias 13 e 3 (40 a 65 cm), o adulto e a outra criança com 2,5 a 3 anos apresentam covas justapostas, estando o primeiro entre 5 e 65 cm de profundidade e o segundo entre 40 e 60 cm. Há vestígios de folhas de palmáceas sobre os ossos;

6. Distribuição Temporal: camada I Superior (5/65cm);

7. Distribuição Espacial: área intermediária da gruta, nos setores OA-1/NA-1;

8. Acompanhamento Funerário:

8.1 *Instrumentos de Uso Doméstico*: **(a)** seis fragmentos de vasilhame cerâmico, sendo duas bordas de um mesmo vasilhame, com espessura da parede variando entre 0,6 cm, ambos com borda extrovertida, superfície polida-estriada, queima redutora, tempero de areia fina e cariapé, com 14 cm de diâmetro; **(b)** dez fragmentos pequenos e médios de cabaça (*Lagenaria siceraria*), espessa, com impermeabilizante interno de coloração preta, possivelmente de algum tipo de resina local, (dimensões médias: 2,1 x 4,4 x 0,7 cm); outros nove fragmentos de uma espécie da cabaça mais fina (*Crescentia cujete*) também foram coletados (dimensões: 1,6 x 3,1 x 0,3 cm); **(c)** cinco hastes delgadas de madeira muito resistentes, alisadas, inteiras, ligeiramente achatadas e com as extremidades pontiagudas, junto às quais foi encontrado um fio de cordel; dada a semelhança com aquelas do enterramento 12, podem estar relacionadas à atividade de tecelagem, correspondendo a fusos e/ou agulhas para tecelagem (dimensões: 12,2 a 11,3 x 0,6 x 0,4 cm) (cf. RIBEIRO, *ibid.*);

8.2 *Instrumentos de Uso Não Doméstico*: ausentes;

8.3 *Objetos de Uso Pessoal*: **(a)** um fragmento de cesto ou “bolsa” tipo cargueiro (cf. RIBEIRO, *ibid.*) com duas alças reforçadas, triplamente trançadas, feita com folhas de palmácea entrecruzadas em padrão diagonal, provavelmente de Buriti (*Mauritia vinifera*), encontrada junto aos restos ósseos humanos do indivíduo adulto e da criança mais velha (dimensões: 21,6 x 10,3 x 0,5 cm);

(b) um adorno de sementes de gramínea (espécie não identificada), circulares, com coloração amarelada e algumas calcinadas, ainda com cordel encontrado enrolado no antebraço direito do adulto, próximo aos ossos das mãos (dimensões da semente: 0,3 cm de diâmetro x 0,15 cm de altura);

(c) fragmento de faixa tecida e dezessete fragmentos de cordéis, de diferentes espessuras, duplamente entretorcidos, feitos em fibras vegetais variadas (espécie não identificada) e em algodão (provavelmente *Gossypium barbadense*), colorações variando entre amarelo, marrom claro, acinzentado e marrom escuro, encontrados envolvendo ossos como costela, escápula, tíbia e úmero, sobre a base de vegetais onde foi depositado o corpo do adulto (dimensões: 3,4 a 30 cm de comprimento e 0,2 a 1,3 cm de espessura);

8.4 *Instrumentos de Sonorização*: ausentes;

8.5 *Animais Domésticos*: ausentes;

8.6 *Materiais “In Natura” Associados*: **(a)** um sabugo de milho depositado próximo ao úmero e escápula direitos do adulto, vegetais variados, tais como folhas, gravetos, cascas de árvores, madeira, sementes e fibras vegetais sob e sobre os ossos; **(b)** fios de cabelo humano; **(c)** coprólitos humanos e animais; **(d)** insetos (coleópteros);

9. Estruturas Associadas: uma fogueira com forma arredondada, situada numa depressão entre grandes lajes de calcário, com dimensões aproximadas de 70 x 70 cm, composta por fragmentos ósseos de animais de pequeno porte, peixes pequenos, malacológico (gastrópodes), nozes de palmáceas (coquinhos), sementes, madeira, carvão e cinza (Figuras 96 a 98).

ESTRUTURA FUNERÁRIA 14 – Enterramentos: 14 (masculino, 30 a 35 anos)

14A (feminino, 25 a 30 anos)

14A (infantil, 1,5 a 2,5 anos)

1. Tipo de Tratamento: Primário múltiplo, com evidências de queima parcial e perturbado por desmorações na parede A e buracos de animais (possivelmente tatu);

2. Posição: decúbito lateral com os membros superiores e inferiores fletidos (adulto feminino), indeterminada (adulto masculino), fetal (infantil);

3. Orientação: norte/sul com base na posição da mandíbula, da coluna vertebral, alguns ossos longos superiores e ossos das mãos (adulto feminino);
4. Direção da Face: indeterminada;
5. Características da Cova: forma elíptica, com 160 cm de comprimento por 120 cm de largura, cercada por blocos calcários pequenos e médios, com profundidade de 90 cm a partir da superfície, composta internamente por folhas, palha, pequenos gravetos e fibras vegetais, e recoberta por folhas de palmáceas; tais vegetais estão aparentemente dispostos em camadas, de acordo com a profundidade de cada indivíduo. A criança encontra-se na porção mais profunda da cova entre 40 e 90 cm; em seguida, está o indivíduo feminino entre 30 e 50 cm, e o adulto masculino, na porção superior entre a superfície e 30 cm de profundidade;
6. Distribuição Temporal: camada I Superior (0/90cm);
7. Distribuição Espacial: área intermediária da gruta, nos setores OA-1/OA-2/NA-2;
8. Acompanhamento Funerário:
 - 8.1 *Instrumentos de Uso Doméstico*: **(a)** três fragmentos médios de cabaça (*Lagenaria siceraria*), espessa, provavelmente de uma mesma peça, com impermeabilizante interno de coloração escura, possivelmente de algum tipo de resina local (dimensões: 2,5 a 4,0 cm de comprimento, 2,0 a 3,3 cm de largura e 0,5 cm de espessura), e nove fragmentos de cabaça (*Crescentia cujete*), de parede fina, com superfície interna alisada e a externa com a casca original com manchas avermelhadas e escuras pela proximidade do fogo, coletados junto ao nível de deposição do adulto feminino (dimensões médias: 3,4 x 2,5 x 0,5 cm);
 - (b)** quatro fragmentos de bordas cerâmicas extrovertidas, correspondendo possivelmente a três vasilhames diferentes com 12, 26 e 30 cm de diâmetro, queima redutora, tempero de areia fina e cariapé, superfícies interna e externa polidas, intemperizadas pela ação do fogo, próximas à área do crânio e dos membros superiores do indivíduo feminino (dimensões médias: 5,2 x 4,3 x 0,5 cm);
 - (c)** quatro hastes delgadas de madeira muito resistentes, sendo duas inteiras e duas com fragmentação na extremidade de no máximo 1cm, muito alisadas, tendência arredondada e com as extremidades pontiagudas; muito semelhantes àquelas dos enterramentos 12 e 13, também podendo estar relacionadas à atividade de tecelagem, correspondendo a fusos e/ou agulhas para tecelagem (dimensões: 9,6 a 14,1 cm de comprimento e 0,4 cm de espessura), encontradas associadas ao conjunto feminino;

(d) um seixo inteiro encontrado no nível de deposição do indivíduo feminino, apresentando forma ovóide, bem rolado e com um “polido” brilhante (origem fluvial), sem evidência de uso; o exame macroscópico da superfície da peça indica tratar-se de matéria silicosa criptocristalina, translúcida, coloração castanho avermelhado (o tom vermelho mais acentuado observado em uma das extremidades pode estar relacionado à ação do fogo), com alguns pontos acinzentados (dimensões: 6,5 x 5,0 x 3,7 cm; peso: 190g);

8.2 *Instrumentos de Uso Não Doméstico*: ausentes;

8.3 *Objetos de Uso Pessoal*: **(a)** um fragmento pequeno de folha de palmácea trançada, provavelmente de Buriti (*Mauritia vinifera*), assemelhando-se a uma esteira, coloração marrom clara (dimensões: 8,2 x 8,0 x 0,8 cm), em meio aos ossos do indivíduo feminino;

(b) onze fragmentos de cordéis, de diferentes espessuras, duplamente entretorcidos, feitos em algodão (provavelmente *Gossypium barbadense*), coloração variando entre amarelo claro ao escuro, encontrados junto ao nível deposicional do indivíduo feminino (dimensões: 2,8 a 32,5 cm de comprimento e 0,2 cm de espessura), e dez fragmentos de cordéis de fibras vegetais (espécie não identificada), compostos por fibras entretorcidas, muito resistentes, com duas espessuras diferentes, algumas peças apresentam nós (dimensões: 1,8 a 7,8 cm de comprimento e 0,2 a 0,6 cm de espessura); parecem estar associados tanto aos indivíduos adultos quanto à criança, já que estão presentes em toda a extensão da cova;

(c) três fragmentos de tecido, provavelmente de uma mesma faixa, feito de fios de cordéis finos duplamente entretorcidos, possui reforço em ambas as laterais e coloração marrom escura (dimensões: 4,1 a 7,8 cm de comprimento, 2,1 a 4,8 cm de largura e 0,2 cm de espessura);

(d) quatro penas, sendo uma inteira e três fragmentadas, de aves de médio a grande porte com coloração marrom escura, plumagem longa e fina (dimensões: 26 x 9,0 cm), e seis de animal de pequeno porte, dentre as quais duas estão inteiras e quatro fragmentadas, coloração entre o marrom claro, escuro e porções esbranquiçadas, destacando-se uma com a extremidade de cor vermelha (dimensões: 0,9 a 2,7 cm de comprimento, 0,9 a 1,9 cm de largura), todas associadas ao indivíduo feminino;

(e) quinze fragmentos de couro animal (possivelmente cervídeo), alguns com e outros sem pêlos, provavelmente de uma mesma peça, com coloração marrom amarelada (dimensões: 6,0 a 12,1 de comprimento, 1,4 a 8,0 cm de largura e 0,2 cm de espessura), encontrados no nível de deposição do indivíduo masculino adulto, junto com alguns ossos;

(f) um pingente sobre lasca (provavelmente bipolar) de planta e secção de cristal de quartzo, de tendência trapezoidal, contendo uma perfuração central de formato hexagonal, com 0,4 cm na face externa, na qual é mais larga e regular, e 0,2 cm na face interna; a extremidade proximal (talão) apresenta um pequeno cone de força, embora esteja destruída por percussão; sua face interna é bem plana e sua extremidade distal apresenta uma espécie de “pedúnculo restrito”, formado por pequenas reentrâncias facetadas, semelhantes à forma da perfuração e duas diminutas aletas (dimensões: 1,7 x 1,2 x 0,4 cm); foi coletado junto aos fragmentos calcinados de ossos do crânio do adulto feminino;

8.4 *Instrumentos de Sonorização*: ausentes;

8.5 *Animais Domésticos*: ausentes;

8.6 *Materiais “In Natura” Associados*: **(a)** um sabugo de milho, junto à área do crânio do indivíduo feminino, próxima ao vértice NA-2; vegetais diversos, tais como: folhas variadas, gravetos, cascas de árvores, madeira, sementes e fibras vegetais sob e sobre os ossos dos indivíduos; **(b)** pigmento junto aos ossos dos adultos feminino e masculino; **(c)** um fragmento de pêlo, na coloração marrom; **(d)** coprólitos humanos e animais em toda a cova ; **(e)** insetos (coleópteros);

9. Estruturas Associadas: uma pequena fogueira com forma arredondada, sobre uma laje, com dimensões aproximadas de 40 x 40 cm, composta por fragmentos ósseos de animais de pequeno porte, malacológico (gastrópodes), sementes ou nozes de palmáceas (coquinhos), madeira, carvão e cinza (Figuras 99 a 104).

ESTRUTURA FUNERÁRIA 15 – Enterramentos: 15 (masculino, 18 a 19 anos)

15A (masculino, 22 a 25 anos)

1. Tipo de Tratamento: Primário duplo, com evidências de queima parcial e perturbado por desmoronamentos na parede A e buracos de animais (possivelmente tatu);

2. Posição: decúbito lateral direito com os membros inferiores e superiores hiperfletidos (indivíduo 15 e 15A);

3. Orientação: sul/norte com base na posição dos ossos da coluna vertebral, coxais, sacro, ossos longos, mãos e pés (indivíduo 15A), e norte/sul com base na posição dos ossos da coluna vertebral, ossos longos, mãos e pés (indivíduo 15);

4. Direção da Face: indeterminada (ausente);

5. Características das Covas: *indivíduo 15A* - forma elíptica, com 64 cm de comprimento por 51 cm de largura, cercada por blocos calcários fixos a sul, a partir de 20 até 100 cm de profundidade, com a base forrada com folhas, cascas de árvores e pequenos gravetos; *indivíduo 15* - forma elíptica, com 75 cm de comprimento por 60 cm de largura, cercada por blocos calcários fixos a sul, a partir de 10 até 80 cm de profundidade, com a base forrada com folhas, pequenos gravetos e cascas de árvores. O indivíduo 15A é mais antigo e o 15 é mais recente cuja cova sobrepõe parcialmente a do anterior e sobre a qual foi depositado um bloco calcário de dimensões medianas.

6. Distribuição Temporal: camada I Inferior (10/100cm);

7. Distribuição Espacial: área intermediária da gruta, no setor OA-2;

8. Acompanhamento Funerário:

8.1 *Instrumentos de Uso Doméstico*: **(a)** uma espátula óssea, confeccionada em diáfise de osso longo de animal de médio porte, sem corte longitudinal, com uma das extremidades arredondada e polida, e a oposta, pontiaguda, formando uma espécie de furador; houve tratamento térmico, detectado pela coloração e grande resistência mecânica da peça; observou-se macroscopicamente ainda a presença de estrias de polimento em várias direções, especialmente na extremidade onde foi feita a ponta (dimensões: 8,1 x 1,3 cm); depositada junto aos membros superiores do indivíduo 15; **(b)** uma placa de calcário fragmentada, com pigmento vermelho sobre a porção central de uma das faces da peça, junto ao enterramento 15 (dimensões: 9,5 x 5,8 x 1,3 cm);

8.2 *Instrumentos de Uso Não Doméstico*: ausentes;

8.3 *Objetos de Uso Pessoal*: **(a)** um colar com trinta e quatro dentes de animal, possivelmente macaco, sendo trinta e três inteiros e um longitudinalmente fragmentado, com perfurações circulares na extremidade da raiz; formado por quatro caninos com dimensões de 2,8 x 0,7 cm, com perfuração de 0,2 cm de diâmetro, confeccionada concentricamente a partir dos dois lados da raiz, no sentido vestibular-lingual; quinze caninos perfurados no sentido vestibular-lingual, também executada a partir dos dois lados da raiz, com dimensões entre 2,4 e 2,7 cm de comprimento e 0,4 x 0,6 cm de espessura; quinze incisivos centrais e laterais, com dimensões

entre 1,8 a 2,7 cm de comprimento e 0,2 a 0,6 cm de largura, com uma perfuração no sentido mesial-distal e igual técnica de confecção, próximos à coluna cervical do indivíduo 15A;

(b) um adorno labial, denominado tembetá, caracterizado como um artefato polido, inteiro, sílex de coloração clara bege esbranquiçado, sem apresentar, no entanto, a superfície brilhante de outros exemplares; há ainda evidências de estrias de polimento, principalmente no sentido do comprimento da peça; observou-se pontos avermelhados e rachaduras no corpo do artefato, sugerindo alteração térmica (5,7 cm de comprimento por 0,7 cm de diâmetro), encontrado junto às primeiras costelas do tórax do indivíduo 15A;

8.4 *Instrumentos de Sonorização*: ausentes;

8.5 *Animais Domésticos*: ausentes;

8.6 *Materiais “In Natura” Associados*: **(a)** vegetais diversos, a saber: folhas variadas, especialmente palmáceas, gravetos, cascas de árvores, madeira, sob e sobre os ossos; **(b)** pigmento vermelho na área da cova; **(c)** coprólitos humanos e animais; **(d)** insetos (coleópteros);

9. Estruturas Associadas: uma fogueira arredondada sobre a cova dos indivíduos, delimitada por blocos calcários pequenos e médios de rocha, com dimensões aproximadas de 80 x 60 cm, composta por fragmentos ósseos de animais de pequeno porte, peixes pequenos, malacológico (gastrópodes), sementes ou nozes de palmáceas (coquinhos), madeira, carvão e cinza (Figuras 105 a 110).

ESTRUTURA FUNERÁRIA 16 – Enterramento 16 (masculino, 40 a 45 anos)

1. Tipo de Tratamento: Primário simples, com evidências de queima parcial, perturbado pelos desmoronamentos nas paredes 3 e A e declive em direção ao sumidouro no setor adjacente NA-3;

2. Posição: decúbito dorsal ou lateral com os membros superiores e inferiores fletidos, com base nas dimensões do local ocupado, direção e disposição de alguns ossos longos superiores (ulna e rádio) e inferiores (tíbias e fêmur), costelas e pés;

3. Orientação: norte/sul com base na localização dos ossos do crânio, escápulas, ulna e ossos longos (indivíduo adulto);

4. Direção da Face: indeterminada;

5. Características da Cova: forma elíptica, com 110 cm de comprimento por 85 cm de largura, cercada por blocos calcários pequenos e médios, com profundidade de 70 cm a partir da superfície; composta por folhas diversas, madeira, sementes e pequenos gravetos.

6. Distribuição Temporal: camada I Superior (0/70cm);

7. Distribuição Espacial: área intermediária da gruta, no setor OA-3;

8. Acompanhamento Funerário:

8.1 *Instrumentos de Uso Doméstico*: ausentes;

8.2 *Instrumentos de Uso Não Doméstico*: ausentes;

8.3 *Objetos de Uso Pessoal*: **(a)** uma grande peça de esteira e mais quatro fragmentos menores, feitos com folhas de palmáceas trançadas em diagonal, provavelmente de Buriti (*Mauritia vinifera*), com acabamento/reforço lateral muito semelhante ao do enterramento 3, estava junto aos membros inferiores (dimensões: 30 x 25 cm);

(b) doze fragmentos de couro com e sem pêlos, de coloração amarelo claro, em um dos quais há penas grudadas e em três, sendo um bem grande (26 x 5,5 cm), há uma borda arredondada com perfurações ovaladas de 0,7 x 0,3 cm (dimensões: 2,9 a 26,0 cm de comprimento, 1,2 a 5,5 cm de largura e 0,2 cm de espessura);

(c) uma haste de madeira com uma das extremidades arredondada e ligeiramente alisada, coloração marrom acinzentado, encontrado junto aos membros inferiores (dimensões: 41 cm de comprimento por 1,4 cm de diâmetro);

(d) um adorno labial denominado tembetá, caracterizado como um artefato polido, de morfologia cilíndrica, secção circular, com evidências de estrias multidirecionais em decorrência do polimento que regularizou toda a peça, mas sem o mesmo acabamento esmerado dos demais adornos (superfície bem polida e brilhante); foi confeccionado em sílex de coloração bege claro e esbranquiçado; possui duas áreas escuras e levemente avermelhadas, indicando alteração térmica (dimensões: 5,7 x 0,8 cm);

8.4 *Instrumentos de Sonorização*: ausentes;

8.5 *Animais Domésticos*: ausentes;

8.6 *Materiais “In Natura” Associados*: **(a)** vegetais diversos, tais como: gravetos, cascas de árvores, madeira, sementes e fibras vegetais em meio aos ossos na cova; **(b)** pigmento vermelho nos ossos e na área da cova; **(c)** dois conglomerados de pêlos de animais, de coloração marrom claro (dimensões: 1,5 x 0,8 cm); **(e)** coprólitos humanos e animais; **(f)** insetos (coleópteros);

9. Estruturas Associadas: uma fogueira com forma arredondada, junto à parede A, delimitada de um lado por grandes blocos calcários fixos, e por outro, por blocos pequenos e médios de rocha, com dimensões aproximadas de 120 x 60 cm, composta por fragmentos ósseos de animais de pequeno porte, peixes pequenos, malacológico (gastrópodes), sementes ou nozes de palmáceas (coquinhos), madeira, carvão e cinza (Figuras 111 a 114).

ESTRUTURA FUNERÁRIA 17 – Enterramentos: 17 (masculino, 30 a 40 anos)

17A (feminino, 25 a 30 anos)

17 B (criança, 5,5 a 6,5 anos)

1. Tipo de Tratamento: Primário múltiplo, com evidências de queima parcial, perturbado por animais;
2. Posição: decúbito lateral com os membros superiores e inferiores fletidos para os dois adultos; fetal (criança);
3. Orientação: norte/sul (indivíduo feminino) e sul/norte (indivíduo masculino) com base na posição dos ossos do crânio, mandíbula, maxilar, vértebras e ossos longos; indeterminada (criança);
4. Direção da Face: indeterminada;
5. Características da Cova: forma elíptica, com 102 cm de comprimento por 52 cm de largura, cercada por blocos calcários fixos a sul, que fazem parte da mesma laje sobre a qual estão os indivíduos, e por outros blocos pequenos e médios que delimitam a cova, com profundidade de 60 cm a partir da superfície; sua composição é de vegetais diversos, ou seja, folhas variadas, pequenos gravetos, cascas de árvores e fibras vegetais. O indivíduo feminino parece ser relativamente mais antigo por estar depositado entre 40 e 60 cm de profundidade, os ossos do masculino estão entre 30 e 50 cm de profundidade e os da criança mais a oeste, entre 0 e 20 cm; compõem, na verdade, covas não apenas sobrepostas, mas também justapostas;
6. Distribuição Temporal: camada I Superior (0/60cm);
7. Distribuição Espacial: área intermediária da gruta, no setor OB-2;
8. Acompanhamento Funerário:

8.1 *Instrumentos de Uso Doméstico*: **(a)** seis fragmentos cerâmicos, sem ocorrência de bordas, com parede fina, tempero de areia fina e cariapé, queima redutora, superfícies interna e externa polidas, e muito intemperizadas em alguns fragmentos devido à proximidade da fogueira (dimensões: 6,5 x 4,3 x 0,7 cm);

8.2 *Instrumentos de Uso Não Doméstico*: ausentes;

8.3 *Objetos de Uso Pessoal*: ausentes;

8.4 *Instrumentos de Sonorização*: ausentes;

8.5 *Animais Domésticos*: ausentes;

8.6 *Materiais “In Natura” Associados*: **(a)** muitos vegetais, dentre eles: gravetos, folhas, palha, cascas de árvores, madeira, sob e sobre os ossos; **(b)** pigmento vermelho na cova; **(c)** coprólitos humanos e animais; **(d)** insetos (coleópteros);

9. Estruturas Associadas: uma fogueira com forma arredondada, sobre a cova, com dimensões aproximadas de 90 x 75 cm, circundada por blocos de calcário fixos e soltos, composta por fragmentos ósseos de animais de pequeno porte, peixes, roedores, quelônios, malacológico (gastropodes), sementes ou nozes de palmáceas (coquinhos), sementes, madeira, carvão e cinza (Figura 115).

ESTRUTURA FUNERÁRIA 18 – Enterramentos: 18 (feminino, 25 a 26 anos)

18A (adolescente, 12 a 13 anos)

18B (criança, 3,5 a 4,5 anos)

1. Tipo de Tratamento: Primário múltiplo, com evidências de queima parcial;

2. Posição: decúbito dorsal com os membros superiores levemente dobrados com as mãos sobre a região pubiana e membros inferiores fortemente fletidos (todos os indivíduos);

3. Orientação: leste/oeste com base na posição dos ossos do crânio, da coluna vertebral e ossos longos (todos os indivíduos);

4. Direção da Face: indeterminada (ausente);

5. Características das Covas: forma elíptica para os três indivíduos assim caracterizadas: 45 cm de comprimento por 30 cm de largura, entre 95 e 110 cm de profundidade, para a criança (mais antiga), 90 cm de comprimento por 45 cm de largura, entre 80 e 95 cm de profundidade, para o

adulto feminino, e 68 cm de comprimento por 40 cm de largura, entre 30 e 70 cm de profundidade, para o adolescente (mais recente); todas cercadas por blocos calcários pequenos e médios, com profundidade de 110 cm a partir de 30 cm da superfície, compostas por folhas, madeira e pequenos gravetos;

6. Distribuição Temporal: camada I Inferior (30/110cm);

7. Distribuição Espacial: área intermediária da gruta, nos setores OA-2/OB-2;

8. Acompanhamento Funerário:

8.1 *Instrumentos de Uso Doméstico*: **(a)** um moedor-alisador/batedor bipolar/ instrumento de corte tipo “chopper” sobre seixo de quartzito avermelhado, de tendência circular e secção elíptica, com um grande negativo de lascamento a partir de uma das extremidades, delineando um bordo retilíneo irregular, lembrando um “chopper”; a face oposta na mesma extremidade sofreu uma quebra em degrau, provavelmente em função do lascamento ou do uso; ambas as fraturas atingiram as faces principais com marcas de uso, ou seja, uma face com área central levemente “desgastada”, com estrias oblíquas em relação ao maior comprimento da peça, a outra face apresenta área de picoteamentos finos sobre a parte alisada; há também porções de pátina esbranquiçada em algumas partes da peça (dimensões: 10,0 x 10,7 x 5,3 cm; peso: 790g); encontrado sobre uma das mãos do indivíduo 18A; **(b)** quatro fragmentos de cerâmica, sem ocorrência de bordas, com paredes finas, tempero de areia fina e cariapé, queima redutora, superfícies interna e externa polidas (dimensões: 3,8 x 2,7 x 0,6 cm);

8.2 *Instrumentos de Uso Não Doméstico*: ausentes;

8.3 *Objetos de Uso Pessoal*: **(a)** duas grandes pulseiras, feitas com contas perfuradas de sementes de gramínea (espécie não identificada), circulares, com coloração amarelada, algumas calcinadas, encontradas junto ao antebraço direito dos indivíduos 18 e 18A; **(b)** um fragmento de tecido feito com cordéis finos entretorcidos de algodão (*Gossypium barbadense*), trançados em V, com coloração marrom escura (dimensões: 3,1 x 7,2 x 0,2 cm), também encontrado junto ao antebraço direito do indivíduo adolescente; **(c)** um pingente feito em bivalve de água doce (*Anodontites patagonicus*), com duas perfurações, concentricamente confeccionadas a partir da face interna da concha; possui coloração amarelada com brilho nacarado em ambas as faces (dimensões: 1,7 x 1,3 x 0,2 cm), coletado junto ao indivíduo feminino;

8.4 *Instrumentos de Sonorização*: ausentes;

8.5 *Animais Domésticos*: ausentes;

8.6 *Materiais “In Natura” Associados*: **(a)** vegetais diversos, tais como: gravetos, cascas de árvores, madeira e folhas de palmáceas em pequena quantidade sob e sobre os ossos; **(b)** pigmento vermelho impregnado nos ossos do indivíduo adolescente; **(c)** coprólitos humanos e animais; **(d)** insetos (coleópteros);

9. Estruturas Associadas: uma fogueira com forma arredondada, com 100 x 100 cm, junto à cova funerária, no setor OA-2, circundada por blocos calcários pequenos e médios, composta por fragmentos ósseos de animais de pequeno porte, peixes pequenos, malacológico (gastrópodes), sementes ou nozes de palmáceas (coquinhos), madeira, carvão e cinza (Figuras 116 a 121).

ESTRUTURA FUNERÁRIA 19 – Enterramentos: 19 (masculino, 22 a 24 anos)

19A (masculino, 17 a 18 anos)

1. Tipo de Tratamento: Primário duplo, com evidências de queima parcial e perturbado por desmoronamentos das paredes B e C;
2. Posição: decúbito lateral direito com os membros superiores e inferiores fortemente fletidos (indivíduo 19A) e decúbito dorsal com os membros superiores e inferiores fortemente fletidos (indivíduo 19);
3. Orientação: nordeste/sudoeste com base na posição dos ossos do crânio, da coluna vertebral e ossos longos (indivíduos 19 e 19A);
4. Direção da Face: voltada para noroeste no caso do indivíduo 19A e para sudoeste no indivíduo 19;
5. Características da Cova: forma circular, cercada por blocos calcários pequenos e médios, com 55 x 50 cm de tamanho, profundidade de 110 cm a partir de 20 cm da superfície, composta por folhas variadas, principalmente de palmáceas, sementes, madeira e pequenos gravetos; os dois indivíduos estão no mesmo nível deposicional e extremamente justapostos, de tal forma que alguns ossos ainda articulados de um indivíduo chegam a sobrepor os do outro. Parece-nos inclusive que, além da morte ter acontecido no mesmo espaço de tempo, o adulto jovem e o adolescente foram enterrados fortemente amarrados um no outro;
6. Distribuição Temporal: camada I Inferior (20/110cm);
7. Distribuição Espacial: fundo da gruta, no setor NB-4;

8. Acompanhamento Funerário:

8.1 *Instrumentos de Uso Doméstico:* **(a)** uma raspadeira dupla, confeccionada sobre lasca fragmentada na extremidade distal, de matéria silicosa criptocristalina (possivelmente calcedônia), esbranquiçada, translúcida, de tendência alongada, secção trapezoidal, talão facetado, ângulo interno de 95°, com lascamento bulbar; bordo lateral direito levemente convexo e sinuoso, sem gume “fresco”, com retoques curtos, escalonados, marginais e ultramarginais direitos, ângulo de 50°; bordo lateral oposto levemente côncavo (reavivamento), com retoques semelhantes, ângulo de 55°; retoques rasos (dimensões: 7,6 x 4,0 x 1,4 cm; peso: 50g), encontrada junto ao fêmur esquerdo do indivíduo 19;

(b) uma lasca possivelmente de adelgaçamento de biface, confeccionada em matéria silicosa criptocristalina (possivelmente calcedônia), translúcida, creme claro, alongada, estreita, perfil retilíneo com lascamento bulbar e talão ausente; face externa com dois negativos de lascamentos alongados e estreitos, em diagonal ao eixo morfológico da lasca; um bordo lateral retilíneo, com gume (35°) e o oposto côncavo (35°); pode ter sido usado para cortar (dimensões: 6,1 x 2,5 x 0,3 cm); depositada junto ao pé direito do indivíduo 19;

8.2 *Instrumentos de Uso Não Doméstico:* ausentes;

8.3 *Objetos de Uso Pessoal:* ausentes;

8.4 *Instrumentos de Sonorização:* ausentes;

8.5 *Animais Domésticos:* ausentes;

8.6 *Materiais “In Natura” Associados:* **(a)** vegetais variados, a saber: folhas, especialmente de palmáceas, gravetos, cascas de árvores, madeira, sementes e fibras vegetais sob os ossos; **(b)** pigmento vermelho sobre o crânio do indivíduo 19A e em alguns ossos do 19; **(c)** coprólitos humanos e animais; **(d)** insetos (coleópteros);

9. Estruturas Associadas: uma fogueira com forma circular, situada na porção central do setor NB-4, com dimensões de 100 x 100 cm, circundada por blocos calcários pequenos e médios, que vem sendo acesa no mesmo local desde 120 até 30 cm de profundidade, composta por fragmentos ósseos de animais de pequeno porte, peixes pequenos, quelônios, malacológico (gastrópodes), nozes de palmáceas (coquinhos), sementes em geral, frutos, madeira, carvão e cinza (Figuras 122 a 124).

ESTRUTURA FUNERÁRIA 20 – Enterramento 20 (masculino, 30 a 40 anos)

1. Tipo de Tratamento: Primário simples, com evidências de queima parcial e perturbado por desmoronamentos das paredes B e C;
2. Posição: fetal, depositado em posição vertical dentro da cova (sentado);
3. Orientação: norte/sul com base na posição dos ossos do crânio, mandíbula, membros superiores e inferiores;
4. Direção da Face: norte;
5. Características da Cova: forma circular, com 70 cm de comprimento por 65 cm de largura, cercada por blocos calcários pequenos e médios, a partir de 30 até 100 cm de profundidade, composta por folhas, palha, pequenos gravetos e fibras vegetais;
6. Distribuição Temporal: camada I Inferior (30/100cm);
7. Distribuição Espacial: fundo da gruta, no setor NB-4;
8. Acompanhamento Funerário:
 - 8.1 *Instrumentos de Uso Doméstico*: **(a)** um moedor em seixo de quartzito, inteiro, bem rolado, tendência circular, secção oblonga, leves impregnações de pigmento vermelho, com uma das faces aplainada, com leve depressão mais pronunciada na área central com estrias tênues longitudinais (dimensões: 5,3 x 4,5 x 2,4 cm; peso: 50g); **(b)** fragmento de seixo de quartzito acinzentado/avermelhado com picoteamentos concentrados em uma das extremidades e parte de uma face em depressão rasa, com estrias longitudinais; a face oposta ainda guarda resquícios de superfície aplainada, bem alisada com estrias; peça intemperizada, com manchas escuras, provavelmente de fogo (dimensões: 9,2 x 4,5 x 5,8 cm; peso: 250g).
 - 8.2 *Instrumentos de Uso Não Doméstico*: **(a)** uma lâmina picoteada e polida remontada, de tendência trapezoidal, laterais levemente convexas, sem ruptura brusca com as faces principais, secção elíptica. A análise macroscópica indica tratar-se de uma rocha escura, de granulação média à grossa, visualizando minerais de tonalidade levemente esverdeada, possivelmente de uma rocha ígnea. Uma das faces é plana e levemente côncava, com picoteamentos grossos e com polimento mais evidente da porção mesial em direção à extremidade distal; as laterais também sofreram picoteamentos e polimento, regularizando-as; a face convexa tem na extremidade proximal degraus, formados pelos lascamentos, sugerindo que a massa inicial foi lascada, posteriormente picoteada e então polida para sua regularização, mas sem produzir o brilho

estético. Esta face sofreu, após o polimento, três lascamentos sobrepostos no sentido oblíquo ao eixo principal em cuja área há forte picoteamento, possivelmente pelo uso. Na face oposta também na extremidade distal um novo gume foi criado por três lascamentos na face convexa, mais recentes: um lascamento forte com pátina avermelhada, delineando um contorno sinuoso muito irregular com um ângulo entre 60° e 65° . Há impregnações de pigmento vermelho, principalmente na porção mesodistal; é possível observar estrias de polimento longitudinais e oblíquas, estas, por sua vez, mais próximas da extremidade distal. As características da peça sugerem tentativas de reaproveitamento ou reciclagem (dimensões: 11,5 x 7,2 x 3,2 cm; peso 550g). Uma parte da peça foi encontrada dentro da cova do indivíduo junto aos ossos e a outra sobre a cova do mesmo, sugerindo uma possível quebra intencional da peça por ocasião da morte.

8.3 *Objetos de Uso Pessoal*: ausentes;

8.4 *Instrumentos de Sonorização*: seis zunidores, sendo três com três perfurações e três com duas, confeccionados em gastrópodes (*Megalobulimus abbreviatus*), com dimensões médias de 9,4 x 5,2 cm, encontrados sobre e em meio à cova do enterramento;

8.5 *Animais Domésticos*: ausentes;

8.6 *Materiais “In Natura” Associados*: **(a)** vegetais variados, a saber: folhas variadas, especialmente de palmáceas, gravetos, cascas de árvores, madeira, sementes e fibras vegetais sob os ossos; **(b)** pigmento vermelho sobre o crânio; **(c)** coprólitos humanos e animais; **(d)** insetos (coleópteros);

9. Estruturas Associadas: uma fogueira com forma circular, situada na porção central do setor NB-4, com dimensões de 100 x 100 cm, circundada por blocos calcários pequenos e médios, que vem sendo acesa no mesmo local desde 120 até 30 cm de profundidade, composta por fragmentos ósseos de animais de pequeno porte, peixes pequenos, quelônios, malacológico (gastrópodes), nozes de palmáceas (coquinhos), sementes em geral, frutos, madeira, carvão e cinza. O indivíduo foi enterrado em meio às cinzas das fogueiras anteriores e sobre o qual uma outra foi acesa, calcinando parcialmente seus ossos (Figuras 125 a 128).

ESTRUTURA FUNERÁRIA 21 – Enterramentos: 21 (feminino, 25 a 35 anos)

21A (criança, 3 a 5 anos)

21B (adolescente, 14 a 15 anos)

21C (infantil, 0 a 6 meses)

1. Tipo de Tratamento: Primário múltiplo, perturbado pelas covas dos enterramentos 10 e 12, aparentemente mais recentes;
2. Posição: indeterminada;
3. Orientação: indeterminada;
4. Direção da Face: indeterminada;
5. Características da Cova: forma possivelmente elíptica, com 100 cm de comprimento por 75 cm de largura, junto ao fundo da gruta, cercada por blocos calcários grandes e fixos a norte, outros pequenos e médios soltos nas demais direções, entre 10 e 150 cm de profundidade, composta por muitas folhas, pequenos gravetos, cascas de árvores e fibras vegetais. A criança de 0 a 6 meses parece ser a mais antiga da estrutura, pois seus ossos estão concentrados entre 110 e 150 cm de profundidade, cuja cova parece estar justaposta àquelas dos indivíduos 21A e 21B. O enterramento feminino está entre 60 e 130 cm de profundidade, junto ao fundo da gruta, e o adolescente, entre 40 e 120 cm de profundidade. Este último, por sua vez, teve sua cova perturbada, ou melhor, destruída para a deposição do enterramento 10 que foi depositado sobre a base de vegetais e o fardo de couro do indivíduo 21B, adolescente, com 14 a 15 anos. O mais recente é, então, a criança com 3 a 5 anos, cujos ossos estão entre 20 e 60 cm de profundidade, na direção da Estrutura 22, também junto ao fundo da gruta;
6. Distribuição Temporal: camada I Inferior (20/150 cm);
7. Distribuição Espacial: fundo da gruta, no setor NA-4;
8. Acompanhamento Funerário:
 - 8.1 *Instrumentos de Uso Doméstico*: ausentes;
 - 8.2 *Instrumentos de Uso Não Doméstico*: ausentes;
 - 8.3 *Objetos de Uso Pessoal*: **(a)** doze fragmentos de cordéis duplamente entretorcidos, feitos em fibras de algodão (provavelmente *Gossypium barbadense*), coloração variando entre o marrom amarelado e o escuro, encontrados entre os ossos não cremados do indivíduo feminino e a base de vegetais (dimensões: 2,3 a 17,9 cm de comprimento e 0,2 cm de espessura); **(b)** um fragmento de

tecido, feito com cordéis finos duplamente entretorcidos, coloração marrom clara (dimensões: 8,4 x 7,3 x 0,3 cm); **(c)** fardo de couro de animal de médio porte, possivelmente cervídeo, coloração amarelo claro, com recortes arredondados na borda e perfurações nas quais passam cordéis resistentes de fibra vegetal (encontra-se sob o enterramento 10, criança naturalmente mumificada, retirada em bloco do setor NA-4, em 1977, sem ser escavado ou analisado completamente), pertencente ao indivíduo 21B;

8.4 *Instrumentos de Sonorização*: ausentes;

8.5 *Animais Domésticos*: ausentes;

8.6 *Materiais “In Natura” Associados*: **(a)** vegetais diversos, dentre eles: folhas de palmáceas, gravetos, cascas de árvores, madeira, sementes, flores e fibras vegetais sob os ossos; **(b)** coprólitos humanos e animais; **(c)** insetos (coleópteros);

9. Estruturas Associadas: uma fogueira elíptica, junto à parede do fundo da gruta no setor NA-4, sobre as áreas das Estruturas 21 e 22, delimitadas por blocos calcários pequenos e médios, com dimensões de 70 x 50 cm, composta por fragmentos ósseos de animais de pequeno porte, malacológico (gastrópodes), sementes ou nozes de palmáceas (coquinhos), sementes, madeira, carvão e cinza.

ESTRUTURA FUNERÁRIA 22 – Enterramento 22 (masculino, 30 a 35 anos)

1. Tipo de Tratamento: Primário simples, perturbado pelas covas dos enterramentos 10 e 12, aparentemente mais recentes;
2. Posição: indeterminada;
3. Orientação: indeterminada;
4. Direção da Face: indeterminada;
5. Características da Cova: forma elíptica, com 55 cm de comprimento por 44 cm de largura, junto ao fundo da gruta, cercada por blocos calcários grandes e fixos a norte, outros pequenos e médios soltos nas demais direções, entre 20 e 125 cm de profundidade, composta por folhas, pequenos gravetos, cascas de árvores e palha;
6. Distribuição Temporal: camada I Inferior (20/125cm);
7. Distribuição Espacial: fundo da gruta, no setor NA-4;

8. Acompanhamento Funerário:

8.1 *Instrumentos de Uso Doméstico*: ausentes;

8.2 *Instrumentos de Uso Não Doméstico*: ausentes;

8.3 *Objetos de Uso Pessoal*: **(a)** dois fragmentos de couro animal sem pêlos, finos, com perfurações junto ao bordo arredondado, coloração amarelada e marrom escuro (dimensões: 12,5 x 11,6 cm e 13,3 x 10,5 cm);

8.4 *Instrumentos de Sonorização*: dois zunidores de gastrópodes (*Megalobulimus abbreviatus*), com duas perfurações (dimensões: 8,3 x 4,7 cm);

8.5 *Animais Domésticos*: ausentes;

8.6 *Materiais “In Natura” Associados*: **(a)** vegetais diversos, a saber: gravetos, cascas de árvores, sementes, folhas de palmáceas e outras junto aos ossos; **(b)** pigmento sobre o crânio e na cova; **(c)** cinco conglomerados de pêlos de animais, com coloração marrom amarelada (dimensões médias: 6,2 a 1,8 cm); **(d)** coprólitos humanos e animais; **(e)** insetos (coleópteros);

9. Estruturas Associadas: uma fogueira elíptica, junto à parede do fundo da gruta no setor NA-4, sobre as áreas das Estruturas 21 e 22, delimitadas por blocos calcários pequenos e médios, com dimensões de 70 x 50 cm, composta por fragmentos ósseos de animais de pequeno porte, malacológico (gastrópodes), sementes ou nozes de palmáceas (coquinhos), sementes, madeira, carvão e cinza (Figuras 129 e 130).

ESTRUTURA FUNERÁRIA 23 – Enterramento 23 (masculino, 35 a 40 anos)

1. Tipo de Tratamento: Primário simples, perturbado por desmoronamentos nas paredes D e 4, além do sumidouro da linha 4 até a metade da E;

2. Posição: decúbito dorsal ou lateral com os membros superiores e inferiores fletidos;

3. Orientação: indeterminada;

4. Direção da Face: indeterminada;

5. Características da Cova: forma circular, com 68 cm de comprimento por 65 cm de largura, junto ao fundo da gruta, circundada por blocos calcários fixos nas demais direções, entre a superfície e 80 cm de profundidade, composta por folhas, pequenos gravetos, fibras vegetais e cascas de madeira, sobre a qual há um bloco maior de calcário intencionalmente depositado;

6. Distribuição Temporal: camada I Inferior (0/80cm)

7. Distribuição Espacial: fundo da gruta, no setor ND-4;

8. Acompanhamento Funerário:

8.1 *Instrumentos de Uso Doméstico*: **(a)** uma peça com bico, feita sobre lasca inteira de matéria clara silicosa criptocristalina, de coloração acinzentada, translúcida (possivelmente calcedônia), planta e secção triangular ultrapassada, talão liso e delgado, com ângulo de lascamento de 80°, bulbo discreto com lascamento bulbar; bordo lateral esquerdo de contorno retilíneo irregular, formado por lascamentos contínuos diretos, marginais, curtos, semi-circulares, sendo alguns escalonados com ângulo de 70° (possivelmente pelo uso); o bordo lateral direito apresenta um “bico”, formado a partir de duas reentrâncias criadas por lascamentos diretos, marginais, curtos, semi-circulares, escalonados, formando um ângulo de 80°; no bico, os lascamentos são mais longos, com apenas um pequeno na face interna; os retoques foram realizados sobre superfície com uma “pátina avermelhada lustrosa” que recobre toda a peça, indicando que a lasca foi reaproveitada após um período de descarte (dimensões: 3,0 x 2,7 x 1,6 cm);

(b) um artefato plano-convexo, uma raspadeira dupla convergente, feita sobre lasca de quartzito com faíscas avermelhadas/esbranquiçadas, com reserva cortical maior que 50% na face externa e extremidade proximal; na área central da superfície cortical, há presença de picoteamentos concentrados, indicando que antes do destacamento da lasca, o seixo foi utilizado como instrumento de percussão bipolar ativo e passivo; a lasca apresenta planta de tendência triangular, secção trapezoidal (duas cristas), com dois gumes convergentes na extremidade distal, formando um “bico ogival”, levemente desviado em função de um lascamento; os retoques laterais são profundos, diretos e contínuos; em um dos bordos, são mais suaves em diagonal ao eixo principal da lasca, formando um gume retilíneo de 60°; no bordo oposto, os lascamentos são escalonados, provocando acidentes tipo reflexo e delineando um gume retilíneo de 70° com leves denticulados; há ainda um negativo de lascamento semi-circular neste bordo, criando uma leve concavidade; o talão é formado por um lascamento anterior, criando uma superfície côncava, ponto de impacto, bulbo destacado e lascamento bulbar (dimensões: 7,6 x 5,5 x 2,5 cm; peso: 100g);

(c) um artefato plano-convexo (lesma ou plaina) caracterizado como uma peça alongada, secção triangular, levemente côncava na base, dois gumes convergentes em ambas as extremidades, uma ogiva estreita e a outra em “bico” curto, com uma crista com três faíscas de lascamentos: um com dois lascamentos quadrangulares, formando reflexo, que atingiram a porção mediana da peça, e

lascamentos curtos/escalonados, semi-circulares, delineando um bordo com reentrâncias entre 80° e 85°; no lado oposto, também há três faíscas de lascamentos: o primeiro, largo, atinge a crista da peça, os dois posteriores, mais longos e trapezoidais, são mais rasos que os da lateral e lascamentos curtos, alguns escalonados, semi-circulares, produzindo concavidades no bordo de cerca de 80°. Foi feita em matéria silicosa criptocristalina (sílex preto), com áreas mais claras esbranquiçadas e amareladas, levemente avermelhado, suavemente translúcido em algumas partes do gume; apresenta um “brilho”, sugerindo que a peça pode ter sido aquecida antes do lascamento; trata-se de uma peça que foi reaproveitada várias vezes;

(d) um batedor bipolar e unipolar e moedor/alisador em seixo inteiro de quartzito com coloração vermelha, arredondado, secção ogival, com uma face principal aplainada por alisamento e leve resquício de estrias oblíquas ao eixo maior da peça, contendo picoteamentos na área central; face oposta também com picoteamentos centrais e próximos a uma das extremidades; a superfície encontra-se em declive bem aplainado por alisamento; na região periférica, há partes com picoteamentos concentrados;

(e) um chifre de cervídeo fragmentado, possivelmente utilizado para lascamentos e retoques;

8.2 *Instrumentos de Uso Não Doméstico*: ausentes;

8.3 *Objetos de Uso Pessoal*: ausentes;

8.4 *Instrumentos de Sonorização*: ausentes;

8.5 *Animais Domésticos*: ausentes;

8.6 *Materiais “In Natura” Associados*: **(a)** vegetais diversos, tais como: gravetos, cascas de árvores, madeira, folhas e fibras vegetais sob e sobre os ossos; **(b)** três conglomerados de pêlos de coloração marrom amarelada; **(c)** coprólitos humanos e animais; **(d)** insetos (coleópteros);

9. Estruturas Associadas: uma fogueira com forma arredondada, junto à parede D, no setor NC-4, delimitada por grandes blocos calcários fixos e outros de tamanhos pequeno e médio, situada muito próxima da área do enterramento e do fundo da gruta, composta por fragmentos ósseos de animais de pequeno porte, peixes pequenos, malacológico (gastropodes), nozes de palmáceas (coquinhos), sementes, madeira, carvão e cinza (Figuras 131 a 134).

Ao longo deste capítulo descrevemos detalhadamente os resultados da análise do contexto arqueológico, relacionados especificamente aos rituais funerários, outrora realizados por

populações horticultoras, no sítio arqueológico Gruta do Gentio II. Para tal, utilizamos o conjunto de variáveis previamente definidas na metodologia desta tese (Tabelas 1 e 2).

CAPÍTULO II

ANÁLISE DESCRITIVA DOS REMANESCENTES ÓSSEOS E DENTÁRIOS

Homens e mulheres fisicamente e socialmente reproduzem a si próprios e então criam sociedades. Dentro de um sistema de interdependência mútua um “sexo” define o outro.

Kathlen Bolen (1991)

Neste capítulo, descrevemos todas as observações realizadas durante a análise macroscópica dos remanescentes ósseos e dentários dos adultos masculinos e femininos, adolescentes e das crianças, culturalmente distribuídas nas vinte e três estruturas funerárias, identificadas na Gruta do Gentio II, para o horizonte horticultor. Serão consideradas as variáveis e as nomenclaturas descritas na metodologia de análise na parte inicial desta tese.

ESTRUTURA FUNERÁRIA 1 – Enterramento 1

1. Inventário dos Ossos:

1.1 *Crânio*: vinte e um fragmentos de frontal, parietais direito e esquerdo, temporal esquerdo, occipital, fragmento de osso da face e mandíbula inteira;

1.2 *Coluna vertebral*: duas vértebras cervicais (âxis e uma entre a 3^a e 7^a), dez dorsais e três fragmentos de processos transversos, duas lombares;

1.3 *Costelas*: quatro inteiras e vinte e quatro fragmentos (um fragmento com marcas de roedores);

1.4 *Esterno*: manúbrio e mesoesterno (com perfuração);

1.5 *Cintura Escapular*: clavícula esquerda inteira e direita fragmentada, escápula direita inteira e um fragmento da esquerda;

1.6 *Membros Superiores*: úmero esquerdo fragmentado, rádio direito fragmentado, e ulna esquerda inteira e dois fragmentos de lado indeterminado;

1.7 *Mãos*: carpos – escafoïdes, semilunares e pisiformes direito e esquerdo, trapézio esquerdo, capitato e hamato direitos; metacarpos – 1º fragmentado e calcinado (branco com craquelê), 2º ao 4º esquerdos, e 3º direito (marcas de roedores); falanges – quatro proximais, seis mediais e duas distais de lado indeterminado;

1.8 *Cintura Pélvica*: oito fragmentos de coxais de lado indeterminado;

1.9 *Membros Inferiores*: tíbias direita e esquerda fragmentadas (partes das epífises proximais e fragmentos de metáfises) e um fragmento da epífise distal da fíbula esquerda;

1.10 *Pés*: tarsos – 1^{os} cuneiformes direito e esquerdo, sendo este último calcinado (marrom avermelhado), 3º cuneiforme esquerdo; metatarsos – 2º e 4º esquerdos, 4º e 5º direitos; falanges - quatro proximais, cinco mediais e duas distais;

1.11 *Ossos Não Identificados*: dois fragmentos de epífises de ossos longos calcinados (preto e cinza escuro) e quatro de diáfises de ossos longos;

2. Análise Osteológica:

2.1 *Idade*: 30 a 35 anos, com base na observação das superfícies articulares das vértebras e grau de sinostose ecto e endo craniana;

2.2 *Sexo*: masculino, pela observação da morfologia dos ossos do crânio e alguns ossos do esqueleto pós-craniano;

2.3 *Fraturas*: 1ª falange distal de pé direito;

2.4 *Paleopatologia*: mesoesterno com perfuração; curvatura anormal da metáfise e diáfise distal de ulna;

2.5 *Linhas de Harris*: nob;

2.6 *Facetas Suplementares da tibia*: nob;

2.7 *Degeneração das Superfícies Articulares*:

(a) Têmpero-mandibular: côndilo esquerdo - grau 1 e direito – nob;

(b) Coluna Vertebral: cervicais – áxis com grau 1, uma com grau 1; dorsais – nove com grau 1, uma com grau 2, lombares – duas com grau 1;

(c) Articulações Metacarpo-Falangeanas: metacarpos – 3º direito com grau zero, 2º ao 5º esquerdos com grau 0; falanges – quatro proximais com grau zero, seis mediais com grau zero e duas distais com grau zero;

(d) Articulações Metatarso-Falangeanas: metatarsos – 3º direito com grau zero, 5º direito com grau um, 1º, 2º e 4º esquerdos com grau zero; falanges – quatro proximais com grau 0-1, cinco mediais com grau zero, uma distal com grau zero e a 1ª esquerda com grau 2-3;

(e) Superfícies Articulares dos Ossos Longos, Clavícula, Patela e Calcâneo: clavícula esquerda – medial e distal com grau 1, rádio esquerdo – nob, ulna esquerda proximal e distal com grau 0-1, tíbias direita e esquerda proximais com grau zero e distais – nob, fíbula esquerda proximal nob e distal com grau zero;

3. Análise Dentária:

3.1 *Dentes Presentes*: PM1DSup, ICDInf, ILDInf, CDInf, PM1DInf, M1DInf, M2DInf, M3DInf, ICEInf, ILEInf, CEInf e M3EInf ;

3.2 *Cáries*: M2DInf – pequena (0,2cm), face vestibular e M3EInf – pequena (0,2cm), face vestibular;

3.3 *Hipoplasia*: não;

3.4 *Abrasão Dentária*: PM1DSup – grau 2, desgaste plano e face oclusal, ICDInf – grau 2, desgaste plano e face oclusal, ILDInf – grau 1, desgaste plano e face oclusal, CDInf – grau 1, desgaste plano e face oclusal, PM1DInf – grau 2, desgaste plano e face oclusal, M1DInf – grau 2, desgaste plano e face oclusal, M2DInf – grau 2-3, desgaste plano e face oclusal, M3DInf – ausência congênita, ICEInf – grau 2, desgaste plano e face oclusal, ILEInf – grau 1, desgaste plano e face oclusal, CEInf – grau 1, desgaste plano e face oclusal e M3EInf – grau 1-2, desgaste plano e face oclusal;

3.5 *Doença Periodontal*: não;

3.6 *Cálculo Lingual*: PM1DSup – pequeno, ICDInf – pequeno, CDInf – grande e M2DInf – pequeno;

3.7 *Cálculo Vestibular*: PM1DSup – pequeno, ILDInf – pequeno, CDInf – grande, M2DInf – pequeno; ICEInf – pequeno e CEInf – pequeno;

3.8 *Abcessos Alveolares*: não;

3.9 *Perda Ante-Mortem*: não;

4. Observações Gerais: os ossos apresentam, em geral, a coloração amarela com manchas mais escuras, em decorrência da proximidade do fogo; alguns foram muito calcinados, atingindo a cor

branca e com marcas de craquelê que atestam sua associação com a fogueira e ainda na presença dos tecidos moles (Figuras 135 e 136).

ESTRUTURA FUNERÁRIA 2 – Enterramentos 2, 2A e 2B

1. Inventário dos Ossos:

Enterramento 2

1.1 *Crânio*: dois fragmentos de frontal, seis de parietais direito e esquerdo, temporais direito e esquerdo, dois de occipital, um fragmento de órbita direita com parte de zigomático, dois fragmentos de esfenóide, um fragmento calcinado não identificado (preto e cinza escuro), pequenos fragmentos de maxila e mandíbula (dentes soltos) com resquícios de pele;

1.2 *Coluna vertebral*: duas vértebras cervicais (áxis e uma entre a 3^a e 7^a), dez dorsais e três fragmentos de processos transversos, duas lombares e um fragmento de processo espinhoso;

1.3 *Costelas*: três inteiras e dezoito fragmentos com resquícios de pele;

1.4 *Esterno*: dois fragmentos de mesoesterno;

1.5 *Cintura Escapular*: clavícula direita;

1.6 *Membros Superiores*: úmero direito, rádio e ulna esquerdos;

1.7 *Mãos*: carpos – escafóide, semilunar, piramidal, pisiforme, trapézio, trapezóide e hamato esquerdos, capitatos direito e esquerdo; metacarpos – 1^o, 2^o, 3^o, 4^o e 5^o esquerdos inteiros, e 3^o direito inteiro; falanges – oito proximais, sete mediais e seis distais de lado indeterminado com marcas de roedores e resquícios de pele;

1.8 *Cintura Pélvica*: ausente;

1.9 *Membros Inferiores*: extremidade distal de fêmur com epífise não unida e um fragmento de diáfise, patela direita;

1.10 *Pés*: tarsos – navicular direito, 1^o, 2^o e 3^o cuneiformes esquerdos; falanges - uma proximal;

1.11 *Ossos Não Identificados*: ausentes;

Enterramento 2A:

1.1 *Crânio*: dois fragmentos de parietais e temporal esquerdo;

- 1.2 *Coluna vertebral*: um fragmento de vértebra cervical, duas dorsais, duas lombares e três fragmentos de processos transversos;
- 1.3 *Costelas*: duas inteiras e onze fragmentos com evidências de queima;
- 1.4 *Esterno*: ausente;
- 1.5 *Cintura Escapular*: clavículas direita e esquerda;
- 1.6 *Membros Superiores*: úmero direito, rádio e ulna esquerdos;
- 1.7 *Mãos*: falanges – duas inteiras e de lado indeterminado com marcas de roedores;
- 1.8 *Cintura Pélvica*: ílio direito;
- 1.9 *Membros Inferiores*: seis fragmentos de diáfises de ossos longos, uma patela fragmentada de lado indeterminado;
- 1.10 *Pés*: tarsos – um astrágalo direito, falanges – duas inteiras de lado indeterminado;
- 1.11 *Ossos Não Identificados*: cinco fragmentos ósseos calcinados (preto e cinza escuro);

Enterramento 2B:

- 1.1 *Crânio*: dois fragmentos de parietal, dois de temporal direito, quatro de esfenóide e quatro fragmentos de occipital;
- 1.2 *Coluna vertebral*: nob;
- 1.3 *Costelas*: quatro inteiras e dois fragmentos com evidências de queima;
- 1.4 *Esterno*: um fragmento de manúbrio;
- 1.5 *Cintura Escapular*: nob;
- 1.6 *Membros Superiores*: nob;
- 1.7 *Mãos*: nob;
- 1.8 *Cintura Pélvica*: ílio direito;
- 1.9 *Membros Inferiores*: seis fragmentos de diáfises de ossos longos, uma patela fragmentada de lado indeterminado;
- 1.10 *Pés*: um não identificado;
- 1.11 *Ossos Não Identificados*: três fragmentos ósseos, sendo um calcinado (preto e cinza escuro);

2. Análise Osteológica:

Enterramentos 2, 2A e 2B

2.1 *Idade*: 20 a 22 anos, com base no estágio das epífises do úmero direito, ulna esquerda e fêmur direito e degeneração das superfícies articulares (Enterramento 2); 6 a 8 anos, com base no tamanho e morfologia dos ossos disponíveis (Enterramento 2A); 6 meses a 1 ano, com base no tamanho e morfologia dos ossos disponíveis (Enterramento 2B);

2.2 *Sexo*: feminino, pela observação da morfologia dos ossos do crânio e demais ossos do esqueleto pós-craniano (Enterramento 2); indeterminado (Enterramentos 2A e 2B);

2.3 *Fraturas*: nob;

2.4 *Paleopatologia*: nob;

2.5 *Linhas de Harris*: nob;

2.6 *Facetas Suplementares da tibia*: nob;

2.7 *Degeneração das Superfícies Articulares*:

(a) Têmporo-mandibular: nob;

(b) Coluna Vertebral: cervicais – áxis com grau 0-1, uma com grau zero; dorsais – dez com grau 0-1, lombares – três com grau 1 (degeneração inicial observada principalmente nos processos vertebrais do enterramento 2);

(c) Articulações Metacarpo-Falangeanas: metacarpos – 1º e 3º esquerdos com grau 1-2, 2º, 4º e 5º esquerdos com grau 1, 3º direito com grau 1-2, falanges – oito proximais com grau 0-1, sete mediais com grau 0-1 e seis distais com grau 0-1 (Enterramento 2);

(d) Articulações Metatarso-Falangeanas: metatarsos – nob; falanges – uma proximal com grau 1, mediais e distais – nob (Enterramento 2);

(e) Superfícies Articulares dos Ossos Longos, Clavícula, Patela e Calcâneo: clavícula direita – medial e distal com grau zero, úmero direito proximal e distal com grau zero, rádio esquerdo proximal e distal com grau zero, ulna esquerda proximal com grau 0-1 e distal – nob, fêmur direito e esquerdo proximal e distal – nob, patela com grau zero (Enterramento 2);

3. Análise Dentária:

Enterramento 2

3.1 *Dentes Presentes*: ICDSup, CDSup, PM2DSup, M3DSup, ILESup, M2ESup, PM1DInf, M1DInf, M2DInf, M3DInf, ILEInf, CEInf, PM2EInf e M3EInf ;

3.2 *Cáries*: não;

3.3 *Hipoplasia*: ILESup (uma linha);

3.4 *Abrasão Dentária*: ICDSup – grau 1, desgaste plano e face oclusal, CDSup – grau 1, desgaste plano e face oclusal, PM2DSup – grau 1, desgaste plano e face oclusal, M3DSup – grau 1, desgaste plano e face oclusal, ILESup – grau 1, desgaste plano e face oclusal, M2ESup – grau 1, desgaste plano e face oclusal, PM1DInf – grau 1-2, desgaste plano e face oclusal, M1DInf – grau 1, desgaste plano e face oclusal, M2DInf – grau 1-2, desgaste plano e face oclusal, M3DInf – grau 1, desgaste plano e face oclusal, ILEInf – grau 1, desgaste plano e face oclusal, CEInf – grau 0-1, desgaste plano e face oclusal, PM2EInf – grau 1, desgaste plano e face oclusal e M3EInf – grau 0-1, desgaste plano e face oclusal;

3.5 *Doença Periodontal*: não;

3.6 *Cálculo Lingual*: CDSup – pequeno, ILESup – pequeno e M2DInf – pequeno;

3.7 *Cálculo Vestibular*: ICDSup – pequeno, CDSup – pequeno, ILESup – pequeno, M2DInf – pequeno e CEInf – pequeno;

3.8 *Abcessos Alveolares*: não;

3.9 *Perda Ante-Mortem*: nob;

4. Observações Gerais: os ossos apresentam, em geral, a coloração amarelo avermelhada, em decorrência da proximidade do fogo; alguns foram mais calcinados, atingindo a cor preta e cinza escura

ESTRUTURA FUNERÁRIA 3 – Enterramento 3

1. Inventário dos Ossos:

1.1 *Crânio*: treze fragmentos de frontal, parietais direito e esquerdo, temporais direito e esquerdo, occipital, e fragmentos da órbita e maxila direitas;

1.2 *Coluna vertebral*: seis vértebras cervicais (átlas e cinco entre a 3^a e 7^a), doze dorsais, uma lombar, um fragmento de corpo de vértebra (cinza escuro) e dois de processos (branco neutro) calcinados;

1.3 *Costelas*: cinco inteiras e dezoito fragmentos, sendo dois calcinados (um, amarelo com manchas escuras e outro, branco neutro);

1.4 *Esterno*: três fragmentos;

1.5 *Cintura Escapular*: fragmentos calcinados;

1.6 *Membros Superiores*: um fragmento de epífise proximal de úmero de lado indeterminado e outros calcinados;

1.7 *Mãos*: carpos – um escafóide esquerdo, metacarpos – 1º fragmentado sem identificação de lado, falanges – duas proximais e uma medial de lado indeterminado, um fragmento calcinado (branco neutro);

1.8 *Cintura Pélvica*: nob;

1.9 *Membros Inferiores*: fêmur direito e um fragmento do lado esquerdo com marcas de roedor, cinco fragmentos de tíbia, sendo três de diáfises calcinadas (branco neutro e cinza claro), um fragmento de diáfise de fibula de lado indeterminado, patela direita;

1.10 *Pés*: tarsos – calcâneo, astrágalo, cubóide, navicular, 1º e 2º cuneiformes do lado direito e inteiros, cubóide e navicular e 2º cuneiforme do lado esquerdo, metatarsos – 1º, 3º e 4º direitos, 1º, 2º, 3º e 5º esquerdos, falanges - cinco proximais;

1.11 *Ossos Não Identificados* (calcinados): dois fragmentos de diáfise de osso longo (amarelo com manchas escuras), três fragmentos (preto e cinza escuro), e quarenta e sete fragmentos de diáfises de ossos longos (branco neutro e cinza claro);

2. Análise Osteológica:

2.1 *Idade*: 45 a 50 anos, com base na observação das superfícies articulares das vértebras, grau de sinostose ecto e endo craniana e grau de desgaste dentário, especialmente dos terceiros molares;

2.2 *Sexo*: masculino, pela observação da morfologia dos ossos do crânio e alguns ossos do esqueleto pós-craniano com acentuada muscularidade;

2.3 *Fraturas*: 2º metatarso esquerdo, 5º metatarso direito e uma falange proximal de pé;

2.4 *Paleopatologia*: osteofitose vertebral (cervicais – 6ª e 7ª com osteofitos, porosidade e eburnação, dorsais e lombares), um fragmento de parietal com hiperostose porótica (indícios de anemia);

2.5 *Linhas de Harris*: nob;

2.6 *Facetas Suplementares da tíbia*: nob;

2.7 *Degeneração das Superfícies Articulares:*

- (a) Têmporo-mandibular: nob;
- (b) Coluna Vertebral: cervicais – atlas com grau 3, quatro com grau 3 e 7ª com grau 2, dorsais – 9 com grau 1-2, lombares – 1 com grau 2;
- (c) Articulações Metacarpo-Falangeanas: metacarpos – nob, falanges – 2 proximais com grau 0-1, uma medial com grau 0-1;
- (d) Articulações Metatarso-Falangeanas: metatarsos – 1º, 3º e 4º direitos com grau 1-2, 1º, 2º, 3º e 5º esquerdos com grau zero; falanges – quatro proximais com grau 0-1 e uma com grau 3;
- (e) Superfícies Articulares dos Ossos Longos, Clavícula, Patela e Calcâneo: clavícula esquerda – medial e distal com grau 1, rádio esquerdo – nob, ulna esquerda proximal e distal com grau 0-1, tíbias direita e esquerda proximal com grau zero e distal – nob, fíbula esquerda proximal nob e distal com grau zero;

3. **Análise Dentária:**

3.1 *Dentes Presentes*: CDSup, PM2DSup, M3ESup, ILDInf, CDInf, PM1DInf, M2DInf, ICEInf, ILEInf, PM2EInf, M2EInf e M3EInf ;

3.2 *Cáries*: PM2DSup – pequena (0,3cm), face lingual, M3ESup – grande (1,0 cm), face oclusal/vestibular, ILDInf – pequena (0,2cm), face mesial, PM1DInf – pequena (0,3cm), face oclusal/distal, M2DInf – grande (1,0 cm), face oclusal/vestibular, ICEInf – grande (1,0 cm), face mesial e M2EInf – pequena (0,2cm), face oclusal;

3.3 *Hipoplasia*: CDSup (6 linhas);

3.4 *Abrasão Dentária*: CDSup – grau 3, desgaste meso-distal, PM2DSup – grau 3, desgaste vestibular/lingual, face oclusal, M3ESup – grau 2-3, desgaste plano, face oclusal, ILDInf – grau 2, desgaste meso-distal, face oclusal, CDInf – grau 2-3, desgaste meso-distal, face oclusal, PM1DInf – grau 3, desgaste plano, face oclusal, M2DInf – grau 3, desgaste plano, face oclusal, ICEInf – grau 3, desgaste plano, face oclusal, ILEInf – grau 2, desgaste meso-distal, face oclusal, PM2EInf – nob (coroa afetada pelo fogo), M2EInf – grau 2, desgaste plano, face oclusal e M3EInf – grau 4, desgaste plano, face oclusal;

3.5 *Doença Periodontal*: M3ESup – severa;

3.6 *Cálculo Lingual*: PM2DSup – pequeno, PM1DInf – pequeno e M2DInf – médio;

3.7 *Cálculo Vestibular*: PM2DSup – pequeno, M3ESup – médio, ILDInf – pequeno, PM1DInf – pequeno, M2DInf – pequeno e ILEInf – pequeno;

3.8 *Abcessos Alveolares*: M2DInf (1) e ICEInf (1);

3.9 *Perda Ante-Mortem*: M1DSup, M2DSup e M3DSup;

4. Observações Gerais: os ossos apresentam, em geral, a coloração amarela com manchas mais escuras, em decorrência da proximidade do fogo; muitos ainda apresentam resquícios de pele, destacando toda área do tórax completamente mumificado (Figura 137).

ESTRUTURA FUNERÁRIA 4 – Enterramento 4

1. Inventário dos Ossos:

1.1 *Crânio*: crânio fragmentado, sem os ossos da face e maxila, mandíbula inteira;

1.2 *Coluna vertebral*: três vértebras cervicais (átlas e duas entre a 3ª e 7ª), quatro dorsais (três entre a 1ª e 9ª e a 10ª), uma lombar inteira e um fragmento;

1.3 *Costelas*: cinco inteiras e seis fragmentos, com leve escurecimento pelo fogo;

1.4 *Esterno*: ausente;

1.5 *Cintura Escapular*: clavícula esquerda e escápula direita;

1.6 *Membros Superiores*: ulna esquerda inteira;

1.7 *Mãos*: carpos – semilunar e piramidal esquerdos, capitato e hamato direitos, metacarpos – 5º direito e 3º esquerdo, falanges – 1ª proximal esquerda e mais três de lado indeterminado, oito mediais e de lado indeterminado, uma distal de lado indeterminado;

1.8 *Cintura Pélvica*: ossos coxais direito e esquerdo;

1.9 *Membros Inferiores*: fêmur esquerdo inteiro e dois fragmentos do lado direito, tíbia esquerda inteira e a direita sem a metáfise e epífise proximais, fíbula direita e esquerda;

1.10 *Pés*: tarsos – calcâneos direito e esquerdo, astrágalo esquerdo, cuboíde esquerdo, metatarsos – 2º, 3º, 4º e 5º direitos e esquerdos, falanges - sete proximais, dentre as quais a 1ª do lado direito, quatro mediais, 1ª distal direita e duas de lado indeterminado;

1.11 *Ossos Não Identificados*: nob;

2. Análise Osteológica:

2.1 *Idade*: mais de 60 anos, com base nas facetas sinfisiárias do púbis direito e esquerdo, mandíbula com perdas de dentes “in vivo” e com característica senil, pelo grau de obliteração das suturas dos temporais direito e esquerdo, e grau de degeneração das superfícies articulares;

2.2 *Sexo*: feminino, pela observação da morfologia do crânio, mandíbula e dos ossos pélvicos perfeitamente conservados;

2.3 *Fraturas*: 1º metatarso esquerdo, uma falange proximal de mão e uma de pé;

2.4 *Paleopatologia*: osteofitose vertebral (cervicais, dorsais e lombares com osteofitos, porosidade e eburnação), cicatrizes de parto, calcâneos com sinais de irritação crônica, assimetria das apófises mastóideas (esquerda menor que a direita), uma falange medial de mão com eburnação, cinco falanges proximais e duas mediais de mão com as extremidades distais deformadas, quatro falanges proximais e mediais de pé com as extremidades distais deformadas;

2.5. *Linhas de Harris*: tibia esquerda com duas linhas, ambas formadas entre o nascimento e um ano de idade, sendo uma na extremidade proximal e outra na distal;

2.6. *Facetas Suplementares da tibia*: tíbias direita e esquerda;

2.7. *Degeneração das Superfícies Articulares*:

(a) Têmpero-mandibular: côndilos mandibulares direito e esquerdo com grau 1, cavidade glenóides direita e esquerda com grau 1 (mastigação normal);

(b) Coluna Vertebral: cervicais – atlas com grau 2, duas entre a 3ª e 7ª com grau 2, dorsais – quatro com grau 2, lombares – uma com grau 2;

(c) Articulações Metacarpo-Falangeanas: metacarpos – 5º direito com grau 2 e 3º esquerdo com grau 1-2, falanges – 1ª proximal direita com grau 2, uma proximal com grau 3 e duas com grau 3-4, uma medial com grau 0-1, oito mediais, sendo duas com grau 2/3, três com grau 3, duas com grau 3-4 e uma com grau 4;

(d) Articulações Metatarso-Falangeanas: metatarsos – 2º, 3º, 4º e 5º esquerdos com grau 2, 2º, 3º, 4º e 5º direitos com grau 3, falanges – sete proximais, sendo a 1ª com grau 2, três com grau 1/2 e três com grau 2, quatro mediais, sendo uma com grau 1-2 e três com grau 3, três distais, sendo a 1ª e mais duas com grau 3-4;

(e) Superfícies Articulares dos Ossos Longos, Clavícula, Patela e Calcâneo: ulna esquerda proximal com grau 3 e distal – nob, fêmur esquerdo proximal – nob e distal com grau 1, tibia esquerda proximal e distal com grau 1, fíbula esquerda proximal – nob e distal com grau 2, fíbula

direita proximal – nob e distal com grau 2, calcâneos (porção superior) direito com grau 1 e esquerdo com grau 2, (articulação omoplata-úmero direitos com grau 1, articulações sacro-ilíacas direita e esquerda com grau 2);

3. Análise Dentária:

3.1 *Dentes Presentes*: nob (mandíbula com perda de dentes ante-mortem e pós-mortem);

3.2 *Cáries*: nob;

3.3 *Hipoplasia*: nob;

3.4 *Abrasão Dentária*: nob;

3.5 *Doença Periodontal*: generalizada, nível médio, na região dos dentes anteriores mandibulares;

3.6 *Cálculo Lingual*: nob;

3.7 *Cálculo Vestibular*: nob;

3.8 *Abcessos Alveolares*: não;

3.9 *Perda Ante-Mortem*: ICEInf, PM1EInf, PM2EInf, M1EInf, M2EInf, M3EInf, ICDInf, PM1DInf, M1DInf, M2DInf e M3DInf.

4. Observações Gerais: os ossos apresentam, em geral, a coloração amarela avermelhada, com algumas porções mais escurecidas em decorrência da proximidade do fogo (Figuras 138 a 144).

ESTRUTURA FUNERÁRIA 5 – Enterramentos 5 e 5A

1. Inventário dos Ossos:

Enterramento 5

1.1 *Crânio*: fragmento de temporal esquerdo, occipital, maxila direita e mandíbula;

1.2 *Coluna vertebral*: trinta e seis fragmentos, sendo doze de corpos;

1.3 *Costelas*: nove fragmentos;

1.4 *Esterno*: um fragmento;

1.5 *Cintura Escapular*: clavículas direita e esquerda inteiras; escápulas direita e esquerda inteiras;

1.6 *Membros Superiores*: úmero, rádio e ulna direitos inteiros;

- 1.7 *Mãos*: dez exemplares de carpos, tarsos e falanges;
- 1.8 *Cintura Pélvica*: ílio e ísquio direitos e esquerdos inteiros;
- 1.9 *Membros Inferiores*: fêmur direito inteiro;
- 1.10 *Pés*: nob;
- 1.11 *Ossos Não Identificados* : nob;

Enterramento 5A:

- 1.1 *Crânio*: fragmento de frontal, parietal esquerdo e occipital;
- 1.2 *Coluna vertebral*: nob;
- 1.3 *Costelas*: três fragmentos;
- 1.4 *Esterno*: nob;
- 1.5 *Cintura Escapular*: escápula direita inteira;
- 1.6 *Membros Superiores*: nob;
- 1.7 *Mãos*: nob;
- 1.8 *Cintura Pélvica*: ílio esquerdo inteiro e direito fragmentado, dois fragmentos de ísquio de lado indeterminado;
- 1.9 *Membros Inferiores*: nob;
- 1.10 *Pés*: nob;
- 1.11 *Ossos Não Identificados* : nob;

2. Análise Osteológica:

Enterramentos 5 e 5A

- 2.1 *Idade*: 0 a 3 meses com base no tamanho e morfologia dos ossos disponíveis e nas características da dentição (Enterramento 5); 6 meses a um ano com base no tamanho e morfologia dos ossos disponíveis (Enterramento 5A);
- 2.2 *Sexo*: indeterminado;
- 2.3 *Fraturas*: nob;
- 2.4 *Paleopatologia*: nob;
- 2.5 *Linhas de Harris*: nob;
- 2.6 *Facetas Suplementares da Tíbia*: nob;
- 2.7 *Degeneração das Superfícies Articulares*: nob,

- (a) Têmporo-mandibular: nob;
- (b) Coluna Vertebral: nob;
- (c) Articulações Metacarpo-Falangenas: nob;
- (d) Articulações Metatarso-Falangenas: nob;
- (e) Superfícies Articulares dos Ossos Longos, Clavícula, Patela e Calcâneo: nob;

3. Análise Dentária:

Enterramentos 5 e 5A

3.1 *Dentes Presentes*: uma coroa de canino esquerdo superior *in loco* em formação; dentes de lado indeterminado e em formação: uma coroa de molar superior, duas coroas de caninos inferiores e quatro coroas de molares inferiores (Enterramento 5); nob (Enterramento 5A);

3.2 *Cáries*: nob;

3.3 *Hipoplasia*: nob;

3.4 *Abrasão Dentária*: nob;

3.5 *Doença Periodontal*: nob;

3.6 *Cálculo Lingual*: nob;

3.7 *Cálculo Vestibular*: nob;

3.8 *Abcessos Alveolares*: nob;

3.9 *Perda Ante-Mortem*: nob;

4. Observações Gerais: os ossos apresentam, em geral, a coloração amarelo claro com sinais de queima em várias porçõesósseas, em decorrência da proximidade do fogo.

ESTRUTURA FUNERÁRIA 6 – Enterramentos 6, 6A, 6B e 6C

1. Inventário dos Ossos:

Enterramento 6

1.1 *Crânio*: treze fragmentos de frontal, parietais direito e esquerdo, temporais direito e esquerdo, occipital, e fragmento da órbita e pequeno fragmento de maxila direita (sem dentição);

1.2 *Coluna vertebral*: doze vértebras cervicais muito fragmentadas, seis dorsais inteiras e sete fragmentos, três lombares inteiras e seis fragmentos de corpos e processos;

1.3 *Costelas*: cinco inteiras e vinte e nove fragmentos;

1.4 *Esterno*: ausente;

1.5 *Cintura Escapular*: clavículas direita e esquerda, escápula direita com resquílios de pele;

1.6 *Membros Superiores*: rádio esquerdo fragmentado, ulna direita fragmentada com resquílios de pele;

1.7 *Mãos*: carpos – escafoíde esquerdo, pisiforme direito, trapezóides esquerdo e direito, metacarpos – 1º, 2º, 3º e 5º direitos, 5º esquerdo, falanges – três proximais, três mediais e duas distais de lado indeterminado, três fragmentos calcinados (preto e cinza escuro);

1.8 *Cintura Pélvica*: ossos coxais direito e esquerdo fragmentados com marcas de roedores;

1.9 *Membros Inferiores*: fêmur direito fragmentado e quatro fragmentos de lado indeterminado com marcas de queima, tíbias direita e esquerda inteiras com evidências de calcinação, fíbula direita inteira e esquerda fragmentada, patelas direita e esquerda com craquelê (queima em presença dos tecidos moles);

1.10 *Pés*: tarsos – calcâneos direito e esquerdo, astrágalo direito, cubóide esquerdo, 1º cuneiforme direito e 3º esquerdo, metatarsos – 3º e 4º direitos, 1º, 3º, 4º e 5º esquerdos, falanges - 1ª proximal esquerda e cinco de lado indeterminado, quatro mediais e três distais;

1.11 *Ossos Não Identificados* : quarenta e quatro fragmentos calcinados, sendo três epífises (preto neutro);

Enterramento 6A

1.1 *Crânio*: vinte e cinco fragmentos de frontal, parietais, temporais, occipital e maxila (sem dentição);

1.2 *Coluna vertebral*: sete fragmentos de corpos e processos com evidências de queima (branco neutro e cinza claro);

1.3 *Costelas*: nob;

1.4 *Esterno*: nob;

1.5 *Cintura Escapular*: clavícula esquerda;

1.6 *Membros Superiores*: nob;

1.7 *Mãos*: nob;

1.8 *Cintura Pélvica*: nob;

1.9 *Membros Inferiores*: nob;

1.10 *Pés*: um tarso;

1.11 *Ossos Não Identificados*: vinte e cinco fragmentos ósseos calcinados (preto, cinza escuro e branco neutro);

Enterramento 6B

1.1 *Crânio*: três fragmentos de parietais;

1.2 *Coluna vertebral*: dois fragmentos de corpos e processos com evidências de queima;

1.3 *Costelas*: dois fragmentos;

1.4 *Esterno*: ausente;

1.5 *Cintura Escapular*: clavículas direita e esquerda;

1.6 *Membros Superiores*: úmero direito;

1.7 *Mãos*: nob;

1.8 *Cintura Pélvica*: ausente;

1.9 *Membros Inferiores*: duas epífises de tíbia e fêmur fragmentadas e não unidas;

1.10 *Pés*: dois carpos e uma falange de mão;

1.11 *Ossos Não Identificados*: vinte e cinco fragmentos ósseos calcinados (preto, cinza escuro e branco neutro);

Enterramento 6C

1.1 *Crânio*: um fragmento de parietal e órbita direita;

1.2 *Coluna vertebral*: duas dorsais, uma lombar;

1.3 *Costelas*: seis inteiras e sete fragmentos;

1.4 *Esterno*: ausente;

1.5 *Cintura Escapular*: ausente;

1.6 *Membros Superiores*: úmero esquerdo fragmentado, ulna direita;

1.7 *Mãos*: carpos – trapezóide direito com resquícios de pele, metacarpos – nob, falanges – nob;

1.8 *Cintura Pélvica*: ausente;

1.9 *Membros Inferiores*: um fragmento de tíbia de lado indeterminado com sinais de calcinação, fíbula direita fragmentada;

1.10 *Pés*: tarsos – astrágalo esquerdo, metatarsos – 3º esquerdo, falanges – nob;

1.11 *Ossos Não Identificados*: dezoito fragmentos ósseos calcinados (preto e cinza escuro);

2. Análise Osteológica:

Enterramentos 6, 6A, 6B e 6C

2.1 *Idade*: 25 a 30 anos, com base na observação das superfícies articulares das vértebras e dos ossos longos superiores e inferiores (enterramento 6); 0 a 2 anos, com base no tamanho e morfologia dos ossos disponíveis (enterramento 6A); 3 a 5 anos, com base no tamanho e morfologia dos ossos disponíveis (enterramento 6B) e 10 a 12 anos, com base no tamanho e morfologia dos ossos disponíveis (enterramento 6C);

2.2 *Sexo*: feminino, pela observação da morfologia dos ossos do crânio, dos membros inferiores e superiores e ossos coxais (abertura do ciático) (enterramento 6); indeterminado (enterramentos 6A, 6B e 6C);

2.3 *Fraturas*: uma falange proximal de pé esquerdo e 5º metatarso esquerdo (enterramento 6A);

2.4 *Paleopatologia*: uma falange medial de mão com extremidade anormal, calcâneos direito e esquerdo com eburnação (enterramento 6);

2.5 *Linhas de Harris*: tibia direita com duas linhas, formadas entre 4 e 5 anos e 10 e 11 anos, na epífise proximal, tibia esquerda com ausência de linhas (enterramento 6);

2.6 *Facetas Suplementares da tibia*: tíbias direita e esquerda (enterramento 6);

2.7 *Degeneração das Superfícies Articulares* (enterramento 6):

(a) Têmporo-mandibular: nob;

(b) Coluna Vertebral: cervicais – nob, dorsais – seis com grau 1 (incluindo a 12ª), lombares – três com grau 0-1;

(c) Articulações Metacarpo-Falangeanas: metacarpos – 1º, 2º, 3º e 5º direitos com grau 1, 5º esquerdo com grau 1-2, falanges – três proximais com grau 1, três mediais com grau 1, duas distais com grau 1;

(d) Articulações Metatarso-Falangeanas: metatarsos – 2º e 4º direitos com grau 1-2, 1º e 5º esquerdos com grau 2, 3º esquerdo com grau 1 e 4º esquerdo com grau 1-2, falanges – 1ª proximal esquerda com grau 1, três proximais com grau 1 e duas com grau 0-1, duas mediais com grau 0-1 e duas com grau zero, três distais com grau 0-1.

(e) Superfícies Articulares dos Ossos Longos, Clavícula, Patela e Calcâneo: clavículas direita e esquerda – medial e distal com grau zero, ulna direita proximal com grau 0-1 e distal – nob, tibia direita proximal e distal com grau zero, tibia esquerda proximal com grau 1 e distal com grau 0-1, fibula direita proximal com grau zero e distal com grau 0-1, patelas direita e esquerda com grau 0-1, calcâneo esquerdo com grau 2 e direito com grau 1-2, astrágalo direito com grau 1-2;

3. Análise Dentária: nob (enterramentos 6, 6A, 6B e 6C)

4. Observações Gerais: os ossos apresentam, em geral, a coloração amarela com manchas mais escuras, e vários fragmentos pequenos calcinados (preto neutro e cinza escuro);

ESTRUTURA FUNERÁRIA 7 – Enterramento 7

1. Inventário dos Ossos:

1.1 *Crânio*: dois fragmentos de frontal, três de parietais direito e esquerdo, temporais direito e esquerdo inteiros, dois fragmentos de occipital, um fragmento de côndilo mandibular;

1.2 *Coluna vertebral*: um atlas e dois fragmentos de eixo, uma vértebra dorsal entre a 1ª e 9ª e a 12ª, um fragmento de lombar;

1.3 *Costelas*: cinco fragmentadas e calcinadas (amarelo com manchas escuras e marrom avermelhado);

1.4 *Esterno*: ausente;

1.5 *Cintura Escapular*: fragmento de clavícula direita;

1.6 *Membros Superiores*: úmero esquerdo inteiro e um fragmento pequeno da epífise proximal do direito, fragmento de rádio esquerdo, ulna direita sem a epífise proximal;

1.7 *Mãos*: carpos – escafóide, semilunar e trapezóide esquerdos, piramidal, pisiforme e escafóide direitos, metacarpos – 2º (fragmentado), 3º, 4º e 5º e 3º, 4º e 5º esquerdos; falanges – as primeiras proximais dos lados direito e esquerdo e mais uma entre a 2ª e a 5ª proximal;

1.8 *Cintura Pélvica*: um fragmento de sacro calcinado;

1.9 *Membros Inferiores*: oito fragmentos de fêmur direito, metáfise proximal, fragmento do 3º trocanter e parte da diáfise, dois fragmentos de epífise proximal de tíbia;

1.10 *Pés*: tarsos – astrágalos direito e esquerdo, cubóide esquerdo e direito fragmentado, 2º cuneiforme direito e 3º esquerdo fragmentados, 1º cuneiforme, metatarsos – 4º e 5º direitos, 1º, 2º e 3º esquerdos inteiros e 5º fragmentado, falanges - nob;

1.11 *Ossos Não Identificados* (calcinados): vinte e dois fragmentos de epífises e diáfises de ossos longos calcinados (amarelo com manchas escuras e marrom avermelhado) e alguns com resquícios de pele;

2. Análise Osteológica:

2.1 *Idade*: 25 a 30 anos, com base na observação das superfícies articulares das vértebras, grau de desgaste dentário, especialmente dos terceiros molares;

2.2 *Sexo*: masculino, pela observação da morfologia das apófises mastóideas, úmero esquerdo e demais ossos disponíveis;

2.3 *Fraturas*: ausentes;

2.4 *Paleopatologia*: sacro fragmentado com evidências de um “calo” ósseo decorrente de fratura e/ou processo inflamatório grave nas duas primeiras vértebras sacrais calcinadas;

2.5 *Linhas de Harris*: nob;

2.6 *Facetas Suplementares da Tibia*: nob;

2.7 *Degeneração das Superfícies Articulares*:

(a) Têmpero-mandibular: nob;

(b) Coluna Vertebral: cervicais – atlas com grau 0-1 e dois fragmentos – nob; dorsais – uma com grau 1 e 12ª com grau 1, lombares – nob;

(c) Articulações Metacarpo-Falangeanas: metacarpos – 2º ao 5º direitos e esquerdos com grau zero, falanges – três proximais com grau 0;

(d) Articulações Metatarso-Falangeanas: metatarsos – 4º e 5º direitos com grau 1, 1º, 2º, 3º e 5º esquerdos com grau 1, falanges – nob;

(e) Superfícies Articulares dos Ossos Longos, Clavícula, Patela e Calcâneo: clavícula direita – nob, úmero esquerdo proximal com grau zero e distal com grau 1, rádio esquerdo proximal com grau 1 e distal – nob, ulna direita proximal com grau 1 e distal – nob, fêmur – nob, tíbia – nob;

3. Análise Dentária:

3.1 *Dentes Presentes*: PM1DSup, ILESup, CESup, PM1ESup, PM2ESup, M3ESup, ILDSup, CDInf, PM1DInf, M1DInf, ILEInf, CEInf, PM1EInf, PM2EInf e M3EInf ;

3.2 *Cáries*: M3EInf – uma média (0,5cm);

3.3 *Hipoplasia*: ILESup (6 linhas), CDInf;

3.4 *Abrasão Dentária*: PM1DSup – grau 1, desgaste plano, face oclusal, ILESup – grau 1, desgaste plano, face oclusal, CESup – não, PM1ESup – grau 1, desgaste plano, face oclusal, PM2ESup – grau 1, desgaste plano, face oclusal, M3ESup – grau 1, desgaste plano, face oclusal, ILDSup – grau 1, desgaste plano, face oclusal, CDInf – grau 1, desgaste plano, face oclusal, PM1DInf – grau 1, desgaste plano, face oclusal, M1DInf – grau 1, desgaste plano, face oclusal, ILEInf – grau 1, desgaste plano, face oclusal, CEInf – grau 1, desgaste plano, face oclusal, PM1EInf – grau 1-2, desgaste plano, face oclusal, PM2EInf – grau 1-2, desgaste plano, face oclusal e M3EInf – grau 0-1, desgaste plano, face oclusal;

3.5 *Doença Periodontal*: não;

3.6 *Cálculo Lingual*: PM1ESup – pequeno, PM2ESup – pequeno, CDInf – pequeno, PM1DInf – pequeno, M1DInf – pequeno, ILEInf – médio, CEInf – pequeno, PM1EInf – pequeno e PM2EInf – pequeno;

3.7 *Cálculo Vestibular*: PM1DSup – pequeno, PM1ESup – pequeno, PM2ESup – pequeno, ILDSup – pequeno, CDInf – pequeno, M1DInf – pequeno, ILEInf – pequeno, CEInf – grande, PM2EInf – pequeno e M3EInf – médio;

3.8 *Abcessos Alveolares*: não;

3.9 *Perda Ante-Mortem*: não;

4. Observações Gerais: os ossos apresentam, em geral, a coloração amarela avermelhada, em decorrência da proximidade do fogo; alguns com evidências de craquelê (queima com tecidos moles) como nos fragmentos de tíbia; muitos ainda apresentam resquícios de pele, destacando-se alguns ossos das mãos e dos pés, e marcas de roedores (crânio) (Figuras 145 e 146).

ESTRUTURA FUNERÁRIA 8 – Enterramento 8

1. Inventário dos Ossos:

1.1 *Crânio*: quinze fragmentos de frontal, parietais direito e esquerdo, temporais direito e esquerdo, occipital, e fragmentos da órbita e maxila direitas;

1.2 *Coluna vertebral*: um atlas, cinco dorsais inteiras, sendo quatro entre a 1ª e a 9ª e a 12ª, além de dezoito fragmentos pequenos de corpos e processos, quatro lombares inteiras e quatro fragmentos de processos e corpos;

1.3 *Costelas*: uma inteira, seis fragmentadas e treze fragmentos menores;

1.4 *Esterno*: ausente;

1.5 *Cintura Escapular*: fragmentos de clavícula direita e esquerda, três fragmentos de escápulas direita e esquerda;

1.6 *Membros Superiores*: cinco fragmentos de epífises e diáfises de úmero de lado indeterminado e calcinados, rádio esquerdo inteiro e um fragmento da epífise proximal do direito, ulna direita;

1.7 *Mãos*: carpos – semilunar, trapézio e capitato direitos e escafoide, semilunar, piramidal, trapézio, capitato e hamato esquerdos, metacarpos – 1º ao 5º direitos, 1º ao 3º esquerdos; falanges – cinco proximais inteiras e um fragmento, 1ª distal esquerda;

1.8 *Cintura Pélvica*: treze fragmentos de ossos coxais direito e esquerdo;

1.9 *Membros Inferiores*: tíbias direita e esquerda, fíbulas direita (sem parte da epífise proximal) e esquerda (sem a epífise proximal e dois terços da diáfise), uma patela direita inteira;

1.10 *Pés*: tarsos – calcâneos e astrágalos direitos e esquerdos, um cubóide fragmentado de lado indeterminado, naviculares esquerdo e direito fragmentado, 1^{os} cuneiformes direito e esquerdo, e 3º esquerdo, metatarsos – 1º, 2º e 4º direitos, 2º e 3º esquerdos, falanges - nove proximais, incluindo as primeiras (cinco de lado indeterminado), seis distais (quatro de lado indeterminado), dentre elas a primeira direita;

1.11 *Ossos Não Identificados* (calcinados): dezesseis fragmentos de diáfises e epífises de ossos longos calcinados, cuja coloração varia do amarelo avermelhado ao branco neutro.

2. Análise Osteológica:

2.1 *Idade*: 40 a 45 anos, com base na observação das superfícies articulares das vértebras, grau de sinostose ecto e endo craniana e grau de desgaste dentário, especialmente dos terceiros molares;

2.2. *Sexo*: masculino, pela observação da morfologia dos ossos do crânio e de alguns ossos do esqueleto pós-craniano que também apresentam muscularidade acentuada;

2.3. *Fraturas*: uma falange proximal direita de pé, uma costela, uma vértebra dorsal com fissura seguida de achatamento do corpo;

2.4. *Paleopatologia*: osteofitose vertebral (cervicais, dorsais e lombares), sacro com fechamento anormal dos arcos neurais (tipo spina bífida) e com assimetria entre os lados direito (mais baixo) e esquerdo (mais alto), 1ª falange distal de pé direito com a extremidade distal degenerada, deformação severa da extremidade esternal de uma costela do lado direito, não compatível com a idade do indivíduo, 1ª costela do lado direito com a extremidade articular com o esterno fusionada com uma porção do mesmo, epífise proximal de tíbia e patela direitas com grave degeneração óssea (com osteofitos grandes, porosidade e eburnação), sinais de osteoartrite severa no local;

2.5. *Linhas de Harris*: tíbia direita: duas linhas, sendo uma na porção distal entre o nascimento e 1 ano de idade e a outra na porção proximal entre 3 e 4 anos;

2.6. *Facetas Suplementares da tíbia*: não;

2.7. *Degeneração das Superfícies Articulares*:

(a) Têmporo-mandibular: nob;

(b) Coluna Vertebral: cervicais – atlas com grau 1-2, dorsais – uma com grau 1, uma com grau 1-2, uma com grau 2 e uma com grau 3, lombares – duas com grau 2, uma com grau 1-2 e uma com grau 3;

(c) Articulações Metacarpo-Falangeanas: metacarpos – 1º esquerdo com grau 0-1, 2º e 3º esquerdos com grau zero, 1º direito com grau 1 e demais com grau zero ; falanges – oito proximais com grau zero e uma nob;

(d) Articulações Metatarso-Falangeanas: metatarsos – 1º, 2º e 4º direitos com grau 1-2, 2º e 3º esquerdos com grau 1-2, falanges – lado esquerdo: uma proximal com grau 3-4 e duas com grau 2, uma distal com grau 1, lado direito: 1ª distal com grau 1-2, falanges de lado indeterminado: cinco proximais com grau 1 e quatro distais com grau 0-1;

(e) Superfícies Articulares dos Ossos Longos, Clavícula, Patela e Calcâneo: rádio esquerdo – proximal e distal com grau 1, rádio direito – nob, ulna direita proximal e distal com grau 1-2, tíbia direita proximal com grau 3-4 e distal com grau 1, tíbia esquerda proximal e distal com grau

1, fibula esquerda proximal nob e distal com grau 1, astrágalos direito com grau 1-2 e esquerdo com grau zero, calcâneos direito com grau 1-2 e esquerdo com grau zero;

3. Análise Dentária:

3.1 *Dentes Presentes*: ICESup, M2DInf, M3DInf, CEInf, PM1EInf e M2EInf;

3.2 *Cáries*: M2DInf – uma pequena (0,2cm), face mesial e uma grande (0,9cm), face distal; CEInf – uma pequena (0,25cm), face mesial e uma média (0,5 cm), face distal e M2EInf – uma grande (1,0 cm), face mesial;

3.3 *Hipoplasia*: nob;

3.4 *Abrasão Dentária*: ICESup – grau 2, desgaste plano, face oclusal, M2DInf – grau 3, desgaste vestibular-lingual, face oclusal, M3DInf – grau 2, desgaste plano, face oclusal, CEInf – grau 3-4, desgaste meso-distal, face oclusal, PM1EInf – grau 2, desgaste plano, face oclusal e M2EInf – grau 2, desgaste plano, face oclusal;

3.5 *Doença Periodontal*: não;

3.6 *Cálculo Lingual*: CEInf – pequeno;

3.7 *Cálculo Vestibular*: M2DInf – pequeno e CEInf – pequeno;

3.8 *Abcessos Alveolares*: não;

3.9 *Perda Ante-Mortem*: não;

4. Observações Gerais: os ossos apresentam, em geral, a coloração marrom avermelhada e acinzentada, em decorrência da proximidade do fogo; muitos ainda apresentam resquícios de pele, especialmente ossos dos pés e mãos (Figuras 147 a 152).

ESTRUTURA FUNERÁRIA 9 – Enterramentos 9, 9A, 9B, 9C e 9D

1. Inventário dos Ossos:

Enterramento 9

1.1 *Crânio*: oito fragmentos de frontal, parietais direito e esquerdo, temporais direito e esquerdo, occipital, órbita, fragmentos de maxila e mandíbula;

1.2 *Coluna vertebral*: atlas, áxis, duas cervicais entre a 3ª e 7ª e cinco fragmentos, sete dorsais inteiras entre a 6ª e 12ª e três fragmentos de corpos e processos transversos, dois fragmentos de lombar;

1.3 *Costelas*: quatro inteiras e trinta e seis fragmentos;

1.4 *Esterno*: um mesoesterno inteiro;

1.5 *Cintura Escapular*: clavículas esquerda e um fragmento da direita;

1.6 *Membros Superiores*: úmero direito inteiro e esquerdo fragmentado (um fragmento de epífise distal), rádio direito inteiro e um fragmento do esquerdo, ulna direita inteira e um fragmento da esquerda;

1.7 *Mãos*: carpos – escafóide direito, semilunares direito e esquerdo, piramidal direito, pisiformes direito e esquerdo, trapézios direito e esquerdo, trapezóides direito e esquerdo, capitatos direito e esquerdo, hamatos direito e esquerdo, metacarpos – 1º, 2º, 3º, 4º e 5º direitos e esquerdos, falanges – quatro proximais do lado direito e cinco do esquerdo, quatro mediais direitas e esquerdas, 1ª distais direita e esquerda e quatro indeterminadas;

1.8 *Cintura Pélvica*: dois fragmentos do coxal direito, sendo um de ilíaco com cicatrizes de parto e seis pequenos indeterminados;

1.9 *Membros Inferiores*: um fragmento de epífise distal de fêmur de lado indeterminado, dois fragmentos, sendo um do lado esquerdo (epífise e metáfise distal) e outro indeterminado, fíbula direita (diáfise e epífise proximal) e esquerda (diáfise, metáfise e epífise proximal) fragmentadas; patela direita;

1.10 *Pés*: tarsos – calcâneos direito e esquerdo, astrágalos direito e esquerdo, cubóides direito e esquerdo, naviculares direito e esquerdo, 1º, 2º e 3º cuneiformes direito e esquerdo, metatarsos – 1º ao 5º direitos, 1º ao 4º esquerdos, falanges - 1ª falanges proximais direita e esquerda, seis proximais e duas mediais de lado indeterminado;

1.11 *Ossos Não Identificados*: trinta e oito fragmentos calcinados de ossos longos, com coloração variando entre o amarelo claro com manchas escuras ao branco neutro;

Enterramento 9A

1.1 *Crânio*: trinta e um fragmentos de frontal, parietais, temporais, occipital e maxila com dentes decíduos;

- 1.2 *Coluna vertebral*: dezesseis fragmentos de corpos e processos calcinados, duas dorsais e cinco vértebras lombares inteiras com evidências de queima (branco neutro e cinza claro), quatro vértebras sacrais;
- 1.3 *Costelas*: treze fragmentos;
- 1.4 *Esterno*: fragmentos de manúbrio e mesoesterno;
- 1.5 *Cintura Escapular*: clavículas direita e esquerda com resquícios de pele, escápula esquerda inteira e direita fragmentada;
- 1.6 *Membros Superiores*: duas epífises proximais de úmero, um fragmento de rádio, ulna esquerda inteira;
- 1.7 *Mãos*: sete carpos e quatro falanges;
- 1.8 *Cintura Pélvica*: nob;
- 1.9 *Membros Inferiores*: um fragmento de epífise distal de tíbia de lado indeterminado ainda não unida;
- 1.10 *Pés*: calcâneos direito e esquerdo, astrágalo esquerdo, três tarsos e cinco falanges;
- 1.11 *Ossos Não Identificados*: quinze fragmentos calcinados de ossos longos, com coloração variando entre o amarelo claro com manchas escuras ao branco neutro, sacro com ocre;

Enterramento 9B

- 1.1 *Crânio*: três fragmentos de temporal e um de mandíbula;
- 1.2 *Coluna vertebral*: doze fragmentos de corpos e processos calcinados, uma vértebra sacral;
- 1.3 *Costelas*: vinte e seis fragmentos;
- 1.4 *Esterno*: nob;
- 1.5 *Cintura Escapular*: clavículas direita e esquerda, escápula direita inteira;
- 1.6 *Membros Superiores*: úmero, rádio e ulna esquerdos fragmentados, rádio e ulna direitos inteiros;
- 1.7 *Mãos*: dois carpos e quatro falanges;
- 1.8 *Cintura Pélvica*: nob;
- 1.9 *Membros Inferiores*: fêmur e fíbula esquerdos inteiros, tíbias direita e esquerda, fragmentos de fíbula direita;
- 1.10 *Pés*: fragmentos de calcâneos, astrágalos, três tarsos e sete falanges;

1.11 *Ossos Não Identificados*: fragmentos calcinados de ossos diversos (amarelo claro com manchas escuras ao preto neutro);

Enterramento 9C

- 1.1 *Crânio*: dez fragmentos de frontal, parietais e occipital;
- 1.2 *Coluna vertebral*: sete fragmentos de vértebras, uma vértebra sacral;
- 1.3 *Costelas*: duas inteiras e cinco fragmentos;
- 1.4 *Esterno*: fragmentos de manúbrio e mesoesterno;
- 1.5 *Cintura Escapular*: clavículas direita e esquerda, escápula esquerda inteira e direita fragmentada;
- 1.6 *Membros Superiores*: duas epífises proximais de úmero, um fragmento de rádio, ulna esquerda inteira;
- 1.7 *Mãos*: quatro carpos, dois metacarpos, três falanges;
- 1.8 *Cintura Pélvica*: ílio e ísquio esquerdos e ílio direito fragmentados;
- 1.9 *Membros Inferiores*: nob;
- 1.10 *Pés*: dois possíveis tarsos;
- 1.11 *Ossos Não Identificados*: vinte e dois fragmentos calcinados de ossos longos, com coloração variando entre o amarelo claro com manchas escuras ao cinza;

Enterramento 9D

- 1.1 *Crânio*: doze fragmentos de frontal, parietais e órbita, temporal direito e occipital inteiros;
- 1.2 *Coluna vertebral*: um áxis, um corpo de dorsal, sete fragmentos diversos de vértebras, um sacro inteiro;
- 1.3 *Costelas*: oito fragmentos;
- 1.4 *Esterno*: um fragmento de mesoesterno;
- 1.5 *Cintura Escapular*: clavícula direita fragmentada, escápula direita inteira;
- 1.6 *Membros Superiores*: duas epífises proximais de úmero não unidas, diáfise e metáfise de úmero esquerdo, dois fragmentos de extremidade distal de rádio;
- 1.7 *Mãos*: dois carpos, sendo um piramidal, 1º metacarpo, três falanges;
- 1.8 *Cintura Pélvica*: ísquio direito fragmentado, dois fragmentos de ílio;

1.9 *Membros Inferiores*: um grande trocanter de fêmur não unido, uma epífise de fíbula proximal não unida;

1.10 *Pés*: dois metatarsos;

1.11 *Ossos Não Identificados*: quatorze fragmentos calcinados de ossos longos, sinais de calcinação em vários ossos com coloração do amarelo claro com manchas escuras ao cinza escuro;

2. Análise Osteológica:

Enterramentos 9, 9A, 9B, 9C e 9D

2.1 *Idade*: 39 a 44 anos, pela análise da sínfise pubiana, inserida na classificação VIII do método Todd e características da dentição (enterramento 9); 4 a 5 anos pelo tamanho e morfologia dos ossos disponíveis e da dentição (enterramento 9A); recém-nascido, com zero a um mês, com base no tamanho e morfologia dos ossos disponíveis (enterramento 9B); 6 meses a 1 ano, com base no tamanho e morfologia dos ossos disponíveis (enterramento 9C) e 9 a 11 anos, com base no tamanho e morfologia dos ossos disponíveis (enterramento 9D);

2.2 *Sexo*: feminino, pela observação da morfologia dos ossos do crânio, dos membros inferiores e superiores e ossos coxais (abertura do ciático) (enterramento 9); indeterminado (enterramento 9A, 9B, 9C e 9D);

2.3 *Fraturas*: 1º metacarpo direito com possível fratura seguida de processo inflamatório, 2º e 3º metatarsos esquerdos, três costelas do lado direito e uma vértebra dorsal com uma fissura e achatamento do corpo (enterramento 9);

2.4 *Paleopatologia*: um atlas com evidências de uma formação tumoral óssea, deformando o arco vertebral, vértebras cervicais e dorsais com achatamento, úmero e rádio direitos com alteração na curvatura, patela direita com degeneração acentuada das extremidades, e cicatrizes de parto (enterramento 9); anormalidade no fechamento dos arcos neurais do sacro (spina bífida) nas crianças (enterramentos 9A, 9B, 9C e 9D);

2.5 *Linhas de Harris*: tíbia esquerda, sem ocorrência de linhas de densidade aumentada (enterramento 9);

2.6 *Facetas Suplementares da tíbia*: tíbia esquerda (enterramento 9);

2.7 *Degeneração das Superfícies Articulares* (enterramento 9):

(a) Têmporo-mandibular: côndilos mandibulares direito e esquerdo com grau 1;

- (b) Coluna Vertebral: cervicais – atlas e áxis com grau 1-2, dorsais – quatro com grau 2-3, 10^a e 11^a com grau 2, 12^a com grau 1-2, lombares – nob;
- (c) Articulações Metacarpo-Falangeanas: metacarpos – 1^o ao 5^o direitos com grau 1-2, 1^o esquerdo com grau 2-3, 2^o ao 4^o esquerdos com grau 1-2, falanges – 1^a proximal direita com grau 1-2 e quatro com grau 1, quatro mediais direitas com grau 1, 1^a distal direita com grau 1-2, 1^a proximal esquerda com grau 1, quatro proximais e quatro mediais com grau 1, 1^a distal com grau 1-2, quatro distais de lado indeterminado com grau 1;
- (d) Articulações Metatarso-Falangeanas: metatarsos – 1^o ao 5^o direitos com grau 1, 1^o e 2^o esquerdos com grau 1 e 3^o e 4^o esquerdos com grau 1-2, falanges – 1^a proximal direita com grau 1-2, seis proximais e quatro mediais de lado indeterminado com grau 1 e duas com grau 0-1; duas mediais com grau 0-1 e duas com grau zero, três distais com grau 0-1;
- (e) Superfícies Articulares dos Ossos Longos, Clavícula, Patela e Calcâneo: clavículas direita e esquerda – nob, úmero direito proximal e distal com grau 1, ulna direita proximal com grau 1-2 e distal com grau 0-1, rádio direito proximal - nob e distal com grau 1, fibula direita proximal e distal com grau 1, fibula esquerda proximal - nob e direita com grau 0-1, patela direita com grau 3, calcâneos e astrágalos direitos com grau 3 e esquerdos com grau 1.

3. Análise Dentária:

Enterramento 9

- 3.1 *Dentes Presentes*: ILDSup, PM1EInf, PM2EInf, PM2DInf, M1DInf, M3EInf e M3DInf ;
- 3.2 *Cáries*: ILDSup – uma pequena (0,3cm), face distal, M3EInf – uma grande (1,1cm), face vestibular, M3DInf – uma grande (1,2cm), face mesial;
- 3.3 *Hipoplasia*: nob;
- 3.4 *Abrasão Dentária*: ILDSup – grau 2, desgaste ligual/vestibular, face lingual, PM1EInf – grau 2, desgaste mesial-distal, face oclusal, PM2EInf – grau 2, desgaste plano, face oclusal, PM2DInf – grau 2, desgaste plano, face oclusal, M1DInf – grau 3, desgaste plano, face oclusal, M3EInf – grau 2, desgaste plano, face oclusal e M3DInf – grau 2, desgaste plano, face oclusal;
- 3.5 *Doença Periodontal*: M3DInf – média;
- 3.6 *Cálculo Lingual*: PM1EInf – pequeno, PM2EInf – pequeno e M1DInf – pequeno;
- 3.7 *Cálculo Vestibular*: PM2EInf – pequeno e PM2DInf – pequeno;
- 3.8 *Abcessos Alveolares*: M1DInf;

3.9 *Perda Ante-Mortem*: não.

Enterramento 9A

3.1 *Dentes Presentes*: ICESup, ILDSup (permanentes em formação);

3.2 *Cáries*: não;

3.3 *Hipoplasia*: nob;

3.4 *Abrasão Dentária*: nob;

3.5 *Doença Periodontal*: nob;

3.6 *Cálculo Lingual*: nob;

3.7 *Cálculo Vestibular*: nob;

3.8 *Abcessos Alveolares*: nob;

3.9 *Perda Ante-Mortem*: nob;

Enterramento 9D

3.1 *Dentes Presentes*: ILDInf, M1DInf, M2DInf, M1EInf e M2EInf;

3.2 *Cáries*: não;

3.3 *Hipoplasia*: não;

3.4 *Abrasão Dentária*: M2EInf – grau 0-1, desgaste plano, face oclusal;

3.5 *Doença Periodontal*: nob;

3.6 *Cálculo Lingual*: ILDInf – grande e M2EInf – pequeno;

3.7 *Cálculo Vestibular*: ILDInf – grande e M2EInf – pequeno;

3.8 *Abcessos Alveolares*: nob;

3.9 *Perda Ante-Mortem*: nob;

4. Observações Gerais: os ossos apresentam, em geral, a coloração amarela com manchas mais escuras, vários fragmentos pequenos calcinados (preto neutro e cinza escuro), resquícios de pele e ocre vermelho (Figuras 153 a 155).

ESTRUTURA FUNERÁRIA 10 – Enterramento 10 (criança, 8 a 9 anos)**1. Inventário dos Ossos:**

- 1.1 *Crânio*: inteiro com maxila e mandíbula;
- 1.2 *Coluna vertebral*: indeterminada;
- 1.3 *Costelas*: indeterminadas;
- 1.4 *Esterno*: indeterminado;
- 1.5 *Cintura Escapular*: indeterminada;
- 1.6 *Membros Superiores*: indeterminados;
- 1.7 *Mãos*: indeterminadas;
- 1.8 *Cintura Pélvica*: indeterminada;
- 1.9 *Membros Inferiores*: indeterminados;
- 1.10 *Pés*: indeterminados;
- 1.11 *Ossos Não Identificados*: nob;

2. Análise Osteológica:

- 2.1 *Idade*: 8 a 9 anos com base na a análise da dentição in loco
- 2.2 *Sexo*: indeterminado;
- 2.3 *Fraturas*: indeterminadas;
- 2.4 *Paleopatologia*: indeterminada;
- 2.5 *Linhas de Harris*: indeterminadas;
- 2.6 *Facetas Suplementares daTíbia*: indeterminadas;
- 2.7 *Degeneração das Superfícies Articulares*: nob;
 - (a) Têmporo-mandibular: nob;
 - (b) Coluna Vertebral: nob;
 - (c) Articulações Metacarpo-Falangeanas: nob;
 - (d) Articulações Metatarso-Falangeanas: nob;
 - (e) Superfícies Articulares dos Ossos Longos, Clavícula, Patela e Calcâneo: nob;

3. Análise Dentária:

3.1 *Dentes Presentes*: ICDSup, ICESup, ILDSup, ILESup, PM1DSup, PM2DSup, M1DSup, M1ESup, ICDInf, ICEInf, ILDInf, ILEInf, M1DInf e M1EInf;

3.2 *Cáries*: não;

3.3 *Hipoplasia*: não;

3.4 *Abrasão Dentária*: ICDInf – grau 0-1, desgaste plano, face oclusal, ICEInf – grau 0-1, desgaste plano, face oclusal, ILDInf – grau 0-1, desgaste plano, face oclusal, ILEInf – grau 0-1, desgaste plano, face oclusal, M1DSup – grau 0-1, desgaste plano, face oclusal, M1ESup – grau 0-1, desgaste plano, face oclusal, M1DInf – grau 0-1, desgaste plano, face oclusal e M1EInf – grau 0-1, desgaste plano, face oclusal;

3.5 *Doença Periodontal*: não;

3.6 *Cálculo Lingual*: não;

3.7 *Cálculo Vestibular*: não;

3.8 *Abcessos Alveolares*: não;

3.9 *Perda Ante-Mortem*: não;

4. Observações Gerais: os ossos apresentam a coloração amarela com manchas mais escuras. Por ter sido removido em bloco do local de sua deposição, por se tratar de um conjunto naturalmente mumificado, não foi feita a análise macroscópica dos remanescentes ósseos. Entretanto, três exames específicos foram realizados no conjunto funerário sem danificá-lo. Primeiramente, foi feito um exame radiológico do maxilar e da mandíbula, no Hospital Evandro Chagas da Fundação Osvaldo Cruz, no início da década de 80, sob a coordenação da Profa. M. Lilia Cheuiche Machado, cujo resultado foi interpretado pelo Dr. Christy Turner II, da Smithsonian Institution, em associação com as observações macroscópicas previamente obtidas. Seus resultados foram sucintamente descritos acima no item dentição.

O segundo exame, executado pelos pesquisadores Adauto José Araújo, Ulisses Confalonieri e Luiz Fernando Ferreira, da Fundação Osvaldo Cruz, foi o estudo parasitológico através da coleta de coprólitos da região intestinal da criança, por meio da introdução de um retosigmoidoscópio num orifício já existente na parede abdominal com auxílio de uma pinça de biópsia. As amostras foram tratadas com fosfato trissódico e analisadas ao microscópico, após a

sedimentação espontânea. Foram detectados pelos pesquisadores ovos de parasitas humanos de *Trichuris trichiura* e ancilostomídeos (cf. MACHADO, ARAÚJO, CONFALONIERI, FERREIRA, 1981/82).

O terceiro exame, realizado recentemente, foi uma ressonância magnética, viabilizada pela Profa. Dra. Sheila Mendonça de Souza, da Escola Nacional de Saúde Pública, da Fundação Osvaldo Cruz, através do Hospital Pedro Ernesto, com acompanhamento da Profa. Dra. Andréa Lessa, da ENSP/FIOCRUZ e da Profa. Laura Silva, do Instituto de Arqueologia Brasileira. Os resultados ainda estão sendo estudados e compilados e serão divulgados em breve.

ESTRUTURA FUNERÁRIA 11 – Enterramentos 11, 11A, 11B e 11C

1. Inventário dos Ossos:

Enterramento 11

1.1 *Crânio*: cinco fragmentos de frontal, parietais direito e esquerdo, occipital, e um fragmento pequeno de maxila (dentes soltos);

1.2 *Coluna vertebral*: atlas e um fragmento de cervical entre a 3ª e 7ª, nove dorsais inteiras, sendo sete entre a 1ª e 9ª, a 11ª e a 12ª, cinco lombares, sacro inteiro e cóccix;

1.3 *Costelas*: nove inteiras e dezessete fragmentos;

1.4 *Esterno*: manúbrio e mesoesterno inteiro;

1.5 *Cintura Escapular*: uma escápula esquerda e um fragmento da direita;

1.6 *Membros Superiores*: epífise distal de úmero esquerdo, rádios e ulnas direitos e esquerdos inteiros;

1.7 *Mãos*: carpos – escafóides direito e esquerdo, semilunares direito e esquerdo, piramidais direito e esquerdo, pisiformes direito e esquerdo, trapézios direito e esquerdo, trapezóides direito e esquerdo, capitatos direito e esquerdo, hamatos direito e esquerdo, metacarpos – 1º, 2º, 3º, 4º e 5º direitos e esquerdos, falanges – as duas primeiras e mais oito proximais dos lados direito e esquerdo, cinco mediais e seis distais de lado indeterminado;

1.8 *Cintura Pélvica*: osso coxal direito inteiro;

1.9 *Membros Inferiores*: fêmur esquerdo sem as epífises e cinco fragmentos de diáfises e epífise distal de fêmur direito, tíbia esquerda sem a epífise proximal e dois fragmentos de diáfises, fíbula esquerda inteira e um fragmento da direita;

1.10 *Pés*: tarsos – calcâneo direito, astrágalos direito e esquerdo, cubóides direito e esquerdo, naviculares direito e esquerdo, 1º, 2º e 3º cuneiformes direito e 2º esquerdo, metatarsos – 1º ao 5º direitos, 1º, 2º e 4º esquerdos, falanges - 1^{as} falanges proximais direita e esquerda, seis proximais, três mediais e uma distal de lado indeterminado;

1.11 *Ossos Não Identificados*: dez fragmentos calcinados de ossos longos (amarelo com manchas escuras ao marrom avermelhado) e vinte e três pequenos fragmentos (preto neutro e cinza claro);

Enterramento 11A

1.1 *Crânio*: cinco fragmentos de frontal, parietais, occipital e fragmento de mandíbula sem dentes;

1.2 *Coluna vertebral*: sete processos de cervicais, sendo dois fragmentos, onze processos de dorsais, cinco de lombar, doze corpos vertebrais inteiros, quatro pequenos fragmentos de processos, três últimas sacrais inteiras;

1.3 *Costelas*: quatorze inteiras e oito fragmentos;

1.4 *Esterno*: três fragmentos;

1.5 *Cintura Escapular*: clavículas direita e esquerda inteiras, escápulas direita e esquerda inteiras;

1.6 *Membros Superiores*: úmeros, rádios e ulnas direitos e esquerdos inteiros;

1.7 *Mãos*: completas (carpos, metacarpos e falanges);

1.8 *Cintura Pélvica*: ílio, ísquio e púbis direitos e esquerdos;

1.9 *Membros Inferiores*: fêmures, tíbias e fíbulas direitos e esquerdos;

1.10 *Pés*: completos (tarsos, metatarsos e falanges);

1.11 *Ossos Não Identificados*: seis fragmentos calcinados;

Enterramento 11B

1.1 *Crânio*: onze fragmentos de frontal e parietais;

1.2 *Coluna vertebral*: quatro corpos vertebrais, um fragmento de sacro;

1.3 *Costelas*: duas inteiras;

1.4 *Esterno*: nob;

- 1.5 *Cintura Escapular*: nob;
- 1.6 *Membros Superiores*: nob;
- 1.7 *Mãos*: completas (carpos, metacarpos e falanges);
- 1.8 *Cintura Pélvica*: nob;
- 1.9 *Membros Inferiores*: nob;
- 1.10 *Pés*: completos (tarsos, metatarsos e falanges);
- 1.11 *Ossos Não Identificados*: fragmentos calcinados de ossos diversos (amarelo claro com manchas escuras ao preto neutro);

Enterramento 11C

- 1.1 *Crânio*: dois fragmentos calcinados;
- 1.2 *Coluna vertebral*: áxis, cinco dorsais, três lombares inteiras, quatro sacrais, cóccix, dois fragmentos de processos;
- 1.3 *Costelas*: oito inteiras e seis fragmentos;
- 1.4 *Esterno*: manúbrio;
- 1.5 *Cintura Escapular*: clavícula esquerda;
- 1.6 *Membros Superiores*: rádio e ulna direitos;
- 1.7 *Mãos*: três falanges articuladas e com pele (proximal, medial e distal);
- 1.8 *Cintura Pélvica*: ílios esquerdo e direito inteiros;
- 1.9 *Membros Inferiores*: parte da diáfise do fêmur direito, tibia direita sem a metáfise distal;
- 1.10 *Pés*: dois tarsos e duas falanges;
- 1.11 *Ossos Não Identificados*: vinte e dois fragmentos calcinados de ossos longos, com coloração variando entre o amarelo claro com manchas escuras ao cinza;

2. Análise Osteológica:

Enterramentos 11, 11A, 11B e 11C

- 2.1 *Idade*: 19 anos, pela análise da sínfise pubiana e grau de união das epífises às diáfises de rádios e ulnas direitos e esquerdos, tibia esquerda e características da dentição (enterramento 11); 1,5 a 2,5 anos pelo tamanho e morfologia dos ossos longos (enterramento 11A); zero a três meses, pelo tamanho e morfologia dos ossos disponíveis (enterramento 11B); 6 a 8 anos, com

base no tamanho e morfologia dos ossos disponíveis e características da dentição (enterramento 11C);

2.2 *Sexo*: feminino, pela observação das características do osso coxal direito (abertura do ciático) e tamanho e morfologia dos ossos disponíveis (enterramento 11); indeterminado (enterramentos 11A, 11B e 11C);

2.3 *Fraturas*: cóccix com curvatura anormal (enterramento 11);

2.4 *Paleopatologia*: sacro com problemas no fechamento dos arcos neurais (tipo spina bífida) (enterramentos 11, 11A e 11C), mesoesterno com a extremidade inferior longitudinalmente bipartida em 1cm (enterramento 11); três falanges proximais e três mediais de pé com assimetria nas extremidades distais;

2.5 *Linhas de Harris*: nob;

2.6 *Facetas Suplementares da tibia*: tibia esquerda (inicial) (enterramento 11);

2.7 *Degeneração das Superfícies Articulares* (enterramento 11):

(a) Têmporo-mandibular: nob;

(b) Coluna Vertebral: cervicais – atlas com grau 0-1, dorsais – sete entre a 1ª e 9ª com grau 0-1, 11ª e 12ª com grau 0-1, lombares – cinco com grau 0-1;

(c) Articulações Metacarpo-Falangeanas: metacarpos – 1º ao 5º direitos e esquerdos com grau zero, falanges – dez proximais direitas e esquerdas com grau zero, cinco mediais com grau zero, seis distais com grau zero;

(d) Articulações Metatarso-Falangeanas: metatarsos – 1º ao 5º direitos com grau zero, 1º, 2º e 4º esquerdos com grau zero, falanges – oito proximais, três mediais e uma distal de lado indeterminado com grau zero;

(e) Superfícies Articulares dos Ossos Longos, Clavícula, Patela e Calcâneo: rádios e ulnas direitos e esquerdos proximais e distais com grau zero, tibia esquerda proximal nob e distal com grau zero, fíbula esquerda proximal e distal com grau zero, calcâneo direito e astrágalos esquerdo e direito com grau zero;

3. Análise Dentária:

Enterramento 11

3.1 *Dentes Presentes*: ICDSup, CDSup, M1ESup, ICDInf, M1DInf e ILEInf;

3.2 *Cáries*: nob;

3.3 *Hipoplasia*: ICDSup;

3.4 *Abrasão Dentária*: M1DInf – grau 0-1, desgaste plano, face oclusal;

3.5 *Doença Periodontal*: não;

3.6 *Cálculo Lingual*: ICDInf – pequeno e ILEInf – pequeno;

3.7 *Cálculo Vestibular*: ICDInf – pequeno e ILEInf – médio;

3.8 *Abcessos Alveolares*: não;

3.9 *Perda Ante-Mortem*: não;

Enterramento 11C

3.1 *Dentes Presentes*: M2DInf (decíduo), CEInf (decíduo), M1EInf (decíduo), M2EInf (decíduo) e M1EInf (permanente);

3.2 *Cáries*: não;

3.3 *Hipoplasia*: não;

3.4 *Abrasão Dentária*: M2DInf (decíduo) – grau 1, desgaste plano, face oclusal, CEInf – grau 2, desgaste plano, face oclusal (decíduo), M1EInf (decíduo) – grau 1-2, desgaste plano, face oclusal, M2EInf (decíduo) – grau 1-2, desgaste plano, face oclusal e M1EInf (permanente) – grau 0-1, desgaste plano, face oclusal;

3.5 *Doença Periodontal*: não;

3.6 *Cálculo Lingual*: CEInf – pequeno;

3.7 *Cálculo Vestibular*: CEInf – pequeno;

3.8 *Abcessos Alveolares*: não;

3.9 *Perda Ante-Mortem*: não;

4. Observações Gerais: os ossos apresentam, em geral, a coloração amarela escura ao marrom avermelhado; há vários fragmentos pequenos calcinados (preto neutro e cinza escuro), resquílios de pele e marcas de roedores, especialmente nos ossos da criança de 6 a 8 anos (enterramento 11C).

ESTRUTURA FUNERÁRIA 12 – Enterramento 12 (adulto feminino, mais 50 anos)

1. Inventário dos Ossos:

- 1.1 *Crânio*: inteiro com maxila e mandíbula com dentição;
- 1.2 *Coluna vertebral*: completa com sete cervicais, doze dorsais, cinco lombares, sacro e cóccix;
- 1.3 *Costelas*: vinte e uma inteiras e três fragmentos;
- 1.4 *Esterno*: inteiro;
- 1.5 *Cintura Escapular*: clavículas e escápulas direitas e esquerdas;
- 1.6 *Membros Superiores*: úmeros, rádios e ulnas direitos e esquerdos;
- 1.7 *Mãos*: carpos – escafóides direito e esquerdo, semilunares direito e esquerdo, piramidais direito e esquerdo, pisiformes direito e esquerdo, trapézios direito e esquerdo, trapezóides direito e esquerdo, capitados direito e esquerdo, hamatos direito e esquerdo, metacarpos – 1º, 2º, 3º, 4º e 5º direitos e esquerdos, falanges – a primeira e quatro proximais, duas mediais e cinco distais do lado direito, a primeira e quatro proximais, quatro mediais e cinco distais do lado esquerdo;
- 1.8 *Cintura Pélvica*: coxais direito e esquerdo;
- 1.9 *Membros Inferiores*: fêmures, tíbias e fibulas direitos e esquerdos, patela direita;
- 1.10 *Pés*: tarsos – calcâneos, astrágalos, cubóides, naviculares, 1º, 2º e 3º cuneiformes direitos e esquerdos, metatarsos – 1º ao 5º direitos e esquerdos, falanges – a primeira proximal e mais uma, duas mediais e duas distais do lado direito, a primeira e quatro proximais, uma medial de lado indeterminado;
- 1.11 *Ossos Não Identificados* (calcinados): os ossos apresentam, em geral, a coloração amarelo forte com manchas escuras em alguns ossos do lado esquerdo, tais como costelas, coxal e processos espinhosos das vértebras, em função da posição do corpo em relação à fogueira a ele associada;

2. Análise Osteológica:

- 2.1 *Idade*: 45 a 55 anos, com base na observação das superfícies articulares das vértebras, sacro, dos membros inferiores e superiores, pés e mãos, e características da dentição, especialmente dos terceiros molares, perda de dentes ante-mortem e grau de reabsorção dos alvéolos;
- 2.2 *Sexo*: feminino, pela observação da morfologia dos ossos do crânio e alguns ossos do esqueleto pós-craniano;

2.3 *Fraturas*: nob;

2.4 *Paleopatologia*: osteofitose vertebral (cervicais, dorsais e lombares), cicatrizes de parto nos coxais direito e esquerdo, anormalidade no fechamento dos arcos neurais no sacro (spina bífida), degeneração acentuada nos 5^{os} metatarsos, duas falanges de pés esquerdo e direito, cinco falanges de mão direita e quatro de mão esquerda com assimetria na extremidade distal e degeneração acentuada, calcâneos direito e esquerdo com degeneração;

2.5 *Linhas de Harris*: tíbia direita com três linhas de densidade aumentada, sendo uma na porção distal do osso entre 1 e 2 anos e duas na extremidade proximal entre 1 e 2 anos e 10 e 11 anos;

2.6 *Facetas Suplementares da tíbia*: tíbias direita e esquerda;

2.7 *Degeneração das Superfícies Articulares*:

(a) Têmporo-mandibular: côndilos mandibulares direito e esquerdo com grau 1 e cavidades glenóides direita e esquerda com grau 1;

(b) Coluna Vertebral: cervicais – sete com grau 1-2, dorsais – doze com grau 1-2, lombares – uma com grau 1-2, duas com grau 2 e duas com grau 3;

(c) Articulações Metacarpo-Falangeanas: metacarpos direitos – 1º, 2º, 3º e 4º com grau 1-2 e 5º com grau 2, metacarpos esquerdos – 1º e 3º com grau 1-2, 2º proximal com grau 1-2 e distal com grau 2, 4º com grau 1-2 e 5º com grau 2, falanges do lado direito – três proximais com grau 1 e duas com grau 1-2, duas mediais com grau 1, uma distal com grau 1-2, duas com grau 2 e duas com grau 3, falanges do lado esquerdo – uma proximal com grau 1-2, três com grau 1, quatro mediais com grau 1, quatro distais com grau 1-2 e uma com grau 1;

(d) Articulações Metatarso-Falangeanas: metatarsos direitos – 1º e 2º com grau 0-1, 3º, 4º e 5º com grau 1, metatarsos esquerdos – 1º com grau 1, 2º, 3º e 4º com grau 2 e 5º com grau 3, falanges do lado direito – quatro proximais com grau 0-1, duas mediais com grau 0-1, duas distais sendo a primeira com grau 2 e uma com grau 1, falanges do lado esquerdo – cinco proximais com grau 0-1 e uma medial com grau 0-1 ;

(e) Superfícies Articulares dos Ossos Longos, Clavícula, Patela e Calcâneo: clavículas esquerda e direita – medial e distal com grau 1, rádio direito proximal e distal com grau zero, rádio esquerdo proximal e distal com grau 1, ulnas direita e esquerda proximal e distal com grau 1, fêmures direito e esquerdo proximal e distal com grau 1, tíbia direita proximal com grau 0-1 e distal com grau 1, tíbia esquerda proximal com grau 0-1 e distal com grau 1, fibulas direita e esquerda

proximal e distal com grau 1, calcâneos direito e esquerdo superior com grau 1, astrágalos direito e esquerdo com grau 1 e com facetas.

3. Análise Dentária:

3.1 *Dentes Presentes*: ILDSup, M3DSup, ICESup, ILESup, CESup, ICDInf, ILDInf, CDInf, PM1DInf, PM2DInf, ILEInf, PM1EInf, PM2EInf e M3EInf;

3.2 *Cáries*: CESup – grande (1,1cm), face oclusal, CDInf – pequena (0,2cm), face distal, PM2DInf – pequena (0,3cm), face distal, PM1EInf – média (0,4 cm), face oclusal, PM2EInf – média (0,5 cm), face distal e M3EInf – pequena (0,15cm), face oclusal;

3.3 *Hipoplasia*: nob;

3.4 *Abrasão Dentária*: ILDSup – grau 4, desgaste lingual/vestibular, M3DSup – grau 2 , desgaste plano, face oclusal, ICESup – grau 4, desgaste lingual/vestibular, ILESup – grau 4, desgaste lingual/vestibular, CESup – nob (não há mais esmalte, devido à cárie), ICDInf – grau 3, desgaste lingual/vestibular, face oclusal, ILDInf – grau 4, desgaste lingual/vestibular, CDInf – grau 4, desgaste meso-distal, face oclusal, PM1DInf – grau 2-3 , desgaste plano, face oclusal, PM2DInf – grau 2-3, desgaste plano, face oclusal, ILEInf – grau 4, desgaste plano, face oclusal, PM1EInf – grau 2-3 , desgaste plano, face oclusal, PM2EInf – grau 2, desgaste plano, face oclusal e M3EInf – grau 2, desgaste plano, face oclusal;

3.5 *Doença Periodontal*: severa em ambas as arcadas dentárias;

3.6 *Cálculo Lingual*: CDInf – pequeno e PM1DInf – pequeno;

3.7 *Cálculo Vestibular*: PM1ESup – pequeno, CDInf – pequeno, PM1DInf – pequeno, PM2DInf – pequeno e PM2EInf – pequeno;

3.8 *Abcessos Alveolares*: ILDSup (1), ICESup (1), ICDInf (1) e ICEInf (1);

3.9 *Perda Ante-Mortem*: CDSup, PM1DSup, PM1ESup, PM2DSup, M1DSup, M2DSup, M1ESup, M2ESup, M3ESup, M1DInf, M2DInf, M3DInf, M1EInf e M2EInf.

4. Observações Gerais: os ossos apresentam, em geral, a coloração amarelo avermelhada, em decorrência da proximidade do fogo (Figuras 156 a 158).

ESTRUTURA FUNERÁRIA 13 – Enterramentos 13, 13A e 13B

1. Inventário dos Ossos:

Enterramento 13

- 1.1 *Crânio*: um temporal direito e um occipital;
- 1.2 *Coluna vertebral*: quatro vértebras cervicais, três dorsais e uma lombar;
- 1.3 *Costelas*: quatro inteiras e quatro fragmentos;
- 1.4 *Esterno*: nob;
- 1.5 *Cintura Escapular*: uma clavícula direita e um fragmento da esquerda, escápula direita;
- 1.6 *Membros Superiores*: úmero direito, rádio esquerdo inteiro e um fragmento do direito (uma epífise distal e parte da diáfise);
- 1.7 *Mãos*: carpos – escafoide direito, semilunar esquerdo, piramidal direito, trapézio direito, capitato esquerdo, metacarpos – 2º, 3º e 4º direitos, 1º e 4º esquerdos, falanges – uma proximal, duas mediais de lado indeterminado;
- 1.8 *Cintura Pélvica*: nob;
- 1.9 *Membros Inferiores*: tíbia e fíbula direitas, patelas direita e esquerda;
- 1.10 *Pés*: tarsos – calcâneo direito, naviculares direito e esquerdo, 3º cuneiforme direito e 1º e 3º esquerdos, metatarsos – um fragmento do 1º de lado indeterminado e o 2º esquerdo inteiro, falange – três proximais e duas mediais;
- 1.11 *Ossos Não Identificados* : três fragmentos calcinados de ossos longos;

Enterramento 13A

- 1.1 *Crânio*: três fragmentos de parietais e um de temporal esquerdo;
- 1.2 *Coluna vertebral*: três vértebras dorsais;
- 1.3 *Costelas*: seis inteiras e cinco fragmentos;
- 1.4 *Esterno*: nob;
- 1.5 *Cintura Escapular*: escápula esquerda fragmentada;
- 1.6 *Membros Superiores*: nob;
- 1.7 *Mãos*: quatro falanges;
- 1.8 *Cintura Pélvica*: nob;
- 1.9 *Membros Inferiores*: nob;

1.10 *Pés*: cinco tarsos e falanges;

1.11 *Ossos Não Identificados*: nob;

Enterramento 13B

1.1 *Crânio*: treze fragmentos de parietais e temporais;

1.2 *Coluna vertebral*: três dorsais e uma sacral;

1.3 *Costelas*: seis inteiras e cinco fragmentos;

1.4 *Esterno*: nob;

1.5 *Cintura Escapular*: nob;

1.6 *Membros Superiores*: um rádio direito;

1.7 *Mãos*: dois metacarpos e uma falange;

1.8 *Cintura Pélvica*: nob;

1.9 *Membros Inferiores*: nob;

1.10 *Pés*: calcâneos direito e esquerdo, dois tarsos, dois metatarsos e uma falange;

1.11 *Ossos Não Identificados*: cinco fragmentos calcinados;

2. Análise Osteológica:

2.1 *Idade*: 25 a 30 anos, com base no tamanho e morfologia dos ossos longos e grau de degeneração das articulações (enterramento 13); 2,5 a 3 anos pelo tamanho e morfologia dos ossos disponíveis (enterramento 13A); 3 a 4,5 anos, com base no tamanho e morfologia dos ossos disponíveis (enterramento 13B);

2.2 *Sexo*: feminino, baseado nas medidas da tíbia e fíbula direitas e características dos demais ossos disponíveis (enterramento 13); indeterminado (enterramentos 13A e 13B);

2.3 *Fraturas*: nob;

2.4 *Paleopatologia*: processo inflamatório no 1º e 3º cuneiformes esquerdos, provavelmente em decorrência de alguma perfuração no pé esquerdo e marcas de regeneração óssea (enterramento 13), anormalidade no fechamento dos arcos neurais do sacro do tipo spina bífida (enterramento 13B);

2.5 *Linhas de Harris*: tíbia direita com seis linhas de densidade aumentada sendo uma na porção distal entre 5 e 6 anos de idade e cinco na porção proximal entre 5 e 6 anos, 7 e 8 anos, 11 e 12 anos e duas entre 13 e 14 anos de idade (enterramento 13);

2.6 *Facetas Suplementares da tibia*: tíbias direita (enterramento 13);

2.7 *Degeneração das Superfícies Articulares* (enterramento 13):

(a) Têmpero-mandibular: nob;

(b) Coluna Vertebral: cervicais – quatro com grau 0-1, dorsais – três com grau zero, lombar – uma com grau zero;

(c) Articulações Metacarpo-Falangeanas: metacarpos – 2º, 3º e 4º direitos com grau 0-1, 1º e 4º esquerdos com grau 0-1, falanges – uma proximal com grau 0-1 e duas mediais com grau 0-1;

(d) Articulações Metatarso-Falangeanas: metatarsos – 2º esquerdo com grau 0-1, falanges – três proximais com grau 0-1, duas distais com grau zero;

(e) Superfícies Articulares dos Ossos Longos, Clavícula, Patela e Calcâneo: clavícula direita com grau zero, úmero direito proximal com grau zero e distal com grau 1, rádio esquerdo proximal e distal com grau 0-1, tíbia direita proximal e distal com grau 0-1, fíbula direita proximal e distal com grau 0-1, patelas direita e esquerda com grau 0-1, calcâneo direito com grau 0-1;

3. Análise Dentária: nob;

4. Observações Gerais: os ossos apresentam, em geral, a coloração amarela clara com algumas manchas mais escuras em decorrência de fogueira próxima.

ESTRUTURA FUNERÁRIA 14 – Enterramentos 14, 14A e 14B

1. Inventário dos Ossos:

Enterramento 14

1.1 *Crânio*: maxila direita e esquerda e mandíbula fragmentadas com dentes soltos;

1.2 *Coluna vertebral*: uma cervical entre a 3ª e 7ª, duas dorsais e dois fragmentos de vértebras lombares com resquícios de pele;

1.3 *Costelas*: três inteiras com resquícios de pele e quatro fragmentos;

1.4 *Esterno*: nob;

1.5 *Cintura Escapular*: uma escápula direita;

1.6 *Membros Superiores*: úmero direito inteiro com resquícios de pele, um rádio direito e um fragmento do esquerdo, ulna esquerda inteira;

1.7 *Mãos*: carpos – um capitato calcinado de lado indeterminado, falanges – duas proximais, duas mediais e uma distal de lado indeterminado;

1.8 *Cintura Pélvica*: nob;

1.9 *Membros Inferiores*: tíbia direita;

1.10 *Pés*: tarsos – calcâneo esquerdo, astrágalo direito, cubóides direito e esquerdo, navicular direito, 1º, 2º e 3º cuneiformes esquerdos e 1º e 2º direitos, metatarsos – 1º ao 5º direitos, 1º e 4º esquerdos, falanges – 1^{as} falanges proximais direita e esquerda, seis proximais, três mediais e três distais;

1.11 *Ossos Não Identificados* : nob;

Enterramento 14A

1.1 *Crânio*: três fragmentos de frontal e parietais calcinados;

1.2 *Coluna vertebral*: um fragmento de vértebra cervical, duas dorsais inteiras e uma fragmentada, duas lombares inteiras e uma fragmentada;

1.3 *Costelas*: quatorze fragmentos;

1.4 *Esterno*: nob;

1.5 *Cintura Escapular*: uma escápula esquerda inteira;

1.6 *Membros Superiores*: quatro fragmentos de diáfise de úmero de lado indeterminado;

1.7 *Mãos*: carpos – escafóides direito e esquerdo, semilunares direito e esquerdo, piramidal direito, trapézio direito, capitatos direito e esquerdo, hamatos direito e esquerdo, metacarpos – 2º, 3º e 4º direitos, 1º ao 5º esquerdos, falanges – três proximais, oito mediais de lado indeterminado, as duas primeiras distais e mais cinco;

1.8 *Cintura Pélvica*: quatro fragmentos de coxais com marcas de craquelê;

1.9 *Membros Inferiores*: um fragmento de diáfise de fibula de lado indeterminado, patelas direita e esquerda;

1.10 *Pés*: tarsos – calcâneo direito, astrágalo direito, navicular direito, metatarsos – 2º ao 5º direitos, falanges – 1^{as} proximais direita e esquerda, duas mediais e uma distal;

1.11 *Ossos Não Identificados* : oito fragmentos calcinados de ossos longos;

Enterramento 14B

- 1.1 *Crânio*: um temporal esquerdo e um dente decíduo solto;
- 1.2 *Coluna vertebral*: cinco vértebras dorsais;
- 1.3 *Costelas*: onze fragmentos e uma inteira;
- 1.4 *Esterno*: nob;
- 1.5 *Cintura Escapular*: clavícula esquerda fragmentada;
- 1.6 *Membros Superiores*: nob;
- 1.7 *Mãos*: quatro carpos e três falanges;
- 1.8 *Cintura Pélvica*: um ílio esquerdo;
- 1.9 *Membros Inferiores*: tíbia e fíbula esquerdas inteiras e um fragmento de tíbia direita;
- 1.10 *Pés*: três metatarsos e duas falanges proximais;
- 1.11 *Ossos Não Identificados*: nob;

2. Análise Osteológica:

Enterramento 14, 14A e 14B

- 2.1 *Idade*: 25 a 35 anos, pelas observações gerais dos ossos disponíveis, grau de degeneração das articulações e dentição (enterramento 14); 25 a 30 anos pelo tamanho e morfologia dos ossos disponíveis e da dentição (enterramento 14A); 1,5 a 2,5 anos com base no tamanho e morfologia dos ossos disponíveis (enterramento 14B);
- 2.2 *Sexo*: masculino, pelo tamanho e morfologia dos ossos longos, especialmente pela ulna com inserções musculares bem marcadas na epífise e metáfise proximais (enterramento 14); feminino com base no tamanho e morfologia dos ossos disponíveis (enterramento 14A); indeterminado (enterramento 14B);
- 2.3 *Fraturas*: nob;
- 2.4 *Paleopatologia*: duas falanges proximais de pé com a extremidade distal anormal, 1ª falange distal de pé, 2º metatarso direito com grande projeção óssea lateral na extremidade proximal (“esporão” de mais ou menos 1 cm), calcâneo esquerdo com infecção óssea (enterramento 14), astrágalo e calcâneo direitos com sinais de eburnação (enterramento 14A);
- 2.5 *Linhas de Harris*: tíbia direita com quatro linhas de densidade aumentada, sendo duas na porção distal entre 1 e 2 anos e entre 14 e 15 anos e duas na porção proximal entre 1 e 2 anos e entre 4 e 5 anos (enterramento 14);

2.6 *Facetas Suplementares da tibia*: tibia direita (enterramento 14);

2.7 *Degeneração das Superfícies Articulares* :

Enterramento 14

- (a) Têmporo-mandibular: nob;
- (b) Coluna Vertebral: cervicais – uma com grau 1-2, dorsais – duas com grau 0-1;
- (c) Articulações Metacarpo-Falangeanas: falanges – duas proximais com grau zero, duas mediais com grau zero e uma distal com grau zero;
- (d) Articulações Metatarso-Falangeanas: metatarsos – 1º, 3º, 4º e 5º direitos com grau 0-1, 2º direito com grau 2-3, 1º e 4º esquerdos com grau 0-1, falanges – 1^{as} proximais direita e esquerda com grau 1, quatro proximais com grau 0-1, uma proximal com grau 1-2, três mediais com grau 1, 1^a distal direita com grau dois e duas distais com grau 1;
- (e) Superfícies Articulares dos Ossos Longos, Clavícula, Patela e Calcâneo: rádio direito proximal e distal com grau 0-1, rádio esquerdo proximal com grau zero, ulna esquerda proximal e distal com grau 1, tibia direita proximal com grau 0-1 e distal com grau 1, calcâneo esquerdo com grau 1 e astrágalo direito com grau 1;

Enterramento 14A

- (a) Têmporo-mandibular: nob;
- (b) Coluna Vertebral: cervicais – nob, dorsais – duas com grau 0-1, lombares – duas com grau 0-1;
- (c) Articulações Metacarpo-Falangeanas: metacarpos – 1º ao 5º esquerdos com grau 1, 2º ao 4º direitos com grau 1, falanges – três proximais com grau 0-1, oito mediais com grau 0-1, 1^{as} distais com grau 1 e cinco distais com grau 0-1;
- (d) Articulações Metatarso-Falangeanas: metatarsos – 2º ao 5º direitos com grau zero, falanges – 1^{as} proximais com grau 0-1, duas mediais com grau zero e uma distal com grau zero;
- (e) Superfícies Articulares dos Ossos Longos, Clavícula, Patela e Calcâneo: clavícula direita com grau zero, patelas direita e esquerda com grau zero, calcâneo e astrágalo direito com grau 1-2;

3. Análise Dentária:

Enterramento 14

3.1 *Dentes Presentes*: ICDSup, CDSup, ICDInf, ICEInf e PM2EInf;

3.2 *Cáries*: PM2EInf – uma pequena (0,2cm);

3.3 *Hipoplasia*: ICDSup;

3.4 *Abrasão Dentária*: ICDSup – grau 2, desgaste plano, face oclusal, CDSup – grau 2, desgaste disto-mesial, face oclusal, ICDInf – grau 2, desgaste meso-distal, face oclusal, CDInf – grau 1-2, desgaste plano, face oclusal, ICEInf – grau 2, desgaste plano, face oclusal e PM2EInf – grau 3, desgaste plano, face oclusal;

3.5 *Doença Periodontal*: não;

3.6 *Cálculo Lingual*: ICDSup – pequeno, CDSup – médio, ICDInf – pequeno e ICEInf – pequeno;

3.7 *Cálculo Vestibular*: ICDSup – pequeno, CDSup – pequeno, ICDInf – pequeno e ICEInf – grande;

3.8 *Abcessos Alveolares*: não;

3.9 *Perda Ante-Mortem*: não;

Enterramento 14A

3.1 *Dentes Presentes*: ICDSup, ILDSup, ILESup, ICDInf, ILDInf, ILEInf, CEInf, PM1EInf e PM2EInf;

3.2 *Cáries*: não;

3.3 *Hipoplasia*: não;

3.4 *Abrasão Dentária*: ICDSup – grau 1, desgaste lingual-vestibular, face oclusal, ILDSup – grau 1, desgaste lingual-vestibular, face oclusal, ILESup – grau 0-1, desgaste plano, face oclusal, ILDInf – grau 1, desgaste lingual-vestibular, face oclusal, ILEInf – grau 1, desgaste plano, face oclusal, CEInf – grau 1, desgaste plano, face oclusal, PM1EInf – grau 0-1, desgaste plano, face oclusal e PM2EInf – grau 1, desgaste plano, face oclusal;

3.5 *Doença Periodontal*: não;

3.6 *Cálculo Lingual*: ICDInf – médio, ILEInf – médio, CEInf – médio, PM1EInf – pequeno e PM2EInf – grande;

3.7 *Cálculo Vestibular*: ILDSup – pequeno, ICDInf – pequeno, ILDInf – pequeno, ILEInf – médio, CEInf – médio e PM2EInf – médio;

3.8 *Abcessos Alveolares*: não;

3.9 *Perda Ante-Mortem*: não;

Enterramento 14B

- 3.1 *Dentes Presentes*: ICDSup;
- 3.2 *Cáries*: não;
- 3.3 *Hipoplasia*: nob;
- 3.4 *Abrasão Dentária*: grau zero;
- 3.5 *Doença Periodontal*: nob;
- 3.6 *Cálculo Lingual*: não;
- 3.7 *Cálculo Vestibular*: não;
- 3.8 *Abcessos Alveolares*: não;
- 3.9 *Perda Ante-Mortem*: não;

4. Observações Gerais: os ossos apresentam, em geral, a coloração amarela clara com manchas mais escuras ao avermelhado. Esta estrutura e seus ossos foram extremamente perturbados por buracos possivelmente de tatu.

ESTRUTURA FUNERÁRIA 15 – Enterramentos 15 e 15A**1. Inventário dos Ossos:**Enterramento 15

- 1.1 *Crânio*: um fragmento de parietal;
- 1.2 *Coluna vertebral*: um atlas, sete dorsais, cinco lombares e sacro;
- 1.3 *Costelas*: vinte inteiras e quatro fragmentos;
- 1.4 *Esterno*: nob;
- 1.5 *Cintura Escapular*: uma fragmento de escápula de lado indeterminado;
- 1.6 *Membros Superiores*: úmero, rádio e ulna esquerdos inteiros e um rádio direito fragmentado (epífise distal não unida);
- 1.7 *Mãos*: carpos – escafoide esquerdo, semilunar esquerdo, piramidal esquerdo, pisiformes direito e esquerdo, capitato e hamato esquerdos, metacarpos – 1º ao 5º esquerdos, 2º ao 5º direitos, falanges – 1^{as} proximais direita e esquerda, quatro proximais esquerdas e quatro direitas, três mediais esquerdas e três direitas, 1^a distal e mais uma esquerdas, duas distais indeterminadas;
- 1.8 *Cintura Pélvica*: osso coxal esquerdo inteiro;

1.9 *Membros Inferiores*: fêmur esquerdo inteiro e direito fragmentado, um fragmento de tíbia;

1.10 *Pés*: tarsos – calcâneos direito e esquerdo, astrágalo esquerdo, cubóides direito e esquerdo, 1º, 2º e 3º cuneiformes direitos, metatarsos – 4º e 5º direitos, 3º ao 5º esquerdos, falanges – quatro proximais direitas e quatro esquerdas, cinco mediais indeterminadas, 1^{as} distais mais três distais indeterminadas;

1.11 *Ossos Não Identificados* : nob;

Enterramento 15A

1.1 *Crânio*: maxila e mandíbula fragmentadas;

1.2 *Coluna vertebral*: atlas, áxis e dois fragmentos de cervicais, onze dorsais, sendo oito entre a 1ª e a 9ª, a 10ª, 11ª e 12ª inteiras, cinco lombares e sacro;

1.3 *Costelas*: oito inteiras do lado esquerdo e sete do lado direito, dois fragmentos pequenos;

1.4 *Esterno*: completo;

1.5 *Cintura Escapular*: clavículas direita e esquerda, escápulas direita e esquerda fragmentadas;

1.6 *Membros Superiores*: úmeros direito e esquerdo, rádio esquerdo e ulnas direita e esquerda;

1.7 *Mãos*: carpos – escafoíde esquerdo, semilunares direito e esquerdo, piramidais direito e esquerdo, pisiformes direito e esquerdo, trapézios direito e esquerdo, trapezóide esquerdo, capitados direito e esquerdo, hamatos direito e esquerdo, metacarpos – 1º, 2º, 3º, 4º e 5º direitos e esquerdos, falanges – a primeira e quatro proximais, quatro mediais e cinco distais do lado direito, a primeira e quatro proximais, quatro mediais e cinco distais do lado esquerdo;

1.8 *Cintura Pélvica*: osso coxal direito inteiro e esquerdo fragmentado;

1.9 *Membros Inferiores*: tíbia esquerda e fíbula direita;

1.10 *Pés*: tarsos – calcâneos direito e esquerdo, astrágalos direito e esquerdo, naviculares direito e esquerdo, cubóides direito e esquerdo, 1º, 2º, 3º cuneiformes direitos e esquerdos, metatarsos – 1º ao 5º direitos, e 2º ao 5º esquerdos, falanges – 1^{as} falanges proximais direita e esquerda, mais oito proximais, quatro mediais e duas distais;

1.11 *Ossos Não Identificados* : não;

2. Análise Osteológica:

2.1 *Idade*: 18 a 19 anos, pelo grau de união das epífises dos ossos longos e coxais (enterramento 15); 22 a 25 anos pelas características das faces articulares dos ossos longos, das vértebras, dos pés e das mãos (enterramento 15A);

2.2 *Sexo*: masculino, pelo tamanho e morfologia dos ossos disponíveis, principalmente o osso coxal (enterramento 15); masculino pelo tamanho e morfologia dos ossos disponíveis, principalmente o osso coxal (enterramento 15A);

2.3 *Fraturas*: não;

2.4 *Paleopatologia*: 1ª e 5ª vértebras lombares com achatamento do corpo, 12ª vértebra dorsal com achatamento do corpo, spina bífida no sacro, fusão de vértebras do cóccix, três falanges distais de mão com as extremidades distais irregulares, seis falanges proximais com as extremidades distais irregulares (assimétricas), uma falange distal com evidências de perfuração seguida de processo inflamatório, calcâneos direito e esquerdo com eburnação (enterramento 15); mesoesterno com perfuração, spina bífida no sacro (completa), vértebras dorsais lombares com acentuado processo degenerativo (enterramento 15A);

2.5 *Linhas de Harris*: tíbia esquerda com duas linhas, sendo uma na porção distal entre 1 e 2 anos e outra na porção proximal entre 13 e 14 anos (enterramento 15A);

2.6 *Facetas Suplementares da tíbia*: não;

2.7 *Degeneração das Superfícies Articulares* :

Enterramento 15

(a) Têmporo-mandibular: nob;

(b) Coluna Vertebral: cervicais – duas com grau zero, sete dorsais com grau 0-1 (processos vertebrais) e cinco lombares com grau 0-1 (processos vertebrais);

(c) Articulações Metacarpo-Falangeanas: metacarpos – 1º ao 5º esquerdos com grau zero, 2º ao 5º direitos com grau zero, falanges – 1^{as} proximais direita e esquerda com grau 0-1, duas proximais direitas com grau 1 e duas proximais direitas com grau zero, duas proximais esquerdas com grau 1, duas proximais esquerdas com grau zero, três mediais esquerdas e três direitas com grau zero, 1ª distal esquerda com grau zero, uma distal esquerda com grau zero e duas indeterminadas com grau zero;

(d) Articulações Metatarso-Falangeanas: metatarsos – 3º ao 5º esquerdos com grau 0-1, 4º e 5º direitos com grau 0-1, falanges – quatro proximais direitas com grau 0-1 e quatro esquerdas com

grau 0-1, cinco mediais indeterminadas com grau 0-1, 1^{as} distais direita e esquerda com grau 1 e três distais com grau 0-1;

(e) Superfícies Articulares dos Ossos Longos, Clavícula, Patela e Calcâneo: úmero esquerdo proximal e distal com grau zero, rádio esquerdo proximal e distal com grau 0, rádio direito – nob, ulna esquerda proximal e distal com grau zero, fêmur esquerdo proximal e distal com grau zero;

Enterramento 15A

(a) Têmporo-mandibular: nob;

(b) Coluna Vertebral: cervicais – atlas e axis com grau 0-1, dez dorsais com grau 1 e a 12^a com grau 2-3, lombares – 1^a com grau 3-4, 2^a e 3^a com grau 1, 4^a e 5^a com grau 1-2;

(c) Articulações Metacarpo-Falangeanas: metacarpos – 1^o ao 5^o direitos e esquerdos com grau 0-1, falanges – cinco proximais direitas e esquerdas com grau 0-1, quatro mediais direitas e esquerdas com grau zero, cinco distais esquerdas e direitas com grau zero;

(d) Articulações Metatarso-Falangeanas: metatarsos – 2^o e 3^o esquerdos com grau 1-2, 4^o e 5^o esquerdos com grau 2-3, 1^o e 4^o direitos com grau 1, 2^o e 3^o direitos com grau 1-2 e 5^o direito com grau 2-3, falanges – 1^a proximal esquerda com grau 0-1, 1^a proximal direita com grau 2, oito proximais com grau 0-1, quatro mediais com grau zero, 1^{as} distais direita e esquerda com grau 2;

(e) Superfícies Articulares dos Ossos Longos, Clavícula, Patela e Calcâneo: úmeros direito e esquerdo proximal e distal com grau zero, ulnas direita e esquerda proximal e distal com grau zero, rádio esquerdo proximal e distal com grau zero, tíbia esquerda proximal e distal com grau zero, clavículas direita e esquerda mediais e distais com grau zero, patelas direita e esquerda com grau zero;

3. Análise Dentária :

Enterramento 15A

3.1 *Dentes Presentes*: ICDSup, ILDSup, CDSup, PM1DSup, ICESup, ILESup, CESup, ICDInf, ILDDInf, CDInf, PM1DInf, PM2DInf, M1DInf e ILEInf;

3.2 *Cáries*: não;

3.3 *Hipoplasia*: não;

3.4 *Abrasão Dentária*: ICDSup – grau 2, desgaste plano, face oclusal, ILDSup – grau 2, desgaste plano, face oclusal, CDSup – grau 3, desgaste disto-mesial, face oclusal, PM1DSup – grau 2, desgaste plano, face oclusal, ICESup – grau 2, desgaste plano, face oclusal, ILESup – grau 2,

desgaste plano, face oclusal, CESup – grau 1, desgaste plano, face oclusal, ICDInf – grau 1, desgaste plano, face oclusal, ILDInf – grau 2, desgaste plano, face oclusal, CDInf – grau 1, desgaste plano, face oclusal, PM1DInf – grau 1, desgaste plano, face oclusal, PM2DInf – grau 1, desgaste plano, face oclusal, M1DInf – grau 0-1, desgaste plano, face oclusal e ILEInf – grau 1, desgaste plano, face oclusal;

3.5 *Doença Periodontal*: não;

3.6 *Cálculo Lingual*: ICDInf – pequeno, ILDInf – grande e ILEInf – pequeno;

3.7 *Cálculo Vestibular*: ILDSup – pequeno, ICESup – pequeno, ICDInf – médio, ILDInf – grande e CDInf – pequeno;

3.8 *Abcessos Alveolares*: não;

3.9 *Perda Ante-Mortem*: não;

4. Observações Gerais: os ossos apresentam, em geral, a coloração amarela forte com manchas acinzentadas esparsas devido à presença de fogueira associada ao ritual. Alguns ossos de pés, crânio e de membros superiores e inferiores possuem sinais de calcinação, cuja coloração varia do amarelo avermelhado ao branco neutro (Figuras 159 e 160).

ESTRUTURA FUNERÁRIA 16 – Enterramento 16

1. Inventário dos Ossos:

1.1 *Crânio*: vinte fragmentos de frontal, parietais direito e esquerdo, temporais direito e esquerdo, occipital, órbita, maxila direita e mandíbula completamente calcinados com coloração variando entre o marrom escuro e o branco neutro com evidência de craquelê;

1.2 *Coluna vertebral*: áxis, duas vértebras cervicais entre a 3^a e 7^a, duas dorsais e duas lombares, além de um fragmento de sacro. Há muitos fragmentos calcinados e pequenos de corpos e processos vertebrais (marrom avermelhado ao branco neutro);

1.3 *Costelas*: três inteiras e trinta fragmentos calcinados (marrom avermelhado ao branco neutro);

1.4 *Esterno*: completo (manúbrio, mesoesterno e processo xifóide);

1.5 *Cintura Escapular*: um escápula esquerda inteira e fragmentos calcinados de escápulas e clavículas (branco neutro);

1.6 *Membros Superiores*: úmero esquerdo inteiro com resquícios de pele e um fragmento do direito, ulna direita e vinte e cinco fragmentos calcinados de úmero, rádio e ulna (marrom escuro e branco neutro);

1.7 *Mãos*: carpos – escafoíde esquerdo, semilunar direito, trapézio direito e capitato esquerdo, doze fragmentos de metacarpos e falanges calcinados (cinza escuro e branco neutro);

1.8 *Cintura Pélvica*: nob;

1.9 *Membros Inferiores*: um fragmento de epífise distal de fêmur de lado indeterminado, um fragmento de diáfise de tibia com craquelê, fibula direita inteira com resquícios de pele, além de trinta fragmentos calcinados (cinza escuro e branco neutro);

1.10 *Pés*: tarsos – calcâneo esquerdo inteiro, astrágalo direito, um fragmento de navicular direito, metatarsos – 3º direito, falanges – 1ª proximal esquerda, duas mediais de lados indeterminado, 1ª distal esquerda e uma de lado indeterminado, e oito fragmentos calcinados (amarelo avermelhado e cinza escuro);

1.11 *Ossos Não Identificados* : há aproximadamente quatrocentos pequenos fragmentos ósseos e dentários calcinados com coloração variando entre o amarelo escuro e branco neutro;

2. Análise Osteológica:

2.1 *Idade*: 40 a 45 anos, com base na observação da degeneração das superfícies articulares e grau de desgaste dentário;

2.2 *Sexo*: masculino, pela observação do tamanho e morfologia dos ossos disponíveis;

2.3 *Fraturas*: uma costela do lado esquerdo;

2.4 *Paleopatologia*: osteofitose vertebral (cervicais, dorsais e lombares), anormalidade no fechamento dos arcos neurais do sacro (tipo spina bífida), áxis com apófise pontiaguda (cortante) e desgaste na face articular com o atlas, mesoesterno e processo xifóide completamente fusionados e ossificados, calcâneo esquerdo com projeção óssea, alargamento e irregularidade da extremidade articular da costela com o esterno (não compatível com a idade do indivíduo), uma falange distal de pé bipartida na extremidade distal;

2.5 *Linhas de Harris*: nob;

2.6 *Facetas Suplementares da tibia*: nob;

2.7 *Degeneração das Superfícies Articulares*:

(a) Têmpero-mandibular: nob;

(b) Coluna Vertebral: cervicais – áxis com grau 2, duas cervicais entre a 3^a e a 7^a com grau 2, dorsais – duas com grau 2, lombares – uma com grau 2-3 e uma com grau 3;

(c) Articulações Metacarpo-Falangeanas: metacarpos – nob, falanges – nob;

(d) Articulações Metatarso-Falangeanas: metatarsos – 3^o direito com grau 1, falanges – 1^a proximal esquerda com grau 1-2, duas mediais com grau 1-2, 1^a distal esquerda com grau 1-2 e uma com grau 1;

(e) Superfícies Articulares dos Ossos Longos, Clavícula, Patela e Calcâneo: úmero esquerdo proximal – nob e distal com grau 1, fíbula direita proximal com grau 1 e distal com grau 2, calcâneo esquerdo com grau 3, astrágalo direito com grau 1;

3. Análise Dentária:

3.1 *Dentes Presentes*: ICDSup, CDSup, PM2DSup, CESup, CDInf, PM1DInf, PM2DInf, M1DInf, M2DInf, M3DInf, ICEInf, PM2EInf e M2EInf ;

3.2 *Cáries*: CDSup – uma pequena (0,2cm), face mesial, PM2DInf – uma média (0,5cm), face distal, M3DInf – uma média (0,5 cm), face mesial e PM2EInf – uma média (0,5cm), face distal e uma pequena (0,2cm), face mesial;

3.3 *Hipoplasia*: não;

3.4 *Abrusão Dentária*: ICDSup – grau 3, desgaste plano, face oclusal, CDSup – grau 3, desgaste plano, face oclusal, PM2DSup – grau 2, desgaste plano, face oclusal, CESup – grau 3, desgaste plano, face oclusal, CDInf – grau 3, desgaste plano, face oclusal, PM1DInf – grau 3, desgaste vestibular -lingual, face oclusal, PM2DInf – grau 2, desgaste plano, face oclusal, M1DInf – grau 2, desgaste plano, face oclusal, M2DInf – grau 2, desgaste plano, face oclusal, M3DInf – grau 2, desgaste plano, face oclusal, ICEInf – grau 4, desgaste plano, face oclusal, PM2EInf – grau 2-3, desgaste plano, face oclusal e M2EInf – grau 2, desgaste plano, face oclusal;

3.5 *Doença Periodontal*: não;

3.6 *Cálculo Lingual*: CDSup – pequeno, PM2DSup – pequeno, CESup – pequeno, CDInf – pequeno, PM1DInf – pequeno, M2DInf – pequeno e M2EInf – pequeno;

3.7 *Cálculo Vestibular*: ICDSup – pequeno, CDSup – grande, PM2DSup – pequeno, CESup – médio, CDInf – grande, M2DInf – pequeno e M2EInf – pequeno;

3.8 *Abcessos Alveolares*: não;

3.9 *Perda Ante-Mortem*: não;

4. Observações Gerais: consideramos este enterramento como o mais cremado de todos, em função da grande quantidade de pequenos fragmentos calcinados a diferentes temperaturas, predominando pequenas porções ósseas de coloração branca com craquelê (Figuras 161 e 162).

ESTRUTURA FUNERÁRIA 17 – Enterramentos 17, 17A e 17 B

1. Inventário dos Ossos:

Enterramento 17

1.1 *Crânio*: quinze fragmentos de frontal, parietais direito e esquerdo, temporais direito e esquerdo e occipital calcinados (cinza escuro e preto neutro), maxila e mandíbula com dentes;

1.2 *Coluna vertebral*: atlas, áxis, duas vértebras cervicais entre a 3ª e 7ª e três fragmentos calcinados, cinco dorsais inteiras e quatro fragmentos calcinados, cinco lombares inteiras, sacro fragmentado;

1.3 *Costelas*: seis inteiras e vinte e sete fragmentos;

1.4 *Esterno*: inteiro;

1.5 *Cintura Escapular*: fragmentos de escápula esquerda;

1.6 *Membros Superiores*: úmero, rádio e ulna direitos e esquerdos fragmentados;

1.7 *Mãos*: carpos – semilunar esquerdo, piramidal direito, pisiformes esquerdo e direito, capitato esquerdo fragmentado, metacarpos – 1º, 3º, 4º e 5º esquerdos, 1º, 3º e 5º direitos, falanges – três proximais esquerdas, quatro mediais esquerdas e uma distal esquerda;

1.8 *Cintura Pélvica*: ossos coxais direito e esquerdo fragmentados;

1.9 *Membros Inferiores*: fêmures e fíbulas direitos e esquerdos fragmentados;

1.10 *Pés*: tarsos – calcâneos direito e esquerdo fragmentados, astrágalo esquerdo inteiro e direito fragmentado, cubóide esquerdo e direito inteiros, naviculares esquerdo e direito fragmentados, 1º cuneiforme esquerdo inteiro, 2º e 3º esquerdos fragmentados, 1º, 2º e 3º cuneiformes direitos inteiros, metatarsos – 1º, 2º, 4º e 5º esquerdos inteiros, 1º, 3º e 4º direitos inteiros e 2º e 5º direitos fragmentados, falanges – 1^{as} proximais direita e esquerda, quatro proximais esquerdas e quatro direitas, uma medial direita, uma distal esquerda e duas direitas;

1.11 *Ossos Não Identificados* : cinquenta e três fragmentos pequenos e calcinados do marrom avermelhado ao cinza escuro;

Enterramento 17A

- 1.1 *Crânio*: um fragmento de parietal, três fragmentos de occipital calcinados (cinza escuro) e mandíbula com dentes;
- 1.2 *Coluna vertebral*: um eixo, uma vértebra dorsal e três lombares;
- 1.3 *Costelas*: sete fragmentos;
- 1.4 *Esterno*: inteiro;
- 1.5 *Cintura Escapular*: clavícula direita, escápula esquerda e um fragmento da direita;
- 1.6 *Membros Superiores*: nob;
- 1.7 *Mãos*: carpos – pisiforme esquerdo, metacarpos – 5º esquerdo, falanges – uma proximal indeterminada, duas mediais esquerdas e uma direita, uma distal esquerda;
- 1.8 *Cintura Pélvica*: nob;
- 1.9 *Membros Inferiores*: nob;
- 1.10 *Pés*: tarsos – calcâneos direito e esquerdo, cubóides esquerdo e direito inteiros, naviculares esquerdo e direito, 1º, 2º e 3º cuneiformes esquerdos e direitos, metatarsos – 1º ao 5º direitos e 2º ao 5º esquerdos, falanges – 1ª proximal direita, quatro proximais direitas e três esquerdas, seis mediais de lado indeterminado e três distais direitas;
- 1.11 *Ossos Não Identificados* : oito fragmentos calcinados de tamanho médio, possivelmente de ossos longos inferiores (marrom avermelhado ao branco neutro);

Enterramento 17B

- 1.1 *Crânio*: oito fragmentos de parietais, occipitais e um de maxila direita sem dentes;
- 1.2 *Coluna vertebral*: nob;
- 1.3 *Costelas*: quatro fragmentos;
- 1.4 *Esterno*: um fragmento;
- 1.5 *Cintura Escapular*: um fragmento de escápula esquerda;
- 1.6 *Membros Superiores*: nob;
- 1.7 *Mãos*: três falanges;
- 1.8 *Cintura Pélvica*: um ílio direito;
- 1.9 *Membros Inferiores*: nob;
- 1.10 *Pés*: cinco tarsos, sendo um calcâneo direito e três falanges;
- 1.11 *Ossos Não Identificados*: nob;

2. Análise Osteológica:

2.1 *Idade*: 30 a 40 anos, com base na observação da degeneração das superfícies articulares e na dentição (enterramento 17); 25 a 26 anos, com base na observação da degeneração das superfícies articulares, grau de união da epífise medial da clavícula direita e da dentição (enterramento 17A); 5,5 a 6,5 anos com base no tamanho e morfologia dos ossos disponíveis (enterramento 17B);

2.2 *Sexo*: masculino, pela observação da morfologia e tamanho da mandíbula e demais ossos do esqueleto pós-craniano, especialmente os coxais (enterramento 17); feminino, pela observação da morfologia e tamanho da mandíbula e demais ossos do esqueleto pós-craniano, especialmente os coxais (enterramento 17A); indeterminado (enterramento 17B);

2.3 *Fraturas*: nob;

2.4 *Paleopatologia*: uma falange proximal e uma medial de pé fusionadas, anormalidade no fechamento dos arcos neurais do sacro (tipo spina bífida), duas falanges proximais de pé com a extremidade distal assimétrica, uma falange proximal de pé degenerada na extremidade proximal, 1ª falange distal de pé com acentuada degeneração (enterramento 17), clavícula direita com projeção óssea na porção inferior do lado medial, duas falanges proximais de pé com a extremidade assimétrica, um esterno fusionado (manúbrio e mesoesterno) de forma anormal (enterramento 17A);

2.5 *Linhas de Harris*: nob;

2.6 *Facetas Suplementares da tibia*: nob;

2.7 *Degeneração das Superfícies Articulares*:

Enterramento 17

(a) Têmporo-mandibular: côndilos mandibulares direito e esquerdo com grau zero, cavidade glenóide – nob;

(b) Coluna Vertebral: cervicais – atlas, áxis e duas com grau 1, dorsais – duas com grau 1 e três com grau 1-2, lombares – cinco com grau 1-2;

(c) Articulações Metacarpo-Falangeanas: metacarpos – 1º, 3º e 5º direitos com grau zero, 1º, 3º, 4º e 5º esquerdos com grau zero, falanges – três proximais esquerdas com grau zero, quatro mediais esquerdas com grau zero, uma distal esquerda com grau zero;

(d) Articulações Metatarso-Falangeanas: metatarsos – 1º direito com grau 1, 3º e 4º direitos com grau 0-1, 1º esquerdo com grau 1, 2º, 4º e 5º esquerdos com grau 0-1, falanges – 1ª proximal direita com grau 1, uma proximal direita com grau 1 e três com grau 0-1, 1ª proximal esquerda

com grau 1, quatro proximais esquerdas com grau 0-1, uma com grau zero, duas distais direitas com grau zero e uma esquerda com grau zero;

(e) Superfícies Articulares dos Ossos Longos, Clavícula, Patela e Calcâneo: úmero esquerdo proximal – nob e distal com grau zero, rádio direito proximal e distal com grau zero, rádio esquerdo proximal com grau zero e distal com grau 0-1, ulna esquerda proximal com grau 1 e distal com grau zero, calcâneo direito com grau zero e esquerdo com grau 1, patela direita com grau 2-3;

Enterramento 17A

(a) Têmporo-mandibular: côndilos mandibulares direito e esquerdo com grau 1, cavidade glenóide – nob;

(b) Coluna Vertebral: cervicais – nob, dorsais – uma com grau 0-1, lombares – três com grau 0-1;

(c) Articulações Metacarpo-Falangeanas: metacarpos – 5º esquerdo com grau zero, falanges – três mediais com grau zero, uma distal com grau zero;

(d) Articulações Metatarso-Falangeanas: metatarsos – 1º ao 5º direitos com grau zero, 3º ao 5º esquerdos com grau zero, falanges – três proximais esquerdas com grau zero, cinco direitas com grau zero, seis mediais com grau zero, três distais direitas com grau zero;

(e) Superfícies Articulares dos Ossos Longos, Clavícula, Patela e Calcâneo: calcâneo esquerdo e direito com grau zero, patela esquerda com grau zero;

3. Análise Dentária:

Enterramento 17

3.1 *Dentes Presentes*: ICDSup, ILDSup, CDSup, PM1DSup, ICESup, ILESup, CESup, PM1ESup, PM2ESup, ICDInf, ILDDInf, CDInf, PM1DInf, M1DInf, M2DInf, ILEInf, CEInf, PM1EInf, PM2EInf e M1EInf;

3.2 *Cáries*: CDSup – uma pequena (0,2cm), face distal, ILESup – uma pequena (0,2cm), face mesial, CESup – uma pequena (0,2 cm), face distal, PM1ESup – uma pequena (0,2cm), face mesial, M1DInf – uma pequena (0,2cm), face distal e PM1EInf – uma média (0,5cm), face distal;

3.3 *Hipoplasia*: não;

3.4 *Abrasão Dentária*: ICDSup – grau 2-3, desgaste plano, face oclusal, ILDSup – grau 2-3, desgaste lingual, face oclusal, CDSup – grau 2-3, desgaste meso-distal, face oclusal, PM1DSup – grau 2, desgaste lingual-vestibular, face oclusal, ICESup – grau 3, desgaste plano, face oclusal, ILESup – grau 3, desgaste lingual-vestibular, face oclusal, CESup – grau 2-3, desgaste lingual-vestibular, face oclusal, PM1ESup – grau 2-3, desgaste lingual-vestibular, face oclusal, PM2ESup – grau 3, desgaste lingual-vestibular, face oclusal, ICDInf – grau 4, desgaste plano, face oclusal, ILDInf – grau 4, desgaste plano, face oclusal, CDInf – grau 2, desgaste disto-mesial, face oclusal, PM1DInf – grau 2, desgaste plano, face oclusal, M1DInf – grau 3, desgaste plano, face oclusal, M2DInf – grau 2-3, desgaste meso-distal, face oclusal, ILEInf – grau 3-4, desgaste plano, face oclusal, CEInf – grau 2-3, desgaste disto-mesial, face oclusal, PM1EInf – grau 2-3, desgaste disto-mesial, face oclusal, PM2EInf – grau 2-3, desgaste disto-mesial, face oclusal e M1EInf – grau 3, desgaste disto-mesial, face oclusal;

3.5 *Doença Periodontal*: severa em ambos os lados;

3.6 *Cálculo Lingual*: ICDSup – pequeno, ILDSup – pequeno, CDSup – pequeno, CDInf – pequeno, PM1DInf – pequeno e M1DInf – pequeno;

3.7 *Cálculo Vestibular*: M1DInf – pequeno, PM1EInf – pequeno e M1EInf – pequeno;

3.8 *Abcessos Alveolares*: ICDInf – um pequeno, face vestibular;

3.9 *Perda Ante-Mortem*: M1ESup, M2ESup, PM2DInf e M2EInf;

Enterramento 17A

3.1 *Dentes Presentes*: PM1DInf, PM2DInf, M1DInf, M2DInf, M3DInf, PM1EInf, M1EInf, M2EInf e M3EInf;

3.2 *Cáries*: nob;

3.3 *Hipoplasia*: não;

3.4 *Abrasão Dentária*: PM1DInf – grau 1, desgaste plano, face oclusal, PM2DInf – grau 1-2, desgaste plano, face oclusal, M1DInf – grau 2, desgaste plano, face oclusal, M2DInf – grau 2, desgaste plano, face oclusal, M3DInf – grau 1, desgaste plano, face oclusal, PM1EInf – grau 1, desgaste plano, face oclusal, M1EInf – grau 2, desgaste plano, face oclusal, M2EInf – grau 2, desgaste plano, face oclusal e M3EInf – grau 1, desgaste plano, face oclusal;

3.5 *Doença Periodontal*: não;

3.6 *Cálculo Lingual*: não;

3.7 *Cálculo Vestibular*: não;

3.8 *Abcessos Alveolares*: não;

3.9 *Perda Ante-Mortem*: não;

4. Observações Gerais: os enterramentos 17, 17A e 17B foram extremamente perturbados pela ação de animais que danificaram demasiadamente as covas dos mesmos. Além disso, os ossos encontram-se muito fragilizados pela ação do fogo, já que uma fogueira foi feita sobre a cova dos mesmos, muitos deles transformaram-se em pequenos fragmentos impossíveis de serem identificados anatomicamente. Sua coloração varia entre o amarelo claro e escuro com manchas acinzentadas (Figura 163) .

ESTRUTURA FUNERÁRIA 18 – Enterramentos: 18, 18A e 18B

1. Inventário dos Ossos:

Enterramento 18

1.1 *Crânio*: três fragmentos de frontal e parietais, maxila com dentes soltos e mandíbula com dentes *in situ*;

1.2 *Coluna vertebral*: atlas, áxis, quatro vértebras cervicais entre a 3ª e 7ª, doze dorsais inteiras, cinco lombares e sacro inteiro;

1.3 *Costelas*: dezesseis fragmentos do lado esquerdo, quinze do lado direito e cinco indeterminados;

1.4 *Esterno*: dois fragmentos;

1.5 *Cintura Escapular*: clavícula direita, escápulas direita e esquerda;

1.6 *Membros Superiores*: úmeros direito e esquerdo inteiros, rádio e ulna direitos e esquerdos fragmentados;

1.7 *Mãos*: carpos – escafoídes direito e esquerdo, semilunares direito e esquerdo, piramidais direito e esquerdo, pisiformes direito e esquerdo, trapézios direito e esquerdo, trapezóides direito e esquerdo, capitatos direito e esquerdo, hamatos direito e esquerdo; metacarpos – 1º ao 5º direitos e esquerdos; falanges – quatro proximais esquerdas e cinco direitas, quatro mediais esquerdas e quatro direitas, quatro distais esquerdas e quatro direitas;

1.8 *Cintura Pélvica*: ossos coxais direito e esquerdo fragmentados;

1.9 *Membros Inferiores*: fêmures e tíbias direitos e esquerdos, fibulas direita fragmentada e esquerda inteira;

1.10 *Pés*: tarsos – calcâneos direito e esquerdo, astrágalos esquerdo e direito, cubóides esquerdo e direito, naviculares esquerdo e direito, 1º, 2º e 3º cuneiformes direitos e o 2º cuneiforme esquerdo, metatarsos – 1º ao 5º direitos e esquerdos, falanges – 1^{as} proximais direita e esquerda, sete proximais, cinco mediais, a 1ª distal e mais duas de lados indeterminados;

1.11 *Ossos Não Identificados* : nob;

Enterramento 18A

1.1 *Crânio*: seis fragmentos de frontal, parietais e mandíbula com dentes;

1.2 *Coluna vertebral*: atlas fragmentado, áxis, duas vértebras cervicais entre a 3ª e 7ª, oito dorsais inteiras, cinco lombares e sacro um fragmento;

1.3 *Costelas*: cinquenta e seis pequenos fragmentos;

1.4 *Esterno*: dois fragmentos;

1.5 *Cintura Escapular*: clavícula direita e esquerda inteira, escápula esquerda inteira e direita fragmentada;

1.6 *Membros Superiores*: úmeros, rádios e ulnas direitos e esquerdos inteiros (sem as epífises unidas às diáfises) e sete fragmentos de epífises não unidas;

1.7 *Mãos*: carpos – escafóide esquerdo, semilunares direito e esquerdo, trapezóide esquerdo, capitato esquerdo, hamatos direito e esquerdo, metacarpos – 1º e 5º direitos, 1º, 2º, 3º e 5º esquerdos; falanges – cinco proximais esquerdas e cinco direitas, cinco mediais esquerdas e duas direitas, duas distais direitas (nove epífises não unidas do lado esquerdo e oito do lado direito);

1.8 *Cintura Pélvica*: ossos coxais direito e esquerdo fragmentados;

1.9 *Membros Inferiores*: fêmures, tíbias e fibulas direitas e esquerdas fragmentados e sete epífises não unidas;

1.10 *Pés*: tarsos – calcâneos e astrágalo direitos, 1ºcuneiforme esquerdo, metatarsos – 1º ao 5º direitos sem as epífises e 5º esquerdo, falanges – duas proximais direitas e uma esquerda, duas mediais direitas;

1.11 *Ossos Não Identificados* : nob;

Enterramento 18B

- 1.1 *Crânio*: um fragmento de occipital e mandíbula;
- 1.2 *Coluna vertebral*: quatro vértebras cervicais entre a 3ª e 7ª e cinco fragmentos de processos, quatro dorsais inteiras, três fragmentadas e oito fragmentos de processos, três vértebras sacrais;
- 1.3 *Costelas*: três inteiras e onze fragmentos;
- 1.4 *Esterno*: nob;
- 1.5 *Cintura Escapular*: uma clavícula esquerda e um fragmento da direita, uma escápula esquerda e dois fragmentos da direita;
- 1.6 *Membros Superiores*: seis fragmentos de epífises não unidas de úmeros, raios e ulnas direitas e esquerdas;
- 1.7 *Mãos*: três carpos e uma falange;
- 1.8 *Cintura Pélvica*: ílio esquerdo inteiro;
- 1.9 *Membros Inferiores*: oito fragmentos de epífises não unidas de fêmures, tíbias e fíbulas direitos e esquerdos;
- 1.10 *Pés*: tarsos – calcâneos direito e esquerdo e quatro falanges;
- 1.11 *Ossos Não Identificados* : nob;

2. Análise Osteológica:

- 2.1 *Idade*: 25 a 30 anos, com base na observação da sínfise pubiana, dentição e união recente dos ossos coxais (enterramento 18); 12 a 13 anos pelo grau de união das epífises do esqueleto apendicular, dentição, tamanho e morfologia dos ossos longos (enterramento 18A); 3,5 a 4,5 anos, pela tamanho e morfologia dos ossos disponíveis (enterramento 18B);
- 2.2 *Sexo*: feminino, com base nos ossos coxais, tamanho e morfologia dos ossos disponíveis; indeterminado (enterramentos 18A e 18B);
- 2.3 *Fraturas*: não;
- 2.4 *Paleopatologia*: anormalidade no fechamento dos arcos neurais do sacro tipo spina bífida (enterramentos 18, 18A e 18B); 1ª falange proximal de pés com eburnação na porção superior da extremidade proximal, 1ª distal de pé com processo degenerativo acentuado na extremidade distal, lombares com achatamento lateral direito acentuado do corpo, criando um declive de cerca de 0,5 cm da porção dorsal em relação à ventral, leve achatamento das vértebras dorsais com pontos de eburnação iniciais nas articulações dos processos (enterramentos 18);

2.5 *Linhas de Harris*: nob;

2.6 *Facetas Suplementares da tibia*: nob;

2.7 *Degeneração das Superfícies Articulares*:

Enterramentos 18

(a) Têmporo-mandibular: côndilos mandibulares direito e esquerdo com grau 1, cavidade glenóide – nob;

(b) Coluna Vertebral: cervicais – seis com grau 1, dorsais – doze com grau 0-1, lombares – cinco com grau 1-2;

(c) Articulações Metacarpo-Falangeanas: metacarpos – 1º ao 5º direitos com grau zero, 1º, 2º, 3º e 5º esquerdos com grau zero, falanges – quatro proximais esquerdas e cinco direitas com grau zero, quatro mediais esquerdas e cinco direitas com grau zero, quatro distais esquerdas e quatro direitas com grau zero;

(d) Articulações Metatarso-Falangeanas: metatarsos – 1º ao 5º esquerdos e direitos com grau zero, falanges – 1^{as} proximais esquerda e direita com grau 1-2, sete proximais com grau zero, cinco mediais com grau zero, 1ª distal esquerda com grau 1-2 e duas com grau zero;

(e) Superfícies Articulares dos Ossos Longos, Clavícula, Patela e Calcâneo: úmeros direito e esquerdo proximais e distais com grau zero, rádios direito e esquerdo proximais e distais com grau zero, ulnas direita e esquerda proximais e distais com grau zero, fêmures direito e esquerdo proximais e distais com grau zero, tíbias direita e esquerda proximais e distais com grau zero, fibulas direita e esquerda proximais e distais com grau zero, clavícula direita medial e distal com grau zero, calcâneos direito e esquerdo com grau zero;

3. Análise Dentária:

Enterramento 18

3.1 *Dentes Presentes*: ICDSup, ILDSup, CDSup, PM1DSup, ICESup, ILESup, CESup, PM1ESup, ICDInf, ILDInf, CDInf, PM1DInf, PM2DInf, M2DInf, M3DInf, ICEInf, ILEInf, CEInf, PM1EInf, PM2EInf, M1EInf, M21EInf e M3EInf;

3.2 *Cáries*: M3DInf – uma pequena (0,2cm), face oclusal, M1EInf – uma pequena (0,2cm), face oclusal;

3.3 *Hipoplasia*: não;

3.4 *Abrasão Dentária*: ICDSup – grau 1-2, desgaste plano, face oclusal, ILDSup – grau 1-2, desgaste plano, face oclusal, CDSup – grau 1-2, desgaste plano, face oclusal, PM1DSup – grau 1-2, desgaste plano, face oclusal, ICESup – grau 1-2, desgaste plano, face oclusal, ILESup – grau 2, desgaste plano, face oclusal, CESup – grau 1-2, desgaste plano, face oclusal, PM1ESup – grau 2, desgaste plano, face oclusal, ICDInf – grau 1, desgaste plano, face oclusal, ILDInf – grau 1, desgaste plano, face oclusal, CDInf – grau 1, desgaste plano, face oclusal, PM1DInf – grau 1, desgaste plano, face oclusal, PM2DInf – grau 1, desgaste plano, face oclusal, M2DInf – grau 2, desgaste plano, face oclusal, M3DInf – grau 1, desgaste plano, face oclusal, CEInf – grau 1, desgaste plano, face oclusal, ILEInf – grau 1, desgaste plano, face oclusal, CEInf – grau 1, desgaste plano, face oclusal, PM1EInf – grau 1, desgaste plano, face oclusal, PM2EInf – grau 1, desgaste plano, face oclusal, M1EInf – grau 2, desgaste plano, face oclusal, M2EInf – grau 2, desgaste plano, face oclusal e M3EInf – grau 1, desgaste plano, face oclusal;

3.5 *Doença Periodontal*: não;

3.6 *Cálculo Lingual*: ILESup – pequeno, ICDInf – grande, ILDInf – grande, CDInf – pequeno, PM2DInf – pequeno, M2DInf – pequeno, M3DInf – pequeno, ICEInf – médio, ILEInf – grande, CEInf – médio, PM1EInf – médio, PM2EInf – pequeno, M1EInf – pequeno, M2EInf – pequeno e M3EInf – pequeno;

3.7 *Cálculo Vestibular*: ILDSup – grande, CDSup – pequeno, PM1DSup – pequeno, ICESup – pequeno, ILESup – grande, CESup – pequeno, PM1ESup – pequeno, ICDInf – grande, ILDInf – pequeno, CDInf – pequeno, PM2DInf – pequeno, ICEInf – pequeno, ILEInf – pequeno, CEInf – pequeno, PM1EInf – pequeno e M1EInf – pequeno;

3.8 *Abcessos Alveolares*: não;

3.9 *Perda Ante-Mortem*: não;

Enterramento 18A

3.1 *Dentes Presentes*: ICDSup, CDSup, PM2DSup, ICESup, ILESup, CESup, PM1ESup, PM2ESup, M2ESup, ICDInf, ILDInf, CDInf, PM1DInf, PM2DInf, M1DInf, M2DInf, ICEInf, ILEInf, CEInf, PM1EInf, PM2EInf, M1EInf e M2EInf;

3.2 *Cáries*: M1DInf – uma pequena (0,2cm), face oclusal e M2DInf – uma pequena (0,2cm), face oclusal;

3.3 *Hipoplasia*: não;

3.4 *Abrasão Dentária*: CDSup, PM2DSup, CESup, PM1ESup, PM2ESup, M2ESup, CDInf, PM1DInf, PM2DInf, CEInf, PM1EInf e PM2EInf – grau zero, ICDSup, ICESup, ILESup, ILDInf, M2DInf, M2EInf e ICDSup – grau 0-1, desgaste plano, face oclusal, ICDInf, M1DInf, ICEInf, ILEInf, M1EInf e ILDSup – grau 1, desgaste plano, face oclusal;

3.5 *Doença Periodontal*: não;

3.6 *Cálculo Lingual*: ICDInf – pequeno, ILDInf – grande, ICEInf – grande e ILEInf – grande;

3.7 *Cálculo Vestibular*: ILESup – pequeno, ICDInf – pequeno, ILDInf – pequeno, ICEInf – grande e ILEInf – grande;

3.8 *Abcessos Alveolares*: não;

3.9 *Perda Ante-Mortem*: não;

Enterramento 18B

3.1 *Dentes Presentes (decíduos)* : ICDInf, CDInf, M1DInf, M2DInf, CEInf, M1EInf e M2EInf;

3.2 *Cáries*: não;

3.3 *Hipoplasia*: não;

3.4 *Abrasão Dentária*: M2EInf – grau 2, desgaste plano, face oclusal;

3.5 *Doença Periodontal*: não;

3.6 *Cálculo Lingual*: M2EInf – pequeno;

3.7 *Cálculo Vestibular*: M2EInf – pequeno;

3.8 *Abcessos Alveolares*: não;

3.9 *Perda Ante-Mortem*: não;

4. Observações Gerais: Os ossos apresentam coloração amarela clara e escura (Figuras 164 e 165) .

ESTRUTURA FUNERÁRIA 19 – Enterramentos: 19 e 19A

Enterramento 19

1. Inventário dos Ossos:

1.1 *Crânio*: fragmentos de frontal, parietais direito e esquerdo, temporais direito e esquerdo, occipital, maxila e mandíbula;

- 1.2 *Coluna vertebral*: atlas, áxis e quatro vértebras cervicais entre a 3^a e 7^a, uma dorsal, quatro lombares e sacro fragmentado;
- 1.3 *Costelas*: dez inteiras;
- 1.4 *Esterno*: nob;
- 1.5 *Cintura Escapular*: clavícula direita e esquerda fragmentadas, escápula esquerda fragmentada; 1.6 *Membros Superiores*: nob;
- 1.7 *Mãos*: carpos – piramidal esquerdo e hamato esquerdo, metacarpos – três fragmentos de lado indeterminado, falanges – cinco proximais, quatro mediais e duas distais esquerdas;
- 1.8 *Cintura Pélvica*: ossos coxais direito e esquerdo fragmentado;
- 1.9 *Membros Inferiores*: fêmur esquerdo inteiro e direito fragmentado, tíbia e fíbula esquerdas fragmentadas;
- 1.10 *Pés*: tarsos – calcâneo, astrágalo, cubóide, navicular e 1^o, 2^o e 3^o cuneiformes do lado esquerdo, metatarsos – 1^o e 4^o inteiros, 2^o, 3^o e 5^o fragmentados, todos do lado esquerdo, falanges – 1^a proximal e mais quatro proximais do lado esquerdo;
- 1.11 *Ossos Não Identificados* : dois fragmentos não identificados. O fogo não atingiu igualmente todo o esqueleto, sendo que algumas porções foram mais alteradas que outras.

Enterramento 19A

1. Inventário dos Ossos:

- 1.1 *Crânio*: fragmentos de frontal, parietais direito e esquerdo, temporais direito e esquerdo, occipital, maxila e mandíbula;
- 1.2 *Coluna vertebral*: atlas, áxis e quatro vértebras cervicais entre a 3^a e 7^a, cinco dorsais inteiras e seis fragmentadas, dois fragmentos de corpos de vértebras lombares;
- 1.3 *Costelas*: cinquenta e sete fragmentos;
- 1.4 *Esterno*: inteiro;
- 1.5 *Cintura Escapular*: clavícula direita, escápula direita e esquerda fragmentadas;
- 1.6 *Membros Superiores*: úmeros, rádios e ulnas direitos e esquerdos inteiros;
- 1.7 *Mãos*: carpos – escafóides direito e esquerdo, semilunares direito e esquerdo, piramidais direito e esquerdo, pisiformes direito e esquerdo, trapézios direito e esquerdo, trapezóides direito e esquerdo, capitatos direitos e esquerdos, hamato direito, metacarpos – 1^o ao 5^o direitos e

esquerdos, falanges – três proximais esquerdas e duas direitas, uma medial direita, duas distais esquerdas;

1.8 *Cintura Pélvica*: fragmentos de ossos coxais direitos e esquerdos;

1.9 *Membros Inferiores*: tíbia e fíbula direitas;

1.10 *Pés*: tarsos – calcâneo, astrágalo, cubóide, navicular e 1º, 2º e 3º cuneiformes do lado direito e 2º cuneiforme do lado esquerdo, metatarsos – 1º ao 5º direitos, falanges – 1ª proximal direita, mais três proximais direitas e uma distal direita;

1.11 *Ossos Não Identificados* : vinte fragmentos de ossos longos calcinados (amarelo avermelhado com manchas escuras).

2. Análise Osteológica:

2.1 *Idade*: 22 a 24 anos, pela fase sinfisiária do púbis direito, articulações e desgaste dentário (enterramento 19); 17 a 18 anos com base no grau de união recente das epífises de ossos longos e osso coxal (enterramento 19A);

2.3 *Fraturas*: sétima vértebra cervical com pequena fissura (enterramento 19);

2.4 *Paleopatologia*: leve achatamento de quatro vertebrae lombares, anormalidade no fechamento dos arcos neurais do sacro tipo spina bífida (enterramento 19);

2.5 *Linhas de Harris*: não;

2.6 *Facetas Suplementares da tíbia*: não;

2.7 *Degeneração das Superfícies Articulares*:

(a) Têmporo-mandibular: côndilos mandibulares direito e esquerdo com grau zero (enterramentos 19 e 19A);

(b) Coluna Vertebral: cervicais – átlas, áxis e quatro com grau 1, dorsais – uma com grau 1, lombares – quatro com grau 1 (enterramento 19); cervicais – seis com grau zero, dorsais – cinco com grau zero, lombares – nob (enterramento 19A);

(c) Articulações Metacarpo-Falangeanas: metacarpos – nob, falanges – cinco proximais, quatro mediais e duas distais esquerdas com grau zero (enterramento 19); metacarpos – 1º ao 5º direitos e esquerdos com grau zero, falanges – três proximais esquerdas e duas direitas com grau zero, uma medial direita com grau zero, duas distais esquerdas com grau zero (enterramento 19A);

(d) Articulações Metatarso-Falangeanas: metatarsos – 1º e 4º esquerdos com grau zero, falanges – 1ª proximal esquerda com grau 0, quatro proximais esquerdas com grau zero (enterramento 19);

metatarsos – 1º ao 5º direitos com grau zero, falanges – 1ª proximal direita com grau 0, três proximais direitas com grau zero e uma distal direita com grau zero (enterramento 19A);

(e) Superfícies Articulares dos Ossos Longos, Clavícula, Patela e Calcâneo: clavículas direita e esquerda medial e distal com grau zero, fêmur direito distal e proximal com grau zero, tibia esquerda proximal e distal com grau zero, fibula esquerda proximal e distal com grau zero, patela esquerda com grau zero, calcâneo esquerdo com grau zero, astrágalo esquerdo com grau zero (enterramento 19); úmeros, raios e ulnas direitos e esquerdos proximais e distais com grau zero, tibia e fibula direitas proximais e distais com grau zero, patela direita com grau zero, calcâneo e astrágalo direitos com grau zero (enterramento 19A);

3. Análise Dentária:

Enterramento 19

3.1 *Dentes Presentes*: ICDSup, ILDSup, CDSup, PM1DSup, PM2DSup, M1DSup, M2DSup, CESup, PM1ESup, PM2ESup, M1ESup, M2ESup, M3ESup, ILDInf, CDInf, PM1DInf, PM2DInf, M1DInf, M2DInf, M3DInf, ICEInf, CEInf, PM1EInf, PM2EInf, M1EInf, M2EInf e M3EInf;

3.2 *Cáries*: não;

3.3 *Hipoplasia*: não;

3.4 *Abrasão Dentária*: ICDSup – grau 1, desgaste plano, face oclusal, ILDSup – grau 1, desgaste plano, face oclusal, CDSup – grau 1, desgaste plano, face oclusal, PM1DSup – grau 1, desgaste plano, face oclusal, PM2DSup – grau 1, desgaste plano, face oclusal, M1DSup – grau 2, desgaste plano, face oclusal, M2DSup – grau 1, desgaste plano, face oclusal, CESup – grau 1, desgaste plano, face oclusal, PM1ESup – grau 1, desgaste plano, face oclusal, PM2ESup – grau 1, desgaste plano, face oclusal, M1ESup – grau 1, desgaste plano, face oclusal, M2ESup – grau 2, desgaste plano, face oclusal, M3ESup – grau 1, desgaste plano, face oclusal, ILDInf – grau 1, desgaste plano, face oclusal, CDInf – grau 1, desgaste plano, face oclusal, PM1DInf – grau 1, desgaste plano, face oclusal, PM2DInf – grau 1, desgaste plano, face oclusal, M1DInf – grau 2, desgaste plano, face oclusal, M2DInf – grau 1, desgaste plano, face oclusal, M3DInf – grau 1, desgaste plano, face oclusal, ICEInf – grau 1-2, desgaste plano, face oclusal, CEInf – grau 1, desgaste plano, face oclusal, PM1EInf – grau 1, desgaste plano, face oclusal, PM2EInf – grau 1,

desgaste plano, face oclusal, M1EInf – grau 2, desgaste plano, face oclusal, M2EInf – grau 2, desgaste plano, face oclusal e M3EInf – grau 1, desgaste plano, face oclusal;

3.5 *Doença Periodontal*: não;

3.6 *Cálculo Lingual*: PM1ESup – pequeno, PM2ESup – pequeno, M1ESup – pequeno, M2ESup – pequeno, M3ESup – pequeno, ILDInf – pequeno, CDInf – pequeno, PM1DInf – pequeno, CEInf – pequeno, PM1EInf – pequeno, PM2EInf – pequeno e M1EInf – pequeno;

3.7 *Cálculo Vestibular*: ICEInf – pequeno e PM1EInf – pequeno;

3.8 *Abcessos Alveolares*: não;

3.9 *Perda Ante-Mortem*: não;

Enterramento 19A

3.1 *Dentes Presentes*: ICDSup, ILDSup, CDSup, PM1DSup, PM2DSup, M1DSup, M2DSup, ILESup, CESup, PM1ESup, M1ESup, M2ESup, ICDInf, CDInf, PM1DInf, PM2DInf, M1DInf, M2DInf, ILEInf, CEInf, PM1EInf, PM2EInf, M1EInf e M2EInf;

3.2 *Cáries*: não;

3.3 *Hipoplasia*: não;

3.4 *Abrasão Dentária*: ICDSup – grau 1, desgaste plano, face oclusal, ILDSup – grau 1, desgaste plano, face oclusal, CDSup – grau 1, desgaste plano, face oclusal, PM1DSup – grau 1, desgaste plano, face oclusal, PM2DSup – grau 2, desgaste plano, face oclusal, M1DSup – grau 2, desgaste plano, face oclusal, M2DSup – grau 2, desgaste plano, face oclusal, ILESup – grau 1, desgaste plano, face oclusal, CESup – grau 1, desgaste plano, face oclusal, PM1ESup – grau 1, desgaste plano, face oclusal, M1ESup – grau 2, desgaste plano, face oclusal, M2ESup – grau 2, desgaste plano, face oclusal, ICDInf – grau 1, desgaste plano, face oclusal, CDInf – nob, PM1DInf – nob, PM2DInf – grau 1, desgaste plano, face oclusal,, M1DInf – grau 2, desgaste plano, face oclusal, M2DInf – grau 2, desgaste plano, face oclusal, ILEInf – grau 1, desgaste plano, face oclusal, CEInf – nob, PM1EInf – grau 1, desgaste plano, face oclusal, PM2EInf – grau 1, desgaste plano, face oclusal, M1EInf – grau 2, desgaste plano, face oclusal e M2EInf – grau 2, desgaste plano, face oclusal;

3.5 *Doença Periodontal*: não;

3.6 *Cálculo Lingual*: não;

3.8 *Abcessos Alveolares*: não;

3.9 *Perda Ante-Mortem*: não;

4. Observações Gerais: os ossos apresentam, em geral, a coloração amarela avermelhada com manchas escuras, em decorrência da proximidade do fogo (Figura 166).

ESTRUTURA FUNERÁRIA 20 – Enterramento 20

1. Inventário dos Ossos:

1.1 *Crânio*: fragmentos de frontal, parietais direito e esquerdo, temporais direito e esquerdo, occipital, maxila e mandíbula;

1.2 *Coluna vertebral*: atlas, áxis e cinco vértebras cervicais entre a 3ª e 7ª, doze dorsais, uma lombar e sacro fragmentado;

1.3 *Costelas*: quarenta e um pequenos fragmentos calcinados;

1.4 *Esterno*: três fragmentos;

1.5 *Cintura Escapular*: fragmentos de clavículas direita e esquerda e de escápulas direita e esquerda;

1.6 *Membros Superiores*: úmero esquerdo inteiro e direito fragmentado, rádio e ulna direitos e esquerdos fragmentados;

1.7 *Mãos*: metacarpos – 2º direito;

1.8 *Cintura Pélvica*: não;

1.9 *Membros Inferiores*: fêmures direito e esquerdo fragmentados, tíbia direita e fíbula esquerda fragmentada;

1.10 *Pés*: tarsos – um fragmento de calcâneo esquerdo, 1º cuneiforme direito;

1.11 *Ossos Não Identificados*: oitenta e quatro fragmentos calcinados;

2. Análise Osteológica:

2.1 *Idade*: 30 a 40 anos, com base no grau de fechamento das suturas cranianas, de degeneração das superfícies articulares e de desgaste dentário;

2.2 *Sexo*: masculino, pelo tamanho e morfologia dos ossos disponíveis;

2.3 *Fraturas*: não;

2.4 *Paleopatologia*: duas vértebras dorsais fusionadas;

2.5 *Linhas de Harris*: nob;

2.6 *Facetas Suplementares da tibia*: não;

2.7 *Degeneração das Superfícies Articulares*:

(a) Têmporo-mandibular: côndilos mandibulares direito e esquerdo com grau 1, cavidade glenóide com grau 1;

(b) Coluna Vertebral: cervicais – sete com grau 1-2, dorsais – doze com grau 1, lombares – uma com grau 0-1;

(c) Articulações Metacarpo-Falangeanas: metacarpos – 2º direito com grau zero;

(d) Articulações Metatarso-Falangeanas: metatarsos – nob; falanges – nob;

(e) Superfícies Articulares dos Ossos Longos, Clavícula, Patela e Calcâneo: úmero esquerdo proximal e distal com grau 1, rádio direito proximal com grau 1, rádio esquerdo proximal com grau 1, fêmur direito proximal com grau 0-1, fêmur esquerdo distal com grau 0-1, tíbia direita proximal com grau 0-1, fibula esquerda distal com grau 0-1, demais extremidades não apresentaram condições para observação;

3. Análise Dentária:

3.1 *Dentes Presentes*: ICDSup, ILDSup, CDSup, PM1DSup (fragmentado pós-mortem), PM2DSup, M1DSup, M2DSup (fragmentado pós-mortem), M3DSup, ICESup (fragmentado pós-mortem), ILESup, CESup, PM1ESup, PM2Esup, M1ESup, M2ESup, M3ESup, CDInf, PM1DInf (fragmentado pós-mortem), PM2DInf, M1DInf, M2DInf, M3DInf, PM2EInf, M1EInf, M2EInf e M3EInf (ausência congênita);

3.2 *Cáries*: não;

3.3 *Hipoplasia*: não;

3.4 *Abrasão Dentária*: ICDSup – grau 3, desgaste lingual, ILDSup – grau 3, desgaste lingual, CDSup – grau 2, desgaste lingual, PM2DSup – grau 3, desgaste vestibular-lingual, face oclusal, M1DSup – grau 3-4, desgaste vestibular-lingual, face oclusal, M3DSup – grau 2, desgaste plano, face oclusal, ILESup – grau 2, desgaste lingual, face oclusal, CESup – grau 2, desgaste lingual, face oclusal, PM1ESup – grau 3, desgaste vestibular-lingual, face oclusal, PM2Esup – grau 3, desgaste vestibular-lingual, face oclusal, M1ESup – grau 3, desgaste vestibular-lingual, face oclusal, M2ESup – grau 2, desgaste vestibular-lingual, face oclusal, M3ESup – grau 1, desgaste plano, face oclusal, CDInf – grau 2, desgaste plano, face oclusal, PM2DInf – grau 2, desgaste

plano, face oclusal, M1DInf – grau 3, desgaste meso-distal, face oclusal, M2DInf – grau 2-3, desgaste lingual-vestibular, face oclusal, M3DInf – grau 1, desgaste plano, face oclusal, PM2EInf – grau 2, desgaste plano, face oclusal, M1EInf – grau 3, desgaste plano, face oclusal e M2EInf – grau 2-3, desgaste plano, face oclusal;

3.5 *Doença Periodontal*: leve na maxila e ausente na mandíbula;

3.6 *Cálculo Lingual*: M3DSup – pequeno;

3.7 *Cálculo Vestibular*: ICDSup – pequeno, ILDSup – pequeno, CDSup – pequeno, M3DSup – pequeno, PM1ESup – pequeno, PM2ESup – pequeno, M1ESup – pequeno e M2ESup – médio;

3.8 *Abcessos Alveolares*: não;

3.9 *Perda Ante-Mortem*: não;

4. Observações Gerais: os ossos apresentam, em geral, a coloração amarela clara esbranquiçada com manchas acinzentadas, em decorrência do fogo, que também os deixaram fragilizados e quebradiços (Figuras 167 e 168).

ESTRUTURA FUNERÁRIA 21 – Enterramentos: 21, 21A, 21B, 21C

1. Inventário dos Ossos:

Enterramento 21

1.1 *Crânio*: cinquenta e três fragmentos de frontal, parietais direito e esquerdo, temporais direito e esquerdo, occipital e mandíbula (sem dentes);

1.2 *Coluna vertebral*: áxis e duas cervicais inteiras entre a 3ª e 7ª e três fragmentos de corpos vertebrais, duas dorsais inteiras e dezesseis fragmentos de corpos e processos, doze fragmentos de corpos e processos de vértebras lombares e sacro com cóccix fusionado;

1.3 *Costelas*: três inteiras e sessenta e dois fragmentos calcinados;

1.4 *Esterno*: dois fragmentos;

1.5 *Cintura Escapular*: uma clavícula direita inteira e um fragmento da esquerda, escápulas direita e esquerda fragmentadas;

1.6 *Membros Superiores*: úmero esquerdo fragmentado e dois fragmentos de lado indeterminado, rádio um fragmento de diáfise de lado indeterminado, ulna direita fragmentada;

1.7 *Mãos*: carpos – escafóide e trapézio esquerdos; metacarpos – 4º direito inteiro e fragmentos do 1º, 2º, 3º e 5º direitos, 1º esquerdo inteiro e fragmentos do 2º e 5º esquerdos; falanges – dez proximais incluindo as duas primeiras, sete mediais e duas distais;

1.8 *Cintura Pélvica*: quinze fragmentos de ossos coxais direito e esquerdo;

1.9 *Membros Inferiores*: trinta e oito fragmentos calcinados de fêmures, tíbias e fíbulas esquerdos e direitos;

1.10 *Pés*: tarsos – calcâneo esquerdo fragmentado, fragmento de astrágalo, um cubóide direito, um fragmento de navicular, 1º e 3º cuneiformes do lado direito e fragmentos do esquerdo, metatarsos – fragmentos do 2º e 5º esquerdos, falanges - três proximais inteiras;

1.11 *Ossos Não Identificados* : cinquenta e dois fragmentos de ossos diversos (preto ao branco neutro);

Enterramento 21A

1.1 *Crânio*: doze fragmentos de frontal, parietal, occipital;

1.2 *Coluna vertebral*: duas cervicais inteiras entre a 3ª e 7ª, quatro dorsais e duas lombares;

1.3 *Costelas*: duas inteiras e dez fragmentos calcinados;

1.4 *Esterno*: não;

1.5 *Cintura Escapular*: clavículas direita e esquerda inteiras;

1.6 *Membros Superiores*: dezoito fragmentos de úmeros, rádios e ulnas esquerdos e direitos calcinados;

1.7 *Mãos*: carpos – dois carpos inteiros e duas falanges;

1.9 *Membros Inferiores*: dezessete fragmentos calcinados de fêmures, tíbias e fíbulas esquerdos e direitos;

1.10 *Pés*: tarsos – seis fragmentos, metatarsos – sete fragmentos não identificados, falanges - quatro indeterminadas;

1.11 *Ossos Não Identificados* : trinta e sete fragmentos de ossos diversos (marrom avermelhado e ao preto neutro);

Enterramento 21B

1.1 *Crânio*: dezesseis fragmentos de frontal, parietais direito e esquerdo, temporais direito e esquerdo, occipital e mandíbula (sem dentes);

- 1.2 *Coluna vertebral*: duas cervicais inteiras entre a 3ª e 7ª, quatro dorsais inteiras e um fragmento, duas lombares inteiras;
- 1.3 *Costelas*: quarenta e cinco fragmentos calcinados;
- 1.4 *Esterno*: não;
- 1.5 *Cintura Escapular*: clavículas direita e esquerda fragmentadas, escápula direita inteira;
- 1.6 *Membros Superiores*: úmeros e rádios direitos e esquerdos fragmentados e calcinados, ulna direita inteira;
- 1.7 *Mãos*: carpos – um fragmento de piramidal de lado indeterminado, metacarpos – dois fragmentos do 1º e do 5º de lado indeterminado, falanges – um fragmento de proximal, duas mediais inteiras e um fragmento;
- 1.8 *Cintura Pélvica*: fragmentos de ossos coxais direito e esquerdo calcinados;
- 1.9 *Membros Inferiores*: fíbulas direita inteira, com resquícios de pele, e esquerda fragmentada, dezenove fragmentos de fêmures e tíbias direitos e esquerdos;
- 1.10 *Pés*: tarsos – cubóide esquerdo e fragmentos do 2º cuneiforme esquerdo, metatarsos – três fragmentos de lado indeterminado, falanges – dois fragmentos de mediais;
- 1.11 *Ossos Não Identificados* : duzentos e sessenta fragmentos de ossos diversos (preto ao branco neutro);

Enterramento 21C

- 1.1 *Crânio*: vinte e sete fragmentos de frontal, parietais direito e esquerdo, temporais direito e esquerdo, occipital e mandíbula (sem dentes);
- 1.2 *Coluna vertebral*: vinte e um fragmentos de corpos e processos vertebrais diversos;
- 1.3 *Costelas*: dezesseis fragmentos calcinados;
- 1.4 *Esterno*: nob;
- 1.5 *Cintura Escapular*: nob;
- 1.6 *Membros Superiores*: ulna direita inteira e fragmentos de úmeros e rádios direitos e esquerdos;
- 1.7 *Mãos*: carpos – três fragmentos, metacarpos – nob, falanges – nob;
- 1.8 *Cintura Pélvica*: ílio direito e esquerdo inteiros, alguns fragmentos calcinados de ísquio e púbis;
- 1.9 *Membros Inferiores*: fêmures, tíbias e fíbulas esquerdos e direitos parcialmente calcinados;
- 1.10 *Pés*: tarsos – três fragmentos calcinados, metatarsos – nob, falanges – nob;

1.11 *Ossos Não Identificados* : vinte e três fragmentos de ossos diversos (preto ao branco neutro);

2. Análise Osteológica:

2.1 *Idade*: 30 a 35 anos, com base na observação da superfície articulares e demais características dos ossos disponíveis (enterramento 21); 3 a 5 anos com base no tamanho e morfologia dos ossos disponíveis (enterramento 21A); 14 a 15 anos com base no grau de união das epífises de ossos longos especialmente fíbula e ulna direitas inteiras (enterramento 21B); 0 a 1 ano com base no tamanho e morfologia dos ossos disponíveis (enterramento 21C);

2.2 *Sexo*: feminino, pela tamanho e morfologia dos ossos disponíveis (enterramento 21); indeterminado (enterramentos 21A, 21B e 21C);

2.3 *Fraturas*: possivelmente de cóccix fusionado ao sacro (enterramento 21);

2.4 *Paleopatologia*: anormalidade no fechamento dos arcos neurais do sacro (spina bífida) (enterramento 21);

2.5 *Linhas de Harris*: nob;

2.6 *Facetas Suplementares da tibia*: nob;

2.7 *Degeneração das Superfícies Articulares*:

Enterramento 21

(a) Têmporo-mandibular: nob;

(b) Coluna Vertebral: cervicais – áxis com grau 1, duas cervicais inteiras com grau 1-2 e um fragmento de corpo com grau 1, dorsais – uma inteira com grau 1-2, 11^a com grau 2 e seis fragmentos de corpos com grau 1;

(c) Articulações Metacarpo-Falangeanas: metacarpos e falanges – nob;

(d) Articulações Metatarso-Falangeanas: metatarsos e falanges – nob;

(e) Superfícies Articulares dos Ossos Longos, Clavícula, Patela e Calcâneo: clavícula direita com grau zero, patela fragmentada com grau zero, fragmento de tibia esquerda distal com grau 1, fíbula esquerda fragmentada com epífise distal com grau 1, calcâneo esquerdo com grau 1;

3. Análise Dentária: dentição calcinada sem possibilidade de análise;

4. Observações Gerais: Os ossos da estrutura 21 foram os mais perturbados por enterramentos posteriores e suas respectivas fogueiras, de tal forma que parte dos ossos desses enterramentos foi removida de seu local de deposição original, especialmente o adolescente.

ESTRUTURA FUNERÁRIA 22 – Enterramento 22

1. Inventário dos Ossos:

1.1 *Crânio:* grandes fragmentos de frontal, parietais direito e esquerdo, temporais direito e esquerdo, occipital, fragmentos da órbita, maxila e mandíbula;

1.2 *Coluna vertebral:* áxis, duas dorsais e duas lombares;

1.3 *Costelas:* duas inteiras e nove fragmentos;

1.4 *Esterno:* dois fragmentos;

1.5 *Cintura Escapular:* clavículas e escápulas direitas e esquerdas fragmentadas;

1.6 *Membros Superiores:* úmeros, rádios e ulnas direitos e esquerdos fragmentados;

1.7 *Mãos:* carpos – escafóide esquerdo, fragmento de capitato esquerdo, metacarpos – 1º inteiro e 5º fragmentado esquerdos, 1º e 3º fragmentados e 4º inteiro direitos, falanges – duas proximais e uma distal;

1.8 *Cintura Pélvica:* ossos coxais direito e esquerdo fragmentados;

1.9 *Membros Inferiores:* fêmures, tíbias e fíbulas direitos e esquerdos fragmentados, patela direita inteira e esquerda fragmentada;

1.10 *Pés:* tarsos – navicular esquerdo e 2º cuneiformes esquerdos fragmentados, metatarsos – 1º direito e esquerdo inteiros e 5º esquerdo fragmentado, falanges – 1ª proximal e uma entre a 2ª e 5ª esquerdas, uma proximal direita e duas de lado indeterminado, duas mediais direitas, uma distal direita e uma distal indeterminada;

1.11 *Ossos Não Identificados :* quinhentos e cinquenta e nove pequenos fragmentos calcinados e friáveis (amarelo claro com manchas escuras);

2. Análise Osteológica:

2.1 *Idade*: 25 a 35 anos, com base no grau de degeneração das superfícies articulares e grau de obliteração das suturas cranianas;

2.2 *Sexo*: masculino, com base no tamanho e morfologia dos ossos longos disponíveis, dos ossos coxais, especialmente pelo ângulo sub-pubiano e abertura do ciático, bem como pelas características da apófise mastóidea e mandíbula;

2.3 *Fraturas*: não;

2.4 *Paleopatologia*: duas falanges proximais de pé com deformidade na extremidade distal;

2.5 *Linhas de Harris*: nob;

2.6 *Facetas Suplementares da tibia*: não;

2.7 *Degeneração das Superfícies Articulares*:

(a) Têmporo-mandibular: nob;

(b) Coluna Vertebral: cervicais – uma com grau 1, dorsais – uma com grau 1-2, lombares – uma com grau 1;

(c) Articulações Metacarpo-Falangeanas: metacarpos – 1º e 5º esquerdo com grau 0-1, 1º, 3º e 4º direitos com grau zero, falanges – 2 proximais com grau 0-1, uma distal com grau 0-1;

(d) Articulações Metatarso-Falangeanas: metatarsos – 1º e 5º esquerdo com grau 0-1, 1º direito com grau 0-1, falanges – duas proximais esquerdas com grau 1, uma direita com grau zero e duas indeterminadas com grau zero, duas mediais direitas com grau 1, uma distal direita e uma distal indeterminada com grau 1;

(e) Superfícies Articulares dos Ossos Longos, Clavícula, Patela e Calcâneo: úmero esquerdo proximal com grau zero e distal com grau 1, ulna direita proximal com grau 1 e distal – nob, rádio esquerdo proximal nob e distal com grau 1, fêmures, tíbias e fibulas direitos e esquerdos proximais e distais com grau 0-1, patela direita com grau 1;

3. Análise Dentária: dentição aparentemente completa, mas sem possibilidade de análise, devido ao grau de fragmentação dos dentes em decorrência do fogo.

4. Observações Gerais: os ossos apresentam, em geral, a coloração amarela com manchas mais escuras, devido à proximidade do fogo

ESTRUTURA FUNERÁRIA 23 – Enterramento 23

1. Inventário dos Ossos:

- 1.1 *Crânio*: dez fragmentos de frontal, parietais direito e esquerdo, temporais direito e esquerdo, occipital e fragmentos da órbita;
- 1.2 *Coluna vertebral*: uma vértebra cervical entre a 3ª e 7ª, dez fragmentos de lombares;
- 1.3 *Costelas*: cinco inteiras e nove fragmentos;
- 1.4 *Esterno*: nob;
- 1.5 *Cintura Escapular*: três fragmentos de clavícula direita;
- 1.6 *Membros Superiores*: úmero esquerdo fragmentado e dois fragmentos de lado indeterminados, ulna esquerda fragmentada;
- 1.7 *Mãos*: carpos – semilunar, trapézio e capitato esquerdos, metacarpos – 4º direito e esquerdo, falanges – duas proximais;
- 1.8 *Cintura Pélvica*: vinte e dois fragmentos de ossos coxais direito e esquerdo;
- 1.9 *Membros Inferiores*: dois fragmentos de fêmur de lado indeterminado, dois fragmentos de epífise proximal de tíbia;
- 1.10 *Pés*: tarsos – astrágalo esquerdo, metatarsos – 2º e 4º esquerdos e 4º direito, falanges – uma proximal;
- 1.11 *Ossos Não Identificados* : seis fragmentos de ossos longos;

2. Análise Osteológica:

- 2.1 *Idade*: 30 a 35 anos, com base na observação das superfícies articulares das vértebras e dos ossos longos disponíveis;
- 2.2 *Sexo*: masculino, pela observação da morfologia dos ossos do crânio, dos ossos coxais e alguns ossos do esqueleto pós-craniano com acentuada muscularidade;
- 2.3 *Fraturas*: não;
- 2.4 *Paleopatologia*: nob;
- 2.5 *Linhas de Harris*: nob;
- 2.6 *Facetas Suplementares da tíbia*: nob;
- 2.7 *Degeneração das Superfícies Articulares*:
 - (a) Têmporo-mandibular: nob;

- (b) Coluna Vertebral: cervicais – uma com grau 1, lombares – nob;
- (c) Articulações Metacarpo-Falangeanas: metacarpos – 4º direito e esquerdo com grau 1, falanges – duas proximais com grau 0-1;
- (d) Articulações Metatarso-Falangeanas: metatarsos – 2º e 4º esquerdos com grau 1-2, 4º direito com grau 2, falanges – uma proximal com grau 1-2;
- (e) Superfícies Articulares dos Ossos Longos, Clavícula, Patela e Calcâneo: nob;

3. Análise Dentária: nob;

4. Observações Gerais: os ossos apresentam, em geral, a coloração amarela avermelhada com manchas acinzentadas, em decorrência da proximidade do fogo. Há ainda marcas de roedores, especialmente na clavícula direita fragmentada.

Ao longo deste capítulo, detalhamos do ponto de vista osteológico e dentário cada um dos indivíduos das estruturas funerárias do horizonte horticultor, com base nas variáveis previamente estabelecidas para este estudo. A fim de sintetizar os dados, foram elaboradas duas tabelas, considerando-se os indivíduos adultos e adolescentes, masculinos e femininos (Tabelas 3 e 4).

CONCLUSÃO

Na interpretação das evidências fornecidas pela investigação arqueológica é importante perceber suas limitações e apreciar a complexidade dos fatores envolvidos (THOMSON, 1939, p. 209 *apud* WILLS, 1979/80, p. 79).

O estudo dos rituais funerários e remanescentes ósseos humanos do horizonte horticultor da Gruta do Gentio II, município de Unai, Minas Gerais, dentro da perspectiva teórica da arqueologia de gênero, dos pós-processualismo e arqueologia cognitiva, forneceu novas pistas para a compreensão da relação entre homem, cultura e ambiente.

Dentro da nossa proposta inicial, apresentamos uma metodologia de análise para cada uma das categorias mais amplas de pesquisa, ou seja, rituais funerários e remanescentes ósseos e dentários humanos, em busca de vinculações (pistas) entre o registro arqueológico e a sociedade que o produziu. Obviamente, é inegável que existe uma distância muito grande entre eles, mas defendemos que uma análise minuciosa do contexto arqueológico pode revelar culturas, gêneros e indivíduos.

Primeiramente, o estudo dos rituais funerários entre os horticultores da Gruta do Gentio II teve como base uma série de variáveis prévia e cuidadosamente selecionadas para o trabalho em questão, a saber: (1) tipo de tratamento dado ao corpo (inumação e cremação), tipo de inumação (primário e secundário), tipo de enterramento primário e secundário (simples, duplo e múltiplo), e cremação (**A**ntes da **D**ecomposição dos **T**ecidos **M**oles – ADTM e **P**ós-**D**ecomposição dos **T**ecidos **M**oles – PDTM), (2) posição do corpo, (3) orientação, (4) direção da face, (5) características da cova, (6) distribuição temporal, (7) distribuição espacial, (8) acompanhamento funerário, subdividido em (a) instrumentos de uso doméstico: vasilhames (cabaça e cerâmica) e implementos (batedores, moedores, polidores, bigornas, mão de pilão, raspadores, furadores, agulhas), (b) instrumentos de uso não doméstico: pontas de flecha, de lança, lâminas de machado, (c) objetos de uso pessoal (colares, pingentes, plumária, pulseiras, tembetás), (d) tecelagem, trançados de

palha e couro (tecidos, faixas, cordéis, peles, redes e esteiras), (e) instrumentos de sonorização (zunidores), (f) materiais *In Natura* associados (vegetais diversos, insetos, coprólitos e pigmentos), (g) animais domésticos e (9) estruturas associadas (fogueiras).

Todos os indivíduos recebiam um tratamento cuidadoso e à semelhança do ritual Bororo descrito ao longo desta tese, inúmeras manifestações de dor, desespero e tristeza certamente faziam parte do processo. Infelizmente, resta-nos muito pouco do universo simbólico relacionado ao contexto mortuário, especialmente da relação entre significante e significado.

Foi possível perceber que a grande maioria dos indivíduos, independentemente de sexo e idade, começavam a ser preparados para o ritual funerário logo após a sua morte, pois estavam depositados na cova funerária com os membros superiores e especialmente os inferiores fortemente flexionados, cuja fixação da posição exige forte amarração antes do início do processo de rigidez cadavérica.

A cadeia operatória ritual inicia-se, então, tão logo a morte tenha sido constatada. Primeiramente, era necessário preparar o corpo e é neste momento que começam a surgir as primeiras diferenciações relacionadas ao papéis sociais (gêneros), possivelmente desempenhados *in vivo*.

Aos indivíduos femininos, alguns adolescentes e algumas crianças estão vinculados inúmeros objetos de uso pessoal claramente diferentes daqueles relacionados aos homens adultos, adolescentes ou idosos, a saber: as contas de sementes de gramíneas em forma de colares (enterramento 11) ou pulseiras (enterramento 18 e 18A), os pingentes de bivalves de água doce, colares de sementes maiores de espécie não identificada (enterramentos 10 e 12), contas discoidais em gastrópodes e bivalves (enterramento 11), pingentes líticos variados (enterramentos 9, 11 e 14A), tecidos e cordéis de algodão (enterramento 2).

Com os indivíduos masculinos, adultos jovens e maduros, e algumas raras crianças foi recorrente a associação com o couro (enterramentos 1, 3, 7, 8, 16, 21C), os cordéis de

fibras vegetais resistentes (enterramentos 7 e 8), pingentes de sementes grandes (espécie não identificada) perfuradas e com cordel, cuja forma externa assemelha-se a semente ou castanha do caju, e os adornos labiais ou tembetás (enterramentos 2A, 3, 7, 15A e 16), com forma relativamente homogênea, a exceção daquele associado ao indivíduo 7.

Em relação aos demais objetos de uso pessoal durante o processo de preparação do corpo, acrescentamos que as penas e os pigmentos vermelhos estão vinculados aos indivíduos de ambos os sexos e de diferentes faixas etárias, podendo haver uma tendência maior dos pigmentos estarem associados aos homens e às crianças, e as penas mais às mulheres.

A posição socialmente preferida era a de decúbito dorsal (enterramentos 1, 2 e 3) ou lateral (enterramentos 4, 10, 11, 12), mas sempre com os membros inferiores fortemente fletidos. Parece-nos, contudo, que há uma tendência do corpo das mulheres a ser preparado de tal forma que os membros superiores fiquem semi-fletidos, ao contrário dos corpos dos homens mortos, que eram extremamente amarrados e hiperflexionados, exigindo muita força no processo de amarração do corpo inerte.

Finalizando a preparação do corpo em si, os homens eram depositados em fardos de couro com bordas arredondadas, com perfurações ovaladas, transpassadas por cordéis espessos e resistentes, feitos de fibras vegetais não identificadas, cuja função parece estar relacionada não só à proteção do corpo, mas à dinamização do transporte até o local de deposição final do corpo. Várias porções semelhantes entre si de couro, possivelmente de cervídeos, parcialmente sem pêlos, com estas características foram coletadas junto a enterramentos masculinos, destacando-se aquele do enterramento 3, cuja ilustração já foi ressaltada ao longo deste trabalho.

No caso das mulheres e possivelmente crianças, a proteção do corpo era feita por esteiras aparentemente confeccionadas dentro do mesmo padrão de trançado em diagonal ou V, a partir de fibras de folhas de palmáceas, possivelmente de buriti (*Mauritia vinifera*), com acabamento lateral para evitar o desfiamento da peça.

Tanto o fardo de couro quanto a esteira podem ser peças especialmente preparadas para a ocasião, mas parece-nos mais provável que tais objetos fizessem parte do cotidiano desses indivíduos, que estando com eles em vida com eles iriam até a morte. Há inúmeros exemplos entre grupos indígenas brasileiros dentre os quais tal fato é recorrente como já citamos ao longo do capítulo teórico sobre rituais funerários (cf. RODRIGUES, *op.cit.*).

O transporte do morto até o local de deposição simbolicamente escolhido não deveria ser fácil, não só do ponto de vista emocional, quanto pelo dispêndio de energia. Parece provável, então, que o local de assentamento do grupo fosse próximo daquele de enterro, cuja confirmação depende de uma maior investigação das circunvizinhanças da Gruta do Gentio II e pesquisas arqueológicas mais profundas que permitam tais vinculações.

Ao chegarem ao local de deposição definitiva do morto, novas etapas da cadeia operatória têm início. Contudo, é importante ressaltar que estamos convictos que a Gruta do Gentio não era um local de moradia para o mesmo grupo que lá enterrava seus mortos, pois inúmeros fatores relacionados ao local em si, às covas funerárias propriamente ditas e ao contexto funerário conduziram a tal afirmação.

No que tange às dimensões espaciais da Gruta, consideramos o local muito pequeno para a instalação de um grupo eminentemente horticultor como veremos *a posteriori* na síntese biarqueológica desta população.

Sobre as covas funerárias é importante destacar que elas eram relativamente profundas, com algumas chegando a 130 cm de profundidade. Neste processo de abertura do local de deposição do morto, muitos vestígios de ocupações mais antigas eram inevitavelmente misturados, obviamente pertencentes ao horizonte caçador-coletor, que está relacionado a três camadas ocupacionais mais espessas do sítio. Estudando minuciosamente as fichas de campo e enterramentos, ficou evidente que tudo que diz respeito ao contexto cultural horticultor está vinculado às áreas de cova e o que outrora foi coletado em áreas próximas, são decorrentes de processos tafonômicos de diferentes

ordens, tais como: desmoramentos naturais, comuns em grutas de formação calcária, durante e entre etapas de escavação, sumidouros subterrâneos, ação de animais, além de fatores antrópicos relacionados às próprias populações pré-históricas, bem como viajantes e visitantes de tempos históricos mais recentes.

Dando continuidade ao entendimento da cadeia operatória dos rituais funerários da Gruta do Gentio II, percebemos o quanto a abertura das covas alterava as características deposicionais do local. Por outro lado, no entanto, ficou bem claro que as estruturas funerárias apresentam-se inter-relacionadas entre si, formando conjuntos dentro do espaço interno da Gruta do Gentio II. O local da deposição do morto não parece ser aleatoriamente escolhido, podendo estar relacionado a grupos familiares, principalmente porque as estruturas funerárias ocupam espaços bem definidos em cinco conjuntos mortuários distintos, podendo ou não estar vinculados a períodos de tempo distintos (vide Figura 33).

Assim, consideramos cinco conjuntos funerários culturalmente definidos, *a priori* sem vinculações temporais, a saber: **Conjunto 1** - Estruturas Funerárias 1 (Enterramento 1), 2 (Enterramentos 2, 2A e 2B), 3 (Enterramento 3) e 13 (Enterramentos 13, 13A e 13B), **Conjunto 2** - Estruturas Funerárias 11 (Enterramentos 11, 11A, 11B e 11C), 14 (Enterramentos 14, 14A e 14B), 15 (Enterramentos 15 e 15A), 16 (Enterramento 16), 17 (Enterramentos 17, 17A e 17B) e 18 (Enterramentos 18, 18A e 18B), **Conjunto 3** - Estruturas Funerárias 10 (Enterramento 10), 12 (Enterramento 12), 19 (Enterramentos 19 e 19A), 20 (Enterramento 20), 21 (Enterramentos 21, 21A, 21B e 21C), 22 (Enterramento 22) e 23 (Enterramento 23), **Conjunto 4** - 4 (Enterramento 4), 5 (Enterramentos 5 e 5A) e 6 (Enterramentos 6, 6A, 6B e 6C) e **Conjunto 5** - 7 (Enterramento 7), 8 (Enterramento 8) e 9 (Enterramentos 9, 9A, 9B, 9C e 9D).

A abertura das covas parece, então, ter sido cuidadosa em termos de distribuição espacial, mas não em relação às dimensões de profundidade. Ao ser concluída, apresentando geralmente a forma elíptica, toda ela era forrada por um conglomerado de folhas variadas, gravetos, cascas de árvores, gavinhas, sementes e fibras vegetais. Certamente, cada elemento ou pelo menos alguns deles deveriam possuir um significado

(plantas medicinais, aromáticas, etc), mas infelizmente não temos como saber. Tal cuidado na preparação da parte interna da cova, antes de depositar o morto, parece demonstrar acima de qualquer coisa o respeito com o ente querido por parte de seus familiares e com a pessoa social ali representada, por parte da sociedade da qual pertencia. “A morte não é simplesmente uma transição física, mas muito mais o início de um evento social” (DAMM, 1991, p.130).

O morto, envolto por sua esteira ou fardo de couro, era, então, depositado cuidadosamente na cova sobre o que podemos denominar de uma “cama de vegetais”. Sua posição em relação à cova e à gruta parece não ter sido aleatória também, de tal forma que foram sempre depositados com o eixo do corpo posicionado da direção norte/sul ou sul/norte tanto para homens quanto para mulheres adolescentes, adultos jovens e maduros. Não consideramos nenhuma distinção forte em relação a esta variável.

Após ser colocado na cova, era depositada junto ao corpo uma série de objetos, que subdivididos, com base em RIBEIRO (1988), em categorias de instrumentos de uso doméstico (vasilhames - cabaça e cerâmica e implementos – objetos para raspar, cortar, quebrar, furar, para tecer, etc, para uso dentro da unidade básica residencial) e de uso não doméstico (pontas de flechas e de lança, machados, para atividades fora da unidade residencial), entre outras já descritas e interpretadas acima. Para estas também observamos uma distinção clara entre homens e mulheres.

As cabaças encontradas na Gruta do Gentio II, sempre em contexto funerário, foram estudadas por BIRD (1981), que identificou duas espécies, a saber: a *Lagenaria siceraria* e a *Crescentia cujete*. A primeira corresponde a um tipo com paredes mais espessas e resistentes (0,8cm), comumente encontrada com um tipo de resina impermeabilizante na superfície interna, previamente polida, com bordas intencionalmente arredondadas e alisadas provavelmente para servir como vasilhame. A segunda, a uma espécie com paredes mais finas e frágeis, apresentava-se sem evidências de uso como vasilhame, apenas como um objeto de adorno, muitas vezes perfurados na borda, alças e com decoração externa com

resina e penas. Ambas as espécies estão exclusivamente associadas aos enterramentos femininos e sempre depositadas junto aos membros superiores e ao crânio.

Da mesma forma, a cerâmica também está unicamente relacionada ao contexto funerário feminino, cujas bordas encontradas deram pistas da tecnologia de produção cerâmica dessa população horticultora. Corresponde em sua maioria a vasilhames pequenos com bordas levemente extrovertidas, com queima redutora e excelente resistência mecânica (enterramentos 2, 6, 9, 11, 13 e 14A). Destaca-se o vasilhame cerâmico fragmentado aparentando a forma de uma lucerna ou lamparina, depositado junto ao crânio do adulto feminino da Estrutura 9, que apresenta um “bico” alongado com brilho e escurecimento externo, aparentemente relacionados à combustão de alguma substância, possivelmente oleosa, associada ao uso contínuo da peça.

Acrescente-se ainda um fragmento de borda cerâmica, encontrado junto ao enterramento 6, muito diferente dos demais, correspondendo a um vasilhame de 54 cm de diâmetro, parede espessa, tempero de areia fina e cariapé, superfícies interna e externa polidas, com carena na superfície externa sobre a qual há uma faixa regular de 1,5 cm que poderia ser de algum tipo de pintura, embora nada mais tenha restado dela.

Dentro da categoria implementos de uso doméstico, observamos que eles estão presentes tanto no contexto funerário feminino quanto no masculino, tanto aqueles confeccionados em matéria-prima lítica quanto aqueles feitos em osso animal. São batedores, bigornas, raspadeiras, artefatos plano-convexos líticos, além de espátulas e furadores de ossos longos de animais. Dois objetos devem ser destacados, uma raspadeira lítica com preparação para encabamento encontrada junto ao enterramento 2 e uma mão de pilão fragmentada ao meio, ao que tudo indica por ocasião da morte da mulher (enterramento 12) a quem pertencia, já que uma porção da peça foi cuidadosamente depositada em paralelo ao úmero esquerdo e a outra junto ao occipital.

A propósito da fragmentação de objetos possivelmente de uso pessoal e contínuo por ocasião da morte do indivíduo, podemos dizer que além do caso do indivíduo 12, temos

possivelmente os exemplos dos tembetás associados aos indivíduos 3 e 7 e das agulhas de tecelagem depositadas junto aos enterramentos 11, 12, 13 e 14 cujas peças também foram cuidadosamente quebradas antes de serem depositadas junto ao corpo do morto. Simbolicamente, parece que o rompimento que a morte traz para o corpo também deve ser consubstanciado no aparato funerário individual, nas peças mais especiais, únicas, pois não são todos os objetos que são “quebrados” antes de serem depositados na cova ou durante a preparação do corpo.

Destacam-se ainda alguns implementos feitos em hastes finas de madeira muito resistente e polida, extremamente semelhantes ao instrumental utilizado por algumas tribos indígenas brasileiras para as atividades de tecelagem (cf. RIBEIRO, *ibid.*). Estes, por sua vez, foram exclusivamente encontrados associados a alguns indivíduos femininos (enterramentos 11, 12, 13 e 14), podendo indicar a vinculação da atividade de tecelagem ao universo feminino, uma vez que os vestígios de tecidos e cordéis de algodão estão também predominantemente relacionados aos enterramentos de mulheres.

Dois indivíduos femininos (enterramentos 9 e 12) e um masculino (enterramento 7) apresentam um elemento incomum, intencionalmente depositado junto a seus corpos — pequenos animais, possivelmente domesticados e pertencentes ao indivíduo enquanto vivo. POHL (1991) acentua que existe uma vinculação forte entre animais e seres humanos, especialmente com relação às mulheres, sugerindo que elas domesticavam animais da mesma forma que “domesticavam” seus filhos, referindo-se ao seu estudo de caso sobre domesticação de animais em perspectiva de gênero a partir de mulheres maias da América Central, no período entre 1000 A.C. e 250-400 D.C.

Observamos ainda que entre os indivíduos femininos eram também depositadas espigas de milho, sementes de amendoim e uma espécie de raiz tuberosa (xilopódio) não identificada, especialmente junto ao crânio e aos membros superiores, não observadas entre adultos masculinos, crianças e adolescentes.

Após a deposição do corpo na cova e dos objetos relacionados ao morto, possivelmente pertencentes ao próprio indivíduo, o local era parcialmente coberto com sedimento e principalmente com folhas de palmáceas inteiras. Em seguida, uma fogueira era feita seja diretamente sobre a cova ou justaposta a ela. Muitas vezes, mais próxima dos membros superiores que de outras partes do corpo. A concomitância entre o ritual e as fogueiras da Gruta do Gentio pode ser atestada com base não só em relação à estratigrafia do local, mas também nos próprios remanescentes ósseos. Todos os indivíduos de todas as estruturas apresentam graus variados de cremação e grande parte dos ossos possui sinais de queima (craquelê) ainda em presença dos tecidos moles.

As fogueiras aparentemente eram de média a longa duração e sua composição variada parece indicar que o ritual também o era. Evidências de material ósseo de animais de pequeno porte, tais como peixes, répteis, roedores, além de restos de sementes e vegetais diversos podem indicar que estavam relacionadas à própria dinâmica do rito funerário ou serviam para alimentar aqueles que participavam de todas as etapas desse rito de passagem. Acrescente-se ainda que as fogueiras ainda poderiam desempenhar um papel prático no que diz respeito à aceleração do processo de decomposição dos corpos, evitando a intromissão de animais carniceiros noturnos.

Muitas estruturas funerárias eram reutilizadas não só para adultos, mas também para crianças, cuja deposição está eminentemente vinculada à presença feminina, parece-nos que algumas estruturas como a 2, 6, 9, 11, 13, 14, 17, 18 e 21 certamente comprovam isto. Foram reutilizadas várias vezes para crianças e alguns adultos ao longo do tempo, tendo sido observadas uma sucessão de intervenções estratigráficas no local e sobreposições de fogueiras num mesmo ponto. Segundo HIGHAM (2002), os enterramentos agrupados podem refletir consangüinidade ou algum tipo de afiliação cultural.

Quanto à pessoa social simbolizada, acreditamos que alguns adultos jovens e maduros e determinadas crianças desempenharam um papel importante nessa sociedade horticultora. Dentre elas, podemos destacar o caso do enterramento 12, uma mulher mais velha, com mais de 50 anos e do enterramento 11, uma mulher jovem, com 19 anos, que

apesar de ocuparem dois extremos do ciclo de vida de uma pessoa parece que desempenharam papéis sociais importantes dentro do grupo ao qual pertenciam. A quantidade, qualidade e variedade dos seus aparatos funerários podem atestar tal *status* diferenciado.

Aos corpos são gradualmente dados específicas formas culturais; a manipulação do corpo, sua preparação para o uso de ornamentos específicos e a adoção de elementos corporais diferenciados são pontos centrais na seqüência dos ciclos de rituais da vida que produzem homens e mulheres adultas (JOYCE, 2002, p.81)

No caso de indivíduos mais velhos, o “gênero da idade madura” parece estar relacionado às definições culturais de produtividade, reconhecimento social e fisiologia. A partir de estudos etnográficos, há vários exemplos que demonstram que o *status* da mulher aumenta com a idade, ao contrário do homem. Elas são responsáveis pela transmissão oral das tradições culturais e são consideradas como as mantenedoras da rede de relações sociais, visto que a fase da criação dos filhos já passou, muitas delas passam inclusive a desempenhar papéis rituais outrora restritos aos homens (cf. GILCHRIST, 1999).

No caso das crianças, foi possível observar que algumas delas apresentavam características peculiares e diferenciadas. O enterramento 10, de uma criança com 8 a 9 anos, destaca-se pelo farto aparato funerário encontrado junto ao corpo, associado ao exemplo do enterramento 2A, de criança de 6 a 8 anos, com um pequeno tembetá, podem significar que tais indivíduos já estavam ingressando num outro ciclo social da vida, se pensarmos que eles já estavam suscetíveis às regras sociais do grupo. O uso de tembetás, por exemplo, exige a preparação do menino desde os três meses de idade quando seu lábio é perfurado pela primeira vez e em cujo orifício é passado um cordel até o recebimento do primeiro tembetá dentro de ritos de passagem rigidamente estabelecidos (PREZIA, *op. cit.*).

No caso do enterramento 10, podemos pensar ainda em duas possibilidades interpretativas, uma delas relacionadas ao *status* social herdado, já que com esta idade, ela ainda não estaria participando integralmente do sistema social, desempenhando todas as

atividades cotidianas. Um outra interpretação estaria relacionada à questão do embelezamento do corpo, que no caso de uma criança poderia ser considerada como uma reprodução dos elementos do grupo ao qual estava vinculada quando viva. Neste sentido, vemos que a esta criança foram incorporados mais elementos típicos do universo feminino que do masculino, se pensarmos nas peculiaridades dos rituais funerários do horizonte horticultor da Gruta do Gentio II observadas até então.

Em outro extremo, temos o caso do enterramento 5, de duas crianças muito pequenas (infantis) no qual observamos apenas a recorrência do tipo de posição e da orientação do corpo em relação aos pontos cardeais. Entre os !Kung, por exemplo, indivíduos nesta idade são considerados sem sexo e sem gênero, ou seja, não possuem um papel social definido (LESICK, 1997). Isto de certa forma também poderia justificar a ausência de um tratamento funerário mais elaborado nesse caso da Gruta do Gentio II. Outras crianças na faixa etária inferior a 5 anos parecem apresentar as mesmas características, ainda que associadas a covas de indivíduos adultos femininos.

Da mesma forma que uma série de variáveis foi selecionada para o estudo dos rituais funerários, uma outra foi escolhida para o estudo dos remanescentes ósseos humanos e dentários da Gruta do Gentio dentro de uma perspectiva de gênero. Foram consideradas, então, as seguintes categorias, variáveis e subvariáveis abaixo descritas, relacionadas a cada estrutura funerário e seus respectivos indivíduos, a saber: (1) Inventário dos Ossos, (2) Sexo, (3) Idade, (4) Fraturas, (5) Paleopatologia, (6) Linhas de Harris, (7) Facetas Suplementares da tíbia, (b) Degeneração das Superfícies Articulares, subdivididas em (a) Têmporo-mandibular, (c) Coluna Vertebral, (d) Articulações Metacarpo-Falangeanas, (e) Articulações Metatarso-Falangeanas e (f) Superfícies Articulares dos Ossos Longos, Clavícula, Patela, Calcâneo e Astrágalo, (9) Dentição, subdividida em (a) Dentes Presentes, (a) Cáries, (b) Hipoplasia, (c) Abrasão Dentária, (d) Doença Periodontal, (e) Cálculos Lingual e Vestibular, (f) Abscessos Alveolares e (g) Perda Ante-Mortem.

Em relação ao inventário dos ossos, é importante ressaltar que uma parte dos enterramentos não estava completa no que se refere à presença de todas as porções ósseas,

por fatores já devidamente apresentados. Entretanto, muitas observações relevantes e expressivas puderam ser obtidas.

Foram identificados quatorze (14) indivíduos do sexo masculino, onze (11) femininos, vinte (20) crianças e dois adolescentes (02), totalizando quarenta e sete (47) indivíduos, distribuídos em estruturas funerárias coletivas e individuais.

Observamos a ocorrência entre indivíduos adultos de ambos os sexos, adolescentes e crianças um alta incidência de anormalidades do fechamento dos arcos neurais tipo spina bífida exclusivamente nas vértebras sacrais, correspondendo a 40,42 % dos indivíduos estudados. Consideramos neste caso a vinculação dessas anormalidades não só às carências nutricionais, especialmente de ácido fólico, mas também a possíveis casamentos consanguíneos para os quais também corroboram as observações sobre a distribuição das estruturas funerárias e a composição de algumas delas com mais de um indivíduo. Não destacamos a diferença destas ocorrências em relação aos sexos feminino (5 exemplares) e masculino (6 exemplares) por não considerá-la relevante, dado o nível de fragmentação de alguns dos exemplares estudados. Há um único caso de indivíduo masculino com abertura completa de todos arcos vertebrais sacrais (15A).

Destacamos algumas anormalidades entre indivíduos masculinos como perfuração do corpo de esterno, fusão do mesoesterno com o processo xifóide ou com o manúbrio, incompatíveis com as idades dos indivíduos aos quais estão relacionados. Além disso, foi comum a presença de falanges proximais, mediais e distais de mãos e pés com as extremidades distais não simétricas, sem qualquer relação com processo de formação de osteofitos, eburnação ou desgaste articular, tanto em indivíduos masculinos quanto em femininos.

Dentre os indicadores ósseos inespecíficos de estresse, destacamos as linhas de densidade aumentada (Linhas de Harris) que marcam episódios de carências nutricionais. No caso em questão, tal estudo foi realizado pela Profa. Laura Silva, pesquisadora do Instituto de Arqueologia Brasileira, quando as amostras ainda faziam parte de supostos

enterramentos secundários. Com a mudança do panorama funerário da Gruta do Gentio II, após a reanálise dos remanescentes ósseos e dentários, muitos conjuntos foram unidos e algumas tíbias anteriormente consideradas de indivíduos diferentes passaram a fazer parte de um único enterramento.

Neste sentido, foram radiografadas e estudadas onze tíbias de oito indivíduos adultos, sendo três masculinos (8, 14 e 15A), cinco femininos (4, 6, 9, 12 e 13) e uma criança (11A). O exemplar que apresentou um maior número de episódios de estresse nutricional foi o indivíduo 13, feminino, com seis linhas, igualmente distribuídas entre a infância e a adolescência, seguida do indivíduo 14, masculino, com quatro linhas, sendo três na infância e uma na adolescência. Embora seja uma amostra pequena, parece haver uma tendência discreta em vincular os homens a períodos de estresse durante a infância e as mulheres, à adolescência; evidentemente todos foram suplantados conduzindo os indivíduos à fase adulta. É importante lembrar que as linhas de densidade aumentada tendem a desaparecer com o tempo, ou seja, amostras de indivíduos adultos que não apresentam tais marcadores podem provocar algumas distorções interpretativas. A associação com outras variáveis nutricionais pode trazer mais confiabilidade à interpretação.

No que diz respeito à degeneração das superfícies articulares relacionadas às atividades cotidianas (estresse mecânico), foi possível perceber que algumas áreas articulares foram mais afetadas que outras.

A coluna vertebral apresentou-se como uma das áreas mais afetadas do esqueleto pelo estresse das atividades diárias, especialmente ao considerarmos a grande ocorrência de casos de anormalidade dos arcos neurais do sacro que teoricamente não trazem grandes problemas às tarefas cotidianas, mas podem gerar uma instabilidade maior na coluna em relação aos não portadores do problema. Assim, temos indivíduos jovens, preferencialmente os masculinos, entre 20 e 25 anos, com destacada precocidade na degeneração das facetas articulares dos arcos neurais, provavelmente associadas às atividades mecânicas cotidianas que exigiam muito esforço. Muitas vértebras dorsais e lombares apresentam sinais de achatamento do corpo, especialmente entre os masculinos,

reforçando a possibilidade de forte estresse nas costas, vinculado ao carregamento de peso excessivo.

Quanto às demais partes do esqueleto, observamos que as mulheres apresentam maior estresse da região do tornozelo (extremidades distais das tíbias e fíbulas, associadas às lesões articulares nos astrágalos e calcâneos), indicando a recorrência na posição de hiperflexão ou agachamento, possivelmente relacionadas às atividades cotidianas. Alguns indivíduos masculinos também apresentam tais desgastes, mas não com a mesma intensidade, sendo raros os casos com facetas articulares nas tíbias, muito comuns em mulheres.

Há ainda indicativos de diferença na intensidade dos desgastes de mãos e pés entre homens e mulheres. No caso das mulheres, observou-se um desgaste mais acentuado nos ossos das mãos em relação aos pés, cuja degeneração começa mais tardiamente, naturalmente relacionada à idade biológica. Os dados apresentados detalhadamente durante a análise descritiva com relação às articulações metacarpo-falangeanas e metatarso-falangeanas parecem indicar tal tendência.

O desgaste acentuado e precoce das articulações metatarso-falangeanas entre os homens está associado às lesões nos ossos dos tarsos, especialmente relacionadas a perfurações de pequena profundidade, indicando que os deslocamentos eram constantes e a proteção dos pés nem sempre adequada.

Notou-se ainda uma tendência à degeneração das áreas do joelho, seguida pelo cotovelo, especialmente entre os homens, mas sem excluir as mulheres.

Quanto à ocorrência de fraturas, destacamos um caso provável de politraumatismo no indivíduo 9, feminino, com fraturas em três costelas e três metatarsos, além de fissura e achatamento da 11ª vértebra dorsal, possivelmente decorrentes de acidentes cotidianos. Este mesmo indivíduo, por sua vez, também apresenta problemas na simetria do úmero e rádio direitos. Além deste indivíduo, foram detectadas umas poucas fraturas também acidentais

relacionadas a outros indivíduos, especialmente os masculinos, na região das costelas, vértebras, metacarpo, metatarsos, falanges de mãos e pés.

Três indivíduos femininos de idade madura apresentaram cicatrizes de partos nos ossos coxais, a saber: enterramentos 4, 9 e 12.

Foram praticamente inexistentes as formações tumorais em indivíduos da Gruta do Gentio, a exceção deste mesmo indivíduo 9, feminino, que apresentou uma formação tumoral no atlas, que provocou uma deformidade óssea bastante acentuada.

Quanto à dentição, observamos que a incidência de cárie foi muito mais frequente entre os homens que entre as mulheres, ou seja, oito indivíduos masculinos com vinte e nove ocorrências contra três femininos com onze cáries. Embora consideremos que a amostra dentária feminina seja menor que a masculina, devemos entender tais ocorrências com tendências que devem ser melhor investigadas, através de análises dentárias mais aprofundadas. Além dos adultos, apenas um indivíduo adolescente apresentou evidências de cáries dentárias (enterramento 18A) e nenhuma criança.

A abrasão dentária foi observada desde a infância, mantendo o padrão de desgaste plano, na face oclusal e compatível com a idade individual, à exceção do indivíduo 20 que apresentou um desgaste bastante acentuado e bem diferenciado dos demais detectados entre os enterramentos da Gruta do Gentio. Tal ocorrência deverá ser individualmente investigada *a posteriori*.

De acordo com MENDONÇA DE SOUZA (comunicação pessoal), é importante observar os desgastes dentários nos incisivos centrais e laterais inferiores dos indivíduos que apresentaram tembetás como acompanhamento funerário, pois eles geralmente provocam o acirramento do processo de abrasão, chegando a provocar inclusive a perda dentária. Em função dessa observação, procuramos reavaliar a dentições em questão já que no sítio do Gentio foram detectados quatro indivíduos (3, 7, 15A e 16) e uma criança vinculados a adornos labiais. No caso dos indivíduos 3 e 16 há um desgaste mais

acentuado coincidentemente da área do incisivo central esquerdo inferior, inclusive com cárie no caso do enterramento 3. Há indícios de tal ocorrência também no caso do indivíduo 15A, que por ser muito mais jovem não apresenta um desgaste tão acentuado ainda, talvez pelo pouco tempo de utilização da peça. Contudo, o mesmo parece não acontecer com o indivíduo 7, talvez por ser um adulto jovem ainda e por estar vinculado a um tipo de tembetá muito diferente dos demais, ou seja, curto e com forma de T.

No caso dos indivíduos femininos mais velhos, há também um desgaste acentuado dos incisivos centrais e laterais superiores e inferiores, possivelmente relacionado à produção artesanal na qual muitas vezes os dentes também são usados como instrumentos do processo de fiação e trançado. (cf. LARSEN, 1997). O contexto funerário apresentou elementos que parecem reforçar tais evidências bioesqueléticas.

Quanto aos cálculos, intimamente relacionados ao consumo de proteína tanto animal quanto vegetal, observamos que eles também foram detectados em indivíduos femininos e masculinos, além das crianças, apresentando uma tendência de maior concentração dos mesmos na face vestibular ou bucal em relação à lingual. Entre os homens, percebemos que as ocorrências apresentam tamanhos maiores (médio e grande) quando comparadas às femininas.

Os abscessos, intimamente vinculados às cáries, bem como a doença periodontal e as perdas ante-mortem estão presentes em indivíduos de idade madura, tais como o 3, masculino, e o 12, feminino.

Ao longo de todo o nosso estudo procuramos definir claramente nossos objetivos e desenvolver nossa pesquisa dentro de uma base teoricamente orientada. Mesmo considerando as dificuldades que jazem junto aos contextos arqueológicos, tentamos demonstrar que o gênero não deve ser visto de forma dual, pois ele é antes de tudo performance que muda ao longo do tempo e espaço num mesmo corpo sexualmente diferenciado.

O estudo de gênero da Gruta do Gentio II não se encerra aqui, há muito para ser feito, já que as variáveis utilizadas no nosso estudo podem e devem ser refinadas ao longo de trabalhos futuros. Muitas análises específicas estão por serem feitas, tais como *trace elements*, análise de microdesgastes dentários, DNA dos indivíduos de uma mesma estrutura ou conjunto para investigar relações de parentesco, novas datações radiocarbônicas para os conjuntos funerários que a priori apresentam-se cultural e biologicamente homogêneos, estudos de entomologia forense, paleobotânica, entre outros. Enfim, uma etapa da pesquisa encerra-se aqui, mas muitas outras estão por vir.

Esperamos, contudo, que nosso estudo possa ter contribuído para um maior conhecimento dos antigos horticultores do Cerrado brasileiro, especialmente dentro de uma perspectiva simbólica e de gênero.

A mulher não precisa ser a construção do corpo feminino, e o homem não precisa interpretar os corpos masculinos (...) Os corpos sexualmente diferentes podem expressar um número diferente de gêneros, e o gênero não precisa ficar restrito ao usual dois (...) Se o sexo não limita o gênero, então talvez existam gêneros, formas de interpretar o corpo sexualmente distinto (...) O gênero é algo que vem, mas que nunca pode “ser”(...) Gênero por si só é algo em que se transforma, e não deve ser concebido como um nome, uma substância ou um marcador cultural estático, mas como ações incessantes e repetidas de alguma ordem (JOYCE, 2002, p.87).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE LIMA, Tania. Dos mariscos aos peixes: um estudo zooarqueológico de mudança de subsistência na pré-história do Rio de Janeiro. *Tese de Doutorado*, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2v., 1991.

———. Estudos de gênero na arqueologia brasileira: por que não? *Habitus*, v.1, n.1, p.103-28, jan./jul.2003.

ADOVASIO, J. M. *Basketry technology*, a guide to identification and analysis. Chicago: Aldine Publishing, 1977.

ARNOLD, K.; GILCHRIST, R.; GRAVES, P.; TAYLOR, S. Women and archaeology. *Archaeological Review from Cambridge*, v.7, n.1, p.2-8, 1988.

ARNOLD, Bettina. “Sein und werden”: gender a process in mortuary ritual. In: NELSON, Sarah M., ROSEN-AYALON, Myriam. *In pursuit of gender: worldwide archaeological approaches*. Walnut-Creek: Altamira Press, 2002. p. 239-56.

ARNOLD, Bettina. Gender and archaeological mortuary analysis. In: NELSON, Sarah M. *Handbook of gender in archaeology*. Berkeley: Altamira Press, 2006. p. 137-70.

AUFDERHEIDE, Arthur, RODRIGUEZ-MARTIN, Conrado. *The Cambridge encyclopedia of human paleopathology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

BABY, R. S. Hopewell cremation practices. *Ohio Hist. Soc. Papers Archaeol.*, n.1, p.1-7, 1954.

BARBOSA, Altair S. Povoadores dos cerrados. *Tese de Doutorado*. Smithsonian Institution, Washington D.C., 1990. v.1.

BARBOSA, Altair S., SCHIMTZ, Pedro Ignacio. Ocupação indígena do cerrado: esboço de uma história. In: SANO, Sueli Matiko, ALMEIDA, Semíramis Pedrosa de. *Cerrado, ambiente e flora*. Planaltina, DF: Embrapa, 1998. p.3-43.

BASS, William M. *Human osteology, a laboratory and field manual*. Columbia: Missouri Archaeological Society, 1997.

BATE, Luis Felipe. Notas sobre el materialismo historico en el proceso de investigación arqueologia. *Boletin de Antropologia*, n.19, p.5-29, 1989.

BECK, W., BALME, J. Gender in aboriginal archaeology: recent research. *Australian Archaeology*, v.39, p.39-46, 1994.

BECKER, Ítala I. B. Formas de enterramento e ritos funerários entre as populações pré-históricas. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, v.8, n.1, p.61-74, 1994.

BENTLEY, Gillian R. How did prehistoric women bear "Man the Hunter"?, reconstructing fertility from the archaeological record. In: WRIGHT, R. (ed.). *Gender and Archaeology*. Philadelphia : University of Pennsylvania Press, 1996. p.23-51.

BERNBECK, Reinhard. Crisis in the foraging mode of production: long-term cyclical processes in hunter-gatherer societies. *Michigan Discussions in Anthropology*, hunter gatherer studies, Ann Arbor, v.10, p.47-62, 1991.

BINFORD, Lewis. An analysis of cremations from three Michigan sites. *Wisconsin Archaeologist*, v.44, p.98-110, 1963.

———. Mortuary practices: their study and their potencial. Approaches to the social dimensions of mortuary practices. *Memoirs of Society American Archaeology*, New York, n.25, p.208-43, 1972.

———. *Working at archaeology*. New York, Academic Press, p. 45-53, 1981.

BIRD, M.R., DIAS JR., Ondemar F., CARVALHO, Eliana T. Subsídios para a arqueobotânica no Brasil : O milho antigo em cavernas de Minas Gerais, Brasil. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, n.6, p.14-31, 1991.

BLAKE, Michael. Change in hunter-gatherer society: a computer simulation model. *Michigan Discussions in Anthropology*, hunter-gatherer studies, Ann Arbor, v.56, n.1/2, p.177-91, 1979-80.

BLOCH, M. The resurrection of the house amongst the Zafimaniry of Madagascar. In: CARSTEN, J., HUGH-JONES, S. *About the house, Levi-Strauss and beyond*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995a. p.

BORDIGNON, Mário. *Os Bororo na história do Centro-Oeste brasileiro*. Campo Grande: Missão Salesiana, s/d.

BOLEN, Kathleen M. 1991 Changing gender roles at the hunter-gatherer transition to farming. In: WALDE, Dale, WILLOWS, Noreen D.(ed.). *The archaeology of gender: proceedings of the twenty-second annual conference of the Archaeological Association of the University of Calgary*. Calgary: Archaeological Association of the University of Calgary, 1991. p.400-5.

———. Prehistoric construction of mothering. In: CLAASSEN, C. (ed.). *Exploring Gender Through Archaeology: Selected Papers from the 1991 Boone Conference*. Madison: Prehistory Press, 1992. p.49-62.

BRAITHWAITE, Mary. Decoration as ritual symbol. In: HODDER, I. (ed.). *Symbolic and Structural Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982. p. 80-8

BRETTELL, Caroline B., SARGENT, Carolyn F.(ed.). *Gender in cross-cultural perspective*. Upper Saddle River: Prentice Hall, 1997.

BRÉZILLON, M. *La dénomination des objets de pierre taillée*, matériaux pour un vocabulaire des préhistoriens de langue française. Paris: Centro National de la Recherche Scientifique, 1977.

BUIKSTRA, Jane E., COOK, Della C. Paleopatologia. In: ARAÚJO, Adauto J. G., FERREIRA, Luiz F. *Paleopatologia, Paleoepidemiologia: estudos multidisciplinares*. Rio de Janeiro: Panorama/ENSP/FIOCRUZ, 1992. p. 41-85.

BUTLER, J. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. London and New York: Routledge, 1990.

———. *Bodies that matter: on the discursive limits of sex*. London and New York: Routledge, 1993.

BUZZI, Zundir J. *Entomologia didática*. Curitiba: Ed. da UFPR, 1999.

CALLENDER, C., KOCHEMS, L. M. The North American berdaches. *Current Anthropology*, v. 24, n. 4, Aug./Oct. 1983.

CANNON, Aubrey. Gender, status, and focus of material display. In: WALDE, Dale,

WILLOWS, Noreen. *The Archaeology of gender: Proceedings of the Twenty-Second Annual Conference of the Archaeological Association of the University of Calgary*. Calgary: Archaeological Association of the University of Calgary, 1991. p.144-9.

CARREIRA, Mossias. *Entomologia para você*. São Paulo: Nobel, 1980.

CARSTEN, J., HUGH-JONES, S.. Introduction. In: CARSTEN, J., HUGH-JONES, S. *About the house, Levi-Strauss and beyond*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995b. p. 1-47.

CARVALHO, Eliana T. Estudo arqueológico do Sítio Corondó, RJ. Missão de 1978. *Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira* (Série Monografias), n.2, Rio de Janeiro, 1984.

———. Arqueologia: a história dos que não possuem história. In: ——— (ed.). *A pesquisa no passado: arqueologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto de Arqueologia Brasileira, Boletim Série Catálogos, n.3, 1987. p.23-24.

CHAPMAN, Robert, KINNES, Ian, RANDBORG, Klaus (ed.). *The archaeology of death*. New York: Cambridge University Press, 1981.

CLAASSEN, Cheryl. Questioning gender: an introduction. In: CLAASSEN, Cheryl (ed.). *Exploring gender through archaeology: selected papers from the 1991 Boone Conference*. Madison: Prehistory Press, 1991. p.1-10.

COHEN, Mark N., ARMELAGOS, George J. (ed.). *Paleopathology at the origins of agriculture*. New York: Academic Press, 1984.

COHEN, Mark, BENNETT, Sharon. Skeletal evidence for sex roles and gender hierarchies in prehistory. In: HAYS-GILPIN, Kelley, WHITLEY, David S. (ed.). *Reader in gender archaeology*. New York: Routledge, 1998. p.297-317.

CONKEY, Margaret W. Does it make a difference? Feminist thinking and archaeologies of gender. In: WALDE, Dale, WILLOWS, Noreen D.(ed.). *The archaeology of gender: proceedings of the twenty-second annual conference of the Archaeological Association of the University of Calgary*. Calgary: Archaeological Association of the University of Calgary, 1991(a). p.24-33.

———. Tensions, pluralities, and engendering archaeology: an introduction to women and prehistory. In: CONKEY, Margaret W., GERO, Joan (ed.). *Engendering archaeology: women and prehistory*. Oxford: Basil Blackwell, 1991(b). p.3-30.

———. Men and women in prehistory: an archaeological challenge. In: BRETTELL, Caroline B., SARGENT, Carolyn F. (ed.). *Gender in cross-cultural perspective*. Upper Saddle River: Prentice Hall, 1993(b). p. 57-66.

CONKEY, Margaret W., GERO, Joan (ed.). *Engendering archaeology: women and prehistory*. Oxford: Basil Blackwell, 1991.

CONKEY, Margaret W., SPECTOR, Janet. Archaeology and the study of gender. In: SCHIFFER, M. B. (ed.). *Advances in Archaeological Method and Theory*, v.7, p. 1-38, 1984.

———. Archaeology and the study of gender. In: HAYS-GILPIN, Kelley, WHITLEY, David S. (ed.). *Reader in gender archaeology*. New York: Routledge, 1998. p.11-45.

COPPET, D. The life-giving death. In: HUMPHREYS, KING (Ed.). *Mortality and Immortality*. London: Academic Press, 1981. p.175-204.

COSTA, Beatriz Ramos. Ocorrência e variabilidade dos tipos litológicos nos re'síduos de lascamento do sítio arqueológico Gruta do Gentio II. *Monografia* — Departamento de Geologia e Paleontologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

COSTA, Joaquim R. *Toponímia de Minas Gerais*, estudo histórico da divisão territorial administrativa. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Itatiaia, 1993.

COWGILL, George L. Formal approaches in archaeology. In: LAMBERG-KARLOVSKY (ed.). *Archaeological thought in America*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. p.74-88.

CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. Why we need things. In: LUBAR, KINGERY (ed). *History from things*, essays on material culture. Washington: Smithsonian Institution, 1993. p.20-29.

CUNHA, Manuela C. *Os mortos e os outros*. São Paulo: Hucitec, 1978.

DAMM, Charlotte. From burials to gender roles: problems and potentials in postprocessual archaeology. In: WALDE, Dale, WILLOWS, Noreen D.(ed.). *The archaeology of gender: proceedings of the twenty-second annual conference of the Archaeological Association of the University of Calgary*. Calgary: Archaeological Association of the University of Calgary, 1991. p.130-5.

DEREVENSKI, Joanna S. Age and gender at the site of Tiszapolgar-Basatanya, Hungary. *American Antiquity*, v.71, p. 875-9, 1997.

DIAS, Adriana S. Diversificar para poblar: el contexto arqueológico brasileño en la transición Pleistoceno-Holoceno. *Complutum*, v.15, 2004. p. 249-63.

DIAS JR, Ondemar F. Pesquisas arqueológicas no sudeste brasileiro. Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira. Rio de Janeiro: IAB, Série Especial, n.2, p. 3-22, 1975.

———. . Evolução da cultura em Minas Gerais e Rio de Janeiro. *Anuário de Divulgação Científica*. Goiânia, n.3/4, p.110-30, 1976/77.

———. . Desenvolvimento cultural no horizonte 9.000/4.000 anos AP no Brasil Tropical. *Journal of American Archaeology*, Buenos Aires, n.4, p.55-87, jul./dec. 1991.

———. . As origens da horticultura no Brasil. *Journal of American Archaeology*, Buenos Aires, n.7, p.7-52, jan./jun. 1993.

DIAS JR., Ondemar F., CARVALHO, Eliana T. Discussão sobre os inícios da agricultura no Brasil. *Arquivos do Museu de História Natural*, Belo horizonte, v.6/7, p.191-8, 1981/82.

DIAS JR., Ondemar F., CARVALHO, Eliana T., CHEUICHE, Lilia M. C. Pesquisas arqueológicas em Minas Gerais (Brasil) : O PROPEVALE (Programa de Pesquisas Arqueológicas no Vale do São Francisco). Actes du XLIIe Congrès International Des Americanistes, *Congrès du Centenaire*, Paris, 1976. v.9A.

DOMMASNES, Liv Helga. Women, kinship, and the basis of power in the norwegian viking age. In: HAYS-GILPIN, Kelley, WHITLEY, David S. (ed.). *Reader in Gender Archaeology*. New York: Routledge, 1998. p.337-45.

ELLER, Cynthia. *The myth of matriarchal prehistory*. Boston: Beacon Press, 2000.

EMBER, Carol R.. The relative decline in women's contribution to agriculture with intensification. *American Anthropologist*, v.85, p.285-304, 1983.

EMERY, I. *The primary structures of fabrics*. An illustrated classification. Washington, D.C.: The Textile Museum, 1966.

ENGELSTAD, Ericka. Feminist theory and postprocessual archaeology. In: WALDE, Dale, WILLOWS, Noreen D.(ed.). *The archaeology of gender: proceedings of the twenty-second annual conference of the Archaeological Association of the University of Calgary*. Calgary: Archaeological Association of the University of Calgary, 1991. p.116-20.

FAUSTO, Carlos. Fragmentos de história e cultura tupinambá: da etnologia como instrumento crítico de conhecimento etno-histórico. In: CUNHA, M.C. (ed.). *História dos índios do Brasil*. São Paulo:FAPESP, Companhia das Letras, SMC, 1992. p.381-96.

FORDE, Daryll, DOUGLAS, Mary. economia primitiva. In: SHAPIRO, H. *Homem, cultura e sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1982. p.427-42.

FOUCAULT, M. *The history of sexuality*. Harmondsworth: Penguin, 1981.

FULTON, R., ANDERSON, S.W. The Amer-Indian "man-woman": gender, liminality and cultural continuity. *Current Anthropology*, n. 33, p. 603-10, 1992.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Geografia do Brasil*, Região Sudeste. Rio de Janeiro: IBGE, 1977.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA/ FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA. *Mapa etno-histórico de Kurt Nimuendaju*. Rio de Janeiro: IBGE/Pró-Memória, 1981.

GARDIN, Jean-Claude. Semiotic trends in archaeology. In: GARDIN, PEEBLES (eds.). *Representations in archaeology*. Bloomington: Indiana University Press, 1992. p.87-104.

GARN, Stanley M. et alii. *Lines and bands of increased density*. Their implication to growth and development. *Medical Radiography and Photography*, Rochester, New York, n.44, v.3, p.58-89, 1968.

GATENS, M. *The imaginary body*. London: Routledge, 1996.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GERO, J. Gender divisions of labor in the construction of archaeological knowledge. In: WALDE, Dale, WILLOWS, Noreen D.(ed.). *The archaeology of gender: proceedings of the twenty-second annual conference of the Archaeological Association of the University of Calgary*. Calgary: Archaeological Association of the University of Calgary, 1991b. p.96-102.

———. Feasts and females: gender ideology and political meals in the Andes. *Norwegian Archaeological Review*, v.25, n.1, p.15-30, 1992.

GILCHRIST, Roberta. *Gender and archaeology*. London: Routledge, 1999.

GOLAND, Carol. The ecological context of hunter-gatherer storage: environmental predictability and environmental risk. *Michigan Discussions in Anthropology*, hunter-gatherer studies, Ann Arbor, v.10, p.107-26, 1991.

GONÇALVES, Marcelo L. C., ARAÚJO, Adauto, FERREIRA, Luiz F. Human intestinal parasites in the past: new findings and a review. *Mem. Inst. Oswaldo Cruz*, Rio de Janeiro, v.98, p.103-18, 2003.

GOULD, S. J. *An urchin in the storm*. London: Penguin Press, 1987.

GREGG, S. A. A material perspective of tropical rainforest hunter-gatherer: the Semang of Malaysia. *Michigan Discussions in Anthropology*, hunter-gatherer studies, Ann Arbor, v.5, n.1/2, p.117-36, 1979-80.

HAALAND, Randi. Emergence of sedentarism: new ways of living, new ways of symbolizing. *Antiquity*, n.71, p.374-85, 1997.

HAYDEN, Brian. Observing prehistoric women. In: CLAASSEN, Cheryl (ed.). *Exploring gender through archaeology: selected papers from the 1991 Boone Conference*. Madison: Prehistory Press, 1991. p.33-48.

HAYS-GILPIN, Kelley A. Anasazi iconography: medium and motif. In: FISH, P.R., REID, J. J. (ed.). *Interpreting southwestern diversity: underlying principals and overarching patterns*. Tempe: Arizona State University Anthropological Research Papers No. 48, 1996. p.55-67.

HEGMON, Michelle, FISHER, Lynn E. Information strategies in hunter-gatherer societies. *Michigan Discussions in Anthropology*, Hunter-Gatherer Studies, AnnArbor, v.10, p.127-45, 1991.

HERTZ, Robert. Contribution à une étude sur la representation collective de la mort. *Sociologie Religieuse et Folklore*, Paris, p.1-83, 1970 [1928].

HETZEL, Bia, NEGREIROS, Sílvia. *Pré-História do Brasil*. Rio de Janeiro: Manati, 2007.

HIGHAM, C.F.W. Women in the prehistory of Mainland Southeast Asia. In: NELSON, S. M., ROSEN-AYALON, M. *In pursuit of gender*. New York: Altamira Press, 2002.

HILL, Erica. Gender-informed archaeology: the priority of definition, the use of analogy, and the multivariate approach. *Journal of Archaeological Method and Theory*, v.5, n.1, p. 99-128, 1998.

HILL, J., GUNN, J. *The individual in prehistory*. New York: Academic Press, 1977.

HODDER, Ian. *Symbols in action*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

———. Burials, houses, women and men in the european neolithic. In: MILLER, D., TILLEY, C.(ed.). *Ideology, power and prehistory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984. p.51-68.

———. *Reading the past*, current approaches to interpretation in archaeology. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

———. An interpretation of Catal Huyuk and a discussion of the origins of agriculture. *Institute of Archaeology Bulletin*, v. 24, p.43-56, 1987.

HOHENTHAL, William D. As tribos indígenas do médio e baixo São Francisco. *Revista do Museu Paulista*, v.12, p.37-86, 1960.

HUMMERT, James R., VAN GERVEN, Dennis P. Observations on the formation and persistence of radiopaque transverse lines. *American Journal of Physical Anthropology*, v. 66, n.3, p.297-306, 1985.

HUMPHREYS, S.C. Introduction: comparative perspectives on death. In: HUMPHREYS, KING (ed.). *Mortality and immortality*. London: academic Press, 1981a. p.1-14.

———. Death and time. In: ———. *Mortality and immortality*. London: academic Press, 1981b. p.1-14.

HUNT JR., Edward E., HATCH, James W. The estimation of age at death and ages of formation of transverse lines from measurements of human long bones. *American Journal of Physical Anthropology*, v.54, p.461-69, 1981.

ISCAN, Mehmet Y., KENNETH, Kenneth A. R. *Reconstruction of life from the skeleton*. New York: Alan Liss, 1989.

IVES, John, SINOPOLI, Carla M. The archaeological correlates of the Athapaskan Kaska. *Michigan Discussions in Anthropology*, Hunter-Gatherer Studies, Ann Arbor, v.5, n.1/2, p.22-39, 1979/80.

JACOBSEN, T. W., CULLEN, T. A consideration of mortuary practices in Neolithic Greece: burials from Franchthi cave. In: HUMPHREYS, KING (ed.). *Mortality and immortality*. London: Academic Press, 1981. p.79-102.

JOHNSON, Allen W., EARLE, Timothy. *The evolution of human societies, from foraging group to agrarian state*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

JOYCE, Rosemary .Beauty, sexuality, body ornamentation, and gender in ancient Meso-America. In: NELSON, S. M., ROSEN-AYALON, M. *In pursuit of gender*. New York: Altamira Press, 2002.

JUNQUEIRA, Paulo A., MALTA, Ione M. Horticultores e ceramistas pré-históricos do noroeste de Minas Gerais. *Arquivos do Museu de História Natural*, Belo Horizonte, v.6/7, p.275-87, 1981/82.

JURMAIN, Robert D. Stress and the etiology of osteoarthritis. *American Journal of Physical Anthropology*, v.46, p.353-65, 1977.

KNEIP, Lina M., MACHADO, Lilia Cheuiche. A cremação e outras práticas funerárias em sítios de pescadores-coletores pré-históricos do litoral de Saquarema, RJ. *Anais da VI Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Rio de Janeiro: CNPq, FINEP, UNESA, 1992. v.2, p. 459-67.

KROGMAN, W. M. *The human skeleton in forensic medicine*. Springfield: Charles C. Thomas, 1962.

KUS, Susan. Toward an archaeology of body and soul. In: GARDIN, PEEBLES (ed). *Representations in archaeology*. Bloomington: Indiana University Press, 1992. p.168-77.

LAMING-EMPERAIRE, Annette. *Guia para estudo das indústrias líticas da América do Sul*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas, 1967.

LANATA, José L. Evolución, espacio y adaptación en grupos cazadores-recolectores. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, n.3, p.3-16, 1993.

LAQUEUR, T. *Making sex: body and gender from greeks to Freud*. Cambridge: Harvard University Press, 1990.

LARSEN, Clark. *Bioarchaeology*. Interpreting behavior from the human skeleton. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

LEE, Richard B. *The !Kung San*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

LEMONNIER, Pierre. *Elements for an Anthropology of technology*. Ann Arbor, Michigan: Museum of Anthropology Press, 1992.

LEROI-GOURHAN, André. *As religiões da pré-história*. Lisboa: Edições 70, 1985a.

———. *O gesto e a palavra, técnica e linguagem*. Lisboa: Edições 70, 1985b.

———. *Os caçadores da pré-história*. Lisboa: Edições 70, 1987.

LESICK, Kurtis S. Re-engendering gender. In: MOORE, J., SCOTT, E. (ed.). *Invisible people and processes*. London: Leicester University Press, 1997. p. 31-41.

LEVI-STRAUSS, Claude. A família. In: SHAPIRO, H. *Homem, cultura e sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1982. p.355-80.

LINTON, Ralph. *Cultura y personalidad*. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1945.

LUMBRERAS, Luis G. La arqueologia sudamericana: tres décadas. In: MEGGERS, B. (ed). *Prehistoria sudamericana, nuevas perspectivas*. Washington: Taraxacum, 1992. p.27-34.

LUCY, S. J. Housewives, warriors and slaves? Sex and gender in Anglo-Saxon burials. In: MOORE, J., SCOTT, E. (ed.). *Invisible people and processes*. London: Leicester University Press, 1997. p. 150-68.

LUPTON, D. *Food, the body and the self*. London: Sage, 1996.

MAAT, George J. R. Dating and rating of Harris's Lines. *American Journal of Physical Anthropology*, v. 63, n. 3, p. 291-99, 1984.

MACHADO, Lilia M.C. Estudo dos remanescentes ósseos humanos do Sítio Corondó, RJ. Aspectos biológicos e culturais. *Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira* (Série Monografias), n.1, Rio de Janeiro, 1984.

———. Sobre as práticas de funerárias de cremação e suas variações em grutas do norte e noroeste de Minas Gerais. *Revista do CEPA*, Rio Grande do Sul, v.20, n.17, p.235-47, 1990.

———. Biologia de grupos indígenas pré-históricos do sudeste do Brasil. As tradições Itaipu e Una. In: MEGGERS, B. (ed.). *Prehistoria Sudamericana, Nuevas Perspectivas*. Washington D.C.: Taraxacum, 1992. p.77-103.

———. Tafonomia humana: alguns problemas e interpretações em arqueologia funerária. In: Arqueologia e suas interfaces disciplinares. *Resumos do IX Congresso da SAB*, 1997c. p.28.

MACHADO, Lilia M. C., ARAÚJO, Adauto J.G., CONFALONIERI, Ulisses, FERREIRA, Luis F. Estudo prévio de práticas funerárias e o encontro de parasitos humanos na Gruta do Gentio II, Unaí, MG. *Arquivos do Museu de História Natural*, v. 6/7, p.207-19, 1981/82.

MANDELBAUM, David G. Grupamentos sociais. In: SHAPIRO, H. *Homem, cultura e sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1982. p.381-406.

MC KERN, T. W., STEWART, T. D.. Skeletal age changes in young american males. *Technical Report EP-45*, Natick, Massachusetts, 1957.

MEAD, Margaret. *Sex and temperament in three primitive societies*. New York: Morrow Quill, 1980.

MEGGERS, Betty. *Como interpretar a linguagem da cerâmica*. Rio de Janeiro, 1970.

MELATTI, Júlio. *Índios do Brasil*. São Paulo: Hucitec, Brasília: Universidade de Brasília, 1987.

MELLO E ALVIM, M.C., SOARES, M.C. Estudo comparativo de traços não métricos em populações pré-históricas do Brasil. *Boletim do Museu Nacional*, n.38, p.1-19, 1983.

MELLO E ALVIM, M.C., SOARES, M.C., CUNHA, P.S.P. Traços não métricos cranianos e distâncias biológicas em grupos indígenas interioranos e do litoral do Brasil — O Homem de Lagoa Santa, índios Botocudos e construtores de sambaquis. *Revista de Pré-História*, v.6, p.107-17, 1984.

MENDONÇA DE SOUZA, Alfredo. *Dicionário de arqueologia*. Rio de Janeiro: Associação de Docentes da Estácio de Sá, 1997.

MENDONÇA DE SOUZA, Sheila F. *Estresse, doença e adaptabilidade: estudo comparativo de dois grupos pré-históricos em perspectiva biocultural*. Tese (Doutorado) — Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 1995.

MENEZES, Rosângela. *Sociedade e tecnologia lítica*, aspectos de ocupações pré-históricas no município de Varzelândia, Minas Gerais. Tese (Doutorado) — Departamento de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

MIRACLE, Preston T., FISHER, Lynn E. Introduction: hunter-gatherer and their ethnography. *Michigan Discussions in Anthropology*, Hunter-Gatherer Studies, Ann Arbor, v.10, p.1-8, 1991.

MOLLESON, T. The archaeology and anthropology of death: what the bones tell us. In: HUMPHREYS, KING (ed.). *Mortality and immortality*. London: Academic Press, 1981. p. 15-32.

MOLINO, Jean. Archaeology and symbol systems. In: GARDIN, PEEBLES (ed). *Representations in archaeology*. Bloomington: Indiana University Press, 1992. p.15-29.

MONTARDO, Deise L. O. *Práticas funerárias das populações pré-coloniais e suas evidências arqueológicas*, reflexões iniciais. Tese (Mestrado) — Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre, RS, 1995.

MONTMOLLIN, Olivier. The archaeological record of an alaskan whale-hunting community, the archaeological correlates of hunter-gatherer societies from the ethnographic record. *Michigan Discussions in Anthropology*, hunter-gatherer studies, Ann Arbor, v.5, n.1/2, p.1-21, 1979/80.

MOORE, Katherine M. Archaeological correlates of the Ona: hunter-gatherer of the sub-antarctic. *Michigan Discussions in Anthropology*, hunter-gatherer studies, Ann Arbor, v.5, n.1/2, p. 62-77, 1979/80.

MOORE, H. L. *A passion for difference*. Cambridge: Polity Press, 1994.

MORAIS, José L. *A utilização dos afloramentos litológicos pelo homem pré-histórico brasileiro: análise do tratamento da matéria prima*. São Paulo: Fundo de Pesquisa do Museu Paulista/USP, 1983. Tese de Doutorado.

———. A propósito do estudo das indústrias líticas. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, v.32, p.155-84, 1987.

MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. Portugal: Europa-América, 1970.

NELSON, Margaret C., NELSON, Sarah, WYLIE, Alison (ed.). *Equity issues for women in archaeology*. Washington, D.C.: American Anthropological Association, 1994.

NELSON, Sarah. Introduction, Archaeological perspectives on gender. In: NELSON, Sarah M. (ed.). *Handbook of gender in archaeology*. New York: Altamira Press, 2006. p. 1-27.

NEWTON, Dolores. Introdução — cultura material e história cultural. In: RIBEIRO, D (ed). *Suma etnológica brasileira, tecnologia indígena*. Petrópolis: Vozes, FINEP, 1987. v.2, p.15-26.

O'BRIEN, Patricia J. Evidence for the Antiquity of Gender Roles in the Central Plains Tradition. In: NELSON, Sarah M., KEHOE, Alice B. (ed.). *Powers of observation: alternative views in archaeology*, Washington D.C.: American Anthropological Association, 1990. p.61-72.

ORME, Bryony. *Anthropology for archaeologists, an introduction*. New York: Cornell University Press, 1981.

ORTNER, Donald, PUTSCHAR, Walter G. *Identification of pathological conditions in human skeletal remains*. Smithsonian Contributions to Anthropology 28, Washington D.C., 1981.

PAZ, Octavio. *Selected poems*. London: Penguin Press, 1979.

PAVIA, Francisco. Condiciones habitacionales de las cavernas, contribución a la arqueología. *Revista Espeleológica*, Ouro Preto, p.211-47, 1976.

PEEBLES, Christopher S. Rooting out latent behaviorism in prehistory. In: GARDIN, PEEBLES (ed). *Representations in archaeology*. Bloomington: Indiana University Press, 1992. p.357-84.

PEÑA, Ted. generation and interpretation of the archaeological record of the Seri Indians. *Michigan Discussions in Anthropology*, Hunter-Gatherer Studies, Ann Arbor, v.5, n.1/2, p.100-16, 1979/80.

PERRONE-MOISÉS, Beatriz. Índios livres e índios escravos: os princípios da legislação indigenista do período colonial (séculos XVI a XVIII). In: CUNHA, M. *História dos índios do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.115-32.

PHENICE, T. W.. A newly developed visual method of sexing the pubis. *American Journal of Physical Anthropology*, v.30, n.2, p.297-302, 1969.

POHL, Mary De Land. Women, animal rearing, and social status: the case of the formative period Maya of Central America. In: WALDE, Dale, WILLOWS, Noreen D.(ed.). *The archaeology of gender: proceedings of the twenty-second annual conference of the Archaeological Association of the University of Calgary*. Calgary: Archaeological Association of the University of Calgary, 1991. p.392-9.

POWELL, Mary L. Dental wear and caries in dietary reconstruction. GILBERT, Robert I. Jr, MIELKE, James H. (eds.). *The analysis of prehistoric diets*. New York: academic Press, 1985. p.307-38.

PREZIA, Benedito, HOORNAERT, Eduardo. *Brasil indígena: 500 anos de resistência*. São Paulo: FTP, 2000.

PREUCEL, Robert W., HODDER, Ian. Understanding sex and gender. In: PREUCEL, Robert W., HODDER, Ian (ed.). *Contemporary archaeology in theory: a reader*. Oxford: Blackwell, 1999.

PROUS, André. Os artefatos líticos, elementos descritivos classificatórios. *Arquivos do Museu de História Natural*, Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, v.11, p.1-88, 1986/90.

———. *Arqueologia brasileira*. Brasília: Universidade de Brasília, 1992.

———. *Apuntes para analisis de industrias líticas*. Ortigueira: Fundación Federico Maciñeira, 2004.

PROUS, André, MALTA, Ione M (coord.). Santana do Riacho. *Arquivos do Museu de História Natural*, Belo Horizonte, UFMG, v.1, 1991.

PROUS, André, RIBEIRO, Loredana (org.). Arqueologia do alto e médio São Francisco 1: região de Montalvânia. *Arquivos do Museu de História Natural*, Belo Horizonte, UFMG, v.17-18, 1996/97.

PROWSE, Jules D. The truth of material culture: history or fiction In: LUBAR, KINGERY (ed). *History from things*, essays on material culture. Washington: Smithsonian Institution, 1993. p.1-19.

REDFIELD, Robert. Como atua a sociedade humana. In: SHAPIRO, H. *Homem, cultura e sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1982. p.443-68.

RENFREW, Colin, BAHN, Paul. *Archaeology*, theories, methods and practice. London: Thames and Hudson, 1996.

RIBEIRO, Berta G. A civilização da palha. A arte do trançado dos índios do Brasil. *Tese de Doutorado*. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade São Paulo, São Paulo, 1980.

———. A arte de trançar: dois macroestilos, dois modos de vida. In: RIBEIRO, D (ed). *Suma etnológica brasileira*. Tecnologia indígena. Petrópolis: Vozes, FINEP, 1987a. v.2, p. 283-313.

———. Artes têxteis indígenas do Brasil. In: RIBEIRO, D (ed). *Suma etnológica brasileira*. Tecnologia indígena. Petrópolis: Vozes, FINEP, 1987b. v.2, p.351-89.

———. Introdução — a linguagem simbólica da cultura material. In: RIBEIRO, D (ed). *Suma etnológica brasileira*. Tecnologia indígena. Petrópolis: Vozes, FINEP, 1987c. v.3, p.15-28.

- . *Dicionário do artesanato indígena*. São Paulo: EDUSP, 1988.
- . Perspectivas etnológicas (1957-1988) para arqueólogos. In: MEGGERS, B. (ed). *Prehistoria sudamericana, nuevas perspectivas*. Washington: Taraxacum, 1992. p.113-44.
- RIBEIRO, José F., WALTER, Bruno M. T. Fitofisionomia do bioma cerrado. In: SANO, Sueli M., ALMEIDA, Semíramis P.. *Cerrado, ambiente e flora*. Planaltina, DF: Embrapa, 1998. p.89-166.
- RODRIGUES, José C. *Tabu da morte*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.
- ROHR, João A. Terminologia queratosseodontomalacológica. *Anais do Museu de Antropologia*, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, v.9/10, p.5-81, 1977.
- RUFFIÉ, Jacques. *O sexo e a morte*. Lisboa, Portugal: Dom Quixote, 1987.
- SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagem às nascentes do Rio São Francisco*. São Paulo: EDUSP, Belo Horizonte: Itatiaia, 1975a.
- . *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. São Paulo: EDUSP, Belo Horizonte: Itatiaia, 1975b.
- SCHMITZ, Pedro I. Prehistoric hunters and gatherers of Brazil. *Journal of World Prehistory*, v.1, n.1, p.53-117, 1987.
- SCOTT, G. R. , TURNER II, CHRISTY G. *The anthropology of modern human teeth*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- SEDA, Paulo R. G. A caça e a arte, os caçadores-pintores pré-históricos da Serra do Cabral, Minas Gerais. *Tese de Doutorado*. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

———. A arte rupestre de Unaí, Minas Gerais. *Arquivos do Museu de História Natural*, Belo Horizonte, v.VI/VII, p. 397-1981/82.

SEMENOV, S. A. *Prehistoric technology*, an experimental study of the oldest tools and artefacts from traces of manufacture and wear. Bath: Adams & Dart, Somerset, 1973.

SENE, Gláucia A. M. *Rituais funerários e processos culturais: os caçadores-coletores e horticultores pré-históricos do noroeste de Minas Gerais*. Dissertação de Mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

SHANKS, Michael, TILLEY, Christopher. *Re-constructing archaeology: theory and practice*. 2 ed. New York: Routledge, 1994.

———. *Social theory and archaeology*. Cambridge: Polity Press, 1987b.

SHOTT, Michael J. Archaeological implications of revisionism in ethnography. *Michigan Discussions in Anthropology*, hunter-gatherer studies, Ann Arbor, v.10, p.31-40, 1991.

SILVA, Laura da P. R. O estudo das Harris Lines em esqueletos do sítio arqueológico MG-RP-6, Gruta do Gentio II, Unaí, Minas Gerais. *Monografia do Curso de Especialização em Paleopatologia e Paleoepidemiologia no Brasil*. Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 1991.

SILVA, Márcio. Relações de gênero entre os Enawene-Nawe. *Revista Tellus*, Núcleo de Estudos e Pesquisas das Populações Indígenas, Universidade Católica Dom Bosco, n.1, p. 41-65, 2001.

SMITH, J. C. Gender and the construction of reality. In: WALDE, Dale, WILLOWS, Noreen D.(ed.). *The archaeology of gender: proceedings of the twenty-second annual conference of the Archaeological Association of the University of Calgary*. Calgary: Archaeological Association of the University of Calgary, 1991. p.84-95.

SOFAER-DEREVENSKY, Joanna. Engendering children, engendering archaeology. In: MOORE, J., SCOTT, E. (ed.). *Invisible people and processes*. London: Leicester University Press, 1998. p.192-202.

SORENSEN, Marie Louise S. The construction of gender through appearance. In: WALDE, Dale, WILLOWS, Noreen D.(ed.). *The archaeology of gender: proceedings of the twenty-second annual conference of the Archaeological Association of the University of Calgary*. Calgary: Archaeological Association of the University of Calgary, 1991. p.121-9.

———. *Gender archaeology*. Cambridge: Polity Press, 2000.

STEINBOCK, R. T. *Paleopathological diagnosis and interpretation: bone disease in ancient human populations*. Springfield, IL: Thomas, 1976.

STEWART, T. D.. Identification by the skeletal structures. *Gradwohl's Legal Medicine*, Bristol, England, p.123-54, 1968.

STRATHERN, A. Death as exchange: two melanesian cases. In: HUMPHREYS, KING (ed.). *Mortality and Immortality*. London: Academic Press, 1981. p.205-24.

THOMAS, Hebert. *Human origins, the search for our beginnings*. New York: Abrams, 1995.

THOMAS, Louis-Vincent. *Antropologia de la muerte*. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1983.

TIXIER, J., INIZAN, M. L., ROCHE, H. *Préhistoire de la pierre taillée 1: terminologie et technologie*. Antibes: Cercle de Recherches et d' Études Préhistoriques, n.1, 1980.

TODD, T. W. Age changes in the pubic bone, the male white pubis. *American Journal of Physical Anthropology*, v.3, n.3, p.285-334, 1920.

———. Age changes in the pubic bone. *American Journal of Physical Anthropology*, v.4, n.1, p.1-70, 1921.

TRIGGER, Bruce. *A history of archaeological thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

UBELAKER, D. H. *Human skeletal remains: excavations, analysis, interpretation*. Chicago: Aldine Publishing Company, 1978.

UCHÔA, Dorath P. *Arqueologia de Piaçaguera e Tenório*, análise de dois tipos de sítios pré-cerâmicos do litoral paulista. Tese (Doutorado). Rio Claro, 1973.

UCHÔA, Dorath P., ALVIM, Marília C. M., GOMES, João C. O.. Demografia esquelética dos “construtores de sambaqui” de Piaçaguera, *Dédalo*, São Paulo, n.1, p.455-70, 1989.

UCKO, Peter J. Ethnography and archaeological interpretation of funerary remains. *World Archaeology*, n.1, v.2, p.262-80, 1969.

URBAN, Greg. A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas. In: CUNHA, M. *História dos índios do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 87-102.

VAN GENNEP, A. *The rites of passage*. Chicago: University of Chicago, 1996 [1932].

VAN POOL, Christine S., VAN POOL, Todd L. Gender in middle range societies: a case study in Casas Grandes iconography. *American Antiquity*, n.1, v.71, p.53-75, 2006.

VAN VARK, G. N. *Some statistical procedures for the investigation of prehistoric human skeletal material*. Thesis, Rijk Suniversiteit de Groningen, 1970.

VIANA, Sibeli A. *Adaptações serranas na pré-história*, padrões de assentamentos nas sociedades caçadoras-coletoras. Tese (Mestrado) — Departamento de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.

VILAÇA, Aparecida. O canibalismo funerário Pakaa Nova: uma etnografia. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, n.19, p. 1-36, 1990.

WAGNER, Gail E. *Uses of plants by fort ancient indians*. PhD Dissertation, Department of Anthropology, Washington University, St. Louis, 1987.

WALKER, PHILLIP L., COOK, Della C. Brief communication: gender and sex: vive la difference. *American Journal of Physical Anthropology*, v.106, p.255-59, 1998.

WATSON, P. J., LEBLANC, S. A., REDMAN, C. L. *Explanation in Archaeology: an explicit scientific approach*. New York: Columbia University Press, 1971.

WENKE, Robert J. The evolution of socially complex cultures. In: ——— . *Pattern in archaeology*. Oxford: Oxford University Press, 1990. p.277-317.

WILLS, W. H. Ethnographic observation and archaeological interpretation: the Wikmunkan of Cape York Peninsula, Australia. . *Michigan Discussions in Anthropology*, hunter-gatherer studies, Ann Arbor, v.5, n.1/2, p.78-99, 1979/80.

WRIGHT, Rita P. Women's labor and pottery production in prehistory. CONKEY, Margaret W., GERO, Joan (ed.). *Engendering archaeology: women and prehistory*. Oxford: Basil Blackwell, 1991. p.194-223.

WÜST, Irmhild. Contribuições arqueológicas, etnoarqueológicas e etno-históricas para o estudo dos grupos tribais do Brasil Central: o caso Bororo. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, n.2, p.13-26, 1992.

WYLIE, Alison. Archaeological cables and tacking. *Philosophy of Social Science*, n.19, p. 1-18, 1989.

———. The interplay of evidential constraints and political interests: recent archaeological research on gender. In: HAYS-GILPIN, Kelley, WHITLEY, David S. (ed.). *Reader in Gender Archaeology*. New York: Routledge, 1998. p.57-84.

YELLEN, John E. The present and the future of hunter-gatherer studies. In: LAMBERG-KARLOVSKY (ed.). *Archaeological thought in America*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. p.103-16.

YOFFEE, Norman, SHERRATT, Andrew. Introduction: the sources of archaeology. In: —— *Archaeological theory: who sets the agenda?* Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p.1-9.

ANEXOS

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA
Ficha de Escavação

Sítio:
Setor:
Camada:
Corte:
Observadores:
Data:

1. Composição do solo: () Terra () Argila () Areia
2. Coloração:
3. Compactação:
4. Homogeneidade:
5. Impregnações:
6. Espessura da camada:

7. Ocorrência de carvão: () Muito () Pouco () Esparso

8. Fogueiras: Forma: Dimensões:
Espessura: Constituição:

9. Ocorrência maior: () Malacofauna () Ósseo () Lítico
Caramujos: () Inteiros () Fragmentados
Outras espécies:
Quantidade relativa:

Ósseo: () Médio porte () Pequeno porte () Peixes

Lítico: Matéria prima: Dimensões médias:

10. Ocorrência de buracos: Forma: Quantidade:
Diâmetro médio: Profundidade média:
Sedimentos do interior (coloração / constituição):

11. Material cultural coletado:

Ósseo:

Lítico:

Malacológico:

Cerâmico:

12. Coletas: () Carvão
() Sedimentos
() Amostras vegetais
() Amostras animais

13. Enterramentos: () Primário
() Secundário
() Sem acompanhamento
Orientação (vide ficha própria):

Acompanhamento:



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA
FICHA DE ENTERRAMENTO

Sítio: Estado: Município:
Enterramento n° Tipo: Camada:
Pesquisador: Data:

A) LOCALIZAÇÃO

1. Setor: 2. Nível de deposição:
3. Nível superior: 4. Nível inferior:

B) COVA

1. Forma: 2. N° de esqueletos:
3. Orientação: 4. Composição:
5. Dimensões: Comp. Larg. Prof.
6. Organização interna da cova em relação aos restos ósseos:

C) CARACTERÍSTICAS DO ESQUELETO

1. Posição:
2. Direção do crânio: da face:
3. Orientação
a) Em relação aos pontos cardeais:
b) Em relação a outros sepultamentos:
c) Em relação ao sítio:
4. Dimensões do lugar ocupado: Comp. Larg. Prof.
5. Articulação: () Conexão estreita
() Conexão parcial
() Desarticulado
6. Cremação: () parcial () total () sinais de calcinação
7. Preservação:
8. Condições dos ossos: Coloração: Impregnações:

D) ESTRUTURAS ASSOCIADAS E SUA LOCALIZAÇÃO

() Fogueira () Marcas de estacas () Diversos

E) MATERIAL ASSOCIADO E SUA POSIÇÃO EM RELAÇÃO AO(S) ESQUELETO(S)

1. Cultural:
2. Espécimes:

Enterramentos no mesmo nível de deposição:

Características do nível de deposição:

Sexo:

Idade:

Assinale no esqueleto:

- (P) Ossos presentes
- (A) Ossos ausentes
- (I) Ossos inteiros
- (F) Ossos fragmentados

Descrição e OBS:

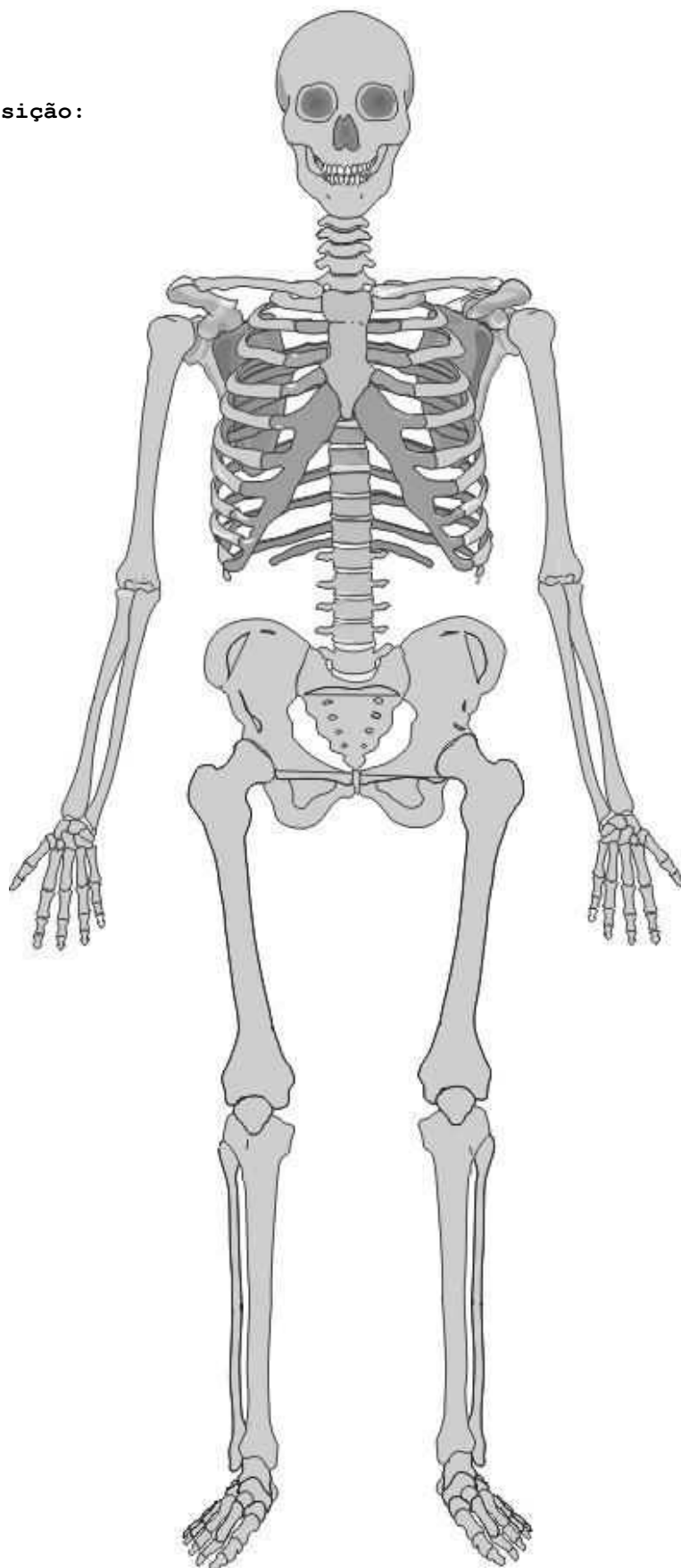


Figura 2 – Modelo de Ficha de Enterramento do Instituto de Arqueologia Brasileira.

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA
LABORATÓRIO DE ANTROPOLOGIA BIOLÓGICA



INVENTÁRIO DOS OSSOS

Sepultamento n.º: _____ Esqueleto n.º: _____

Sítio: _____ Sexo: _____

Setor: _____ Nivel: _____ Camada: _____ Idade: _____

Acervo: _____ Cat.: _____

OSSO	E	D
ESQUELETO AXIAL		
CRÂNIO		
Frontal		
Parietal		
Temporal		
Occipital		
Maxilar		
Mandíbula		
VERTEBRAS		
CERVICAIS	1	
	2	
	3-7	
TORÁCICAS	1-9	
	10	
	11	
	12	
LOMBARES		
Sacro		
Esterno		
Costelas		
ESQUELETO APENDICULAR		
Clavícula		
Escápula		
Osso Coxal		
Patela		
OSSOS LONGOS		
Úmero		
Rádio		
Ulna		
Fêmur		
Tibia		
Fíbula		

OSSO	E	D
OSSO DA MÃO		
Escafoide		
Semilunar		
Piramidal		
Pisiforme		
Trapézio		
Trapezóide		
Capitato		
Hamato		
Metacarpos	1	
	2	
	3	
	4	
	5	
FALANGES		
Proximais	1-5	
Mediais	2-5	
Distais	1-5	
OSSO DO PÉ		
Calcâneo		
Astrágalo		
Cubóide		
Navicular		
Cuneliforme	1	
	2	
	3	
Metatarsos	1	
	2	
	3	
	4	
	5	
FALANGES		
Proximais	1	
	2-5	
Mediais	2-5	
Distais	1-5	

Figura 3 – Modelo de ficha de análise osteológica (adultos e adolescentes)

INVENTÁRIO DOS OSSOS**CRIANÇAS**

SEPULTAMENTO Nº

ESQUELETO Nº

SÍTIO:

SETOR:

NÍVEL:

CAMADA:

ACERVO:

CAT.:

IDADE:

O S S O	E		D
ESQUELETO AXIAL			
CRÂNIO:			
FRONTAL			
PARIETAL			
TEMPORAL			
OCCIPITAL			
MAXILA			
MANDÍBULA			
VÉRTEBRAS			
SACRO			
ESTERNO			
COSTELAS			
ESQUELETO APENDICULAR			
CLAVÍCULA			
ESCÁPULA			
ILIO			
ISQUIO			
PÚBIS			
PÁTELA			
OSSOS LONGOS			
UMERO			
RÁDIO			
ULNA			
FÊMUR			
TÍBIA			
FÍBULA			
OSSOS DOS PÉS E DAS MÃOS			
CALCÂNEO			
ASTRÁGALO			
CARPO- TARSOS- FALANGES			

Figura 4 – Modelo de ficha de análise osteológica (crianças)



Figura 5 - Categorias de análise para o esqueleto axial.

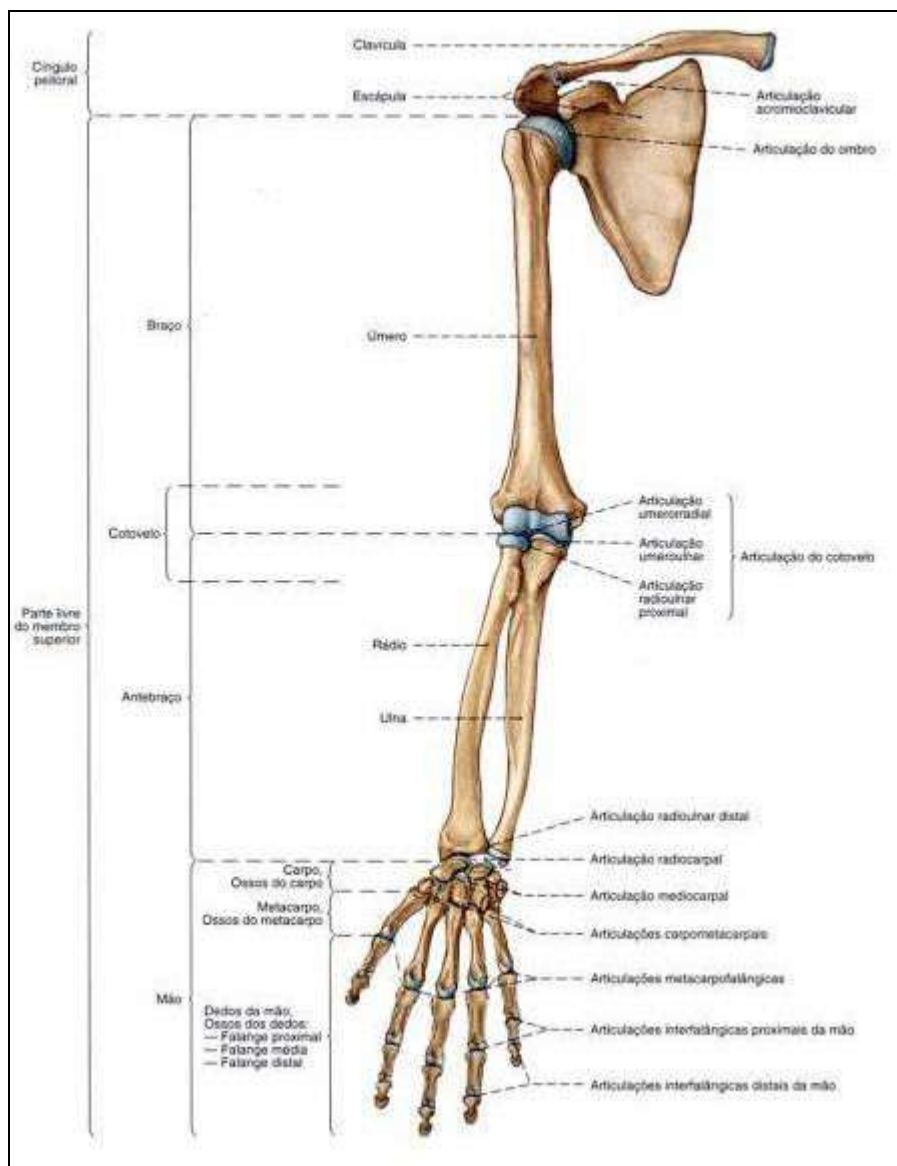


Figura 6 - Categorias de análise para o esqueleto apendicular (membros superiores).

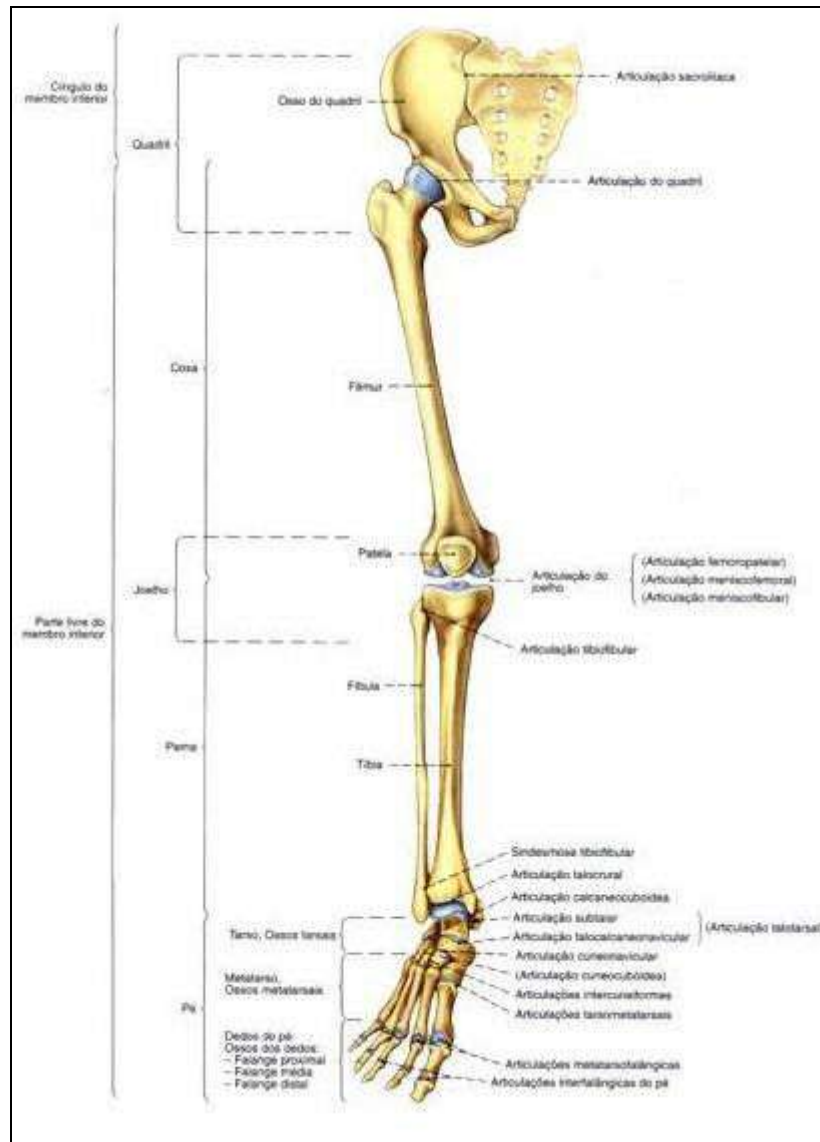


Figura 7 - Categorias de análise para o esqueleto apendicular (membros inferiores).

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA
FICHA DE DENTIÇÃO

Sítio:
Setor:
Camada:
Cat.:

Enfiamento n°
Indivíduo n°
Sexo:
Idade:

PERMANENTES

MAXILAR

DIREITO

	Presente	Ausente Ante-Mortem	Cáries	Abcesso Alveolar	Tártaro Vestibular	Tártaro Lingual
Ic						
II						
C						
PM 1						
PM 2						
1° M						
2° M						
3° M						

ESQUERDO

Ic						
II						
C						
PM 1						
PM 2						
1° M						
2° M						
3° M						

MANDÍBULA

DIREITO

Ic						
II						
C						
PM 1						
PM 2						
1° M						
2° M						
3° M						

ESQUERDO

Ic						
II						
C						
PM 1						
PM 2						
1° M						
2° M						
3° M						

Figura 8 – Modelo de ficha de análise dentária (adultos e adolescentes)

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA
FICHA DE DENTIÇÃO

Sítio:
Setor:
Camada:
Cat.:

Enterramento n°
Indivíduo n°
Sexo:
Idade:

DECÍDUOS

MAXILAR

DIREITO

	Presente	Ausente Ante- Mortem	Cáries	Abcesso Alveolar	Tártaro Bucal	Tártaro Lingual
Ic						
II						
C						
1° M						
2° M						

ESQUERDO

Ic						
II						
C						
1° M						
2° M						

MANDÍBULA

DIREITO

Ic						
II						
C						
1° M						
2° M						

ESQUERDO

Ic						
II						
C						
1° M						
2° M						

Figura 9 – Modelo de ficha de análise dentária (crianças)

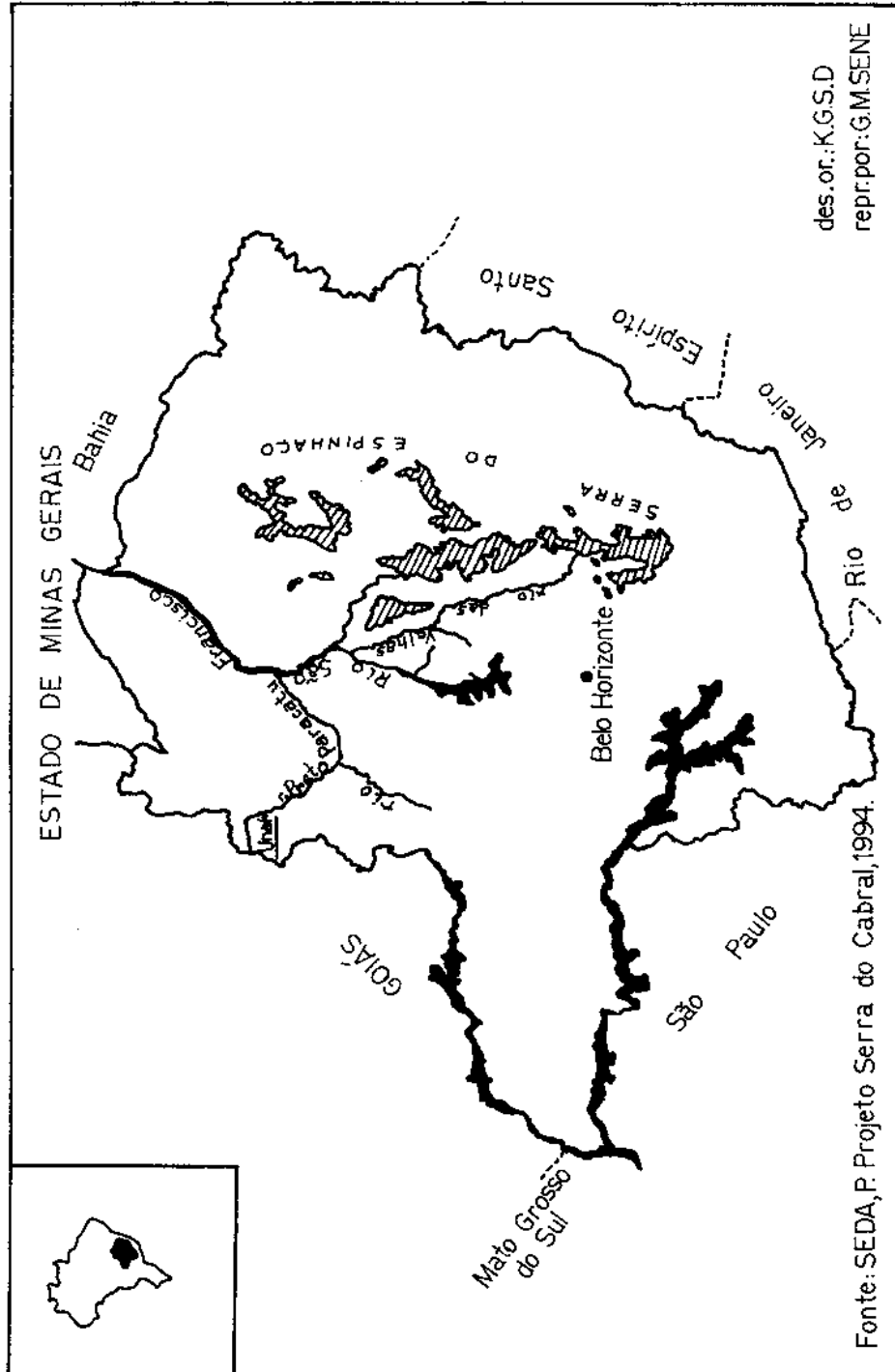


Figura 10 – Mapa do Estado de Minas Gerais

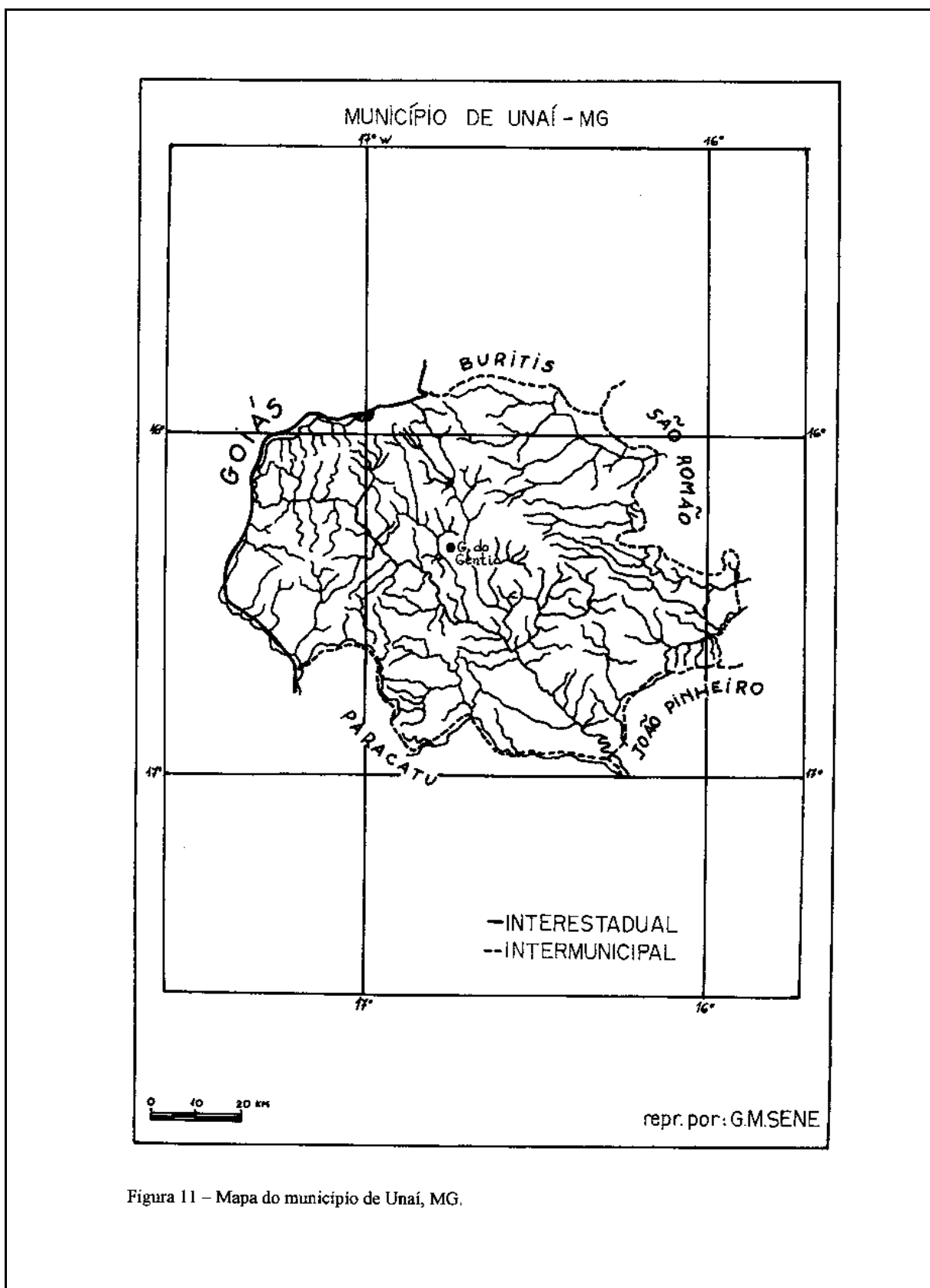


Figura 11 – Mapa do município de Unaí, MG.

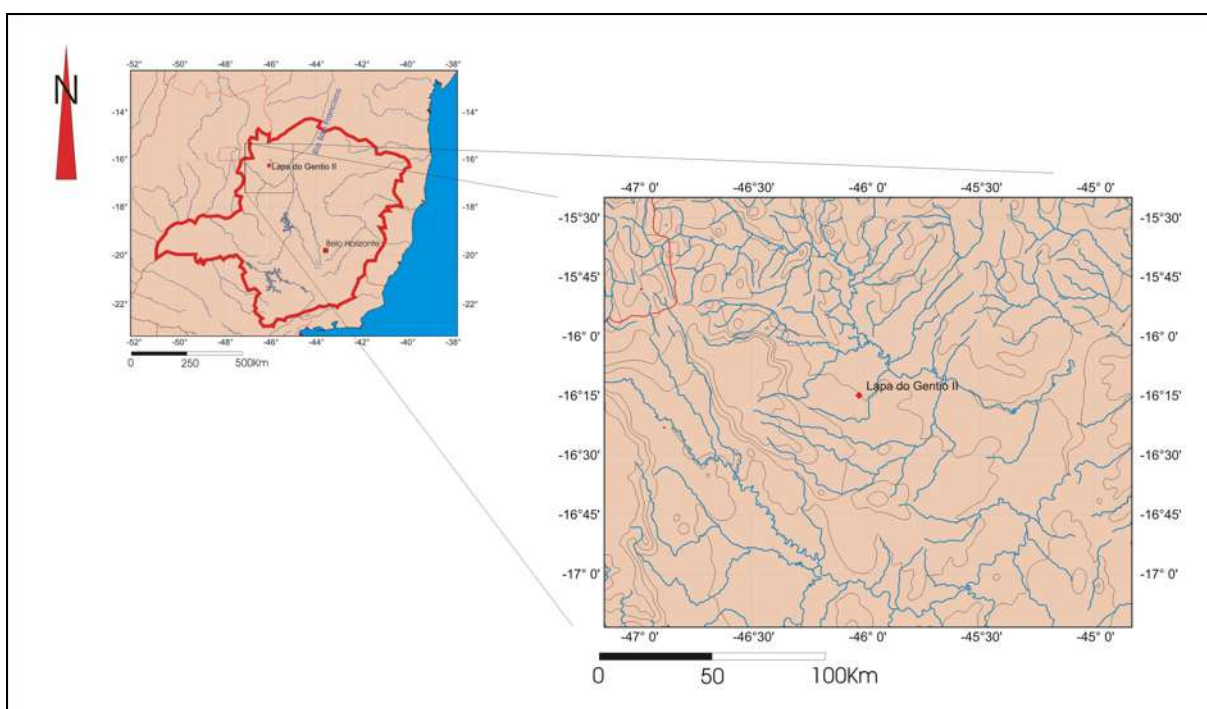
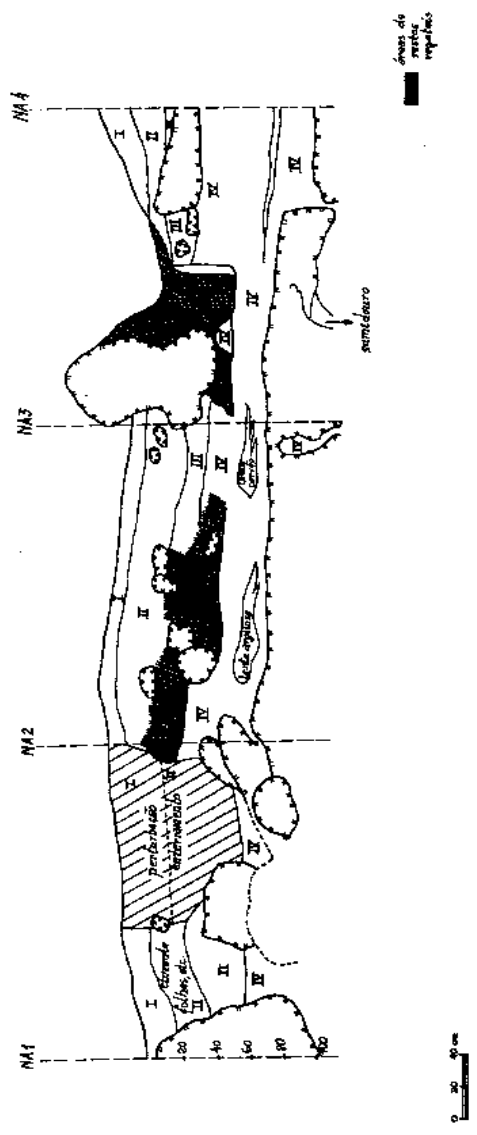


Figura 12 – Mapa de Minas Gerais com o sítio arqueológico Gruta do Gentio II (Fonte: Costa, 2007).



MG-PP6 - CRUTA DO GENTIO II
Perfil estratigráfico - Setor NA 1-2-3-4



Des. or.: E. SELLET
Repr. por: G.M. SENE

Figura 13 - Perfil Estratigráfico da Cruta do Gentio II



Figura 14 – Foto aérea da América do Sul com a delimitação do Cerrado Brasileiro.

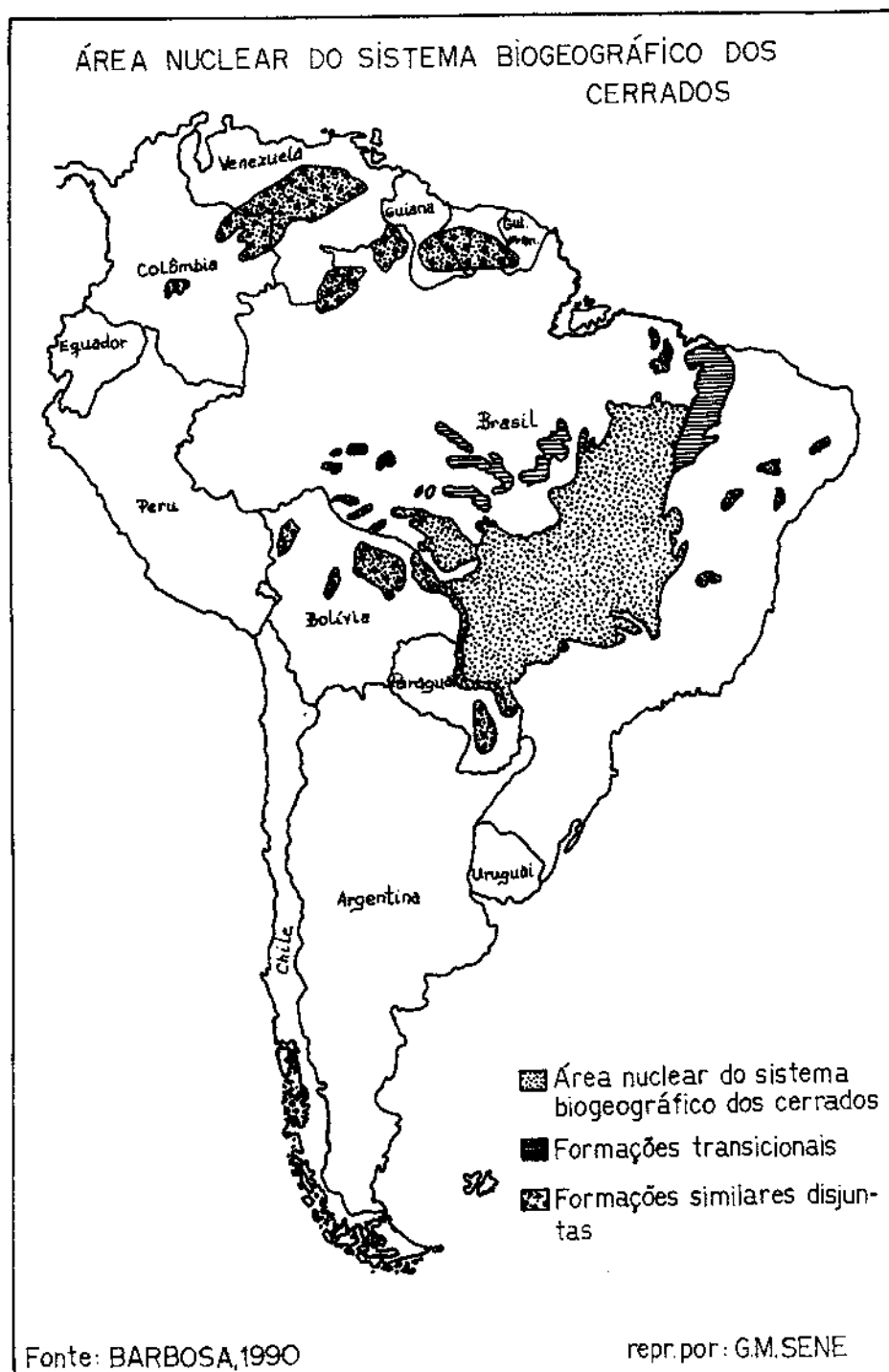


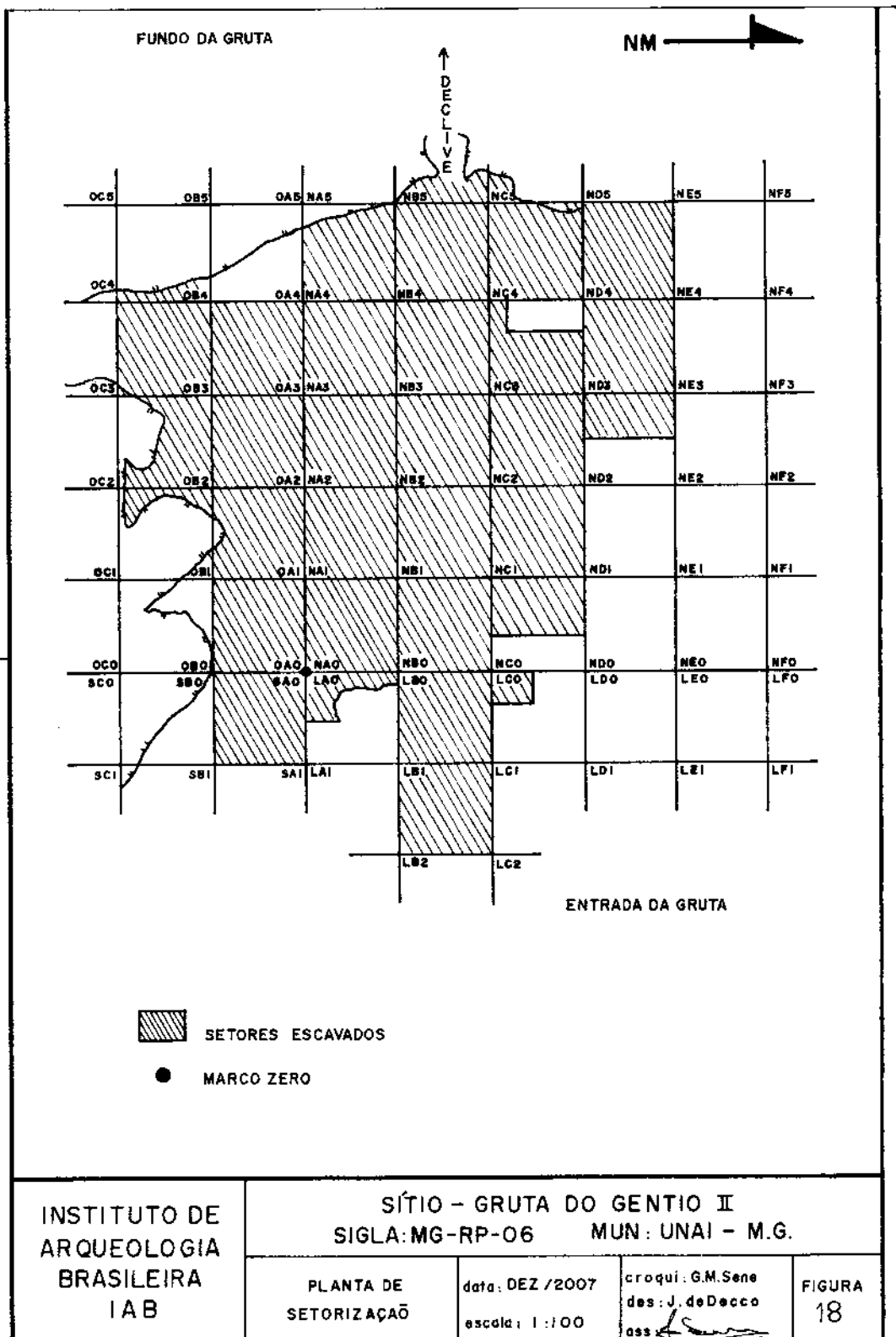
Figura 15 – Área nuclear do sistema biogeográfico dos Cerrados.



Figura 16 - Vista geral do ambiente de Cerrado.



Figura 17 - Vista geral do paredão calcário da Gruta do Gentio II.



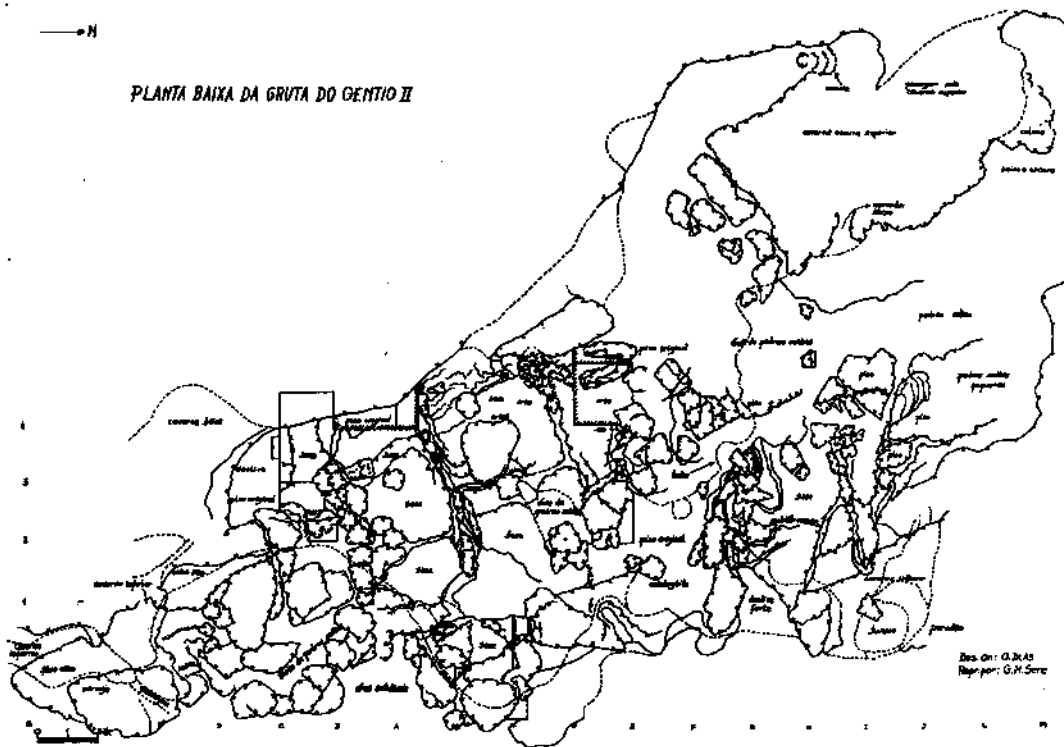


Figura 19 – Planta Baixa da Gruta do Gentio II

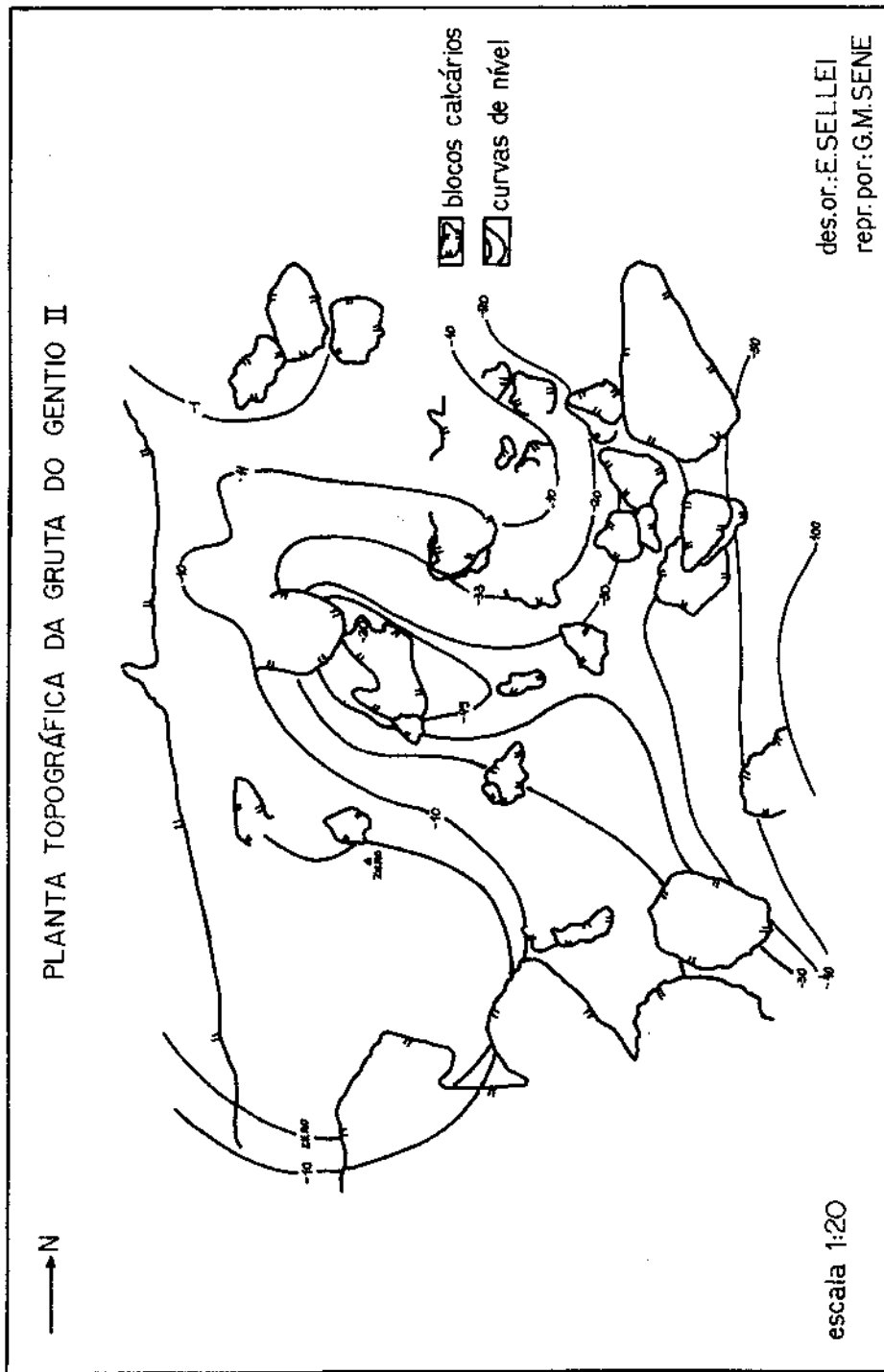


Figura 20 – Planta topográfica da Gruta do Gentio II.



Figura 21 – Vista da entrada da Gruta do Gentio II.



Figura 22 - Área interna da Gruta durante a escavação de 1976.

Figura 23 - Escavação dos setores próximos à entrada da Gruta em 1976.



Figura 24 - Vista geral da escavação em 1976.



Figura 25 - Escavação da área intermediária da Gruta em 1984.



Figura 26 - Evidenciação da base do sítio em 1984.



Figura 27 – Cabelo humano do enterramento 4.



Figura 28 – Tórax parcialmente mumificado do enterramento 3.



Figura 29 – Pupas de insetos junto ao acompanhamento funerário do enterramento 1.



Figura 30 – Fragmento de crânio do enterramento 7 com marcas de roedores.



Figura 31 – Ossos humanos do enterramento 16 com evidências de queima antes da decomposição dos tecidos moles (craquelê).



Figura 32 – Calcâneo esquerdo do enterramento 14A com perfuração de inseto.

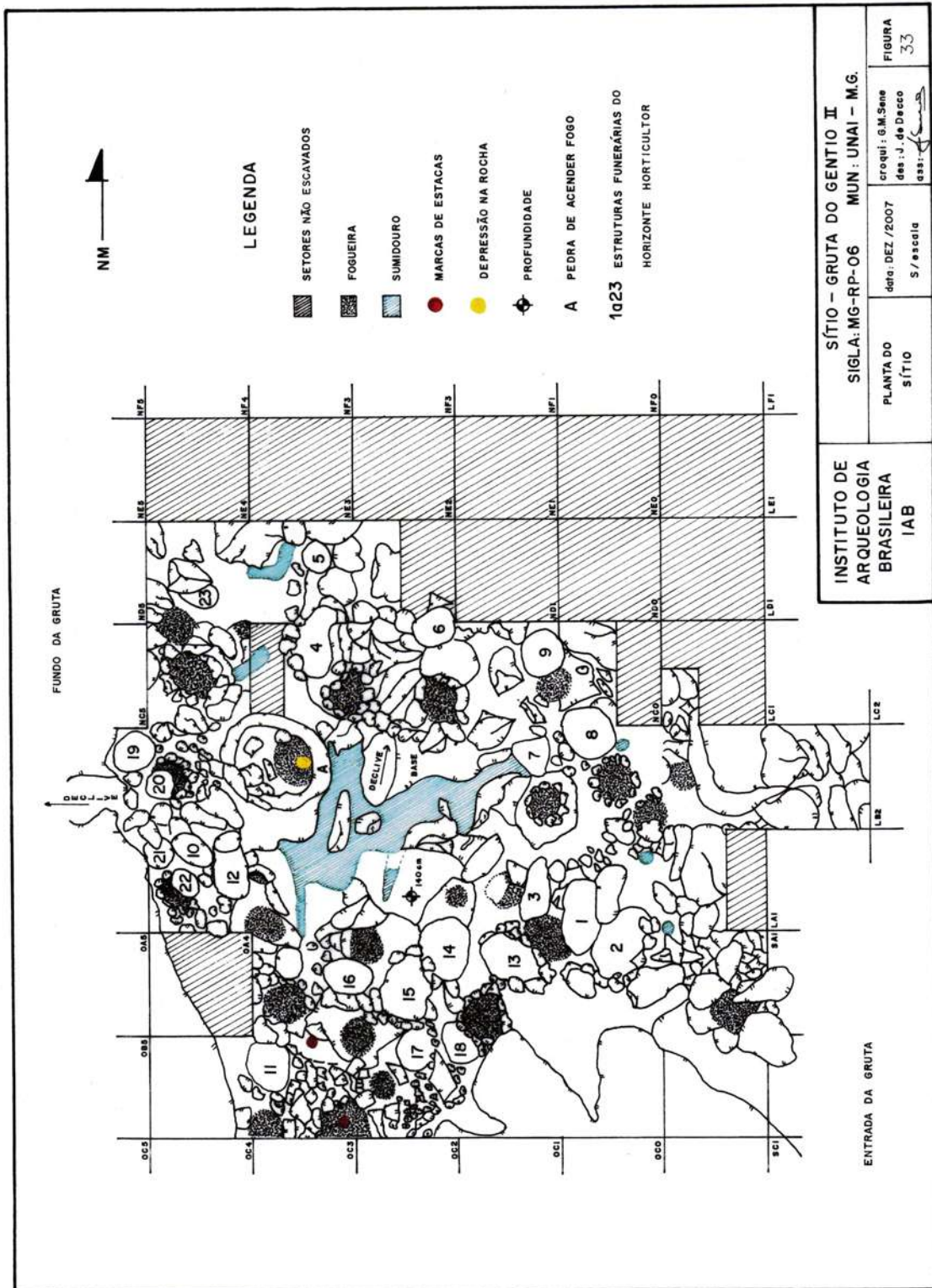




Figura 34 – Pingente em garra de porco do mato do Enterramento 1.



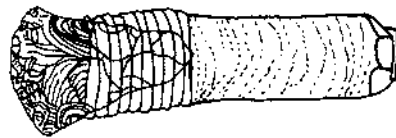
Figura 35 – Penas de aves de pequeno porte do Enterramento 1.



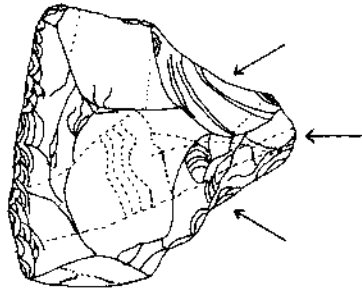
Figura 36 – Invólucro de couro de cervídeo do Enterramento 1.



Figura 37 – Borda do invólucro de couro de cervídeo e adorno de semente do Enterramento 1.



ANDREFSKY - 1998



ENCABAMENTO
CONFORME DESENHO PUBLICADO

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA IAB		SÍTIO - GRUTA DO GENTIO II SIGLA: MG-RP-06 MUN: UNAI - M.G.		des: J. de Decco ass: <i>[Signature]</i>	FIGURA 38
ARTEFATO LITICO		data: DEZ / 2007 S / escala			



Figura 39 – Raspadeira para encabamento do Enterramento 2.



Figura 40 – Espátula em diáfise de osso longo de animal do Enterramento 2.



Figura 41 – Fragmento de esteira de palha trançada do Enterramento 2.



Figura 42 – Adornos em contas de sementes e malacológicos do Enterramento 2.



Figura 43 – Bordas de vasilhames cerâmicos do Enterramento 2.



Figura 44 – Milho, raiz tuberosa e amendoim do Enterramento 2.



Figura 45 – Invólucro de couro de cervídeo do Enterramento 3.



Figura 46 – Invólucro de couro de cervídeo do Enterramento 3.



Figura 47 – Artefato tipo raspadeira transversal do Enterramento 3.



Figura 48 – Adorno labial tipo tembetá do Enterramento 3.



Figura 49 – Mecha de cabelo castanho do Enterramento 4.



Figura 50 – Penas de aves de pequeno e médio porte do Enterramento 4.



Figura 51 – Adornos de material malacológico do Enterramento 4.



Figura 52 – Fragmentos de cabaças do Enterramento 4.



Figura 53 – Bolsa de folha de palmeira do Enterramento 6.



Figura 54 – Adorno de cabaça com resina e penas na face externa do Enterramento 6.



Figura 55 – Detalhe do adorno de cabaça com resina e penas na face externa do Enterramento 6.



Figura 56 – Artefatos em conchas de água doce do Enterramento 6.



Figura 57 – Fragmento de vasilhame cerâmico do Enterramento 6.



Figura 58 – Vegetais diversos da cova funerária do Enterramento 6.



Figura 59 – Fragmento de fibra de algodão do Enterramento 6.



Figura 60 – Adorno labial tipo tembetá em T do Enterramento 7.



Figura 61 – Zunidor em gastrópode terrestre do Enterramento 7.



Figura 62 – Adornos de sementes do Enterramento 8.



Figura 63 – Bigorna e batedor unipolar/bipolar do Enterramento 8.



Figura 64 – Fragmento de esteira de palha trançada do Enterramento 9.



Figura 65 – Fragmentos de tecidos feitos de algodão do Enterramento 9.



Figura 66 – Pingentes em conchas de água doce do Enterramento 9.



Figura 67 – Contas líticas polidas do Enterramento 9.

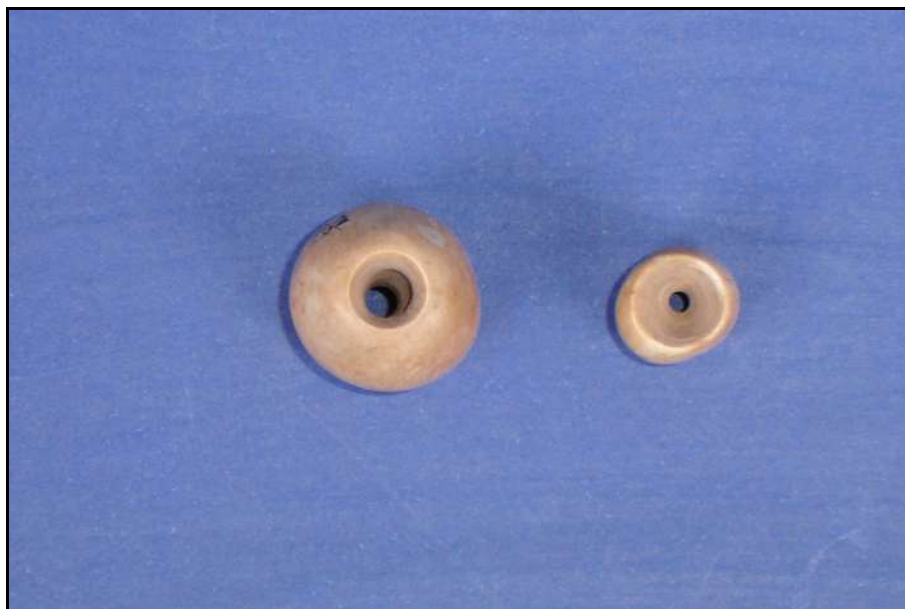


Figura 68 – Contas líticas polidas do Enterramento 9.



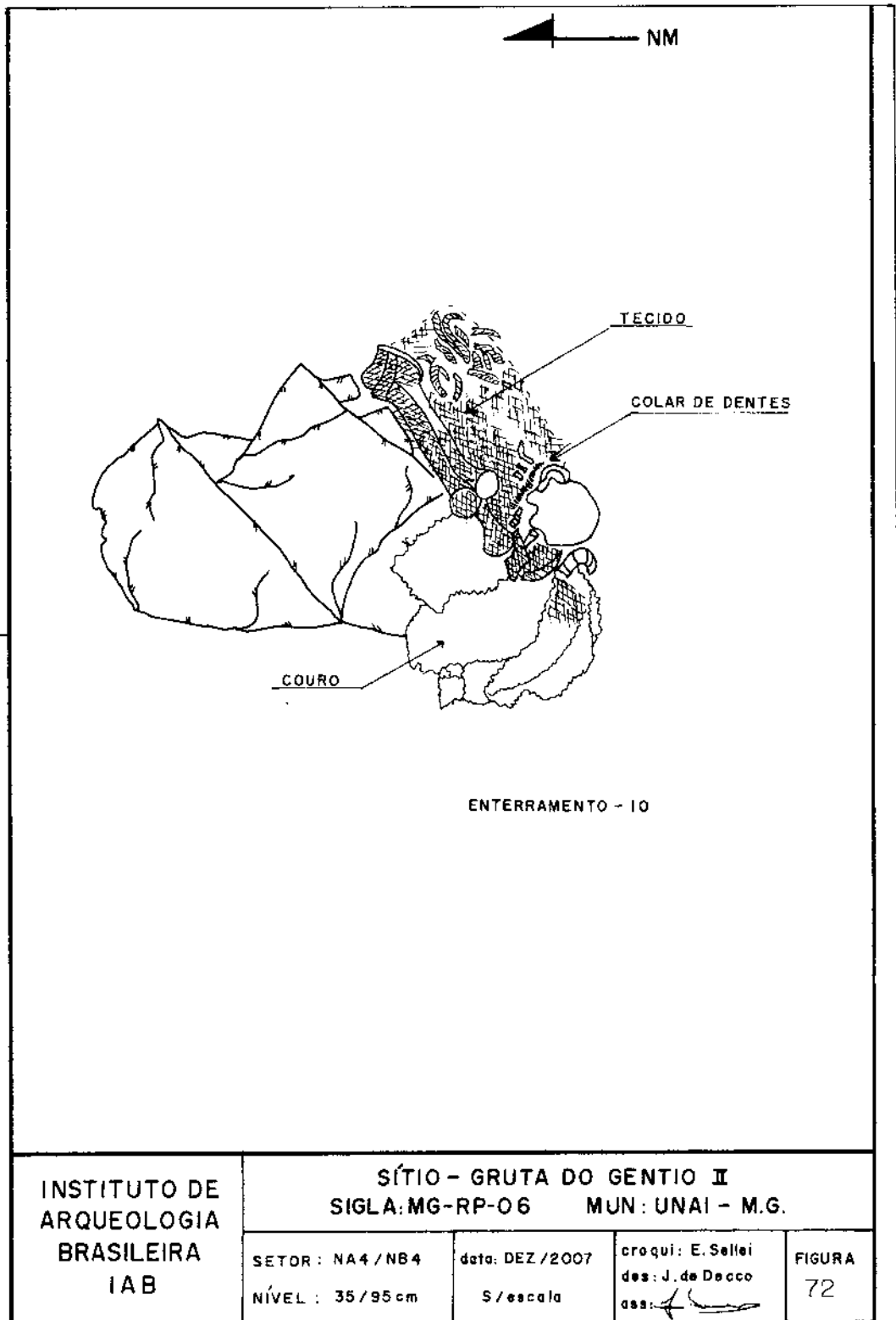
Figura 69 – Face externa da lucerna ou lamparina de cerâmica do Enterramento 9.



Figura 70 – Face interna da lucerna ou lamparina de cerâmica do Enterramento 9.



Figura 71 – Detalhe da face interna da lucerna ou lamparina de cerâmica do Enterramento 9.



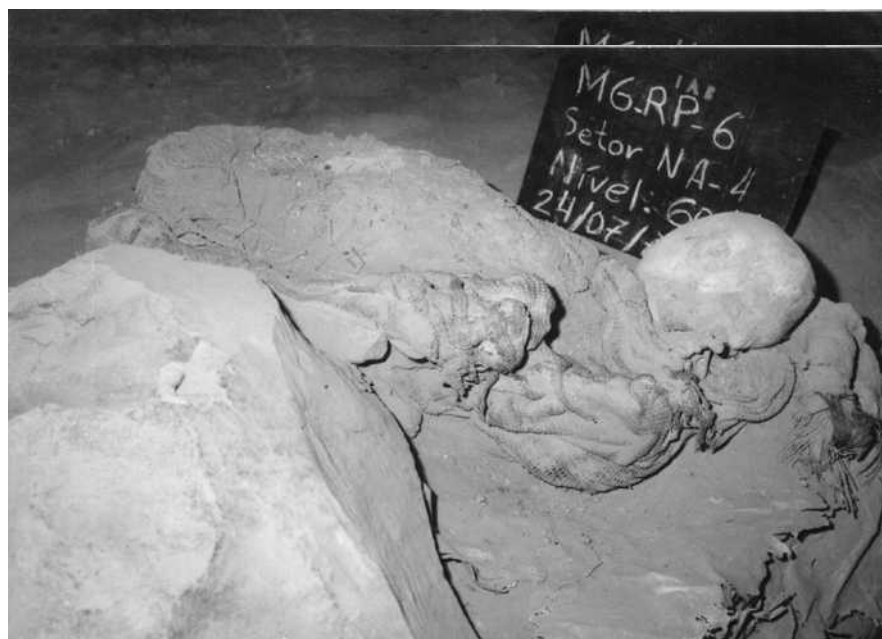


Figura 73 – Sepultamento primário parcialmente mumificado com vasto acompanhamento funerário do Enterramento 10.

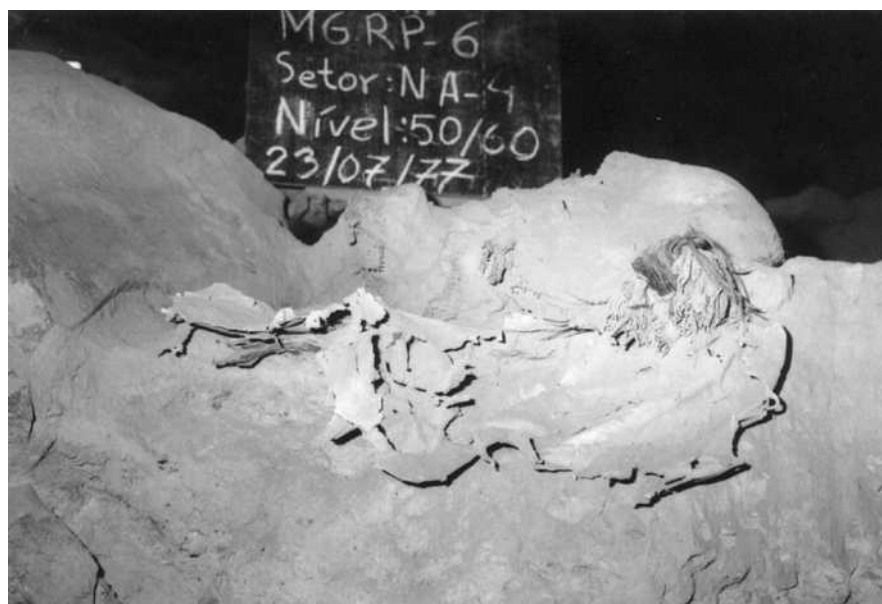


Figura 74 - Detalhe do acompanhamento funerário do Enterramento 10.



Figura 75 – Fragmento de esteira de palha trançada do Enterramento 10.



Figura 76 - Detalhe da trança com cabelo e tecelagem do Enterramento 10.



Figura 77 – Amarrado de cordéis de algodão e fibras naturais do Enterramento 10.



Figura 78 – Fragmento de vasilhame de cabaça do Enterramento 11.



Figura 79 – Detalhe da esteira de palha trançada do Enterramento 11.



Figura 80 – Contas de material malacológico com algumas calcinadas do Enterramento 11.



Figura 81 – Contas de sementes de gramíneas, parte do adorno com 5825 peças do Enterramento 11.



Figura 82 – Pingente bicônico em sílex castanho do Enterramento 11.



Figura 83 – Vista lateral do pingente bicônico em sílex castanho do Enterramento 11.

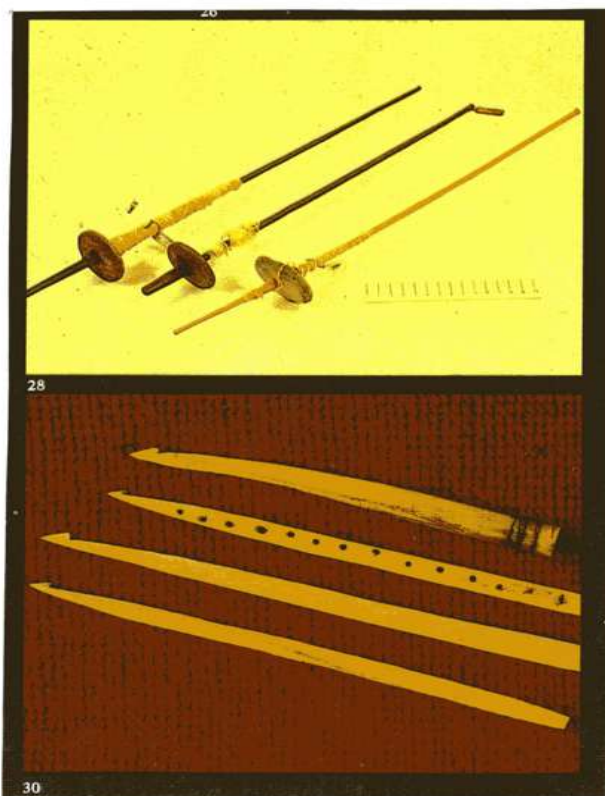


Figura 84 – Agulhas e Fusos de Tecelagem
(Fonte: RIBEIRO, 1988)



Figura 85 – Vista do Enterramento 12 durante a escavação.



Figura 86 – Detalhe do Enterramento 12 durante a escavação.

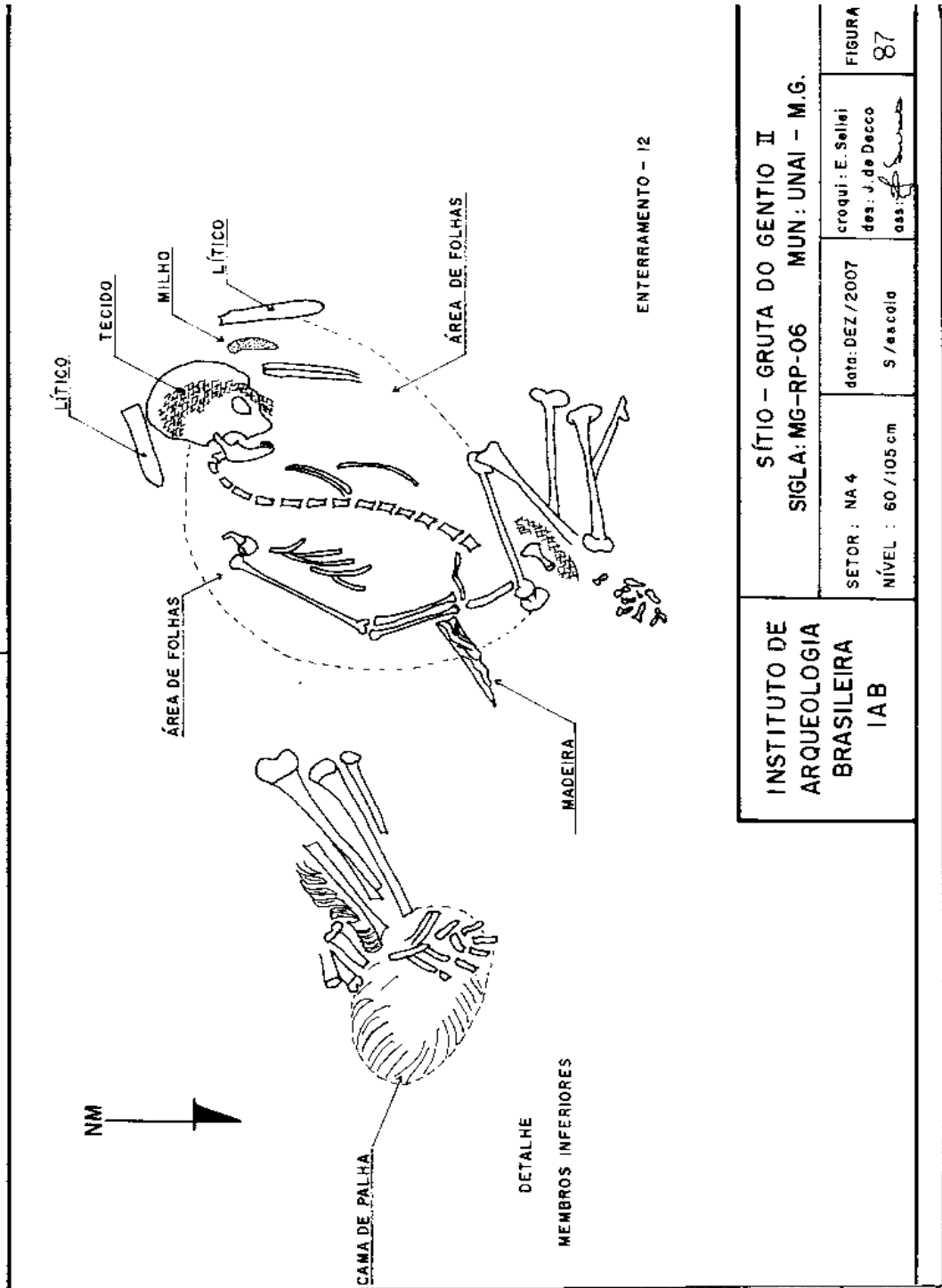




Figura 88 – Prováveis fuso e agulha de madeira para tecelagem do Enterramento 12.



Figura 89 – Detalhe dos prováveis fuso e agulha de madeira para tecelagem do Enterramento 12.



Figura 90 – Mão de pilão fragmentada do Enterramento 12.



Figura 91 – Mão de pilão remontada do Enterramento 12.



Figura 92 – Contas de sementes perfuradas do Enterramento 12.



Figura 93 – Penas de aves de pequeno e médio porte do Enterramento 12.



Figura 94 – Papagaio possivelmente domesticado do Enterramento 12.



Figura 95 – Detalhe do papagaio possivelmente domesticado do Enterramento 12.



Figura 96 – Fragmento de vasilhame de cabaça do Enterramento 13.



Figura 97 – Fragmentos de vasilhames cerâmicos queimados do Enterramento 13.



Figura 98 – Fragmento de cesto ou bolsa de palha trançada do Enterramento 13.



Figura 99 – Fragmento da borda de vasilhame cerâmico do Enterramento 14A.



Figura 100 – Fragmentos de tecelagem do Enterramento 14A.



Figura 101 – Fragmentos de cordéis de algodão do Enterramento 14A.

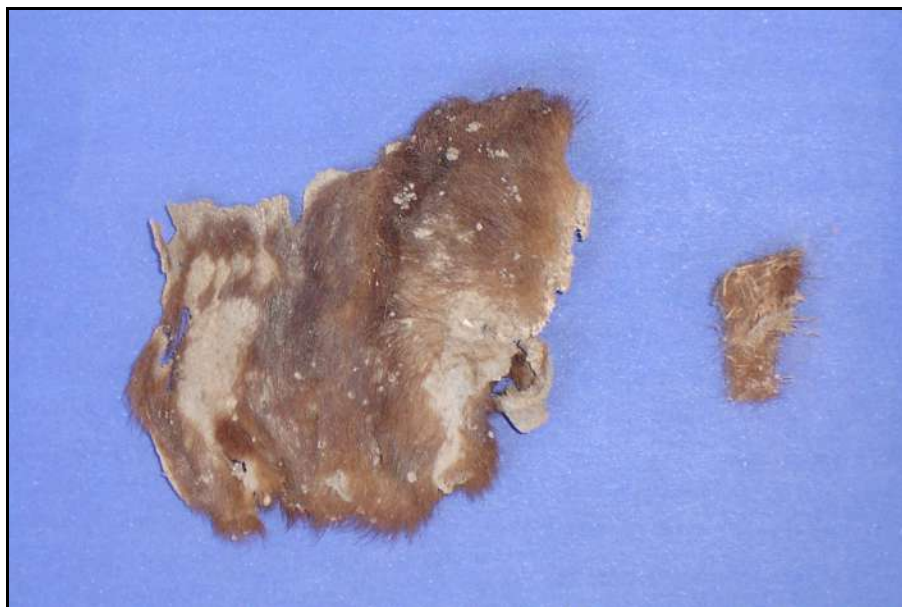


Figura 102 – Fragmentos de couro com pêlos do Enterramento 14.



Figura 103 – Fragmento de cordel de fibra vegetal com um nó do Enterramento 14.



Figura 104 – Pingente em cristal de quartzo do Enterramento 14A.



Figura 105 – Vista do Enterramento 15 durante a escavação.



Figura 106 – Vista do Enterramento 15A durante a escavação.



Figura 107 – Espátula em diáfise de osso longo de animal do Enterramento 15.



Figura 108 – Placa de calcáreo com pigmento vermelho do Enterramento 15.



Figura 109 – Colar de dentes de macaco do Enterramento 15A.



Figura 110 – Adorno labial tipo tembetá do Enterramento 15A.



Figura 111 – Esteira de palha trançada do Enterramento 16.



Figura 112 – Detalhe de esteira de palha trançada do Enterramento 16.



Figura 113 – Fragmentos de couro e pêlo animal do Enterramento 16.



Figura 114 – Adorno labial tipo tembetá do Enterramento 16.

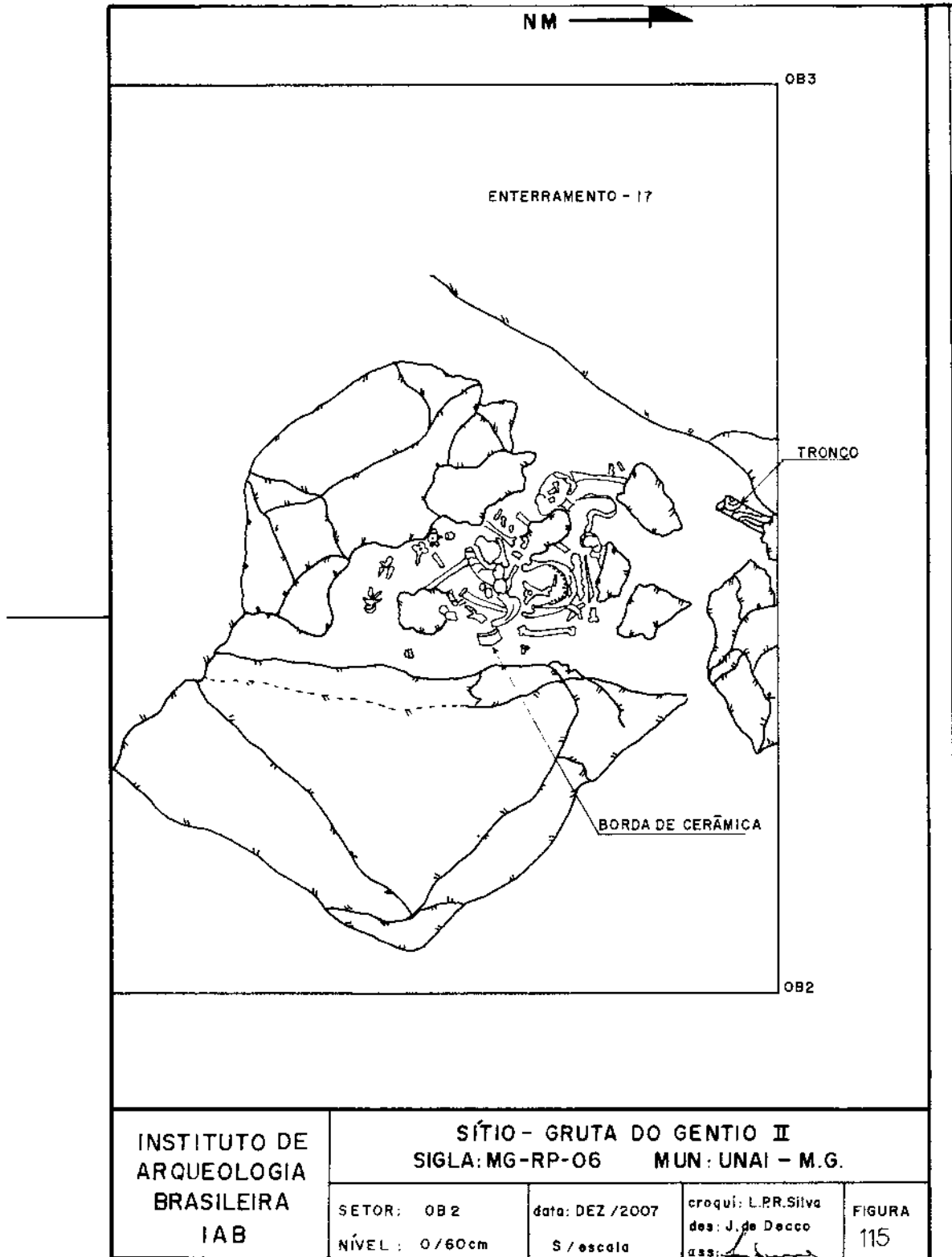




Figura 116 – Vista do Enterramento 18 durante a escavação.

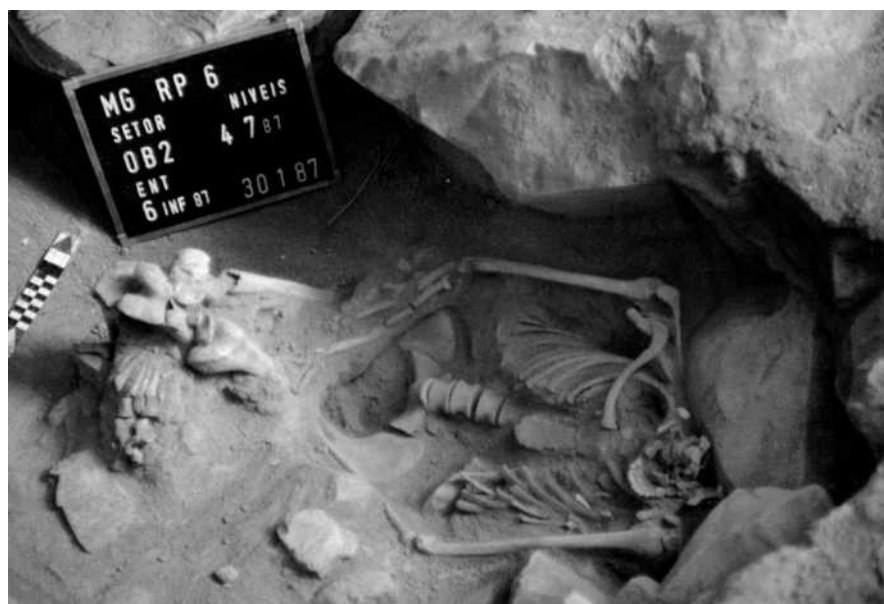


Figura 117 – Vista do Enterramento 18A durante a escavação.

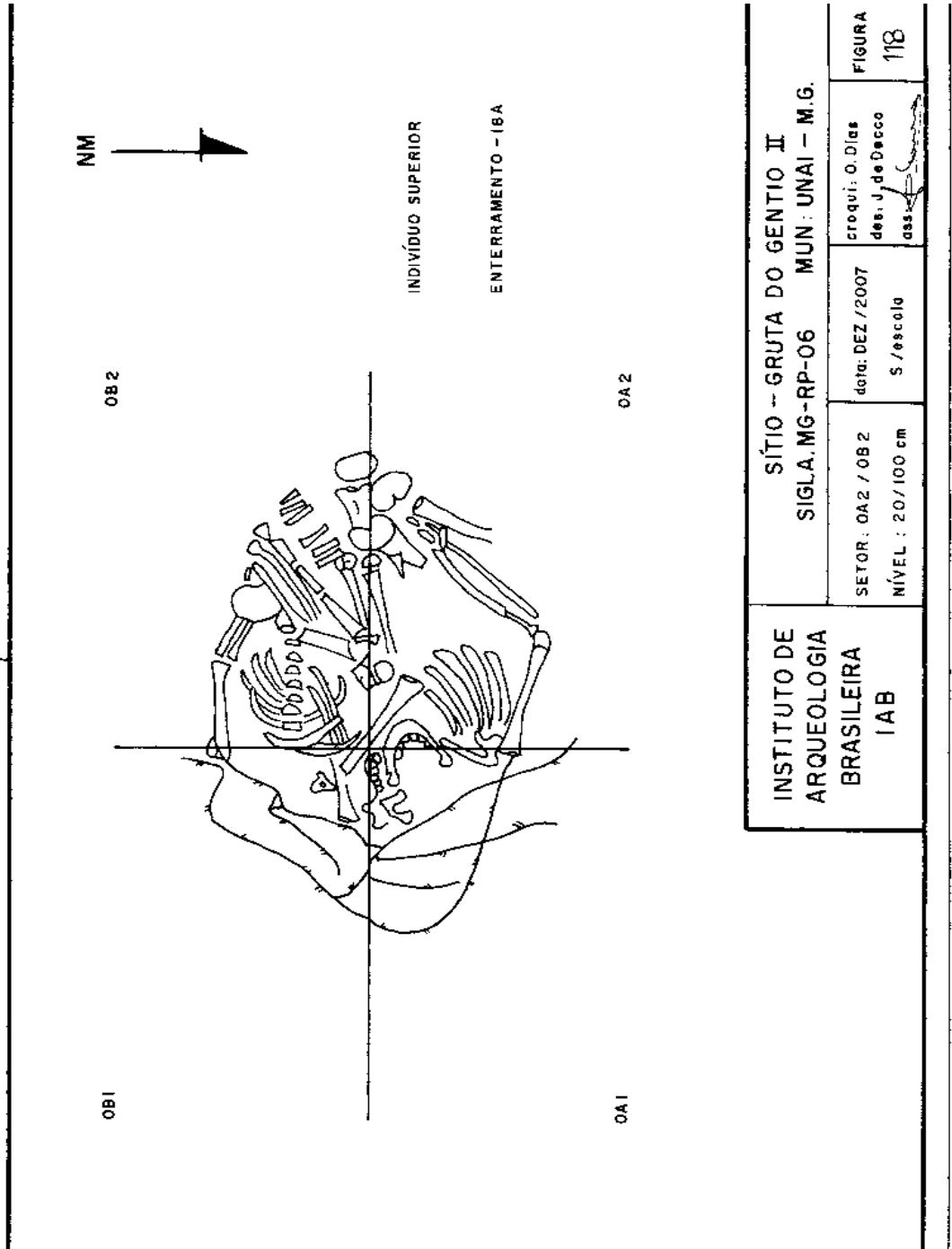




Figura 119 – Moedor/alizador/batedor bipolar do Enterramento 18.



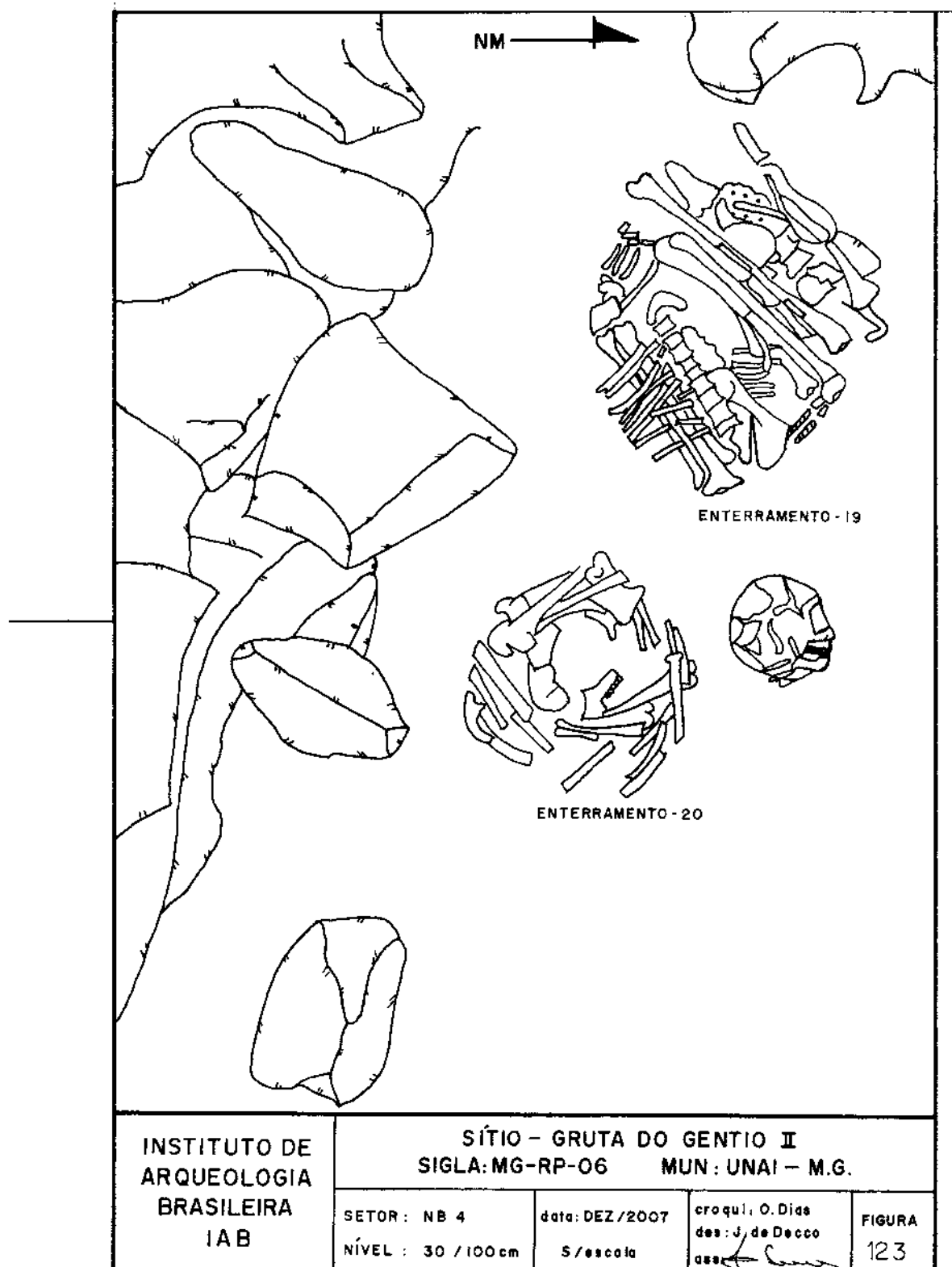
Figura 120 – Fragmentos de vasilhame cerâmico do Enterramento 18.



Figura 121 – Pingente de concha de água doce do Enterramento 18.



Figura 122 – Raspadeira dupla possivelmente de calcedônia do Enterramento 19.



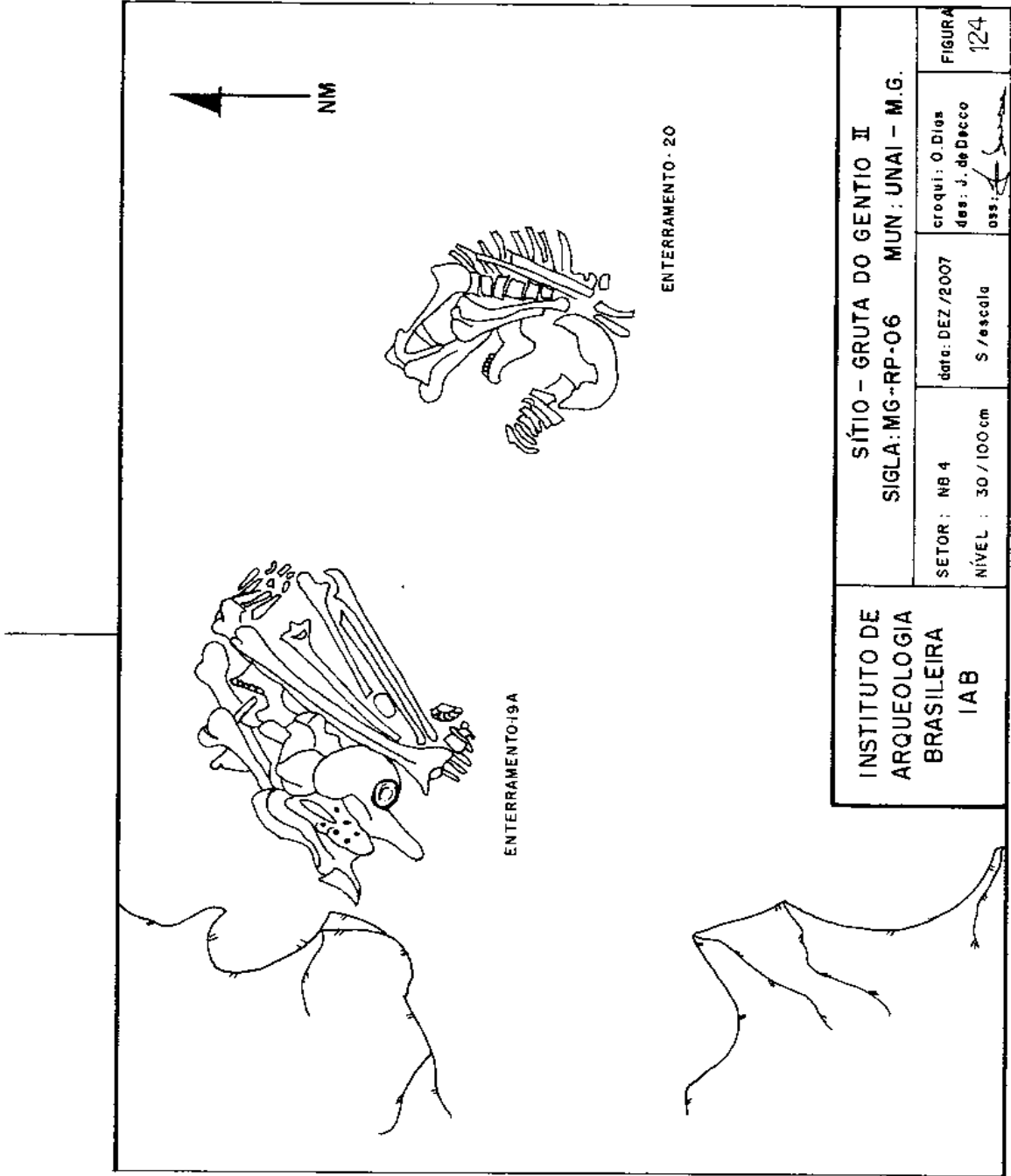




Figura 125 – Lâmina de machado picoteada e polida do Enterramento 20.



Figura 126 – Lâmina de machado picoteada e polida do Enterramento 20.



Figura 127 – Batedor e moedor em seixo de quartzito do Enterramento 20.



Figura 128 – Zunidores em gastrópodes terrestres do Enterramento 20.



Figura 129 – Fragmentos de couro com perfuração do Enterramento 22.



Figura 130 – Pena de ave de médio porte do Enterramento 22.



Figura 131 – Peça com bico possivelmente em calcedônia do Enterramento 23.



Figura 132 – Raspadeira dupla e batedor bipolar/unipolar/moedor/alizador do Enterramento 23.



Figura 133 – Artefato plano convexo do Enterramento 23.



Figura 134 – Vista superior do artefato plano convexo do Enterramento 23.



Figura 135 – Vértèbras lombares do Enterramento 1.



Figura 136 – Mesoesterno com perfuração do Enterramento 1.



Figura 137 – Tórax mumificado do Enterramento 3.



Figura 138 – Crânio com resquícios de couro cabeludo do Enterramento 4.



Figura 139 – Mandíbula do Enterramento 4.



Figura 140 – Vértebra cervical do Enterramento 4.



Figura 141 – Vértebra dorsal com degeneração do Enterramento 4.



Figura 142 – Falange proximal de mão com degeneração do Enterramento 4.



Figura 143 – Falange proximal de pé com degeneração do Enterramento 4.



Figura 144 – Tíbia com faceta suplementar do Enterramento 4.



Figura 145 – Detalhe da costela com fratura do Enterramento 7.



Figura 146 – Costela com fratura do Enterramento 7.



Figura 147 – Vértebra lombar com degeneração acentuada no lado direito do Enterramento 8.



Figura 148 – Costela com problemas na extremidade medial do Enterramento 8.



Figura 149 – Sacro com problema de fechamento nos arcos neurais e assimetria lateral do Enterramento 8.



Figura 150 – Tíbia direita com acentuada degeneração na área do joelho do Enterramento 8.



Figura 151 – Falanges de pé com extremidades degeneradas do Enterramento 8.



Figura 152 – Cáries dentárias do Enterramento 8.



Figura 153 – Sacro com spina bífida do Enterramento 9A.



Figura 154 – Sacro com spina bífida do Enterramento 9D.



Figura 155 – Cálcano direito com acentuada degeneração do Enterramento 9.



Figura 156 – Falanges distal de mão e medial de pé fusionada com a distal do Enterramento 12.



Figura 157 – Crânio e mandíbula do Enterramento 12.



Figura 158 – Detalhe da mandíbula do Enterramento 12.



Figura 159 – Sacro com spina bífida completa do Enterramento 15A.



Figura 160 – Vértebra lombar com achatamento do corpo do Enterramento 15A.



Figura 161 – Esterno do Enterramento 16.



Figura 162 – Cálcano esquerdo com eburnação do Enterramento 16.



Figura 163 – Esterno do Enterramento 17A.



Figura 164 – Mandíbula com apinhamento do Enterramento 18A.



Figura 165 – Mandíbula do Enterramento 18.



Figura 166 – Maxila do Enterramento 19.



Figura 167 – Vértex dorsais fusionadas do Enterramento 20.



Figura 168 – Mandíbula do Enterramento 20.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)